

---

RENA KORNREICH GELISSEN e HEATHER DUNE MACADAM

---

# Irmãs em AUSCHWITZ

*A comovente luta pela sobrevivência  
de duas irmãs reféns do Holocausto*

UNIVERSO DOS LIVROS

---

RENA KORNREICH GELISSEN e HEATHER DUNE MACADAM

---

# Irmãs em **AUSCHWITZ**

*A comovente luta pela sobrevivência  
de duas irmãs reféns do Holocausto*

UNIVERSO DOS LIVROS

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



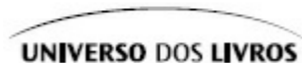
---

RENA KORNREICH GELISSEN e HEATHER DUNE MACADAM

---

Irmãs em  
**AUSCHWITZ**

São Paulo  
2015



**UNIVERSO DOS LIVROS**

© 1995, 2015 by Rena Kornreich Gelissen and Heather Dune Macadam  
All rights reserved

© 2015 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Editora-chefe: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana

Tradução: Monique D'Orazio

Preparação: Nina Soares

Revisão: Nestor Turano Jr. e Alexander Barutti

Arte: Francine C. Silva e Valdinei Gomes

Capa: Zuleika Iamashita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

G281i

Gelissen, Rena Kornreich

Irmãos em Auschwitz / Rena Kornreich Gelissen e Heather Dune

Macadam ; tradução de Monique D'Orazio. — São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

408 p. : il.

ISBN: 978-85-7930-888-8

Título original: Rena's promise

1. Auschwitz (Campo de concentração) 2. Gelissen, Rena Kornreich – biografia 3. Macadam, Heather Dune – biografia 4- Holocausto judeu - Narrativas pessoais I. Título II. Macadam, Heather Dune III. D'Orazio, Monique

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

*Queridos Mama e Papa,  
Este livro é para vocês. Por cinquenta anos, contei-lhes esta história em  
pensamento. Agora ela finalmente foi escrita, e não terei mais de contá-la.  
— Com amor, Rena*



*E para Danka,  
Sem você não haveria história.*

*Love  
Rena*

*Seres humanos são mais iguais do que desiguais.  
E nenhum ser humano pode ser mais humano do que outro.*  
— Maya Angelou



Levítico 19:33-34

*E quando o  
estrangeiro  
peregrinar  
convosco  
na vossa  
terra, não  
o  
oprimireis.  
Como um*

בְּאַרְצְכֶם לֹא תִזְנוּ לֵג. וְכִי יָגוּר אִתְּךָ גֵר  
אִתּוֹ:

*natural  
entre vós  
será o  
estrangeiro  
que  
peregrina  
convosco;  
amá-lo-ás  
como a ti  
mesmo...*

לד. כְּאַזְכַּח מְקוֹם יְהוָה לָכֶם הַגֵּר | הַגֵּר  
אֶתְכֶם וְאַהֲבֵתָה לּוֹ כְּמוֹךְ כִּי גֵרִים הָיִיתֶם  
בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם אֲנִי יְהוָה אֱלֹהֵיכֶם:

*Prefácio*

*Prólogo*

RENA

TYLICZ

ESLOVÁQUIA

AUSCHWITZ

BIRKENAU

STABSGEBAUDE

NEÜSTADT GLEWE

EPÍLOGO

*Agradecimentos*

*Bibliografia*

O coração é grande demais, por isso não odeio.  
Odiar é deixar Hitler vencer.

— RENA KORNREICH GELISSEN

— O que isso significa para você?

Essa foi a pergunta que a mulher me fez quando estávamos na cobertura de um prédio residencial no Brooklyn, desfrutando de um jantar ao ar livre e comemorando o lançamento de *Irmãs em Auschwitz*, vinte anos atrás. Ela havia acabado de ser apresentada a mim como alguém importante na comunidade do Holocausto (não vou dizer quem era), e sua pergunta se deveu, sem dúvida, ao fato de eu ser uma americana gentia — nada menos do que uma *shiksa*!<sup>1</sup> — que era apenas a coautora deste livro.

Até aquele momento, nunca me ocorrera que o Holocausto fosse algo que desse ser particular ou não dividido com o resto do mundo.

Enquanto escrevia a primeira edição, eu era pobre demais para viajar para a Polônia, e depois que o livro saiu, em 1995 — embora eu tivesse sido convidada por Peter Matthiessen e os Zen Peacemakers, uma organização de budistas socialmente engajados, para fazer a viagem a Auschwitz —, não me sentia mental ou emocionalmente pronta para a realidade física do campo. Iriam se passar mais vinte anos antes que eu estivesse preparada. Em 2012, enfim fiz a viagem. Fui primeiro a Poprad, na Eslováquia, de onde o primeiro transporte de 998 moças saiu.<sup>2</sup> Cheguei na véspera do 70º aniversário da partida do primeiro transporte daquela estação de trem e descobri que eu não era a única a me lembrar daquelas moças. Havia velas, flores e pedras colocadas sob uma placa que dizia: *Aqui ficava a estação ferroviária a partir da qual, em 25 de março de 1942, o primeiro transporte partiu para o campo de extermínio de Auschwitz, levando milhares de moças judias eslovacas.* O 70º aniversário do primeiro transporte foi um evento sem precedentes na Eslováquia. O governo patrocinou um trem memorial que levou sobreviventes, estudantes, acadêmicos e até mesmo a primeira-ministra eslovaca, Ivetta Radičová, e o vice-primeiro-ministro, Jan Figel, numa viagem de Poprad a Oswiecim, na Polônia, em homenagem àquelas jovens. Em grande parte da Europa Oriental, a história do primeiro transporte é amplamente conhecida, porém, no Ocidente, com frequência encontro pessoas que não fazem ideia de que o primeiro transporte de

judeus para Auschwitz foi inteiramente composto de mulheres, como foram os primeiros quatro transportes da Eslováquia. Em 3 de abril de 1942, 4 760 mulheres judias foram registradas em Auschwitz.

Outra coisa aconteceu na noite em que cheguei à estação de trem em Poprad. Descobri a família de Adela Gross, e eles me descobriram. Os sobreviventes da família de Adela faziam uma viagem anual a Poprad para homenagear sua irmã de 17 anos e a tia, que desapareceram em 1942. No 70º aniversário, eles finalmente descobriram o que aconteceu com Adela em Auschwitz — setenta anos depois —, tudo por causa deste livro.

Desde minha viagem em 2012, encontrei outras famílias cuja mãe, irmãs e/ou primas estavam com Rena no primeiro transporte. Um desses familiares me levou à lista original, nos arquivos do Yad Vashem, em Israel, o memorial oficial no país para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. Esse documento extraordinário lista os 998<sup>3</sup> nomes do primeiro transporte e serviu de fonte para esta nova edição ampliada, que reflete as últimas informações sobre as primeiras mulheres judias em Auschwitz. Hoje sabemos que no primeiro transporte havia 297 adolescentes, 521 mulheres em seus vinte e poucos anos, 151 mulheres na casa dos trinta, 40 mulheres na faixa dos quarenta, e uma mulher (Etela Jagerova) que tinha 58 anos de idade. Seria uma mãe ou avó tomando o lugar de sua filha ou neta? Nunca saberemos ao certo; sabemos que ela morreu em 5 de setembro de 1942.

Uma das revelações mais surpreendentes da lista é a forma como muitas das mulheres foram relacionadas, razão pela qual o subtítulo de *Irmãs em Auschwitz*, na edição original, é *Uma história de irmãs em Auschwitz*. Esta não é apenas a história de Rena e sua irmã Danka. Houve muitas outras irmãs em campo: Erna e Fela Dranger, também de Tylicz, Polônia; e as irmãs Schwarzova (Mimi, nº 1066; Celia, nº 1064; Regina, nº 1065) — as três que, miraculosamente, sobreviveram.

Lydia Marek, que me ajudou a encontrar a lista por meio do Yad Vashem, é filha de Marta Mangelova (nº 1741), que sobreviveu com sete de suas primas, tudo porque uma delas foi designada como líder de seu bloco e foi capaz de trazer a família para perto e vigiá-la. Há outros casos surpreendentes de sobrevivência, mas a vida de muitas das mulheres retiradas de suas famílias em março de 1942 terminou em Auschwitz.<sup>4</sup>

Então por que hoje esta história é tão importante? Por que devemos prestar atenção à história daquelas jovens mulheres? O que isso significa para você? Espero que, ao ler este livro, você encontre respostas a essas perguntas.

Desde 1995, muitos outros sobreviventes, como Rena, escreveram relatos de como sobreviveram ao Holocausto, com o objetivo de transmitir sua história para as gerações futuras. Dentre tais testemunhos, a história de Rena ainda é única, não só por causa do tempo em que ela ficou nos campos, mas porque ela estava no primeiro transporte (historiadores agora se referem a ele como o primeiro

transporte de massa de que se tem registro).<sup>5</sup>

É por causa do período de tempo em que ela esteve em Auschwitz que escolhi usar notas de rodapé, em vez de notas de fim, para criar uma linha do tempo. Usei esse método quando estava organizando a narrativa de Rena, que era impossível de ser localizada no tempo sem qualquer contexto histórico — às vezes, o único elemento que nos norteava para dar uma ideia de quando o evento havia acontecido, era o clima. Ao oferecermos a você, leitor, uma linha do tempo semelhante a seguir, você terá uma perspectiva histórica que Rena não teve enquanto estava nos campos. Também fiz o que pude para me manter fiel às condições climáticas do momento — naqueles pontos em que, de fato, existem datas — e reuni os dados por meio de registros climáticos históricos.

Vinte anos atrás, quando este livro foi escrito pela primeira vez, não tínhamos acesso a nenhuma dessas informações. Tínhamos a narrativa de Rena; o trabalho dos historiadores Danuta Czech, John Roth e Carol Rittner, e pouco mais. Irena Strzelecka, então diretora de pesquisa do Páństwowe Muzeum, em Auschwitz, nunca havia conhecido alguém do primeiro transporte antes de conhecer Rena, e usou partes da história dela em sua própria contribuição para *The Tragedy of the Jews of Slovakia*.<sup>6</sup>

Parte dessa tragédia incluía a venda de judeus à escravidão, pelo governo eslovaco, para o RHSA (o Gabinete Principal de Segurança do Reich de *Reichssicherheitshauptamt*) e, posteriormente, o desaparecimento de sua história, bem como de sua família. Hoje podemos reescrever essas mulheres na História. Sabemos quem eram, e podemos honrar a sua memória ao lembrar seus nomes.

Existem inúmeras histórias inspiradoras de irmãs, primas e amigas que ajudaram umas às outras a sobreviver. No entanto, aquela foi, em grande parte, uma geração de mulheres que optou por manter o silêncio a respeito de suas provações, seja para proteger seus filhos ou maridos, ou porque simplesmente não queriam se lembrar mais dos três anos angustiantes nos campos. Conheci uma dessas mulheres, que era casada com um rabino, mas nunca disse a ninguém em sua sinagoga que ela estava no primeiro transporte para Auschwitz.

Há muitas razões pelas quais Rena optou por compartilhar sua história, mas em primeiro lugar e, acima de tudo, ela queria homenagear todas aquelas pessoas que a ajudaram. Foi esse desejo altruísta que me levou a me dedicar à história dela. Nosso acordo de colaboração começou com um aperto de mão, não um documento legal, e porque eu era uma estudante pobre, com um emprego em uma copiadora, que me pagava pouco mais que um salário mínimo, Rena e seu marido, John, costumavam me dar uma bolsa mensal de cinquenta dólares para ajudar a pagar a gasolina do meu carro. Foi assim que tudo começou. Todo sábado de manhã, depois da minha semana de trabalho regular, eu dirigia mais de 260 quilômetros até a casa deles e ouvia a história de Rena. Anos depois de o

livro sair, eu ainda visitava Rena e seu marido em aniversários e feriados, ou simplesmente quando sentíamos saudade uma da outra.

Rena queria que soubéssemos, mais do que tudo, sobre os muitos atos heroicos minúsculos que salvaram sua vida. Muitas das pessoas que a ajudaram eram camponeses, prisioneiros de guerra e gentios. Quer fosse a mulher polonesa que lhe deu sorrateiramente duas batatas e dois ovos cozidos na Marcha da Morte ou o medicamento contrabandeado para ela por companheiros que secavam a roupa lavada; cada gesto era tão importante para ela como os atos homéricos de pessoas como Oskar Schindler ou o rei da Dinamarca são para a História. A batata que a mulher polonesa furtivamente entregou à Rena deu-lhe a coragem para continuar, não só porque lhe deu sustento físico, mas porque lhe deu sustento espiritual. Aquele gesto dizia: Enxergo você. Você está com fome. Você é humana.

Ao nos contar sua história, Rena também esperava que a dor de sua experiência diminuísse. Ela teve muitos pesadelos enquanto escrevíamos o livro e, muitas vezes, ligava-me logo cedo porque tinha se lembrado de algum incidente que havia esquecido de me contar durante nosso fim de semana juntas. A dor de suas memórias nunca foi completamente afastada, mas muitas vezes ela observou que os recados que recebia de leitores, de fato, ajudavam-na. Sempre que se sentia deprimida ou triste, ela os lia com John. Na verdade, muitas vezes os dois me ligavam e liam a correspondência dos fãs em voz alta, com as notas pessoais que escreviam para responder a cada pessoa. Rena sempre assinava cada uma de suas cartas aos leitores assim: “Com amor, Rena”, que reproduzimos na folha de rosto do livro. Essas palavras simples encapsulavam o modo de ser de Rena e o que ela esperava conseguir ao contar sua história. *Irmãs em Auschwitz* é a carta dela para você.

Uma das minhas histórias favoritas de Rena aconteceu depois que ela foi entrevistada por estudantes de psicologia da Universidade de Brown.

— Senti-me tão estúpida em torno de todas aquelas pessoas inteligentes — ela me disse. — Eles me perguntaram como superei Auschwitz, e eu disse: “Tive bebês”.

Rena não era estúpida. Ela pode só ter estudado até a oitava série e ficado constrangida por seu status de “camponesa”, entre os indivíduos mais escolarizados, mas ela sabia que a única maneira de sobreviver ao genocídio era criar vida e substituir o ódio com o amor. Esse é seu legado para nós.

Eu estava em seu leito de morte quando Rena faleceu, em 2006, e dei um dos depoimentos em seu funeral. Sinto falta dela quase todos os dias da minha vida e, onde quer que eu esteja no mundo, coletei pedras cor-de-rosa para colocar em seu túmulo quando o visito. Ela adorava a cor rosa.

Ainda ouço sua voz no meu coração e em minha mente, e espero que você

possa ouvi-la enquanto lê a história dela. Conhecer Rena e escrever sua história para ela, tornou-me uma pessoa melhor. Não importava de quem se tratava, Rena era sempre a primeira a defender os oprimidos. Ela sabia como o ato mais infimo de bondade reconhece a condição humana do outro, e é por isso que a compaixão é tão importante.

— O que isso significa para mim? — repeti a pergunta e sorri para a mulher que estava em minha frente, todos aqueles anos atrás. — Sou uma mulher. Sou um ser humano.



Em 2011, a Fundação Rena's Promise foi criada como uma promessa de fomentar um mundo mais ecumênico, sem preconceito, racismo ou ódio. Para mais informações sobre a Fundação Rena's Promise e sobre como ajudar a propagar a mensagem de Rena, visite o site: <[www.renaspromise.com](http://www.renaspromise.com)>. Nele você poderá encontrar uma linha do tempo interativa sobre as mulheres em Auschwitz, nosso blog, que narra aniversários de acontecimentos históricos e informações sobre o Projeto Promise, que se dedica a descobrir mais sobre o que aconteceu com as primeiras mulheres em Auschwitz.

*Shiksa* é uma palavra em iídiche, hoje incorporada à cultura judaica da América do Norte, que costuma designar em certos contextos, de forma pejorativa, uma mulher jovem não judia, como é o caso na passagem. Em algumas culturas, como no judaísmo ortodoxo, designa uma mulher judia que não segue os padrões judaicos tradicionais, também com sentido negativo. (N. T.)

A História sempre se referiu a 999 mulheres ocupando o primeiro transporte, mas, quando as listas (existem duas: a lista de seleção do transporte e a lista de registros no campo) foram comparadas, descobri que havia, na verdade, 998 mulheres, devido a um erro de escrivães.

Este número foi mantido de acordo com a obra original, no entanto, a contagem de passageiras do parágrafo a seguir totaliza 1 010 mulheres. (N. E.)

Embora os registros de mortes de mulheres não fossem mantidos com precisão e os Registros de Mortes de Auschwitz terem sido parcialmente destruídos, hoje sabemos que mais de duzentas mulheres do primeiro transporte morreram nos primeiros seis meses de Auschwitz-Birkenau. Mais de cinquenta eram adolescentes. (Fonte: Yad Vashem e os *Registros parciais de mortos do campo de Auschwitz*.)

Ou seja, registrado primeiro na “Solução final da questão judaica”

(STRZELECKA, “Women”).

*A tragédia dos judeus da Eslováquia*, de 2002, inédito no Brasil. (N. T.)

Toco a cicatriz no meu antebraço esquerdo, logo abaixo do cotovelo. Removi a tatuagem cirurgicamente. Havia muitas pessoas que não sabiam e havia perguntas demais: “O que significam esses números?”, “É seu endereço?”, “É seu número de telefone?”.

O que eu deveria dizer? “Esse foi o meu nome por três anos e 41 dias?”.

Um dia, um médico gentil se ofereceu para removê-la para mim. “Isso não é caridade”, ele me assegurou. “É o mínimo que posso fazer como judeu americano. Você estava lá. Eu não.”

Então, escolhi remover as perguntas do meu braço, mas não da minha mente — isso nunca pode ser apagado. O pedaço de pele que o médico removeu cirurgicamente repousa em um frasco de formol, o que transformou a cor do tecido em um verde assustador. A tatuagem provavelmente já desapareceu a essa altura. Não verifiquei. Não preciso de lembretes. Eu sei quem sou.

Eu sei o que eu era.

Eu estava no primeiro transporte para Auschwitz. Eu era o nº 1716.

— *Rena Kornreich Gelissen,*  
*Janeiro de 1994*

É uma manhã fria de sábado, em janeiro, e meu carro segue caminho desde o sopé das montanhas da Carolina do Norte na direção em que as montanhas Blue Ridge coroam um horizonte azul-acinzentado, como ondas capturadas no tempo. Enquanto contorno a última das curvas fechadas e passo pelo divisor oriental,<sup>7</sup> fico sem ar. A luz solar pulveriza uma massa de nuvens acima do vale de Asheville, como um bom presságio.

Amo fazer essa viagem. Sem falha, ela sempre rejuvenesce meu espírito e meu coração. Isso é bom, porque talvez farei esse percurso a cada fim de semana pelos próximos quatro meses, e no lugar para onde irei só haverá sombras. Vou me encontrar com uma das poucas sobreviventes do primeiro transporte de judeus e do primeiro transporte de mulheres para Auschwitz, alguém que, depois de quase cinquenta anos de silêncio, finalmente decidiu contar sua história.

Só falei com Rena duas vezes, e parece que temos adiado esse encontro há meses, mas com as festas de final de ano enfim terminadas e com as tempestades de neve enfim superadas, não temos mais desculpas. Meus pensamentos se sobrepõem uns aos outros; estou preocupada com a tarefa que estou prestes a realizar. Ajudar Rena a contar sua história sem que nenhuma de nós se afogue na correnteza de lembranças dolorosas seria uma tarefa difícil para um psicólogo. Sou apenas uma escritora.

No entanto, tenho minhas razões para querer trabalhar com Rena. Minha família era Quaker<sup>8</sup> e escondeu escravos logo ao norte da linha Mason-Dixon,<sup>9</sup> antes e durante a Guerra de Secessão; minha avó foi a primeira proprietária de restaurante a atender abertamente membros da NAACP [Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor] quando eles chegaram à cidade para promover os direitos civis. Cresci sabendo que, se minha família estivesse na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, teríamos arriscado nossas vidas para salvar os judeus e provavelmente qualquer um visado pelos nazistas. Durante o ano anterior, fui voluntária num centro hospitalar de aconselhamento sobre o luto, onde ajudei crianças que perderam seus pais ou seus cuidadores a escrever um livro sobre luto. Agora estou prestes a tentar um feito semelhante em uma escala

muito maior. Isto é, se Rena gostar de mim. Tenho um medo secreto de parecer insuficiente aos olhos dela porque não sou judia, porque não sou polonesa, porque sou americana, porque sou jovem. Talvez eu não seja a melhor pessoa para o trabalho.

Na primeira vez que nos falamos ao telefone eu estava cozinhando *pierogi* e *kielbasa*<sup>10</sup> para o jantar.

— Você é polonesa? — ela perguntou, animada.

— Não — respondi. — Adoro *pierogi*. Costumávamos comê-los em um restaurante que ficava aberto durante toda a noite, chamado The Kiev, no Lower East Side, em Nova York.

— Acho que eu gostaria desse lugar! — Criamos um vínculo por causa de *pierogi*.

A casa de Rena fica em um pequeno vale, com um pasto cheio de vacas atrás. Percorrendo todo o horizonte, cercando-nos por todos os lados, estão as curvas voluptuosas das montanhas do sul. Na entrada da propriedade, organizei meus pensamentos e minha mochila antes de sair do carro. Levei pouco menos de duas horas de onde moro até chegar aqui, no planalto Piedmont, na Carolina do Norte. O ar é mais frio aqui em cima, mas o sol é forte, e o vento, embora tenha um toque de inverno, não tem nada de sua crueldade.

Lá dentro, sou recebida calorosamente pelo marido de Rena, John. Trocamos um aperto de mão, e ele chama:

— Mama! Tem uma bela moça aqui para vê-la!

Rena vem agitada pelo corredor em direção à cozinha, parecendo um pequeno dinamo de energia. Ela não é nada do que eu esperava. É animada, alegre, conversadora.

— Papa, convide-a para se sentar. Ah, você é tão alta! — ela sorri para mim.

— Sou? Sou a baixinha da minha família.

— Eu sou a mais alta da minha. — Seus olhos reluzem.

— Heather, venha ver os armários de lençóis da Rena! — John acena para eu segui-lo pelo corredor.

— Jan, não! — Ela começa a repreendê-lo em holandês, depois, para meu alívio, acrescenta em inglês: — Você está me envergonhando.

— Mama, você ficou ontem o dia todo passando-os. Pelo menos deixe Heather ver seu trabalho duro. De que outra forma ela vai saber?

— Isso não é verdade. Eles estão sempre arrumados assim — ela diz com orgulho.

Mostrando-me as belas roupas de cama que colecionou ao longo dos anos, ela diz baixinho:

— Não tive nenhum enxoval ou relíquias da minha família. Por isso, juntei as minhas próprias em vendas de garagem. Fiquei até três da manhã esfregando as

manchas que alguma outra pessoa pensou que eram impossíveis de remover.

— Pronto. Agora Heather sabe como você é limpa. Heather, você vai limpar seus armários de roupa de cama quando formos visitá-la? — provoca John.

— Não tenho armários de roupa de cama — digo a eles e brinco: — Vocês vão ter sorte se eu tirar o pó.

Rena pega meu braço.

— Não se atreva a limpar por minha causa! Eu limpo demais. Quando fico nervosa, não consigo parar.

Nossa brincadeira é alegre e amigável. Não há gelo para quebrar. É como se nos conhecêssemos a vida inteira. E esse encontro, que era para ser um teste, rapidamente se transforma em aceitação. Trinta minutos depois de ter conhecido Rena, sei que vou fazer o que puder para ajudá-la, e dentro do mesmo período de tempo, ela me aceitou em seu coração, para o resto de sua vida.

— Só quero que meus filhos leiam minha história um dia — diz ela. — Não consigo contá-la a eles. Tentei, mas é difícil demais.

E, assim, no primeiro dia, eu sei que vou fazer isso por Rena. Ela merece.

No porão, onde vamos passar muitas horas ao longo do próximo ano, exumando o passado e abraçando fantasmas, há uma lareira a gás tremeluzindo. O cômodo tem o brilho rosado das persianas cor-de-rosa que ela pendurou sobre as janelas. Da sala rosada com seu fogo, ela me leva para uma sala contígua, onde as fotos de família estão expostas. A parede é dividida em duas seções: a família Gelissen, da Holanda, à esquerda, e a família Kornreich, da Polônia, à direita. No meio estão a foto de casamento de Rena e John e as fotos de seus filhos. Rena me diz que não teria nenhuma foto de antes da guerra se sua irmã mais velha, Gertrude, não tivesse imigrado para os Estados Unidos.

O retrato do casamento de sua mãe revela uma mulher bonita com olhos de corça castanhos. Uma gola de renda vitoriana envolve todo o seu pescoço, e seu cabelo está empoleirado com tanta graça no topo da cabeça que não se pode dizer que ela está usando uma peruca.

— Oi, Mama... — Rena beija sua mão, toca o rosto na foto.

— Qual era o nome dela? — pergunto.

— Sara.

Ao lado de Mama está uma foto em preto e branco da família Kornreich, muito antes da guerra.

— Sabe, quando nos mudamos para a Carolina do Norte, pensei comigo mesma, removi meu número, ninguém aqui me conhece, posso deixar tudo para trás — diz Rena. — Foi quando decidi que eu não ia falar sobre aquilo nunca mais. Não vale a pena.

— Então, por que você contou à Corrine? — mencionei nossa amiga em comum.

— Não sei! — Rena ri. — Foi uma coisa muito estranha. — Seus olhos se arregalam quando ela conta a história que nos levou à nossa reunião. — Liguei para o número errado, mas a voz do outro lado da linha soou familiar. “É Corrino do clube de tênis?”, pergunto. “É a Rena?”, ela pergunta.

Rena faz as vozes, encenando a conversa de modo que pareça estar acontecendo na minha frente.

— Eu estava ligando para outra pessoa, mas, em vez disso, liguei para ela. Nós duas achamos aquilo muito engraçado, porque ela havia estado fora da cidade por várias semanas. “Como vai você?”, pergunto. “Não a vejo há algum tempo.”

“Ando passando por um momento difícil”, ela me diz.

“Ela disse algo sobre seu passado ser doloroso e, assim que percebo, estou dizendo: ‘Sei como é isso. Estive em Auschwitz’. Ela ficou chocada e me perguntou tudo a respeito, então eu disse a ela que eu escrevia minha história havia cinquenta anos na minha cabeça, mas não conseguia colocá-la no papel. ‘Preciso de alguém com olhos bondosos para sentar-se à minha frente, ouvir tudo e me ajudar a escrever.’ E Corrino disse: ‘Eu conheço a pessoa exata’.

“E aqui está você! Tudo por causa de um número errado. — Rena dá um tapinha no meu joelho. — Conte a você o que pensei na primeira vez em que nos falamos ao telefone? — neguei com a cabeça. — Que você comer *pierogi* foi um sinal de que era a pessoa certa para contar a minha história.”

Ela ri, e me junto a ela. Rena tem uma natureza surpreendentemente feliz e um comportamento alegre. Até seus olhos sorriem.



Originalmente, pensei que tudo o que eu precisava fazer para escrever a história de Rena era gravar nossas entrevistas e, em seguida, transcrever as fitas. Era um bom plano. Ela iria falar; eu a ouviria com os olhos, com os ouvidos e com minha pele arrepiada. Eu gravaria e escreveria tudo para ela. Contudo, entrevistar Rena sobre sua história não foi uma tarefa fácil.

Pensei que ela fosse me contar sua história desde o início da guerra e ir até o fim; do ponto A ao ponto B. Mas a memória não se locomove no tempo de forma linear; ela brinca de amarelinha e pula corda. O ponto A não foi tão simples de localizar e, em algum lugar durante o nosso ano de escavação, de partilha e de escrita, o ponto B se tornou o ponto Z. Rena tinha uma memória magnífica, mas que era rica e abundantemente associativa. Fui soterrada por uma mistura de pequenas histórias que caiu em cascata sobre mim, uma depois da outra. Na superfície, não pareceu haver qualquer organização. A velocidade fantástica com

que ela falava e seu sotaque marcante não ajudavam. Meu trabalho estava delineado para mim, mas o plano de transcrever as gravações não funcionaria. Logo no início, cometi o erro de enviar algumas páginas de transcrição direta à Rena. Ela ficou muito chateada: “Não falo inglês tão mal assim!”.

E assim aprendi o quanto era difícil reproduzir de forma escrita a voz de um narrador oral. De que forma eu poderia fazer soar como se Rena estivesse falando com o leitor enquanto ele lia? Tive que fazer mais do que digitar — tive que encontrar uma maneira de transmitir o espírito de Rena conforme ela o revelava para mim, por meio dos ritmos sincopados de sua fala, seus gestos e da evanescência de sua voz.

As memórias mais poderosas e as mais dolorosas eram muitas vezes as mais curtas — trinta segundos antes de sua narrativa se tornar nada mais do que lágrimas. Como uma arqueóloga emocional, cavei delicadamente em torno daquelas lembranças. Parte dessa escavação me levou aos registros históricos mantidos pelos nazistas, em que fui capaz de encontrar as datas reais de muitas das experiências de Rena. Passei semanas percorrendo os arquivos da Universidade Wake Forest e me aprofundando nos dois volumes de *Auschwitz Chronicle*,<sup>11</sup> de Danuta Czech, procurando os detalhes frios e pistas na documentação oficial que corroborassem o relato. Fui encontrando-os... Aqueles momentos foram de arrepiar. O silêncio me envolvia. Sentava-me em meu cubículo na biblioteca da Wake Forest, analisando os registros dos nazistas, e sentia o mundo parar. Uma e outra vez tive de enfrentar a realidade de que a minha pequena Rena — o pequeno dínamo que conhecia todas as pessoas no supermercado em sua cidade pelo nome e que cumprimentava estranhos na rua — tinha detalhes tão precisos que não havia dúvida de que ela havia testemunhado a aniquilação sistemática de mulheres e crianças por 3 anos e 41 dias. Como ela fez isso? Como atravessou tudo aquilo e ainda tinha um coração?

Aqueles detalhes me ajudavam a mapear seus anos na prisão. Rena não teve acesso a um calendário, e as histórias da maioria dos sobreviventes relatam seus últimos meses nos campos, ou o último ano, no máximo. Eu não havia me deparado com nenhuma outra história como a de Rena. Assim, encontrar uma maneira de contextualizar historicamente as memórias dela em um âmbito histórico era essencial, não só porque o registro documental dava suporte ao relato de Rena com uma precisão impressionante, mas porque dava à sua história uma linha do tempo à qual ela, na verdade, nunca teve acesso.

O que não está gravado nos registros históricos são os atos notáveis de humanidade realizados por judeus e gentios, por alemães e poloneses, os quais Rena não só testemunhou, mas dos quais também foi beneficiária. O registro escrito de sua história, iniciado como um presente autobiográfico para seus filhos, evoluiu para um testemunho a toda a humanidade da coragem de todos aqueles que a ajudaram a sobreviver. Ela queria mostrar reconhecimento a cada uma

das pessoas.



Naquele primeiro dia, em um fim de semana ensolarado de janeiro, nos acomodamos no sofá em frente à lareira, e discretamente liguei meu gravador.

— Tenho muitos livros sobre o Holocausto. — Rena levantou-se num salto. — Quer vê-los?

Ela estava nervosa.

— Vamos conversar primeiro. — Usei uma voz calma e profunda para acalmar seus nervos, a mesma voz que eu poderia usar com uma criança acordada por pesadelos no meio da noite.

Ela me olhou com cautela. Sentou-se de modo relutante, alisou as calças, ajeitou a toalinha na mesa de centro à sua frente. Endireitou-se novamente. Eu me senti como uma dentista prestes a extrair um dente.

Seus olhos estavam bem abertos quando ela perguntou:

— Por onde você quer que eu comece?

*Eastern Continental Divide* [divisor de águas oriental]. “Divisor de águas” é um termo que designa os limites de uma bacia hidrográfica e normalmente se trata de um marco topográfico. Nos Estados Unidos esses limites têm nomes e demarcam regiões geográficas do país. (N. T.)

Movimento religioso de origem britânica que surgiu como oposição ao Anglicismo e que prega a simplicidade e as ações pacifistas, solidárias e benevolentes. (N. E.)

A Linha Mason-Dixon, uma divisão territorial que remonta ao período colonial nos Estados Unidos, hoje faz parte da fronteira entre os estados norte-americanos da Pensilvânia, Virgínia Ocidental, Delaware e Maryland. Desde o início do processo abolicionista nos Estados Unidos, no século XVIII, representa uma fronteira cultural entre o norte e o sul do país. (N. T.)

Pratos típicos da culinária polonesa. (N. T.)

Czech, Danuta. *Auschwitz Chronicle: 1939–1945* [Crônicas de Auschwitz: 1939–1945], Henry Holt & Co. 1997, inédito no Brasil. (N. T.)

Papa acreditava que o papel da mulher era ter filhos, manter uma cozinha kosher e saber orar, mas Mama estava determinada a que soubéssemos hebraico.

— Não vou permitir que minhas meninas passem vergonha como eu passei quando se casarem no templo porque não conseguem ler o livro de oração.

Ela fez tanto alarde que, para acalmá-la, os anciãos da sinagoga decidiram que, apenas daquela vez, eles me permitiriam frequentar a chêder — a escola hebraica para meninos — depois do período na escola regular. Mama pagava o *melamed* — o professor — com ovos, manteiga e leite para que eu pudesse me sentar em um lado da sala, enquanto os meninos se sentavam do outro, e dessa forma aprendi hebraico. Depois da aula, eu levava as lições para casa para ensinar Danká.



— Oy vey! O que estou fazendo?! — Rena exclama de repente, nos mandando de volta ao presente com uma sacudida. — Estou começando no meio, sem o começo! — Ela balança a cabeça. — Estou achando que você já sabe tudo.

— Está tudo bem. — Bato levemente em sua perna e sorrio. A sala está banhada em luz cor-de-rosa, e o calor entre nós é tangível quando Rena começa a sua história de novo, dessa vez mais devagar, voltando ao início...



Nasci quando Mama estava na casa dos trinta e tantos anos, e Papa estava nos quarenta e tantos. Era 1920, nossa família era dividida entre os dois filhos nascidos durante a juventude deles e os dois filhos de seus últimos anos. Gertrude

era a mais velha e dezesseis anos mais velha do que eu. Depois vinha Zosia, dois anos mais nova que Gertrude. E, por último, havia Danka, a bebê, que nasceu quando eu tinha apenas dois anos de idade.

Papa era muito rigoroso, mas, ah, como ele amava nosso bebê. Ele a embalava nos braços quando ela era muito pequena e a abraçava, balançando-se para frente e para trás, enquanto fazia preces judaicas. Ele tinha a voz mais maravilhosa e suas orações enchiam nossa casa de bênçãos.

Quando olhei para o berço de Danka com Mama, eu nunca tinha visto algo tão delicado, tão pequeno. Ah, como eu amava os pezinhos dela, as mãozinhas. Mas ela tinha apenas alguns meses de idade quando pegou difteria. Foi horrível. Ela tossiu e tossiu durante todo o dia e toda a noite; então não houve mais tosse. O silêncio era terrível. Mama começou a se lamentar. Eu nunca a tinha visto tão perturbada.

Ela cobriu a cabeça de Danka com um lençol branco e seu cobertor de bebê. A quietude em nossa casa foi muito triste... Tínhamos perdido nosso bebê. Eu queria enxugar as lágrimas de Mama, e assim pedi a Deus no céu para trazer minha irmã de volta à Mama. Rezei e rezei ao Senhor para nos trazer a bebê de volta.

Depois ouvimos um gemido de baixo do cobertor. Primeiro, houve terror — um *gayst*, um fantasma, uma aparição, algo que não sabíamos o que era tinha entrado em nossa casa. No entanto, o choro não parou. Mama correu para o lado de Danka, puxou o cobertor, e lá estava ela, com o rosto vermelho, respirando e de modo algum feliz por ter sido coberta.

Nosso bebê estava vivo!

Não me admira que Papa a abraçasse e rezasse. Ela era uma bênção, uma resposta de Deus. E a partir daquele momento, mesmo que eu fosse apenas dois anos mais velha do que Danka, eu era a grande e Danka era a pequena. Ela sempre foi mais frágil, e Mama se preocupava muito porque Danka tinha voltado do portal da morte. “Fique de olho na pequena”, Mama dizia. “Cuide do bebê.” Era minha tarefa preferida.



Eu tinha apenas cinco anos, quando Andrzej Garbera empurrou um caminhãozinho sobre os bolos de lama que Danka e eu tínhamos feito. Não era preciso dizer que todo o nosso trabalho duro estava arruinado, e que ele, sendo um menino, não deu a mínima, preferindo rir da nossa desgraça. Seu único propósito, como menino, parecia ser atormentar a nós, meninas. Ele costumava atirar bolas de neve em nós no nosso caminho para a escola, mas eu defendia

minha irmã e atirava bolas de neve nele. Minha pontaria era muito boa.

— Não machuque a minha irmã, Andrzej! — eu ameaçava.

Então um dia ele parou de jogar bolas de neve ou de ser uma irritação total; em vez disso, ele disse:

— Oi.

Eu respondi, e aquele foi o início de Andrzej e eu...

Claro, éramos ortodoxos, e meus pais eram muito rígidos sobre ficarmos na companhia de garotos, mas Frania — uma gentia, como Andrzej — era uma das minhas melhores amigas. Muitas vezes, ela vinha brincar em nossa casa, e seus pais a deixavam celebrar o Sucot, o festival da colheita, com a nossa família. Construíamos um abrigo ao ar livre que decorávamos com pequenos cestos com castanhas ou maçãs, anéis coloridos de papel e nozes no telhado, que eram feitos de galhos de árvores. Depois, na época do Natal, Mama nos deixava ir até a casa de Frania e ajudar a família dela a decorar a árvore de Natal. Veja só, em Tylicz (soa como “tílage”), ninguém menosprezava ninguém. Apenas nos dávamos todos bem. Não era difícil. Tínhamos mais em comum do que tínhamos em diferenças. Éramos todos poloneses e vivíamos no mesmo lugar, e todos fazíamos compras no mesmo mercado de rua. Não havia preconceito. Morávamos numa comunidade ecumênica.

Só havia uma coisa que realmente nos destacava dos gentios em nosso vilarejo: nosso cabelo. Papa tinha cachos compridos perto das orelhas e uma barba longa; Mama usava peruca. Era a tradição ortodoxa. Quando Zosia se casou, ela implorou que Papa a deixasse manter um pouco de seu cabelo. Ela chorou e chorou quando seus cabelos foram raspados, e eu questionei por que as mulheres casadas tinham que raspar a cabeça.

— É uma promessa de não ser atraente para outros homens — Mama nos respondeu —, o reconhecimento do compromisso que se tem com o marido.

A cada poucas semanas, Mama tirava a peruca, e eu raspava a cabeça dela no lavatório, como era nosso costume. Com o cortador de Papa, eu guiava os dentes pelo couro cabeludo, com cuidado para não pegar a pele delicada com as pontas afiadas do aparelho. Mama fechava os olhos como se estivesse em meditação, e eu usava aquele momento para estudar a serenidade em seu rosto. Depois, eu limpava seu couro cabeludo como se fosse porcelana chinesa. Era tão limpo e brilhante, suave como o de um bebê.

Ela deixava os olhos fechados por apenas alguns segundos depois que eu terminava, então chamava Papa, para que eu pudesse raspar a cabeça dele. Quando trocavam de lugar, se entreolhavam por um instante, e Mama sorria carinhosamente.

Eu sonhava com o dia em que teria minha cabeça raspada como um voto solene ao meu marido. Era um rito de passagem que tínhamos, embora desejássemos. Ainda assim, como Zosia, eu me preocupava se ficaria feia.

Perder os cabelos não era uma coisa tão maravilhosa, mas era por estarmos casadas que ansiávamos, casadas como Mama e Papa.

Toda vez que Papa passava por Mama, ele procurava tocá-la. Sua mão pousava entre as escápulas, descia até o meio das costas dela e, às vezes, quando ele pensava que não estávamos olhando, dava um tapinha no traseiro dela.

O mercado era o centro do nosso mundo. A partir dali tudo ficava ladeira abaixo. O açougueiro kosher e o açougueiro dos gentios ficavam na avenida, bem como a loja de queijos e a prefeitura. E perto do centro era onde morava a família Garbera, bem ao lado de nossas melhores amigas, Erna e Fela Dranger, que eram as melhores amigas judias minhas e de Danka. Frania era minha melhor amiga gentia. Passamos muitas noites na casa das irmãs Dranger, com sua prima Dina, que era a melhor amiga de Danka. Jogávamos dominó ou nos sentávamos na sala de estar, confidenciando nossos sonhos uma para a outra. Havia um sonho, porém, que eu nunca compartilhei.

Em uma noite fria de inverno, Danka e eu voltávamos para casa quando encontramos Andrzej.

— Estava esperando para levar vocês duas para casa. A colina é muito gelada, e não quero que vocês caiam e se machuquem.

Achei estranho, mas tudo bem, ele era um bom rapaz, e o caminho estava escorregadio, por isso fomos com Andrzej. Depois daquela noite, tornou-se um hábito que Andrzej nos esperasse do lado de fora da residência de Erna e Fela e que nos acompanhasse até em casa, mesmo depois do degelo. Uma noite de primavera, enquanto caminhávamos para casa, sem motivo algum, ele pegou minha mão e diminuiu o passo. Danka ficou bem a nossa frente.

— Não tem gelo na estrada esta noite, Andrzej — eu disse a ele.

— Não, não tem. — Ele não largou da minha mão.

O som da água escorrendo no poço de pedra nos atraiu para a lateral da rua. Ele diminuiu o passo, como se estivesse procurando por algo, e então murmurou meu nome bem baixinho.

— Rena?

— Sim? — Olhei para o rosto dele e, ali, ao lado do poço do vilarejo, Andrzej Garbera roubou um beijo de meus lábios. Não andei mais a partir daquele ponto; corri por todo o caminho até minha casa.

Mama estava me esperando na porta da nossa casa da fazenda com o lampião aceso e oscilante no escuro.

— Rena? — Ainda posso ouvi-la chamar meu nome. — Rena!

— Estou indo, Mama — respondo em voz alta.

— Onde você estava? Está tarde. Venha para dentro.

— Eu estava estudando na casa de Erna e Fela — respondo, limpando os pés.

— Estudando, é? — Ela afasta meu cabelo do rosto, olhando nos meus olhos.

Será que ela conseguia ler a verdade neles? — Vá se preparar para dormir.

— Sim, Mama. — Beijo seu rosto. Ela cheira a chala<sup>12</sup> e baunilha.

Enquanto me admiro em frente ao espelho, escovo excessivamente meu cabelo, imaginando que Andrzej vai passar para me dar um beijo. Uma e outra vez, eu me lembro da sensação dos lábios dele nos meus. Meu coração dispara.

— Fui beijada — confesso esse enorme segredo para o meu reflexo.

Nós coramos.

Já de camisola, rastejo entre os lençóis frios e limpos de algodão e espero que Mama venha me cobrir.

— Rena, você está praticamente brilhando. O que andou aprontando?

— Nada, Mama. É apenas uma noite tão linda. — Sorrio na escuridão.

— Bom sono. — Ela me dá um beijo de boa-noite.

Um pequeno poço de tristeza de que o meu segredo nunca poderá ser compartilhado me domina. Cresci indo para a escola pública com os gentios e sendo ensinada por professores católicos, apesar do fato de sermos rigorosos judeus ortodoxos. Andrzej e eu brincávamos juntos desde que éramos crianças, mas ele ainda é um gentio. Nada pode vir de seu beijo, e eu sei disso.

— Eu sabia disso. — Rena para de falar. Seus olhos estão úmidos, e um pequeno sorriso brinca timidamente em seus lábios, como se ela ainda fosse aquela garota relembrando o primeiro beijo na frente do espelho de seu quarto.

Algumas semanas mais tarde, enquanto me conta sua história, o relógio de seu avô toca, e ela tem um sobressalto. Ela me olha chocada e então diz:

— Não havia relógios em Auschwitz.

É assim que Rena conta sua história. Através de uma teia de passado e presente, com fios trançados com tanta força que as lembranças se tornam seu presente. Seus olhos ficam distantes e ela esquece que estou ali. Sua voz muda, seus verbos dissolvem-se do passado para o presente e depois para o passado, oscilando entre os mundos de “era” e “é”, como se não houvesse separação definitiva entre os dois. E talvez não haja.

Às vezes, é somente minha presença que a traz de volta para o quarto em que estamos sentadas, com os fios de memórias, tão delicados como vidro soprado feito à mão, suspensos no ar.

Naquele primeiro dia, Rena fala durante seis horas seguidas. O sol está se pondo atrás das montanhas quando John chama do topo da escada:

— Querem chá? — Estou exausta, ansiosa para uma pausa. Mas Rena está cheia de vigor e, provavelmente, poderia falar a noite toda. Energizada pelo nosso primeiro dia juntos, ela conversa alegremente enquanto John serve o chá. Comemos *pierogi* e *kielbasa* no jantar, o que se tornaria nossa tradição. Depois da sobremesa, ela finalmente pega tudo o que queria me mostrar antes: uma

coleção de cadernos pessoais, escritos em polonês; livros de História sobre o Holocausto e um panfleto em polonês sobre a Marcha da Morte do Museu de Auschwitz. Rena e seu marido me contam histórias de sua vida juntos, até que John me percebe bocejando.

— Mama, esta bela moça precisa do sono de beleza. — Rena se levanta num salto, pedindo desculpas por me manter acordada. O sofá em que estive sentada durante todo o dia é puxado e se transforma em uma cama e, como pais, eles praticamente me arrumam na cama. A lareira reluz. Meus olhos estão cansados, mas minha mente está a mil. Na minha frente estão imagens perturbadoras de *The Auschwitz Album*,<sup>13</sup> de Peter Hellman. Posso ouvir a voz de Rena enquanto olho a narrativa visual de Hellman. *Isso é real*, uma voz na minha cabeça diz. *Rena é real*. Já passou da meia-noite quando finalmente caio em um sono profundo e sem sonhos.

Na manhã seguinte, com o sol brilhando através das cortinas rosadas e com café fumegando diante de mim, Rena confessa:

— Não consegui dormir ontem à noite. Fiquei pensando em Andrzej.

Ligo o gravador e aperto a xícara de porcelana em minhas mãos, como um lembrete para me concentrar nela, porque, quando Rena começa a falar, não há como pará-la.

— Eu costumava ter um sonho na Holanda, depois da guerra, todas as noites...

*Danka está em perigo. Às vezes, pedem para ela saltar; às vezes, eles a estão empurrando para o poço. Sempre estou lá, em pé, assistindo.*

— *Danka!* — grito, correndo por eles, agarrando sua mão pouco antes de ela cair para além do meu alcance. Em pé, à beira de um abismo, seu destino é completamente dependente da única força que me resta. Fito o vazio abaixo de nós, que eles nos obrigaram a cavar. Como foi que cavamos um buraco tão profundo, sem fundo?

— *Rena, me ajude.* — *Sua voz é silenciada por nossos corações palpantes.* — *Por favor, não me solte.*

— *Não vou soltar — eu asseguro. Meus músculos tremem. Cada contração e cada espasmo muscular ameaça trair minha promessa. Meu corpo fica tenso. Isso não é um sonho.* — *Não desista, Danka.* — *Trêmula, finco minhas unhas em sua carne, determinada a me agarrar à vida.*

*Atrás de nós aparece Andrzej. Ele pega nossas mãos em seu aperto poderoso e a levanta, sem esforço, para tirá-la do poço. Estou tão aliviada ao vê-lo que eu não consigo falar. Ele sorri para mim e desaparece diante de meus olhos.*

— *Andrzej!* — chamo seu nome. Não há resposta.

*Ele se foi.*

— *Se você morrer antes de mim — ouço a voz de Danka —, ninguém vai chorar mais do que eu. Mas, se eu morrer antes de você, mesmo que não haja mais ninguém no mundo para chorar por mim, sei que você vai chorar sobre minha*

*sepultura.*

*Ofegante como um animal selvagem preso por caçadores, eu acordo. Enregelada por medos noturnos internos, sem saber ao certo onde estou ou quem sou, luto contra os lençóis emaranhados em meus braços e pernas. Procuro no criado-mudo por uma vela para acender, mas o quarto continua escuro.*

*Meu nome foi apagado da minha mente. Sou um número, mais uma vez.*

A sala que nos cerca é um contraste brilhante à escuridão que o sonho dela evoca. Meu café esfriou e estou sem palavras. Abaixo da cicatriz no antebraço dela, onde ficava seu número, toco em um pequeno ponto de tinta azul-acinzentada, ainda incorporada à sua pele.

— Aqui era a parte de baixo do “um” — diz ela. É um preto desbotado...



Andrzej era três anos mais velho do que eu e havia começado a frequentar o ensino médio em Krynica, uma cidade maior do que a nossa, a cerca de sete quilômetros de distância, por isso, só nos víamos raramente. Eu tinha treze anos quando o encontrei no mercado outra vez. Fiquei tão feliz por vê-lo que falamos sobre tudo — nossos livros favoritos, nossas matérias favoritas na escola. Fiz questão de manter a distância adequada dele em todos os momentos, assim como Mama tinha instruído, mas me esqueci de observar a hora. Já era quase noite quando um membro da sinagoga passou por nós, a caminho do templo e nos viu. Veja bem, eu não tinha permissão para conversar desacompanhada com um garoto gentio, ou com qualquer garoto, na verdade. Ah, o constrangimento quando o ancião da sinagoga me repreendeu na frente de Andrzej e ameaçou contar a Papa! O rosto de Andrzej perdeu o entusiasmo — nosso momento feliz e inocente foi abalado por aquela dura realidade.

Corri colina abaixo sozinha para enfrentar a ira de meu pai.

Mama chorou e Papa me proibiu severamente de ter qualquer relação com Andrzej para sempre. Depois disso, o evitei. Não falava com ele quando o via no mercado, mas ainda trocávamos olhares, e esses olhares diziam mais do que qualquer palavra. Por dois anos, foi assim que as coisas ficaram entre nós. Então, uma noite, Andrzej Garbera estava em frente à casa de Erna, me pedindo para descer a colina da nossa juventude. Certifiquei-me de que ninguém da sinagoga estivesse passando, e então deslizei para fora e me juntei a ele.

— Vou partir para Cracóvia e me alistar nas forças armadas — disse ele.

Assenti, mas não me atrevi a falar; eu havia prometido a meus pais.

— Vou pensar em uma maneira de lhe escrever sem que seus pais saibam.

Eu me virei para que ele não pudesse me beijar outra vez, mesmo que eu quisesse sentir seus lábios na minha bochecha. Quando me virei de novo, ele havia ido embora.

Algumas semanas depois, a irmã de Andrzej me encontrou no mercado, e, quando ninguém estava olhando, Hania me entregou discretamente uma carta de Cracóvia. Precisei de alguns dias para ter coragem de responder, mas enfim respondi, e dali em diante, Hania ou sua mãe postavam minhas cartas para Andrzej, para que ninguém no vilarejo soubesse que estávamos nos correspondendo.

Trabalhei durante dois verões em Krynica como aprendiz de costureira e saí com alguns rapazes judeus. Íamos a projeções de filmes e eventos sociais, mas ninguém fisgou meu coração. Eu estava prestes a completar dezessete anos e estava começando a pensar em um futuro. Com quem deveria me casar? Então, como se estivesse lendo minha mente, Andrzej escreveu:

Para Rena,  
acabei de receber minhas listras de oficial e não vivo mais no quartel da base. Agora tenho direito a um apartamento na cidade. Estou enviando dinheiro suficiente para a passagem de trem a Cracóvia.  
Gostaria de vir e se casar comigo? Você pode fazer o que quiser a respeito da religião judaica. Pode criar as crianças na fé judaica. Vou lhe comprar um anel de prata para que você possa acender as velas na sexta-feira à noite em nossa casa, como sua mãe. Se isso não for aceitável para seus pais, ou me submeter a circuncisão e aceitar a religião judaica. Eu a amei desde o primeiro dia em que a vi, quando éramos crianças. Se você também me ama, por que não podemos ser felizes? Se vier a ser minha esposa, eu seria o homem mais feliz em toda a Polônia.<sup>14</sup>

De muitas maneiras, a proposta de Andrzej era um sonho tornado realidade. Como eu desejei me casar e constituir uma família, mas o casamento com ele era impossível. E tive que endurecer meu coração para responder à carta:

Para Andrzej,  
Meus pais não querem que você se converta ao judaísmo; nem mesmo isso seria suficiente. É preciso nascer judeu. Pensei que você entendesse as regras rígidas de nossa fé e de nosso povo. Desculpe-me se o iludi de alguma forma. Se eu me casasse com um gentio, destruiria meus pais. Eles chorariam por mim como se eu tivesse morrido e depois me tratariam como se eu já não fosse mais sua filha. É impossível que você e eu fiquemos juntos. Apesar de meus sentimentos por você, eu não poderia suportar nunca mais ver minha

amília. Aqui está seu dinheiro de volta. Lamento, mas não posso me casar com você.

Com amor, Rena

É claro que nem sequer discuti a carta de Andrzej com meus pais. Teria sido devastador para eles se soubessem que estávamos nos correspondendo e, muito pior, que ele havia me proposto casamento. Para meus pais aprovarem meu marido, ele teria de ser judeu, de preferência ortodoxo, e eu nunca teria feito nada para aborrecer minha família.



Apenas uma família tinha rádio em Tylicz. À tarde, eles abriam a janela e todos se reuniam do lado de fora para ouvir as notícias do mundo e os discursos estranhos e fervorosos de Hitler ameaçando os poloneses, os judeus e qualquer um que não fosse ariano. Era 1938, e Mama e Papa estavam preocupados com a anexação súbita da Eslováquia à Alemanha; ambos tinham irmãos que viviam do outro lado da fronteira, em Bardejov. Eu estava muito mais preocupada com a proposta secreta de Andrzej. Depois, Alemanha e Rússia fizeram um pacto, e toda a Polônia tremeu de medo. Tínhamos sido divididos por vezes demais para não levarmos a ameaça de Stalin e Hitler a sério, portanto, a Polônia convocou seus jovens para se juntarem ao exército e defenderem nosso país. Muitos dos garotos em nosso vilarejo se alistaram: Tolek, Alex, Andrzej. Eles faziam parte de nossa defesa e tínhamos muito orgulho deles.

Então, em 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, e não existiu mais inocência em nossas vidas. Andrzej não foi capturado. Ele e os outros garotos saíram sorrateiramente de casa e entraram para a clandestinidade, pois Tylicz imediatamente havia sido transformada de uma cidade pacata fronteiriça a uma de posição estratégica dentro da nossa pátria ocupada. Sentinelas de fronteira alemães, cães de guarda e armas estavam por toda parte, e as Leis de Nuremberg foram postas em prática. Um homem chamado Joseph, da sinagoga, foi apontado como chefe de uma nova organização, o *Judenrat*, ou Conselho Judaico, e foi condenado a entregar os nomes de todos os jovens judeus que viviam na cidade. Na primeira semana da invasão nazista, fomos obrigados a usar braçadeiras, em tempo integral, com a Estrela de Davi bordada em azul. Não podíamos mais comprar comida de gentios, contratar gentios para trabalhar para nós ou cruzar a fronteira com a Eslováquia (onde os judeus ainda tinham permissão para fazer comércio com os gentios). Qualquer judeu ou gentio que

desobedecesse a lei alemã, foi anunciado, seria considerado traidor e punido com a morte. Danka e eu, junto a outros moços e moças judeus, fomos designados para limpar os quartéis, polir sapatos, esfregar o chão e qualquer outra coisa que os alemães nos ordenassem a fazer.

Durante anos, uma mulher pobre gentia vinha à nossa casa todas as manhãs de sábado para acender a lareira e requentar a refeição que Mama tinha preparado no dia anterior. Com aquelas novas regulamentações, ela já não tinha mais permissão de entrar em nossa casa nem de fazer qualquer trabalho para nós. Ela chorou quando veio se despedir, e nós, junto aos outros judeus em Tylicz, a fim de não violarmos a lei ortodoxa, tínhamos de comer comida fria e viver em uma casa fria, porque não podíamos acender a lareira no Sabá. Papa e outros fazendeiros judeus, na impossibilidade de contratarem gente para ajudar, contentaram-se em trabalhar horas extras para colher o que plantavam. Danka e eu trabalhávamos desde o raiar do dia até tarde da noite, dividindo nosso tempo entre trabalhar para os alemães e em nossa própria fazenda.

Felizmente, não havia nenhuma lei contra trocar serviços por bens, por isso usamos a costura de Zosia para obtermos manteiga, queijo e farinha. Havia ainda os agricultores gentios que faziam negócios com Papa porque éramos vizinhos, e a comunidade de Tylicz era muito unida. As leis alemãs não eram respeitadas; só eram temidas.

Muitos dos garotos do vilarejo que haviam se juntado ao exército voltaram para casa, mas o marido de Zosia não estava entre eles. Não tínhamos ouvido nada a respeito de Nathan. Até que, em outubro, um cartão com um carimbo postal russo chegou pelo correio. Zosia entregou-o à Mama, uniu as mãos na frente do rosto, como se estivesse fazendo a oração do Sabá, e esperou pela notícia.

Mama pigarreou:

— Querida família. É muito frio onde estou. Amo todos vocês. Nathan.

Ficamos olhando para o chão. Minha irmã abraçou os filhos e chorou baixinho.

— Ele deve estar na Sibéria.

Nada estava a nosso favor. E quando Herschel, o filho mais novo de Zosia, ficou muito doente e precisou de cirurgia, ficamos sem saber o que fazer. Os novos regulamentos não permitiam que judeus, nem mesmo as crianças, se consultassem com médicos. No entanto, por causa da anexação da Eslováquia pela Alemanha, os judeus eslovacos estavam sendo tratados com muito menos rigor do que os judeus poloneses. Eles ainda tinham autorização para trabalhar e ganhar dinheiro; não estavam sendo forçados a usar estrelas e, mais importante para Herschel, podiam ser tratados por médicos.

— Se conseguirmos atravessar a fronteira, não deve ser muito difícil chegar até o tio Jacob Schützer, em Bardejov. Pelo menos Herschel pode começar o tratamento lá — Zosia disse à Mama e Papa — Quem sabe onde Nathan está

agora ou se ele algum dia vai poder voltar para casa? Na Eslováquia, posso trabalhar na loja de roupas do tio Jacob até encontrar outro trabalho e, quando estiver estabelecida, mando buscar a pequena Ester.

— Vou enviar uma nota para meu irmão, dizendo que você está a caminho — disse Mama —, e rezar para a sua segurança e alegria. — Zosia conseguiu chegar ao tio Jacob com a ajuda de fazendeiros gentios que faziam negócios no mercado na Eslováquia. Ela escrevia para casa toda semana, enviando suas cartas com ajuda de nossos amigos gentios, que ainda atravessavam a fronteira para fazer comércio. A cirurgia de Herschel teve sucesso, dizia uma carta. Nossas preces haviam sido atendidas.

Algumas semanas depois, Zosia escreveu para dizer que tinha recebido uma oferta para ser doméstica em Bratislava, cidade que ficava do outro lado da Eslováquia, na fronteira com a Áustria. Mama ficou preocupada com a distância. Gertrude já havia se mudado para os Estados Unidos e agora Zosia também ia se mudar? Ela se agarrou a mim e à Danka.

— É melhor que Zosia se mude — ela nos assegurou.

— Não se preocupe, Mama — nós a consolamos —, a senhora tem a nós. Vamos cuidar da senhora.

Danka e eu trabalhamos por longos e duros dias e, com frequência, ficávamos acordadas até quatro e meia da manhã porque tínhamos assumido o negócio de costura de Zosia. Eu estava me tornando bem conhecida como a costureira local. Um domingo, enquanto estava ocupada trabalhando em minha máquina, ouvi uma batida na janela, e vi um oficial austríaco ali em pé, sorrindo para mim.

— Sou o oficial Joksch — disse ele. — Você poderia fazer duas fronhas para mim? — Fiquei chocada. Era uma pergunta e não uma ordem. Uma semana depois, ele veio buscá-las, elogiou minhas habilidades manuais, encomendou mais duas e me entregou algumas moedas pelo meu trabalho.

Corri pela casa para mostrar as moedas à Mama.

— Um oficial austríaco me pagou pelas fronhas!

Mama olhou para o dinheiro com admiração.

— Você é um milagre, Rena. Mesmo com toda essa dificuldade, você é capaz de inspirar a bondade nas pessoas que normalmente nos tratam com crueldade. — Ela me abraçou e escondeu as moedas no bule, onde todos os nossos objetos de valor eram armazenados. Porém, não tínhamos previsto ter de proteger o nosso bem mais valioso: o Talmude.

No início de novembro, foi ordenado que a Torá, o Talmude e todos os livros sagrados judaicos fossem levados ao templo. Sentamo-nos nos degraus da nossa casa de fazenda, esperando e rezando, enquanto Papa levava nossas posses mais preciosas para os alemães. Esperamos e esperamos. O cheiro de papel e couro queimados encheu o ar. Todavia, não ousamos sair de casa para ver o que estava

acontecendo. Finalmente, uma figura desolada apareceu no morro e veio em direção à nossa casa. Papa? Mal o reconhecemos. Ele não tinha mais os cachos nas orelhas nem a barba. Mama chorou ao vê-lo daquele jeito.

— Papa, o que aconteceu? — ela lamentou.

— Os alemães nos ordenaram a colocar os livros em uma pilha e fazer uma fila — disse-nos Papa. Em transe, ele e os outros homens se puseram lado a lado diante do monte de gravetos e manuscritos.

Um dos oficiais anunciou:

— É contra nossa política que qualquer judeu deixe crescer esses cachos ridículos e essas barbas. Todos os homens nesta fila devem ser barbeados ou baleados! — Brandindo a tesoura como jovens endurecidos pelas ruas que carregavam canivetes, os soldados ordenaram aos homens que removessem o chapéu e, depois, sistematicamente começaram a cortar os cachos e as barbas.

Depois, um soldado acendeu uma tocha e, em instantes, faíscas raivosas começaram a transformar as páginas em cinzas.

— Vocês não têm mais permissão para rezar ou para entrar no templo por absolutamente nenhum motivo. — A lista mais recente de proclamações foi lida sobre a pira furiosa. — É contra a lei adorar no Sabá judaico e acender velas na sexta-feira à noite. — Impotentes, Papa e os outros observaram nossa fé ser devorada pelas chamas.



Poucos dias depois, a voz familiar do oficial Hans Joksch chamou do lado de fora da janela da minha sala de costura. Entreguei as fronhas que ele havia pedido, tomando cuidado para manter os olhos baixos, em respeito, e assenti com a cabeça, de modo educado, para outro oficial em pé ao lado dele.

— Rena, nos convide para entrar em sua casa — disse o oficial Joksch.

Seu pedido virou tudo de cabeça para baixo. Quem era eu para dizer não? Ele colocava nossas vidas em perigo ao entrar em nossa casa. Eu não podia deixar de suspeitar que ele tivesse algum outro motivo, mas quem iria imaginar sua verdadeira razão?

Corri pela casa para avisar Mama e Papa. Com as mãos apertadas sobre os olhos, Mama orou:

— Bom Deus, meu Senhor, protegei-nos. — Depois, tomando seu lugar na sala de visitas, ela se recompôs com enervante calma.

O oficial Joksch e seu amigo foram muito educados e perguntaram

casualmente:

— Vocês têm um gramofone em casa?

— Não — falei depressa, muito depressa.

— Que pena.

O oficial Joksch olhou em volta de nossa sala de estar.

— Aposto que você é uma boa dançarina, Rena.

— Mais ou menos. — Eu fitava o chão.

— Bem, se meu amigo assobiar alguma coisa, você dançaria comigo?

Os rostos de Mama e Papa ficaram pálidos.

O amigo dele começou a assobiar um tango, e o oficial Joksch estendeu a mão para mim. Tentei não tremer quando a peguei. Começamos a nos mexer de modo desajeitado ao redor da sala. Eu estava tão nervosa, dançando na frente dos meus pais, me perguntando o que ele faria se eu errasse nem que fosse um passo, mas tentei fingir que estava me divertindo.

O amigo dele assobiou até ficar sem fôlego e sem saliva, e o oficial Joksch disse:

— Você dança belamente, Rena.

Mal consegui tirar as palavras *Danke schön*<sup>15</sup> da minha boca para agradecer, de tão seca que ela estava.

— *Nein, nein, Fraulein.*<sup>16</sup> Obrigado. Você fez este dia verdadeiramente memorável para mim e nunca vou esquecer sua boa-fé. — Ele nos desejou boa noite, sem aperto de mãos, é claro, mas ainda assim pagou muito bem pelas fronthas, e se foi.

Mama chorou baixinho, torcendo as mãos. Papa não falou. Ah, meu Deus, como eu estava tremendo. Não sei como não tropecei, nem como meus joelhos simplesmente não cederam por completo debaixo de mim. Depois me ocorreu que talvez eu fosse uma boa dançarina.



Era Sabá e, em frente ao espelho com o meu *dirndl* [um vestido tradicional das montanhas], comecei a arrumar meu cabelo comprido em uma única trança pelas minhas costas. Mesmo se não pudéssemos ir ao templo, procurávamos continuar a vida como se tudo estivesse normal, porque, em nossos corações, ainda podíamos adorar a Deus.

Apesar do que havia sido decretado, alguns dos anciãos da sinagoga haviam decidido se encontrar mesmo assim, mas nem bem as preces começaram,

soldados invadiram o local.

— Vocês estão desobedecendo ordens e por isso serão punidos.

Um dos oficiais vociferou ordens, empurrando os homens contra uma parede.

— Hoje vamos lhes ensinar uma lição! E a lição de hoje será que, toda vez que se encontrarem, um de vocês será levado e será alvejado. Levem-no!

Dois soldados arrastaram um homem porta afora, e esse homem era meu pai.

— Rena! Rena! — Joseph, o líder do *Judenrat*, gritou enquanto corria em direção à nossa casa. Corri para a janela, com minhas mãos entrelaçadas na minha trança, e inclinei-me para perguntar qual era o problema.

— Eles pegaram seu pai e vão matá-lo! — a voz de Joseph tremeu. — Corra para o rio e os detenha antes que seja tarde demais!

Meus pés voaram pelos degraus antes que ele pudesse balbuciar outra palavra.

— Voe, Rena! — Sua voz me perseguiu pela Estrada.

Eu estava descalça. Meu cabelo não estava trançado. Eu nem sequer estava com minha braçadeira branca com a Estrela de Davi azul que eu sempre deveria usar. Foi assim que corri pela estrada de terra em direção ao rio — meu cabelo pesado contra minhas costas, caindo no meu rosto, enroscando em meu pescoço — passando pelos Cárpatos, fazendo, a cada passo, uma oração ao Senhor para salvar meu pai. Não senti as pedras cortarem minha pele. Não vi o rastro de sangue na terra enquanto corria.

Muitos corpos eram encontrados ao longo do rio no período da manhã, porque matar um judeu não era crime, então eu sabia exatamente para onde correr.

Entretanto, em que Joseph estava pensando quando me mandou salvar Papa?

Não me importo de admitir, mas a verdade é que, naquele momento, tudo em que eu conseguia pensar era ter de contar à Mama: *Eu estava bem ali e os vi matar Papa. Não pude fazer nada.* O pensamento de seu rosto tomado pela dor era mais do que eu poderia suportar, por isso, enquanto corria, tentei criar um plano que me salvaria de ter de contar a Mama que Papa estava morto.

Pude vê-los do outro lado do campo, logo que me desvencilhei das árvores que ladeavam o caminho até o rio. Papa estava em pé contra a cerca, enquanto dois soldados levantavam seus rifles alinhados com o coração dele.

— Parem! — gritei, pulando na frente dele. — Esse é meu pai. Se vocês o matarem, vão ter de me matar também. — Eu estava pensando comigo mesma: *Eles não vão me matar, pois sou moça.* Eu era tão ingênua.

— *Scheiss Jude!*<sup>17</sup> Cão imundo! — sibilaram.

Não ousava olhar no rosto de Papa, assim, em vez disso, escolhi olhar nos olhos dos seus futuros assassinos.

— Não vou deixar meu pai — disse a eles com firmeza.

— Olhem para essa menina! — eles riram na minha cara. — Ela acha que não vamos matá-la e ao judeu sujo do pai dela.

Virei-me e apontei para a camisa branca de Papa.

— Olhe como é branco o colarinho da camisa dele. Ele não é sujo. Como vocês se atrevem a dizer ao meu pai que ele é imundo?! — Eu não entendia o que eles queriam dizer. — Minha mãe mesma lavou e passou essa camisa. — Mostrei a eles o colarinho limpo.

— Você é engraçada demais! — eles riram, erguendo as armas. — Quer fazer uma oração, garotinha judia, antes de morrer? — Pisquei para o cano de sua espingarda. Era estranho pensar que um buraco pequeno e escuro como aquele pudesse ser a última coisa que eu visse na vida.

Minhas mãos apertavam minha saia recém-passada e criavam vincos.

Por um segundo, imaginei que havia uma risada vindo da estrada do rio. Parecia tão bem-humorada, tão jovial, que fiquei me perguntando se eu tinha de repente ficado louca enquanto esperava para morrer.

— O que vocês, rapazes, estão fazendo aí? — uma voz familiar gritou da estrada. Atrás dos soldados, dois homens estavam rindo e andando de bicicleta.

Nosso esquadrão da morte o saudou e respondeu:

— *Heil Hitler*, oficial Joksch! Estamos prestes a matar esse judeu e sua filha. Gostaria de fazer as honras?

Eu mal podia acreditar nos meus olhos lacrimejantes. Não estava louca. Não estava sonhando. Ali, a poucos metros de distância, estava Hans Joksch.

— Eu preferia tomar uma cerveja. — Ele deu um tapa nas costas deles. — Venham, subam em nossas bicicletas, e a rodada é por minha conta!

— Vamos matá-los primeiro, aí sim, ficaremos com sede!

— Por que se preocupar com eles? Além disso, não quero esperar mais. — Ele subiu em sua bicicleta, o que indicava que não aceitaria um não como resposta. — Vamos, apressem-se. Não tenho o dia todo. Tenho certeza que vão encontrar outros judeus para matar amanhã. — Os soldados olharam para nós com raiva, mas fizeram o que lhes fora dito, porque o oficial Joksch tinha uma patente mais elevada.

Suas vozes pareceram ecoar por todo o campo para sempre, tornando impossível que qualquer um de nós se movesse. Era como se meus pés tivessem criado raízes no solo. Eu não ousava olhar para Papa. Ele não se atreveu a olhar para mim. Lágrimas de choque fizeram nossos olhos doerem. Lentamente começamos a caminhar em direção à nossa casa, mas, no meio do caminho, afundamos, nos agarrando à terra sob nossas mãos. Nossas pernas não conseguiam nos levar para mais longe.

De acordo com as Leis de Nuremberg, qualquer ariano que tivesse relações sexuais com um não ariano poderia ser punido com a morte, e muitas das famílias judaicas achavam que suas filhas estavam seguras por causa desse conceito de *Rassenschamde*, ou “desgraça da raça”. Não muito tempo depois do incidente no rio, porém, um soldado alemão me viu caminhando para o trabalho

e perguntou ao filho de Joseph, Alex, quem eu era.

Era tarde da noite quando o soldado cambaleou bêbado até a casa de Alex.

— Abra esta porta! — ele gritou. — Alex, insisto que você abra esta porta e me leve à casa de Rena!

Joseph acordou seu filho às pressas, mandando-o sair pela janela para correr e nos avisar. Depois ele deteve o homem da SS até Alex conseguir voltar.

— Chaim! Sara! — Alex gritou do lado de fora. — Escondam Rena, depressa! Há um soldado alemão procurando por ela.

Meus olhos se abriram de repente.

— Papa, fique de vigia enquanto escondo Rena — disse Mama. — Grite quando o senhor os vir. — Pude ouvir a voz de Mama no térreo e estava fora da cama antes que ela pudesse chegar ao meu quarto. — Siga-me. — Ela pegou minha mão e me levou ao sótão.

— Deite-se de barriga para baixo. — Sua voz não vacilou, suas mãos não tremeram. Deitei-me, e ela me cobriu com palha. — Não se mexa até me ouvir dizer que está tudo bem. — Ela alisou a palha por cima do meu corpo, deixando-a uniforme, para não parecer que havia alguém escondido.

— Mama, eles estão perto! — a voz de Papa nos advertiu.

— *Ribono shel olam*<sup>18</sup> — rezou Mama, antes de correr escada abaixo.

Deitada junto ao chão, meu estômago pulsando contra as tábuas do assoalho, virei o rosto para o lado e tentei com muito afinho não respirar. Ouvi a coronha do rifle bater em nossa porta da frente e o oficial gritou:

— Onde está Rena? Tragam-me Rena!

— Ela não está em casa. — Papa fingiu que tinha sido acordado de repente.

— Não acredito em você! *Scheiss-Jude!* Você não deixaria sua filha preciosa ficar fora de casa a essa hora da noite.

— Ela está visitando a família em outra cidade.

— Veremos! Sei onde vocês, cães malditos, escondem suas coisas favoritas! — Ele empurrou Papa de lado, invadiu nossa casa e subiu imediatamente as escadas para o sótão. Era o único lugar para se esconder em casas de fazenda além dos celeiros de batata, por isso foi o primeiro lugar onde ele olhou.

— Ela está aqui? — Ele remexeu na palha com a baioneta. — Talvez seja melhor vocês me dizerem antes que eu a acerte no olho bonito! — As tábuas rangeram sob o peso de seus pés; cada movimento fazia estremecer o chão debaixo de mim.

Ele provocou Mama e Papa a fazerem um movimento que trairia meu esconderijo. Eles se mantiveram como pedra sólida e silenciosa.

— Então ela não está escondida sob essa pilha... mas talvez aqui? — E espetou a palha repetidas vezes, como se estivesse viva e ele fosse matá-la. Meu coração batia contra o piso de madeira. Tentei não entrar em pânico, mas tinha certeza de que ele ouvia cada pulsação do rio latejante de sangue que corria pela minha

cabeça. Um lampejo de aço encontrou sua marca a dez centímetros do meu nariz.

Eu não me mexi.

— Sei que você está mentindo para mim, judeu. É melhor garantir que ela esteja aqui na próxima vez que um oficial alemão vier fazer uma visita ou vou cortar sua garganta! — Ele bateu a porta da nossa casa com tanta força que a porcelana tilintou nos armários.

Mama voltou para o sótão.

— Rena, você está bem? — Abracei-a, tentando não chorar, tentando ser corajosa. Estava, porém, abalada apesar de toda a coragem.

— Você vai ter que dormir aqui esta noite — ela disse, alisando meu cabelo para trás, por toda minha cabeça —, para o caso de ele voltar. Tente descansar. Vamos pensar sobre isso pela manhã. Mas você não vai voltar para aqueles quartéis para trabalhar, isso é certo. — Ela beijou minha testa, apertando-me com força em seu peito, enquanto eu molhava sua camisola com minhas lágrimas.

Aquela noite mudou tudo. Para mim havia se tornado perigoso viver em Tylicz. O vilarejo estava abalado pelo incidente e quase todo mundo se uniu para ajudar. Um amigo gentio levou uma carta para meu tio, na Eslováquia, dizendo que eu iria morar com eles, assim como Zosia tinha feito, e Papa ponderou muito e por muito tempo sobre quem contatar para me contrabandear pela fronteira.

Andrzej estava lutando contra os alemães quando a Polônia foi invadida pela primeira vez, mas havia voltado em segredo para Tylicz e agora estava trabalhando para a resistência polonesa.

Quem conhecia a fronteira melhor do que ele?

Meu pai nunca havia conhecido Andrzej, porém, naquela manhã, mandou buscarem o garoto que ele me havia proibido de ver e pediu que ele fosse à nossa casa. Nem uma palavra tinha sido falada a mim sobre esses arranjos. Meu pai era assim, e claro que eu não fui consultada.

Eu estava em pé na cozinha quando ouvi a voz de Andrzej à nossa porta. Meus joelhos enfraqueceram. Mama me analisou. Eu nem sequer olhei para o rosto dele.

— Bem-vindo, Andrzej. Por favor, sente-se. — Papa ofereceu-lhe uma cadeira. — Gostaria de um cigarro? — Mama e eu os observávamos do outro cômodo.

— Obrigado, Sr. Kornreich. — Andrzej pegou o cigarro com um aceno agradecido de cabeça.

— Tenho um favor a lhe pedir, Andrzej... Isso é muito difícil para mim, mas devo pedir. Tylicz não é mais segura para Rena. A mãe dela e eu nos

preocupamos com sua segurança todos os dias.

— Ouvi sobre o que aconteceu ontem à noite, Sr. Kornreich. Entendo sua preocupação.

— Não tenho dinheiro para lhe pagar por esse favor.

— Senhor, eu não aceitaria nenhum dinheiro. Ela é minha amiga desde a infância. Vou fazer o que o senhor pedir para ajudar sua filha.

— Obrigado. — Papa fez uma pausa, coçando o queixo onde a barba deveria estar. — Você parece ser um homem de palavra. Se puder levar Rena para cruzar a fronteira com a Eslováquia, a mãe dela e eu poderíamos encontrar nosso sono à noite.

— Vou cuidar disso — respondeu Andrzej, galantemente. — E juro que, com a minha vida, vou protegê-la, e nenhum fio do cabelo dela vai cair de sua cabeça. Dou minha palavra de honra ao senhor de que vou levá-la em segurança à Eslováquia, como o senhor deseja. Vou segurar apenas a mão dela, porque o terreno é difícil, mas não vou tocá-la, senhor. Pode confiar em mim.

Meu pai concluiu seu negócio com um aperto de mão, mas havia em seu olhar algo que eu nunca tinha visto antes: o aparecimento de completa humilhação e derrota.

Naquela noite, minha mãe beijou minha testa, aos prantos.

— Rena, seja corajosa, tenha cuidado, fique bem.

Prometi escrever e enviar-lhes comida.

— Vou voltar para casa assim que as coisas melhorarem.

— Boa viagem — Papa disse solenemente. — Que Deus a abençoe.

Dei-lhe um beijo de despedida e abracei Danka. Em seguida, entrei, desacompanhada, na noite escura de inverno com Andrzej.

— Vamos ter de andar a noite toda. Não podemos sussurrar nem uma palavra, porque os cães podem captar sons a uma longa distância e, quando eles começam a latir, não temos como pará-los — Andrzej me instruiu. — As equipes de busca estarão em campo, procurando por nós, e a chance de nos esgueirarmos pela rede deles é muito pequena. Se eu fizer um movimento para baixo, deite no chão. Não levante a cabeça, nem sequer se mexa até eu fazer um gesto para você se levantar. — Ele pegou minha mão. — Vou segurar sua mão durante todo o caminho para que você não caia. Será exatamente como quando éramos crianças e eu trazia você e Danka pela colina.

Estava chuvoso, frio e começando a cair granizo. Sempre que os holofotes cascateavam pela paisagem, caíamos de cara no chão, para não criarmos sombras. Teria sido uma caminhada difícil o bastante na lama escorregadia à luz do dia, enquanto ríssemos e cantássemos canções de inverno; mas, em silêncio, sob ameaça de morte, tentando não fazer ruído sobre a crosta de neve recente, era quase impossível. Ao longo de uma ravina, fomos seguindo caminho entre as

árvores usando a vegetação rasteira para cobrir nosso rastro.

Andrzej tropeçou e perdeu, assim, o aperto de minha mão por um segundo.

Perdendo o equilíbrio, lutando para não cair no abismo abaixo, despenquei para o outro lado. Rolei por uma ladeira íngreme e me agarrei a galhos de árvores para deter minha queda, e eles arrancaram as luvas de minhas mãos. Mordendo minha língua, caí num riacho, sem amortecimento nenhum a não por rochedos cobertos de gelo. O silêncio da noite se encolheu. Água gelada penetrou em minhas roupas. Nossos ouvidos se aguçaram à procura do som de cães acordados de supetão nos canis próximos. Havia o ruído de água pingando de meus cotovelos. Nenhum de nós ousou se mover ou respirar. Nenhum cão latiu.

Finalmente, Andrzej sinalizou para eu ficar em pé. Devagar, apoiando as mãos nas pedras do rio, eu me levantei. Minhas pernas mal conseguiam sustentar meu peso, de tanto que tremiam pelo frio e pelo medo.

Apoiando-se em uma árvore, Andrzej estendeu a mão para mim. Minhas unhas se enterraram em sua carne. Meus músculos estremeeceram, mas ele não vacilou enquanto eu me forçava a subir pela margem. Finalmente, estava em solo plano. Suas mãos esfregaram as minhas, tentando aquecê-las enquanto eu apertava minha boca para abafar o bater dos meus dentes. Ele sorriu, sabendo como eu estava molhada e com frio, segurando minha mão com mais firmeza do que antes e, então, me conduziu em direção ao nosso destino.

A luz da casa da fazenda parecia, à primeira vista, uma miragem. Eu tinha certeza de que estava sonhando; já era tarde, uma ou duas da manhã, mas havia aquelas luzes lindas cintilando pela neve. Andrzej me conduziu ao estábulo. Lá, aconchegados entre cavalos e vacas, esperamos.

— Este é o ponto de ligação entre os subterrâneos eslovaco e polonês — ele sussurrou em meu ouvido. Balancei a cabeça, sabendo que agora estávamos seguros.

Fomos recebidos por Karl, um fazendeiro que se vangloriou sobre seu jogo de pôquer com os guardas da fronteira. Sua esposa nos serviu chocolate quente e me deu roupas secas. Karl supôs que iríamos dormir juntos, mas Andrzej assegurou-lhe que isso não seria adequado, portanto, fiquei com a cama de casal, enquanto Andrzej dormiria no sótão. Na manhã seguinte, vestidos como agricultores eslovacos, Karl, Andrzej e eu subimos em uma carroça e nos dirigimos para a cidade de Bardejov.

Fora da propriedade de tio Jacob, Andrzej pegou minha mão.

— Mantive minha promessa com o seu pai, não foi?

— Sim, você manteve, Andrzej.

— Só segurei sua mão.

Eu queria que ele a segurasse para sempre e nunca a soltasse. Eu estava muito assustada com aquela cidade grande, aquele país estranho.

— Amo você, Rena.

— Obrigada por me levar à casa de meu tio Jacob Schützer. — Corei e sai correndo antes que ele pudesse me beijar de novo, para que eu não perdesse para sempre meu coração para ele.

Chalá: pão judaico trançado que se come normalmente no Sabá e em outras festas judaicas. (N. T.)

Hellman, Peter. *The Auschwitz Album* [O álbum de Auschwitz]. Random House, 1981. Inédito no Brasil. (N. E.)

Embora as cartas de Andrzej tivessem sido perdidas na guerra, Rena parecia capaz de contá-las palavra por palavra, pois ela as tinha lido muitas vezes.

“Muito obrigada”, em alemão. (N. T.)

“Não, não, senhorita”, em alemão. (N. T.)

“Judeu de merda”, em alemão.

“Senhor do universo, proteja minha filha”, em aramaico.

Tive que me esconder na casa dos Schützer até que eu pudesse falar eslovaco fluentemente. Depois, eles tiveram que cortar minhas longas tranças para que eu me assemelhasse mais a uma garota da cidade. Parecia que eu tinha de abrir mão de tudo da minha amada pátria e, sempre que tentava contar à tia Regina e ao tio Jacob sobre os horrores que os judeus estavam sofrendo na Polônia, eles achavam que eu estava exagerando. Não acreditavam em mim! Minhas primas Cili e Gizzy pensavam que eu andava séria demais e tentaram me levar para sair e me divertir. Por mais que eu tentasse, não conseguia esquecer meus pais e as dificuldades que eles e minha irmã estavam sofrendo, mas ninguém na Eslováquia parecia entender a gravidade da nossa situação.

Eu sentia falta de Tylicz e da minha família. Sentia falta de Andrzej. Até que um dia, lá estava ele, do lado de fora da casa. Ele havia contrabandeado um pacote de Mama com algumas roupas para mim.

— Obrigada, Andrzej. — Eu estava nervosa e tentei manter a conversa curta.

— Rena, não podemos conversar em particular?

Olhei para ver se ninguém estava nos vigiando, então fomos para trás da casa do meu tio.

— Acabei de ouvir que eles vão começar a levar jovens judeus para campos de trabalho forçado, a menos que sejam um casal misto — começou Andrzej. — Se estivesse casada com um gentio, haveria uma boa chance de que não levassem você. — Eu queria parar suas palavras antes que ele as pronunciasse. — Quero me casar com você. Amanhã. Já cuidei de tudo. Meu irmão está vivendo a cerca de quinze quilômetros de distância e tem um quarto onde podemos ficar. Eu não teria mais que ir e vir da Polônia, exceto por pessoas importantes, e poderíamos viver aqui na Eslováquia, onde é seguro.

Eu estava sozinha. Não tinha ninguém com quem conversar sobre aquela ideia. Eu não sabia o que fazer, mas sabia que não poderia trair minha família ou minha fé. Ele parecia tão cheio de esperança. Eu queria muito acreditar que sua ideia era boa, mas não era.

Finalmente, eu disse:

— Na verdade não estou feliz na Eslováquia, Andrzej. Meus pais ainda estão

na Polônia e estou morrendo de vontade de estar com eles. Sou jovem e forte, mais confiante, no entanto, são eles que estão expostos aos alemães. Realmente não quero ficar aqui. Quero ir para casa, em Tylicz, mas não posso e não sei mais o que fazer.

Meu coração doía de vontade de dizer-lhe que eu também o amava, e que se não fosse pelo resto do mundo, eu ficaria feliz em me casar com ele. Em vez disso, eu disse:

— Há ainda a questão das nossas religiões. Sinto muito. Não posso ser sua esposa. — Não consegui olhar para seu rosto por mais tempo. — Não posso mais falar com você. Minha tia e meu tio podem desconfiar.

— Se você mudar de ideia, Rena, escreva para mim. — Ele agarrou minha mão na sua por um terno momento. — Eu nunca vou mudar.

Como eu queria dizer a ele a verdade do meu coração! Mas permaneci em silêncio e obediente à minha família. Eu não sabia mais o que fazer e voltei para dentro da casa, perplexa e confusa.

Tio Jacob me dava uma mesada semanal e pediu que Cili e Gizzy me emprezassem algumas roupas bonitas para vestir em bailes ou no cinema. Elas tentavam me fazer ir a eventos sociais e conhecer garotos, mas eu estava mais interessada em gastar minha mesada com comida para meus pais e ir ao mercado para encontrar nossos amigos gentios de Tylicz. Era o mais próximo que eu poderia chegar de casa, e eu esperava ansiosamente pelos dias de mercado.

A Organização Sionista deu àqueles de nós, da sinagoga, um lugar para nos encontrarmos e falarmos sobre a formação de um novo Estado de Israel, mas era, de fato, uma desculpa para bailes e para socializarmos. Cili e Gizzy me arrastavam para aqueles eventos.

— Vamos encontrar um bom rapaz judeu para você! — Elas me provocavam, e eu tinha de deixá-las. Jamais poderia dizer a elas que eu tinha um *bom* rapaz. Ele apenas não era judeu.

Tio Jacob também aprovou que eu me socializasse, o que tornava mais difícil recusar o convite de minhas primas.

— Quero poder dizer ao seu pai que você está se adaptando à vida aqui e que você encontrou companhia adequada. — Pela maneira como tio Jacob dizia “adequada”, eu sabia que Papa havia lhe falado sobre Andrzej. — Gostaria que você saísse com Schani Gottlobb, o alfaiate. Seu pai aprovaria Schani, e ele seria um bom marido. — Balancei a cabeça, obediente. Não queria sair com Schani Gottlobb, mas se isso tornaria Papa feliz, como eu poderia não ir? — Vou lhe dar dinheiro para um traje novo. — Tio Jacob me entregou mais do que o suficiente para comprar tecido para um belo vestido novo.

— Obrigada, tio Jacob. — Virei-me para ir embora.

— E, Rena, quando eu lhe der dinheiro para comprar roupas, quero que você gaste em roupas.

— Sim, tio Jacob. — Ele tinha me descoberto nisso também? Fiz o que ele pediu, mas só comprei tecido suficiente para um vestido e depois fui direto ao mercado com o resto do dinheiro para comprar farinha, açúcar e queijo para mandar para casa.

Schani era louco por mim. Ele me fazia elogios e me considerava tanto ousada como inteligente por ter escapado da Polônia, e não se importava que eu gastasse o dinheiro com meus pais em vez de com roupas. Íamos a eventos sociais juntos e ao cinema algumas vezes. Eu mostrava um rosto agradável para todo mundo, mas por dentro eu não estava feliz. Não havia motivo nenhum para estar feliz.

Depois de sairmos por uns dois meses, Schani colocou na cabeça que eu era a pessoa certa para ele e me pediu em casamento.

— Schani, você está louco... Não posso me casar com você! — Eu não sabia como sair daquela confusão.

— Por que não? Seu tio me aprova, e ele é o seu guardião enquanto você estiver longe de casa.

— Schani, você é muito legal... Gosto muito de você... — Tentei ser o mais gentil e honesta possível, sem ferir os sentimentos dele. — Gosto muito da sua companhia, mas meu coração não está com você.

— Existe outra pessoa, não é?

Assenti, mordendo o lábio por ter admitido aquilo.

— Não tive a intenção de lhe dar esperanças. De qualquer forma, isso não importa, porque nada pode resultar daquilo, mas ainda não o superei, por isso não posso amar você. Desculpe.

— Posso esperar — disse ele. — Você vai ver. Vou amá-la tanto que vou ter amor suficiente para nós dois. E para provar, vou fazer um belo casaco para você como presente de noivado, para que, quando você estiver com ele sobre o seu coração, eu possa tomar o lugar desse rapaz.

Naquela semana, recebi uma carta de meus pais dizendo que eles estavam muito felizes com minha relação com Schani, e eu sabia que tio Jacob tinha lhes informado de nosso namoro.

— Schani vai dar um bom marido — Gizzy me disse —, e ele gosta muito de você. — Havia tanta pressão da minha família para fazer o que era apropriado que, em um estado de confusão, aceitei o belo casaco cinza que Schani fez para mim e ficamos oficialmente noivos.

Era uma bela manhã de sábado no início da primavera. O ar ainda estava fresco, embora a neve se agarrasse às sombras, sem vontade de libertar seu

domínio do inverno sobre a terra. Schani e eu estávamos andando para o mercado quando de repente apareceu Andrzej vindo em nossa direção.

— Oi, Rena. — Ele tocou o chapéu em cumprimento, os olhos fixos na minha alma.

De forma previsível, meu coração começou a acelerar e meu rosto se encheu de calor. Eu queria fazer algo para lhe mostrar como eu realmente me sentia, mas não poderia reconhecer o cumprimento sem constranger Schani, meu futuro marido. Não havia nada nas regras ortodoxas ou nas tradições sobre a conduta adequada naquele tipo de situação. Eu sabia o que eu queria fazer — queria ir lá e abraçá-lo, dizer-lhe o quanto eu sentia a falta dele. Queria dizer tudo o que estava em meu coração, mas ouvi a voz de meu pai me proibindo de falar com “aquele rapaz”.

Apesar de toda a minha coragem, eu não tinha o suficiente para dizer: “Oi, Andrzej”. Não cheguei a dizer uma palavra. Ele passou por nós sem resposta, mas não ignorado.

— Não é o gentio que arriscou a vida para trazê-la aqui? — Schani interrompeu meus pensamentos.

— Sim. — Eu me virei para o outro lado.

— Esse é o rapaz que você ama, não é?

— Por que você diz isso? — perguntei com raiva.

— Rena, olhe para si mesma. Você está corada.

De repente, percebi que aquele homem não tinha malícia. “Desculpe, Schani... Sim, aquele era Andrzej.” Meus olhos se voltaram para o chão. Eu deveria ter me manifestado com orgulho e dito aquelas palavras, mas eu estava envergonhada por minha própria falta de ação.

— Por que você não vai até ele? Por que não o cumprimenta? Ele salvou sua vida.

— Eu não sabia como você ia reagir! — retruquei.

— Como assim, como eu ia reagir? Como um homem, é assim que vou reagir! Vou apertar a mão dele e agradecer por trazer você a Bardejov, onde você está segura.

— Faria isso por mim?

— Rena, eu faria qualquer coisa por você.

Apressada, olhei em volta para que eu pudesse dizer alguma coisa, qualquer coisa para Andrzej, mas ele tinha ido embora. A rua estava vazia.

— Da próxima vez, você vai nos apresentar. — Schani pegou meu braço.

— Sim, da próxima vez eu gostaria que vocês se conhecessem — respondi. E, pela primeira vez, senti uma ternura por Schani que eu sabia que algum dia poderia se tornar amor.

Para a Páscoa judaica daquele ano, mandei comida para casa, mas senti falta de me sentar à mesa do Sêder<sup>19</sup> com minha família. Apesar de tudo o que tio

Jacob e tia Regina fizeram para eu me sentir em casa, eu sentia falta demais de Mama, Papa e Danko. Era um daqueles dias de primavera pelos quais se ficava grato por estar vivo, porque o sol está quente, as flores estão desabrochando e o frio do inverno se fora. Eu estava no mercado, encontrando-me com gentios de Tylicz que conheciam minha família e à procura de produtos para mandar para casa, quando ouvi uma das minhas antigas vizinhas me cumprimentar.

— Bom dia, Rena. Você já ouviu o boato de que eles vão levar todos os judeus de Tylicz para quarenta quilômetros além da fronteira?

— Mas e meus pais? Como vou enviar comida a eles se não vão estar em Tylicz?

— Não se preocupe, Rena. É apenas um rumor.

Outra mulher bateu em meu braço.

— Você se lembra de Andrzej Garbera, não é?

— É claro que ela se lembra de Andrzej, mulher tonta. — A outra brincou com a amiga.

— Nós crescemos juntos. — Tentei agir de forma indiferente.

— Ele morreu há algumas semanas.

As palavras me atingiram com força. A terra se despedaçou debaixo de mim. Desmaiei, sem dizer uma palavra, aos pés de meus vizinhos.

Acima de mim, eu podia ouvir um homem dizer:

— Sua idiota, você não sabia que eles estavam apaixonados? Eles costumavam trocar correspondência em segredo.

Debaixo de uma névoa de inconsciência eu me perguntava como aquelas pessoas poderiam saber de algo que eu tinha mantido tão bem escondido.

Suas vozes pairaram acima de mim como se estivessem a quilômetros de distância. Estendi as mãos para eles, tentando voltar, sacudindo a cabeça, cobrindo meus olhos; eu não podia chorar ali no meio do mercado, com metade de Tylicz e Bardejov assistindo. Não havia lugar para mostrar meu sofrimento, não havia lugar para onde correr. Daquele dia em diante eu não quis mais estar na Eslováquia. Eu não queria nada além dos braços de minha mãe, da voz de meu pai.

Disse adeus a Schani e entrei em contato com Tolek, um amigo de Andrzej que também trabalhava na clandestinidade.

— Me leve para casa — eu disse a ele. — Não posso suportar mais ficar aqui. Estou cansada de ficar em segurança. — Então Tolek pegou minha mão e me trouxe para casa, para os braços de minha mãe.

Não era uma volta despreocupada e feliz para casa, mas era o que eu queria.

— Mama! Papa! — Pensei que nunca mais fosse dizer aquelas palavras preciosas novamente. Abracei-os como se eu não fosse mais soltá-los, como se seus braços pudessem espantar minha dor. De braços dados, nós entramos em nossa casa.

— Você ouviu falar sobre Andrzej? — Mama sussurrou.

Assenti, engolindo mais lágrimas.

— Sim, Mama. Eu gostaria de oferecer condolências à mãe e às irmãs dele, se a senhora e Papa não se importarem.

— É muito apropriado que você o honre assim, Rena. Deixe-me enviar um pedaço de chalá com você.

As ruas estavam enlameadas por causa da chuva. Acompanhada pelo cheiro do pão quente em meus braços, percorri o mesmo caminho pelo qual Andrzej e eu tínhamos passado juntos tantas vezes. Passando pelo vilarejo, tentei não pensar em seu rosto sorridente, seu beijo terno e doce. Engoli em seco, bati na porta e forcei um sorriso nos lábios.

A mãe dele atendeu depressa, como se estivesse ali esperando por mim.

— Sente-se, Rena. Sinta-se em casa. — A mãe dele fez um gesto para que eu pegasse uma cadeira. — Andrzej estará aqui a qualquer minuto.

Ela correu para a janela, procurando por ele.

— Ele vai ficar muito feliz em vê-la. — Retorcendo as mãos, ela olhou para a estrada lá fora. — Acho que ele gosta de você, Rena. Eu não ficaria surpresa se ele lhe pedisse em casamento um dia.

Lágrimas desceram em cascata por meu rosto quando Hania, a irmã de Andrzej, me puxou para a cozinha. Hania explicou que era melhor para sua mãe não se lembrar. Ela me disse que ocorrera uma busca feita pela guarda de fronteira com cães. Andrzej teve que subir em uma árvore e tinha se escondido lá a noite toda. Estava tão frio que ele congelou e caiu.

— Felizmente, alguns dos nossos o encontraram e o carregaram para casa, assim os nazistas, graças a Deus, nunca o capturaram — explicou Hania. — Só que ele teve pneumonia. Tentamos cuidar da sua saúde, mas seus pulmões não resistiram.

Eu estava arrasada por Andrzej. Vagando pelas ruas de Tylicz, encontrei meu caminho até o cemitério da aldeia. Um guarda alemão estava lá e me olhou feio quando parei no túmulo de Andrzej. Eu não poderia colocar nada em sua lápide, porque era contra a lei alemã que um judeu colocasse até mesmo uma pedra no túmulo de um gentio — seria considerado profanação. Eu seria fuzilada. Só pude regar as flores que já tinham sido colocadas lá com minhas lágrimas, pensando no garoto para quem eu costumava dizer “olá” no meu caminho para a escola, pensando em como não havia ninguém no mundo para segurar minha mão, nem me cumprimentar mais na colina.

Depois da morte de Andrzej, foi aprovada a lei que expulsava todos os judeus de cidades que estavam em um raio de trinta quilômetros da fronteira polonesa. Só fomos autorizados a levar conosco um pedaço de pão e uma muda de roupa por pessoa, e tivemos de deixar todos os nossos pertences, nossa casa e nossa

terra. Minha melhor amiga gentia, Frania, chorou quando minha família deixou Tylicz. Ela não podia fazer nada para nos ajudar. A única coisa boa foi que eu recebi permissão especial para trazer nossa vaca, pois meus pais eram idosos. Alugamos um quarto de um fazendeiro local e dormíamos no chão, em colchões de palha. Se eu me atrasasse para a ordenha, o fazendeiro roubava o leite da nossa vaca e fingia que ela estava seca, mas ela nunca ficava assim. Não havia muita costura para fazer naquela nova cidade. Ninguém sabia quem éramos, por isso ficaram desconfiados e fecharam seus corações para nós. Apesar de tudo, Deus ainda nos sorria. Todas as semanas, Tolek aparecia em nossa porta trazendo amêndoas da Eslováquia. Danka e eu as levávamos para o mercado em Grybów, onde poderíamos conseguir uma quantia módica vendendo-as para os judeus locais. Deus abençoe Tolek, ele insistia que ficássemos com o dinheiro para nós mesmos.

Apesar de todos esses problemas e dificuldades, eu estava simplesmente grata por nossa família estar reunida. Eu me sentia útil e sabia que nossos pais dependiam de Danka e de mim para cuidar das coisas que eles não eram mais capazes de fazer por si mesmos. Era nosso maior prazer cuidar de Mama e Papa em seus anos de velhice.

Uma noite, tínhamos apenas uma colherada de sobra de batata no prato. Papa direcionou o pouquinho de batata para Mama. Mama baixou a cabeça e sorriu docemente, depois, empurrou o prato para mim. Como Mama, abaixei a cabeça e o ofereci a Danka. Tínhamos que cuidar da pequena, afinal de contas, mas Danka não era mais tão pequena, e ela guiou a última porção de batata de volta para Papa. Nenhum de nós a tocou. Como poderíamos tirar da boca de nossos entes queridos? Aquele pedaço era pequeno demais para ser dividido em quatro, e nós não podíamos suportar tirar a comida um do outro. Preferimos passar fome. Naquela noite, meu coração estava satisfeito, o que era muito mais importante do que satisfazer meu estômago.

Florynka não era tão ruim, mas o mundo estava azedando em torno de nós e as coisas não eram como tinham sido um dia. O mercado em Grybów estava cheio de rumores — várias moças judias tinham sido estupradas por soldados alemães em uma cidade vizinha. A memória do soldado que havia invadido nosso sôto à minha procura ressurgiu em nossas vidas. Tarde da noite, Danka e eu escutamos as vozes abafadas de Mama e Papa enquanto eles discutiam nosso destino. De manhã, acordamos e vimos o rosto de Mama coberto de lágrimas. Sua voz tremia quando ela tomou nossas mãos.

— Tio Jacob não pode acolher vocês duas, por isso devem ir para a casa de sua irmã Zosia, em Bratislava. As coisas ainda são boas na Eslováquia, e ela sabe de muitas famílias judaicas ricas lá que estão cientes da situação aqui. Eles vão acolher vocês duas e lhes dar um lugar para trabalhar, onde vocês podem ficar

seguras.

— Não vou deixá-la novamente. — Eu esperava enfraquecer sua determinação.

— Sim, você vai, Rena, porque, se não fizer isso, vou para algum lugar e simplesmente morrer. Nunca quero ver minhas meninas serem estupradas.

Os argumentos secaram em minha garganta. Eu nunca tinha visto tal derrota ou desânimo nos olhos de Mama.

— E preciso que você cuide de Danka, Rena.

— Nós vamos, Mama.

De manhã, Tolek chega com um trenó.

— Vamos ter que acampar além da fronteira esta noite, porque é lua cheia, mas devemos estar perto o suficiente para a caminhada não ser muito extenuante amanhã à noite.

Seu rosto amigável é um conforto em meio a tanta estranheza. Ocorre a mim que ele não pensa em nós como judeus, mas como amigos. Pergunto-me por que o resto do mundo não pode ver as coisas do jeito que ele vê, do jeito que eu vejo.

Danka e eu abraçamos Mama com força. Ela parece muito pequena, como se estivesse encolhendo sob o peso do mundo. Meus pais sempre me pareceram eternos, mas da noite para o dia, envelheceram. Estou impressionada com a fragilidade de Mama e com os cabelos brancos de Papa.

— Talvez você e Schani se casem, afinal.

— Ele é um bom rapaz, aquele Schani. Seu Papa e eu ficaríamos felizes com um casamento. — Mama tenta aliviar os humores. Seus olhos brilham por apenas um momento. — Vocês são ótimas meninas. Estamos muito orgulhosos de vocês.

Arrumando os cobertores em torno de nossos pés e ombros, como se ainda fôssemos crianças pequenas que ela está pondo na cama, ela fala baixinho sobre fé, esperança e sobre cuidar uns dos outros. Seus olhos são tristes e gentis.

Papa nos beija na testa e faz uma oração hebraica, abençoando as filhas que não pode proteger.

Tolek grita para os pôneis para começarmos a jornada em direção à fronteira, e partimos para a Eslováquia, deixando nossos pais para trás.

Eles tropeçam pela neve profunda de dezembro, acenando adeus. O *babushka*<sup>20</sup> de Mama cai de sua cabeça. Ela coloca uma das mãos sobre a peruca, segurando-a firmemente à cabeça, enquanto a outra se mexe no ar freneticamente, como se estivesse tentando se agarrar ao último vislumbre de nós.

— Adeus, Papa!

— Adeus, Mama!

Nossas vozes gritam repetidamente em uníssono até que tudo o que nos resta são sussurros roucos.

Muito tempo depois de eles terem se tornado pequenas manchas no horizonte, nós acenamos, esperando que ainda possam nos ver. Eu sei que eles também estão acenando, esperando a mesma coisa. As silhuetas pretas de Mama e Papa recortadas contra a neve ficam gravadas em minha mente, como se eles ainda estivessem lá esperando que nós voltássemos, como se sempre estarão lá, esperando.

Lágrimas geralmente têm gosto salgado, mas as minhas eram amargas, congeladas nas laterais do meu rosto, congeladas no tempo.



Já faz mais de um ano que chegamos à Eslováquia, e meses desde que vi minhas irmãs, que vivem do outro lado do país, em Bratislava. Escrevo devagar, apreciando cada palavra como se o próprio ato da caneta sobre o papel fosse trazer minha irmã mais nova para perto de mim.

0 de março de 1942

Iummene, Eslováquia

Para Danka,

into muito a sua falta. Gostaria de poder falar com você pessoalmente, mas isso não é possível. Sei como você estava animada sobre Schani e eu finalmente nos casarmos, mas não vai mais haver casamento, afinal de contas. Com a Eslováquia agora sob essa lei marcial, não vejo como pode aver qualquer forma de sair dessa situação, a não ser me entregar às autoridades e ir para um campo de trabalho. Os Silber pensam que estou exagerando demais quando lhes digo que eles seriam fuzilados por me brigarem, mas você e eu sabemos que não estou. E eles têm sido tão gentis comigo nestes últimos meses que não posso suportar colocá-los em perigo.

tenho medo de que isso vá ser exatamente como deixar Polônia, tudo de ovo, e meu coração não vai aguentar se partir mais uma vez. Os alemães nunca vão parar de arruinar nossas vidas? Eu não quero deixá-la sozinha, mas não posso arriscar a vida de ninguém e não acho que os judeus eslovacos entendem que os alemães não estão brincando.

Por favor, tenha cuidado. Vou rezar para que as coisas estejam seguras para você em Bratislava. Mande meu amor para Zosia, e diga a Herschel e Ester que a tia Rena está mandando um grande beijo e um abraço. Sinto sua falta.

Sua irmã amorosa, Rena

Enfio a carta no envelope desejando que houvesse algo que eu pudesse enviar para proteger Danka, mas ela está do outro lado da Eslováquia e além do meu alcance. As forças que estão tomando controle de nossa vida têm acelerado como uma avalanche descendo uma montanha, e tudo o que conhecemos e amamos foi varrido em nosso caminho. Não há nada mais que eu possa fazer. Devo confiar em Deus para cuidar daqueles que deixo para trás.

Há outra carta para escrever. Esta eu realmente desejo evitar, mas não há como desviar dela. É a segunda vez que tenho de adiar meu noivado e casamento com Schani Gottlobb.

Caro Schani,

Devo lhe dizer isso sendo que o casamento é daqui a apenas duas semanas, mas não sei mais o que fazer. Vou obedecer à ordem recente, entregar-me às autoridades e ir para um campo de trabalho alemão. Por favor, entenda por que eu tenho de fazer isso e tente me perdoar. Eu já lhe disse como era a Polônia antes de eu fugir para a Eslováquia, por isso, crendice em mim quando escrevo: não tome como certo nada do que os alemães dizem. Talvez eu não tenha que trabalhar por mais do que alguns meses. Ainda não sei nada sobre o lugar para onde estou indo ou por quanto tempo. Rezo para que você respeite minha decisão. Vou escrever a você e à Danka assim que eu chegar no campo e souber mais.

Somos jovens o bastante para que, quando eu for liberta, ainda possamos começar de novo. Afinal, tenho apenas 21 anos. Não sou velha demais para você, sou? (É para ser uma piada, Schani. Não quero que você chore por causa disso.) Algum dia teremos uma boa vida e você vai se tornar um bom marido para mim, mas não agora. Espero que você possa esperar por mim uma última vez. Não sei o que esperar, mas sei que o campo de trabalho vai ser difícil. Reze para que eu não tenha que ficar lá por muito tempo. Obrigada por me amar apesar de todas as provações e dificuldades. Mande minhas melhores lembranças para tia Regina, tio Jacob, Cili e Gizzy.

Que Deus o abençoe.

Com amor, Rena

Ao dobrar minha camisola de casamento e colocá-la em uma caixa, sem esperança, eu me pergunto como meu noivo vai receber a notícia. Os sapatos novos que o sapateiro fez, o robe que o alfaiate costurou, tudo o que tenho foi embalado e, com meus sonhos, guardado.

Deixando as cartas sobre a mesa, viro-me na direção do guarda-roupa, já sabendo o que vou vestir. Meu blazer e saia xadrez verde e branco é um traje tanto quente como atraente. Quero estar na minha melhor aparência, mesmo que esteja indo para um campo de trabalho, e esta é a minha roupa mais bonita.

Danka tem um traje exatamente como esse, que um alfaiate gentil comprou para nós quando chegamos à Eslováquia no ano passado. Nunca fomos a uma loja de departamentos e, porque éramos refugiadas, ele comprou um conjunto de blazer e saia para cada uma de nós. Ganhei também lindas botas de feltro branco com um friso vermelho.

Com um par de meias quentes, calcei as botas. Servem bem e são confortáveis. Sei que vão ser boas para a viagem.

Estou muito preocupada com Mama e Papa. Onde estão eles agora? Como estão? Eles nem sequer sabem que Schani e eu estaríamos nos casando.

No Rosh Hashaná<sup>21</sup> do outono passado, o alfaiate que comprou meu conjunto sabia como eu estava preocupada, então pediu a um de seus clientes, um oficial alemão, que fizesse uma chamada para a Polônia para mim em troca de um casaco de couro. Agora todos fazem trocas.

No correio, o oficial alemão fez a chamada e me entregou o fone.

— Eu estou ligando para Sara e Chaim Kornreich — eu disse ao agente do correio em Florynka.

— Não há ninguém nesta cidade com esse nome.

— Tem certeza? — implorei. — É Florynka?

— Não há ninguém nesta cidade com o nome de Kornreich.

— Mas eles estavam aí!

— Agora não estão.

Desliguei o telefone, atônita.

— Talvez eles tenham se mudado — sugeriu o oficial.

— Mas para onde?

Ele deu de ombros.

Onde estavam Mama e Papa? Eu queria dizer a eles todo o acontecido, tudo o que estava acontecendo. Como é que eu ia fazer isso se nem sabia onde eles estavam?

Ninguém notou quando dei meia-volta para sair da agência do correio, murmurando um agradecimento. Do lado de fora havia um sol amarelo-limão e uma rua vazia. Eu estava sozinha naquele país que não era meu, meus pais estavam sozinhos no país que era meu, e estávamos a mundos de distância.

Embora eu ainda não tenha ideia de onde estavam Mama e Papa, Zosia, Danka e eu enviamos uvas-passas, matzás<sup>22</sup> e algum dinheiro para a Páscoa judaica, que seria na semana seguinte. Não sabemos se eles vão receber nossos presentes, porque a fronteira com a Polônia agora está completamente fechada, mas tínhamos de tentar.

— Sinto sua falta, Mama — murmuro o nome dela como uma oração de Sabá. Já que não posso falar com ela, simplesmente vou ter de me lembrar de tudo, para que, quando a vir novamente, eu possa lhe contar tudo o que aconteceu

desde que deixamos a Polônia, para que eu possa contar tudo o que há em meu coração.



Verifico minha aparência casualmente no espelho e faço um movimento de aprovação com a cabeça antes de pegar as cartas e o casaco que Schani me deu como presente de noivado.

A Sra. Silber foi ao mercado, por isso minha saída vai passar despercebida. Não quero que ela saiba que vou para o quartel do exército, mesmo que ela e seu marido tenham dito que vão me esconder, apesar de todas as consequências. Não posso arriscar a vida deles ou a vida de sua filha mais nova, que tem estado sob minha responsabilidade. Faço o que eu tenho de fazer. Para mim não há dúvida de que esta seja a coisa certa; meu único desejo é proteger essas pessoas gentis que me acolheram em sua casa e me trataram como um membro de sua família. Um campo de trabalho não vai ser tão ruim, especialmente se isso significa salvar a vida dos Silber. Não tenho medo de trabalho. Sei o que os alemães esperam: limpeza, prontidão, ordem. Tudo deve estar impecável.

Vai ser como trabalhar no quartel em Tylicz.

Deixo a casa dos Silber e olho para trás uma última vez para guardá-la em minha memória. Vou voltar, digo a mim mesma. Isso não vai durar para sempre.

— Bom dia — cumprimento nossa boa vizinha cristã.

— Bom dia, Rena. Você está bem, querida?

— Tenho que ir embora e tenho um favor a pedir.

Seus olhos se estreitam depressa.

— O que foi? — Todo mundo parece estar na defensiva. Tiro o anel de diamante que Mama me deu, coloco na palma dela, e dobro sua mão em volta. — Gostaria que você tomasse conta deste anel. Era de minha mãe... Você guardaria este casaco para mim também, por favor?

Seus olhos se alternam entre descrença e desejo por aquelas coisas belas.

— São valiosos. Você não vai precisar deles?

De repente, ocorre-me que eu nunca mais vou ver aqueles objetos. Não consigo falar. Coloco o casaco nos braços dela com rapidez antes que eu possa mudar de ideia e tento me afastar antes que ela possa me ver chorar.

— Quem quer que tenha feito isso para você deve amá-la muito. — Ela toca o barrado de pele de castor com admiração.

— Receio que seja verdade. — Não quero dizer adeus aos nossos vizinhos, aos meus amigos, à minha irmã, ou a qualquer um, nunca mais. Dizer adeus ao anel

de diamante da minha mãe é doloroso o suficiente. Será uma bênção se eu nunca mais fizer um aceno de despedida para outra pessoa nesta vida. Mantenho a cabeça voltada para o chão, recusando-me a olhar para trás.

Parada por um momento no centro de Hummene, penso sobre como é um lugar agradável e como as pessoas foram gentis comigo. A Eslováquia não foi um mau lugar para se viver; embora o ano tenha sido repleto de provas e saudades de casa, houve felicidade aqui. Posto minhas cartas e caminho resolutamente em direção ao quartel. Erna está ali na minha frente. Dina vai arriscar e se esconder. Damos as mãos e ficamos na fila juntas, com esperanças de que Dina fique em segurança. Ela é corajosa para não se entregar, mas estamos todas em situação ilegal neste país. Não sei onde me esconder ou o que mais fazer a não ser me entregar.

Erna dá um passo à frente, mas oferece seu apelido, Etela. E, em seguida, é a minha vez.

— Nome?

— Rifka Kornreich. — Também uso meu apelido.

— Nacionalidade?

— Polonesa.

Ele sorri como se compartilhasse uma piada secreta com o oficial ao lado dele.

— Você tem mais família escondida aqui na Eslováquia?

— Estou noiva de um cidadão eslovaco, isso muda minha condição?

— Não, a menos que queira que ele se junte a você.

Sinto um calafrio repentino.

— Não quero que ele se junte a mim.

— Espere do lado de fora esta noite. — Sou dispensada.

— E as minhas coisas?

— Amanhã alguém vai buscá-la para pegar suas coisas.

Por um momento, desejo que tivesse meu casaco. A pele quente iria afastar o frio do meu pescoço. Gostaria de saber se meu anel e meu casaco estão em segurança. E se eu também estou.

Há outras moças judias sentadas ao meu lado. Tremendo, encostada nas paredes do quartel com nada além de meu conjunto de lã, uso meus braços para me abraçar e me inclino junto de Erna. As luzes ao redor do quartel são cruelmente brilhantes, mas sem derramar calor algum sobre nós que estamos na fila. Vai ser uma noite hostil.

Os eventos que me abandonaram neste lugar perturbam minha mente. Tudo se move mais rápido do que o normal, como se eu estivesse relacionando o que deve ser preservado na memória e o que deve ser descartado.

Dobro os joelhos debaixo da minha saia para me esquentar. Meu estômago ronca — como eu adoraria um pedaço de chalá. O cheiro forte de ovo penetra

meus sentidos. Há algo muito reconfortante no aroma de pão fresco. Farejo o ar, mas não consigo afirmar se o cheiro é real ou imaginário e não me importo. Girando um bocado imaginário sobre a minha língua, sentindo o cheiro de dentro da minha boca, lentamente permito que sua delícia me aqueça de dentro para fora. Lembro-me de Mama sovando a massa, preparando a refeição do Sabá. Será que Mama está sovando massa em algum lugar da Polônia?

À procura de um lugar para descansar minha mente cansada, fecho os olhos com força, tentando enxergar o rosto de Mama em nossa cozinha. Como espíritos benevolentes, evoco os cheiros, os sons da casa.

Ali está Mama, pedindo-me para trazer mais lenha para a fogueira. Ali está a fumaça do cachimbo de Papa, flutuando na sala onde ele estuda os textos. Como se fossem dedos, os picos das montanhas que cercam Tylicz me puxam para seu abraço. Fico à deriva entre sonho e vigília até que estou correndo com os pés descalços por todo o campo, chamada pelas vozes do meu passado.

*Rena!*

Fugindo para o mundo dos sonhos, vejo Mama em pé na porta da nossa casa com seu lampião aceso, vigiando-me, chamando meu nome.

*Rena!*

A grama está molhada e fria, aparecendo por entre meus dedos. Corro colina abaixo em direção à minha casa.

“Estou indo, Mama”, respondo à sua luz oscilante. Mas a chama suave e tremeluzente do lampião se transforma em um brilho ofuscante que queima meus olhos.

Desorientada e com frio, saio de meu estupor com um estremecimento. Holofotes percorrem nossos corpos inquietos. Não foi nada além de um sonho. Sinto-me cansada e deprimida, dominada pela estranheza de meus arredores. Minha mente pega as imagens de meu passado e começa a acená-las pelo meu subconsciente. Quando todo o resto mudou, nosso único conforto está no que é, e no que era, familiar.

*Rena!*

Juro que estou ouvindo a voz de Mama chamar. Com cautela, cochilo mais uma vez, apenas para ser assustada várias vezes pelo brilho dos holofotes intrusivos que oscilam por todo o complexo. É uma noite em claro.

Meus olhos podem se fechar, minha respiração pode ficar mais lenta, minha mente pode ter uma luz difusa como a imagem de um filme, mas não fujo para o sono doce. Fui capturada.

Há algo no frio do amanhecer que chega até os ossos. É quase como se todo o calor do mundo estivesse sendo sugado para dentro de um aspirador e arrancado da terra. Meu queixo dói quando bocejo. Brinco com minha saia xadrez. Como uma onda que recua da costa, o passado me deixa solitária e desamparada.

Os soldados despertam aqueles que não estão acordados. Fico alerta, tremendo em protesto contra o despertar rude, depois aliso minha saia sobre minhas pernas. Hoje quero estar com minha melhor aparência. É importante causar uma boa primeira impressão.

— Em fila! Aqueles que precisarem voltar para suas residências serão levados para pegar suas coisas. Em fila!

Corro para a fila para recuperar os poucos pertences que me restam na casa dos Silber. Como prisioneiros, andamos pela cidade com um oficial de cada lado do nosso grupo lamentável. Minha cabeça está baixa, na esperança de evitar ser reconhecida. Não sei por que me sinto tão envergonhada, mas me sinto.

A Sra. Silber está na cozinha, preparando chalá, quando os guardas batem em sua porta.

— Esta judia se entregou e veio buscar seus pertences. — Eles entram na cozinha sem serem convidados. Corro para o andar de cima, incapaz de olhar nos olhos de minha anfitriã. O aroma da cozinha é tão pungente que chego a vacilar sob uma súbita explosão de fome. Em questão de segundos, estou com minha mala no andar de baixo.

A Sra. Silber desliza um pão e algumas laranjas para dentro de minha bolsa.

Não há tempo para despedidas educadas. Mal trocamos um beijo de adeus.

De volta à estação de trem, há mais moças na fila. Algumas têm a minha idade. Algumas são muito mais jovens. Vejo moças do templo. O que estão fazendo aqui? O que estou fazendo aqui? Era para eu estar me casando, não indo para um campo de trabalho forçado. Tenho que me lembrar de que estou fazendo a coisa certa, mas a realidade não é um conforto. Então vejo Dina.

O rosto de Dina está pálido. Ela foi presa. Nós nos abraçamos.

Olhando à nossa volta, é claro que nem todas as moças na estação são polonesas ilegais. A maioria delas é eslovaca e tem familiares se despedindo com beijos e abraços. O que está acontecendo? Pensei que estávamos em apuros por sermos ilegais. Por que tantas moças eslovacas também estão sendo mandadas embora? O que estão fazendo aqui?

Rumores de que há moças judias sendo enviadas hoje para campos de trabalhos se espalharam depressa pela cidade de Hummene. Nosso povo grita encorajamentos junto dos portões da estação e atiram laranjas para nós que estamos embarcando no trem. Pego algumas e as coloco em minha bolsa. Por um momento, passo os olhos pela multidão, procurando um rosto familiar. O rabino está ali, acenando para sua filha, Adela Gross. A filha do rabino está indo para um campo de trabalho? Não sei se eu deveria estar triste ou feliz por não haver ninguém da minha família acenando para mim.

Quando pensamos em uma viagem de trem, imaginamos bancos ou, pelo menos, lugares ou, se a pessoa tem um pouco de dinheiro, talvez uma cabine. É óbvio, porém, que os vagões onde estão nos colocando são para animais —

vagões de gado, para ser exata.

— Onde é que vamos sentar? — As moças em volta de mim expressam sua indignação. — Este não é um trem para pessoas! — Ninguém está escutando, pois há oitenta de nós amontoadas dentro do vagão. É um espaço apenas para ficarmos em pé. Pisamos nos pés umas das outras, pedimos desculpas, e então pisamos em outra pessoa.

Há um murmúrio constante de consternação a respeito de nossa situação ruim. A mulher ao meu lado está amamentando seu bebê. Ela não é judia; é comunista.

— Gostaria de uma laranja? — pergunto.

— Eu não sabia que precisava levar alimentos ou roupas — diz ela em eslovaco. Corto um pedaço de chalá e coloco um pedaço de chocolate precioso em suas mãos.

— Deus a abençoe, Deus a abençoe. — Sua voz falha.

O trem começa a se movimentar com um solavanco. Não há nada para nos encostarmos, apenas umas às outras.

Quando o trem para, estamos em outra cidade, e depois em outra: Presov, Kysak, Poprad. Em cada estação há mais moças enfileiradas, que são carregadas em mais vagões de gado. Há mais pessoas acenando, gritando e querendo saber o que vai acontecer com suas filhas. E depois não há nenhuma cidade por um longo tempo.

Existe um balde que é para ser o banheiro. Horas se passam antes que uma moça envergonhada tenha de usar “as instalações”. A irmã dela segura seu casaco como cortina enquanto ela tenta se agachar sobre pernas trêmulas.

— Sinto muito — ela pede desculpas. — Não consegui segurar por mais tempo. — Algumas moças ficam chocadas, mas cedo ou tarde todas devem segui-la ou se sujar. Tornou-se evidente que essa não será uma viagem curta e, antes do fim do dia, poças de excrementos transbordam.

Esperamos que alguém venha despejar nosso lixo para nós. Toda vez que o trem para, as mais próximas à porta batem contra a indiferença deles, gritando:

— Abra a porta! O cheiro está nos matando!

Ninguém responde aos nossos gritos. O trem se move novamente. Não existe alívio.

Um gemido tênue se ergue da barriga de uma moça. Meus ossos ressoam com sua voz. Olhando fixo para a boca dela, fico admirada com a forma como tais sons de dor e tristeza podem emanar de um lugar tão pequeno. Ela está histérica. Ofegante com o pânico. Choramíngando. *Lamentações*. Nossa fé vacila diante de nós.

São dias ou horas?

O trem para. A porta se abre. Por apenas uma fração de segundo, adagas de luz nos cegam. Como animais selvagens capturados pela lanterna de um

fazendeiro, ficamos paralisadas, imóveis e em estado de choque. O ar satura nossos pulmões. Nós nos esquecemos de como são os cheiros frescos — suaves e doces; não acres, como o vagão se tornou.

— Joguem fora seus lixos! — As ordens são imunes à nossa dor.

A porta se fecha com uma batida muito rapidamente, decependo o mundo exterior de nossos sentidos. Agora que temos algo com que comparar, o espaço é mais sufocante do que antes. O trem continua sua jornada sem fim.

Esta viagem é um borrão em minha mente. Não tenho ideia se foram três ou cinco dias atrás que escrevi minhas cartas a Danka e a Schani. Começo a desejar poder mudar de ideia e me esconder. Gostaria de poder enviar uma carta a Danka e alertá-la. Cometi um erro terrível. Não posso pensar nisso. Não há como voltar atrás.

Não há mais comida para beliscar. Nunca houve nenhuma água para beber. Nada é deixado para aliviar as úlceras crescentes em nosso estômago.

Eles ainda não se tornaram especialistas em transporte de humanos. As paradas são tantas que eu desisto de tentar contá-las, reservando minha energia para coisas mais importantes. Minha mente está tão pesada quanto areia molhada peneirada por uma rede de torpor inconsciente. Não penso em nada.

A mulher alimenta o bebê. Vozes ao meu redor compartilham histórias. Não tenho nada para compartilhar. É como se eu estivesse em um túnel sem luz no final e nada para deter o ataque da escuridão. Os rostos ao meu redor mudaram ao longo dos dias e agora ninguém mais está longe de perder o controle de sua mente.

É como se o mundo tivesse sido despojado de todas as cores e as únicas cores no espectro fossem preto, cinza e o branco das minhas botas. Neste vagão úmido e fétido, determino o que devo fazer para sobreviver. Tudo o que me faz lembrar do que um dia foi — minha infância, meu passado, minha vida — deve ser guardado nos recessos do inconsciente, onde pode permanecer seguro e livre de ser molestado. A única realidade é o agora.

Nada mais pode importar.



Em algum lugar no lapso de tempo, ouço alguém dizer:

— Tem alguma polonesa aqui? — Não respondo de início. É preciso tempo para registrar o que os meus ouvidos ouviram. Olhando pelo compartimento sombrio de estranhas, eu me lembro.

— Somos polonasas. — Erna e Dina se inclinam uma na outra e mal confirmam com a cabeça.

— Conseguem ler as placas pelas quais estamos passando? — As moças mais altas em nosso vagão me levantam para que eu possa ver as placas ao longo dos trilhos pela janela gradeada muito acima de nossas cabeças.

O vento chicoteia em meus olhos. Pisco para afastar a dor quando reconheço minha língua materna, minha terra natal.

— Estamos na Polônia — digo do alto de suas cabeças.

— Onde estão nos levando? — Especulações e teorias são discutidas, mas, principalmente, há apenas mais perguntas.

— O que eles estão fazendo? — Nossas vozes congelam no ar.

Então não há nada além do som de rodas contra os trilhos, trilhos contra as rodas; até mesmo o bebê parou de chorar.

Sêder de Pêssach: O jantar cerimonial que celebra a Páscoa judaica. Nesse dia é recordada a história do Êxodo e a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. (N. T.)

Lenço de cabeça. (N. T.)

Ano novo judaico. (N. T.)

Pão sem fermento. (N. T.)

Nasci de uma pedra?  
Uma mãe não me carregou?  
Se me cortar eu não sangro?

— DE UMA CANÇÃO EM IÍDICHE, CANTADA POR MAMA

Os freios guincham com tanta força que sabemos por instinto que nossa viagem terminou. As portas são empurradas e abertas para uma névoa acinzentada fosca. Piscamos quando a luz faz nossos olhos arderem. A placa diz AUSCHWITZ.

— Saíam do vagão — ordenam os alemães. Mudamos de olhares inexpressivos para a atividade de recolhermos nossos pertences.

— Vão depressa! — Homens de bonés listrados e uniformes nos incitam com bastões, sussurrando baixinho: — Movam-se depressa. Não queremos machucá-las. — Os guardas da SS apontam as armas, forçando aqueles pobres prisioneiros a bater em nós para saltarmos do vagão. E saltamos, meio mortos, com nossa bagagem, se tivemos alguma.

É mais de um metro até o chão. Meus joelhos, com câimbras depois de ter ficado parada por tanto tempo, parecem que vão quebrar quando chego ao solo. Viro-me para ajudar a mulher com o bebê. Uma vara bate no meu ombro.

— Vá rápido.

Olho nos olhos que pertencem à voz, mas só há buracos negros ociosos que olham fixamente para o meu rosto.

— Entre na fila! — As ordens são bruscas, pontuadas por chicotes contra botas de couro brilhantes.

— Joguem suas malas ali — gritam os SS.

Coloco a minha em pé, arrumadinha, ao lado da pilha crescente, depois me viro para perguntar a um dos guardas da SS:

— Como vamos encontrar nossas malas depois? — Penso que sou um ser humano, portanto tenho o direito de perguntar.

— Entre na fila e cale a boca! — ele grita no meu rosto, apontando a arma para mim. Os pelos na minha pele ficam eriçados. Ele não vê que sou humana.

Há um odor que não consigo identificar. Não é de dejetos humanos ou de moças que não tomam banho há dias, embora esses cheiros também sejam predominantes. É o cheiro de medo que permeia o ar em volta de mim.

Está em toda parte, nos olhos das moças e mulheres ao meu redor, em nossas roupas e em nosso suor.

O bebê não está mais vivo, mas sua mãe não percebe que o ser em seus braços está mole. Seu aperto desesperado ao cadáver me assusta. Coisas demais estão acontecendo. Tudo é tão apressado, tão fortuito, que não há como extrair sentido da situação. Olho em meio à multidão em busca de um direcionamento, de que alguém me diga por que estamos aqui e o que vai nos acontecer. Eu o vejo.

Ele está diante de nós, superior e seráfico, tomando o controle, direcionando-nos a seguir por um caminho ou por outro. Ele está muito impecável e refinado em seu uniforme cinza; ele é lindo. Sorrio para seus olhos azuis, esperando que ele veja quem sou.

— Quer abrir mão da criança? — ele pergunta à mulher com o bebê morto.

— Não. — Ela sacode a cabeça freneticamente.

— Vá para lá — diz ele.

Que gentil da parte dele não lhe chamar a atenção para o fato de que seu filho está morto, penso comigo mesma. Que gentil da parte dele colocá-la de lado.

Aqui há loucura. Minha mente começa a girar. Lutando para me concentrar em algo, em qualquer coisa, para me impedir de gritar, olho para o homem de cinza. Ele é tão impressionante que tenho certeza de que também deve mostrar consideração. Suas ordens são sempre obedecidas. Os SS em volta de nós respondem a ele depressa com deferência:

— *Heil, Hitler!*

Observo o procedimento com quase fascínio antes de me perder na neblina onde nada precisa fazer sentido. Não estou sonhando acordada; isso é um choque elétrico. Há uma mancha na minha bota esquerda. Cuspo em minha mão e me inclino para limpá-la. Está branca novamente.

— Em fila! Formem fileiras de cinco! *Raus! Raus!*<sup>23</sup> — Os prisioneiros nos cutucam com as varas. Os SS apontam suas armas para nós. Somos civis, não estamos familiarizadas com o treinamento militar. Nós nos alinhamos de forma desajeitada. — Marchem! Mantenham-se nas fileiras! Se saírem da linha, vão ser fuziladas! Marchem!

Novacentos e noventa e oito moças e mulheres caminham em tempo quase perfeito, em fileiras quase perfeitas de cinco, através dos portões de ferro de Auschwitz. Acima de nossas cabeças, soldadas em ferro, estão as palavras ARBEIT MACHT FREI, e acreditamos que a placa diz: “O trabalho liberta”.

— Somos jovens — nós nos lembramos. — Vamos trabalhar duro e seremos libertas. Vamos ver o que acontece. — Mas, por fora, caminhamos como se estivéssemos condenadas. Está chovendo, gelado como a chuva de março. Estamos perdidas em pensamento, mas está frio demais para pensarmos muito. Em todos os lugares há cinza. Meu coração está ficando cinzento.



Há homens ao longo de cercas de arame farpado, em blusas listradas, bonés e calças, observando-nos.<sup>24</sup> Seus olhos não refletem nada. Penso comigo mesma, isso deve ser um manicômio, mas por que eles fazem os doentes mentais trabalharem? Não é justo.

Não compreendo meus arredores. Fico pensando: fui bem-criada, bem-educada, bem-vestida. Estava com uma aparência muito boa quando fui para o quartel na Eslováquia, vestindo meu conjunto bonito, embora ele não pareça tão bonito agora. Ainda assim, minhas botas brancas estão bonitas e impecáveis, porque cuidei para não pisar em lama nenhuma. Ao entrar por esses portões, esqueço minha determinação e penso por um momento sobre quem eu era em casa. Sou uma pessoa distinta. Não deveria estar aqui. Sou diferente. Venho de uma boa família. O desejo de me enrolar em um cobertor quente, feito de memórias passadas, permeia meu esforço de acompanhar o passo. *Esqueça isso agora, Rena*, repreendo minha fraqueza. Isso é história. Olho para os metros de arame farpado ao nosso redor. Esta é a realidade.

— Alto! — Paramos no lugar, complacentes e obedientes sob os rifles e torres de observação em torno de nós. Há fileiras de prédios de tijolos percorrendo a lateral da estrada do campo, a *Laggerstrasse*, e um muro alto com arame farpado. Fomos forçadas a formarmos uma fila para entrarmos no primeiro bloco. O tempo passa. Foram horas ou foram dias? Estou em algum lugar no final dessa fila quando pessoas começam a sair do outro lado, sem cabelo na cabeça.

Inclino-me para Erna, que está em pé ao meu lado, e sussurro: — Há mais gente louca. Devemos estar em uma instituição para loucos. — Ela e Dina concordam com a cabeça.

— Piri! Sou eu! — Uma louca careca grita para uma das moças por perto.

— Magda? É você? O que aconteceu com seu cabelo? — Piri grita de volta.

— Não faça perguntas. — Sua cabeça careca olha em volta para ver se há alguém ouvindo. — Se você tiver joias, enfie-as na lama.

Olho para o relógio em meu pulso. Ainda posso ouvir Erna, Dina e Danka rindo comigo enquanto corremos pelas ruas em direção à agência de correio em Tylicz, onde recebi um telefonema.

— Rena tem um namorado! — cantarolam. — Rena tem um namorado!

— Gostou do relógio que lhe dei? — meu namorado pergunta com a voz entrecortada pelo telefone.

— Amei — respondo num flerte. — Nunca vou tirá-lo.

— Bem, é melhor tirar se você for nadar ou tomar banho — ele flertou de

volta.

Quebrando minha promessa tola, arranco a pulseira de meu pulso.

Vocês não podem ficar com as minhas memórias! Não podem ficar com qualquer coisa minha! Enterrando-o na lama com meu calcanhar, sujando minhas preciosas botas brancas de feltro, esmago meu relógio em mil pedaços.

A porta para o Bloco Um assoma diante de nós. No interior, o desconhecido está acontecendo. Podemos ver as moças e mulheres que saem, mas dizemos a nós mesmas que não vamos ficar diferentes quando sairmos desse lugar. Cravando minhas unhas em minhas mãos, rezo para ser a única moça a sair com cabelo. Então estou dentro do bloco.

Aturdida, ando até a primeira mesa, como acabei de ver Erna fazer.

— O que você é? — pergunta uma mulher alemã.

— Polonesa — respondo.

Ela resmunga e escreve minhas informações. Não me pergunta qual é minha raça,<sup>25</sup> e não ofereço o fato de que também sou judia. Todas nós somos judias, exceto pela mulher comunista. Fico intrigada com a roupa da mulher alemã. Ela não é da SS. Ela é alemã pura, porém, definitivamente *Reichdeutsche*,<sup>26</sup> mas está usando um triângulo com um número sobre ele. Ocorre-me que ela pode ser uma prisioneira.<sup>27</sup>

— Duas coroas de ouro — ela anuncia.

Minha mente dispara. Por que iriam fazer uma anotação sobre meus dentes?

Ai, meu Deus, eles vão pegar minhas coroas e vou ficar feia. Vou para a segunda mesa, puxando meu lábio superior sobre os dentes, inclinando a cabeça um pouco para baixo apenas para que ninguém perceba o dinheiro em minha boca.

— Tire esses brincos — a mulher alemã seguinte grita para mim.

Olho em volta, perguntando-me com quem estão falando em um tom de voz tão rude.

— Você aí! Tire esses brincos ou vou arrancá-los da sua orelha! — Eu? — Fico atônita. Tocando meus lobos cautelosamente, percebo meu erro. Os brincos que meu avô Zayde me deu quando fiz seis anos estão brilhando debaixo de meus cachos. Faz tanto tempo que os uso que não são mais joias, são parte de mim.

— Esqueci-me deles — digo a ela depressa, colocando o último remanescente da minha vida em uma mesa fria, para ser jogado em uma caixa com o passado de todos os outros.

— Tire as roupas e as deixe aqui. — Elas pegam meu conjunto antes que eu tenha a chance de dobrá-lo com cuidado ou colocá-lo em um canto seguro para ser recuperado mais tarde.

— *Raus! Raus!*

Seguimos adiante às pressas. Nunca estivemos nuas na frente de estranhos antes. Tentando nos cobrir com nossas mãos, olhamos para o chão, esperando que isso proteja nossos pudores. Insensível à nossa nudez, eles nos enfiam em uma banheira de desinfetante.

— Elas são imundas. Não toque nelas. — Suas vozes ardem tanto quanto a solução em nossa pele nua. Ficamos por vários minutos com vergonha de olhar umas para as outras, fitando o líquido verde que parece que vai carcomer a pele de nossos corpos.

— Saiam! Saiam! — Ordens, mais ordens. As palavras dos guardas pulam em nosso cérebro, desalojando o pensamento livre, exilando-o para as regiões mais profundas da sanidade. Não há toalhas para secar nossos corpos trêmulos. Nossas roupas não estão esperando por nós, mas a fila está. Nossa vida se tornou uma longa fila, movendo-se lentamente de um horror para outro.

Seguram-me pela cabeça e me empurram abruptamente para uma cadeira. O xingamento de tesouras elétricas se aproxima de meus ouvidos quando uma mão dura empurra minha cabeça para frente.

— Não se mexa! — falam comigo de modo rude, sou manuseada como se minha pele fosse lixa. Correndo da minha nuca à minha testa, as podadeiras cortam e raspam minha pele, arrancando os cabelos da minha cabeça. Cravo as unhas mais fundo em meu braço e tento evitar que lágrimas caiam pelo meu rosto desinfetado. Só as mulheres casadas raspam a cabeça. Nossas tradições e nossas crenças são desprezadas e ridicularizadas pelos atos que eles praticam.

Eles raspam nossa cabeça, nossos braços; até mesmo nossos pelos pubianos são descartados tão rápida e cruelmente como o resto de cabelo em nossos corpos. Somos tosquiadas como ovelhas, e então ordenam que voltemos para o tanque de desinfetante.

Minha carne arde como fogo. Gostaria de saber se vou pegar meu blazer e minha saia de volta, agora que o suplício acabou. Não há possibilidade de fazerem mais nada. O que mais podem fazer?

Uma moça grita.

Há uma longa mesa perto de onde um oficial está em pé. Ele usa luvas de borracha e há outros dois homens segurando a moça. Ouço-a gritar novamente. Não tenho ideia alguma do que ele está fazendo, mas sei que não quero que faça aquilo comigo. Há duas filas: esta em que estou nos leva à mesa do homem de luvas, e a outra vai na direção oposta. O sangue escorre nas coxas da menina-mulher que vem do homem e suas luvas. Levo apenas um segundo para ponderar as consequências da ação em face das consequências da inação — giro depressa e entro na outra fila. É meu primeiro sucesso em Auschwitz: ninguém me faz um exame ginecológico.

As alemãs prisioneiras, que obviamente são nossas superiores, atiram

uniformes de lã para nós. Há insígnias russas na parte da frente dos uniformes, na altura do peito. Nós os pegamos com mãos desajeitadas e os experimentamos, descobrindo depressa que são grandes demais para a maioria das mulheres usar. Há uma mulher alta ao meu lado, cujas calças são curtas demais.

— Aqui, tente a minha — sugiro. Trocamos. À nossa volta, outras mulheres fazem o mesmo, tentando encontrar algo que não fique caindo. Hesito em vestir a calça sobre meu corpo, sem roupa de baixo. Cheiro minha camisa de lã verde-escura e fico nauseada pela umidade do tecido. Não há botões para fechar a camisa, mas há buracos, riscos marrom-avermelhados e manchas. — Eles nem sequer lavaram essas roupas! — observo. Toco uma mancha de terra e me pergunto se posso esfregá-la mais tarde. Mas não é lama. É pegajoso. Tem cheiro doce. Meu estômago revira. Fico olhando para as mulheres em torno de mim que já estão vestidas. Ainda úmidas do desinfetante, elas se sentem simplesmente agradecidas por terem algo que colocar sobre o corpo. Assim como eu, elas não notam de pronto, preferindo pensar que o pano foi devorado por traças em vez de balas. Elas não veem que as faixas de sujeira não são de terra e lama, mas de sangue. Somos como cordeiros sendo levados para o abate, seguindo umas às outras porque não sabemos o que mais fazer. Apesar do cheiro agriado de sangue seco e da lã que pinica meus mamilos, com pudor visto a camisa sobre meu peito. O que acontecerá em seguida?

Na última sala há uma pilha de placas de madeira com tiras de couro na parte de cima. Era para serem sapatos. Mais uma vez, tentamos ajudar umas às outras a encontrar os pares corretos, mas eles não foram feitos em pares. Nem sequer foram feitos para humanos. Esforço-me para sair do bloco para a estrada do campo e tomo minha posição. Ficamos em fileiras de cinco — carecas, praticamente descalças e vestindo uniformes de homens mortos. Começa a chover.

— Em fila! — As ordens militares são repetitivas, mundanas. Não somos capazes de nada, a não ser obedecer às ordens. — Marchem! — Com uma das mãos segurando a camisa fedida perto do meu corpo e com a outra segurando as calças que dançam abaixo de meus quadris, ainda imbuída de uma falsa sensação de pudor, eu marcho.

Batemos nossos pés de modo desajeitado, tentando não tropeçar ou perder nossas sandálias.

Passamos os quatro primeiros blocos antes de virarmos no Bloco Cinco.

Estamos tão ocupadas tentando não perder nossa roupa que não notamos o quarto para onde somos levadas até que a porta se fecha com uma pancada e as travas são passadas do outro lado. Aprisionadas. Estamos quase em cima umas das outras sobre palha ensanguentada. Percevejos saltam, tornando nossos corpos pretos.

Seguramos nossas roupas sobre o rosto; eles saltam sobre nossas cabeças nuas,

nossas mãos, por toda parte de pele exposta. Na palha, piolhos rastejam famintos entre nossos dedos.

Ficamos em silêncio por tempo demais. De repente, há uma onda de dissensão. Corremos para a porta, batemos e batemos.

— Deixem-nos sair! Deixem-nos sair! — Com as duas mãos, batemos nas paredes que nos aprisionam. — Não pode ser! — gritam as vozes ao redor de mim. — Por favor, nos deixem sair. Não fizemos nada de errado. Só pode ser um erro. Ajudem!

Não há nada além de angústia em volta de nós. Ficamos revoltadas tarde demais. Não é por acaso. Juntando-me à massa de moças e mulheres traídas, bato contra o carvalho da injustiça. Supera o pensamento. Qualquer coisa é melhor do que enfrentar os fatos no chão e sob nossos pés.

Estou cansada de ser vigilante. Estou cansada de ver o sol nascer em desespero. As moças e mulheres ao meu redor espelham meus pensamentos; meu rosto deve parecer tão fadado ao fim quanto o delas. A imundice, o cheiro, os sons de cães de guarda latindo ao longe — é demais. Passo a noite inteira agachada no chão, exausta, mas alerta. Não houve água por dias, nem comida, nem uma gota de nada. Não pego no sono, mas muitas, sim. Deixando-se levar pela inconsciência, elas desabam no chão, não mais capazes de sentir as picadas torturantes desses insetos terríveis.

A porta do Bloco Cinco abre às quatro da manhã, e ainda estou onde me deixaram, de olhos arregalados e desperta. Todas, exceto uma, cambaleiam para entrar na fila e marcham para a contagem. Ela não se move quando o guarda a chuta. Nunca mais vai se mover.<sup>28</sup>

Ficamos em silêncio, sendo contadas, incapazes de sair de nossas organizadas fileiras de cinco. Não viro a cabeça. Não mudo meus pés de lugar. Quero coçar as mordidas e onde a lâ irrita minha pele nua. Meu polegar se contrai contra minha perna; é o único movimento que me permito fazer.

Eles nos dividem igualmente em dois grupos diferentes. Recebemos uma tigela para o nosso chá, mas não há o suficiente para passar para todas; algumas pessoas compartilham as suas, mas logo há discussões e algumas tigelas desaparecem. É final da manhã quando enfim recebemos um pouco de algo parecido com chá, um pedaço de pão e um pouquinho de margarina, que eles passam na palma de nossa mão aberta. Noto que todas devoram a comida depressa, depressa demais para seus estômagos encolhidos. Algumas entram na fila de novo, esperando mais, mas não é possível repetir. Elas apanham por serem tão presunçosas. Mastigo meu pão, espalhando lentamente a margarina como se eu estivesse em um jantar de verdade. Meu chá tem gosto estranho, mas não me importo. Saboreio lentamente, me forçando a fazer durar, dizendo ao meu corpo que ele está satisfeito e que é comida suficiente.

No primeiro dia limpamos o interior do Bloco Dez. Nos movemos em transe,

mantenho minha camisa fechada e tento manter minhas calças no lugar enquanto tiro o pó, varro e lavo. Realizamos nossos deveres calmamente. Sou apenas grata por receber permissão de sair do bloco, com todos seus piolhos e insetos. Há pouco mais a fazer além de assistir e aprender. Os alemães são desorganizados. Noto imediatamente, mas isso não significa nada — organizados ou não, estamos à mercê deles.

Parada perto da grade, fico dividida entre rezar para que eu não veja Danka aqui e rezar para que nos encontremos se ela tiver que acabar aqui. Pergunto-me se ela vai me reconhecer. Pergunto-me se vou reconhecê-la. Perdido em uma maré crescente de desespero, meu coração tem uma última esperança de que Danka irá se esconder na Eslováquia.

Meus ossos me dizem que ela estará aqui depressa demais.

Do outro lado do complexo, vejo minhas adoráveis botas brancas com seu detalhe vermelho nos pés de uma mulher da SS. Quero dizer algo, pegá-las dela e colocá-las em meus próprios pés. Tento controlar o impulso de tomar de volta o que é meu e me forço a retornar ao bloco.

— Em fila! Em fila! — Formamos fileiras organizadas de cinco. O sol afunda no oeste enquanto mil de nós somos contadas.

Um muro de concreto divide o campo. Os blocos dos homens ficam do outro lado dessa parede, mas, a partir do segundo andar dos blocos podemos ver uns aos outros através do arame farpado. Na escuridão que se aproxima fico em frente à janela do andar de cima olhando para os mesmos homens que vi no dia anterior. Pelo menos parecem ser os mesmos. Cada um dos blocos em Auschwitz tem janelas na frente, e do segundo piso, podemos abri-las e falar com os homens do outro lado do muro. Eles estão famintos, ansiosos para ouvir notícias do mundo exterior e para fazer amizade conosco.

Vou até a janela e cuspo em minha mão. O reflexo é escuro e opaco, mas fico esfregando a sujeira do meu rosto, borrando as manchas que as lágrimas deixaram em minha pele, para que eles não saibam que me fizeram chorar. Esfrego meu couro cabeludo como se tivesse cabelo para pentear. É um gesto inútil, mas reconfortante, lembrar-me da mão de Mama escovando meu cabelo para trás. Dispenso esses pensamentos rapidamente; só há uma coisa a lembrar: nada de lembranças do passado. Meu reflexo na janela pisca para afastar as lágrimas. Quero bradar e bufar, mas só consigo olhar para a imagem diante dos meus olhos. O que eles fizeram conosco? Quem é essa pessoa que olha para mim? Os homens no campo já não parecem mais insanos. Eles se parecem comigo.

— Alguém é polonês aí? — pergunta um homem do outro lado do muro.

— Eu sou — respondo.

— Posso ajudá-la? — pergunta ele.

— Eu gostaria de uma corda para segurar as calças, e um prego. — Isso é chamado de organização. Na verdade, é pedir esmola, mas organização é mais apropriado quando se consideram nossas circunstâncias e quanto é perigoso ter qualquer coisa extra.

— Corra até lá embaixo. Vou jogar alguma coisa. — É meu primeiro pacote de caridade e, com agradecida admiração, pego uma corda com um prego, enrolada firmemente em torno de uma pedra.

Passo o resto da noite tentando cortar a corda em quatro pedaços, para que Erna e Dina também possam impedir que suas calças caiam.

Não demoro muito para descobrir que ter recursos é tão precioso quanto ter comida neste lugar, e nada passa debaixo dos meus pés sem ser notado ou avaliado de acordo com seu potencial. Com uma pedra, consigo martelar o prego no aro de metal da minha tigela, então enfio um dos pedaços da corda — meu novo cinto — através do buraco.

Para manter a camisa fechada, coloco-a por dentro das calças e amarro o cinto apertado em volta da cintura. É assim que é. Minha vida depende dessa tigela preciosa da qual posso beber e me lavar. Trabalho com ela.

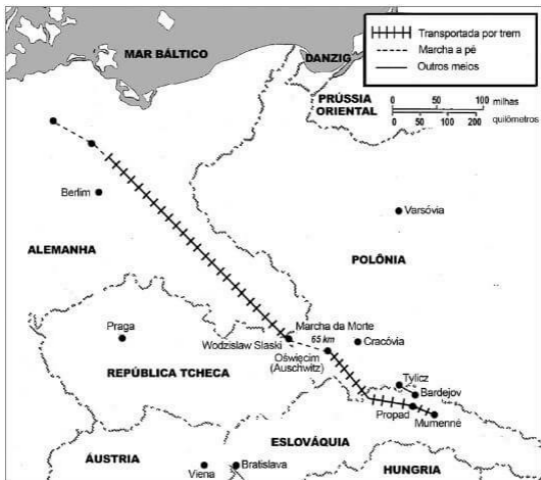
Durmo com ela. Sempre a mantenho ao meu lado. É vermelha.

Não há chuveiros, mas há três banheiros no Bloco Dez e um lugar para lavar as mãos. Há pedaços de jornal para serem usados como papel higiênico, mas eles desaparecem rapidamente. Há sempre uma fila, por isso não temos uma chance muito frequente de usar o banheiro ou de lavar as mãos, mas pelo menos é possível. Há beliches com colchões de palha e cobertores finos. Na primeira noite, temos duas pessoas por beliche, mas há beliches vazios à espera de mais moças e mulheres como nós.

Minha cama fica ao lado de uma parede com uma janela pregada com tábuas, mas pelas frestas consigo ver o pátio do Bloco Onze. A luta pelo sono não é difícil depois de tantas noites de insônia, mas em algum lugar no meio da noite sem sonhos, ouço tiros. Acordada e alerta, deito em meu catre de palha e puxo o cobertor mais para perto de mim, contudo, não consigo aplacar o arrepio em minha espinha; a tigela atada firmemente à minha cintura também não é mais confortável. Em algum lugar, alguém está morrendo.



**A foto preferida de Rena de nós duas juntas, tirada na sala onde ela me contou sua história.**



O trajeto de Rena durante a guerra na Europa.



**Mama.**



**Da esquerda para a direita: Danka, Mama, Zosia, Papa, Rena.**



**Danka, Dina Dranger e Rena, em Krynica, com um urso.**

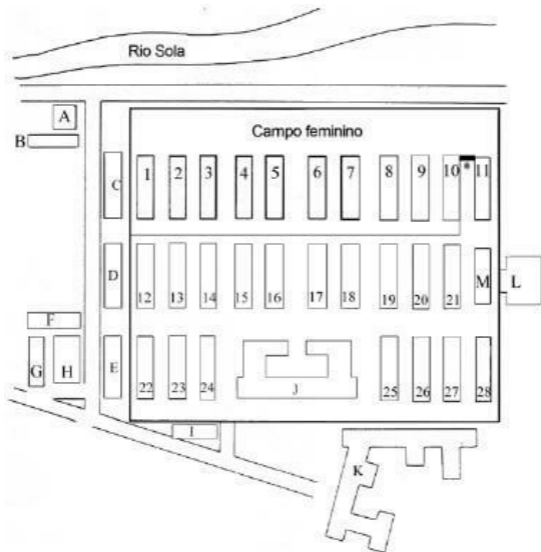


**Andrzej Garbera.**

208.	Grigorovich Olga	1913	Grigoren
209.	Heissová Irma	1924	Lepotova
210.	Kropáčová Jozefa	1910	Brown
211.	Hernándezová Anna	1923	"
212.	Glukovská Olga	1906	"
213.	Drangerová Etela	1921	"
214.	Kornreichová Rena	1922	"
215.	Jakovlevová Irina	1923	Ustov
216.	Teclerová Paul	1919	Brown
217.	Kornbergová Anna	1922	"
218.	Kornbergová Renia	1925	"
219.	Fiedová Margita	1925	"
220.	Wilková Regina	1926	"
221.	Teclerová Anna	1919	"
222.	Seimkova Cecilia	1923	"
223.	Kodlingová Rena	1922	"
224.	Gratfeldová Rena	1920	"
225.	Strassová Antónia	1921	"
226.	Stegelmayerová Cecilia	1921	"
227.	Hutlerová Jozef	1922	"
228.	Kornfeldová Johanna	1914	"
229.	Ottmannová Erna	1917	"
230.	Gelbová Maria	1921	"
231.	Gelbová Etela	1919	"
232.	Gelbová Kornelia	1919	"
233.	Becková Margita	1922	"
234.	Lauchová Rena	1919	"
235.	Kornreichová Rena	1922	"
236.	Friedmannová Lea	1922	"
237.	Friedmannová Tilla	1924	"
238.	Grossová Anna	1923	"

Lista de nomes (parcial) do primeiro transporte: Rifla Kornreichova é Rena, número 214; Etela Drangerova é Erna, número 213; Adela Grossova é número 238. O número "2" na coluna ao lado do nome de Erna é um erro de

**datilografia. Foto cedida pelo Instituto Internacional de Pesquisa do Holocausto  
Yad Vashem, em Jerusalém, Israel.**



Este mapa foi desenhado de acordo com as lembranças de Rena do campo feminino e os detalhes foram corroborados pelo diretor do Museu das Mulheres, em Oświęcim, na Polônia. O muro que separa o campo dos homens e o das mulheres foi demolido em 1942, depois que as mulheres foram transferidas para Birkenau (ver B Ia no mapa de Birkenau) (WYMAN). O asterisco marca o muro de execução onde os prisioneiros eram fuzilados.

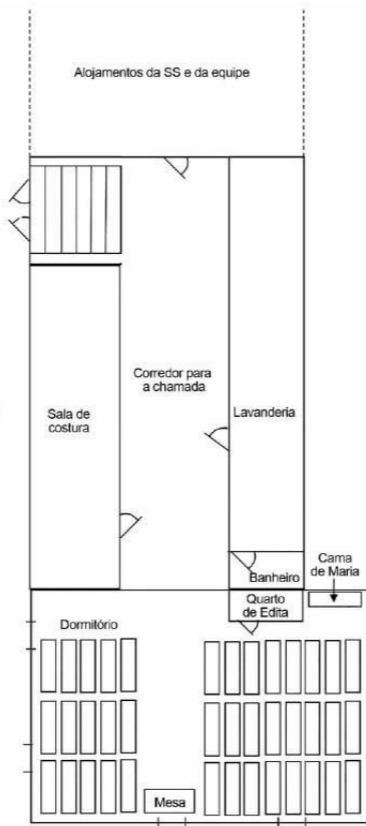


Da esquerda para a direita: Rena, Herschel, Mama, Zosia, Ester e Danka.



**Depois da guerra, Rena transformou a aliança em um anel com suas iniciais:  
RK.**

**Stabsgebäude (Lembrança de Rena da disposição do porão onde as  
prisioneiras trabalhavam e dormiam)**



**Diagrama do porão nos alojamentos da SS, como Rena se recorda.**



**Mulheres que sobreviveram a Auschwitz, à Marcha da Morte e à Neüstadt Glewe e chegaram à Holanda, com um soldado israelense não identificado.**



**A foto de noivado de John Gelissen e Rena Kornreich.**



**Danka e Rena.**



**A família Brandel (da esquerda para a direita: Norman, Danka, Sara, Eli).**



**Dina Dranger.**



**Erna Dranger.**



**Fela Dranger.**



**Rena em Auschwitz, 1990.**



**Túmulo de Rena e John.**

A chamada da segunda manhã vem tão cedo quanto na primeira, da mesma forma rude. Quatro da manhã. Freneticamente empurramos umas às outras, tentando entrar na fila; qualquer uma que não esteja no lugar apanha. Parece que sempre estamos marchando de um lugar a outro e ficando em pé por longos períodos, fazendo nada. Sussurros percorrem a fila. Vão nos tatuar.

Como podem fazer isso? Viemos aqui para trabalhar, não para sermos escravas. Estou em pé com Dina e Erna, bem na frente delas quando a fila se move para a frente. Há duas irmãs no começo da fila; acredito que foram numeradas 1001 e 1002, mas a ordem não tem significado. Somos — todas nós — as primeiras mulheres judias em Auschwitz. Meu número é 1716. Dina é 1528. Erna é 1718...

A tatuagem é dolorosa. Os prisioneiros homens não se deleitam em enfiar a agulha, como uma injeção, em nosso braço esquerdo, de novo e de novo. Eles sabem o quanto dói. Ainda assim, a SS os força a serem rápidos para que não haja tempo de serem gentis ou de se preocuparem. É como se cada espetada fosse estourar qualquer resquício de ego que nos tenha sobrado. Marcadas e numeradas como gado, esfregamos os braços como tínhamos esfregado nossa cabeça nua, tentando fazer a dor ir embora.

Agora os nazistas estão começando a organizar as coisas. As *kapos*, que são prisioneiras alemãs, são encarregadas de nós quando estamos fora de nossos blocos. Aprendemos a distinguir as *kapos* pelo triângulo colorido que usam: verde significa que estão presas por homicídio; vermelho significa que são prisioneiras políticas; preto representa uma prostituta ou uma prisioneira antissocial.

Uma jovem judia eslovaca chamada Elza é escolhida para ser nossa *blockowa*, a líder do bloco, e fica responsável por nós quando estamos dentro do bloco. Suas atribuições incluem nos levar para a chamada e dividir os pães que são atribuídos a cada quarto. Há também *sztubowas*, líderes dos quartos, que dividem os pães entre todas e distribuem nossas porções. As líderes do bloco e as líderes dos quartos roubam pão para si. É fácil ver que elas fazem isso, e percebo quase imediatamente que preciso ser frugal com o que recebo. Às vezes posso receber metade da porção que me cabe, às vezes posso receber a porção completa; tudo depende da sorte e se as líderes do quarto e do bloco são pessoas honestas.

Da janela, ouço um homem do lado de fora, do outro lado do muro, perguntando:

— De onde você é?

— Tylicz, perto de Krynica — respondo.

— Desça — ele instrui, inclinando a cabeça de lado a fim de ver para que lado o vigia está olhando, e joga um pedaço de pão sobre o arame farpado para eu comer. Corro porta afora e pego o pedaço bem quando uma pedra embrulhada

em papel também chega aos meus pés. Pego o bilhete e entro novamente às pressas, antes que o vigia mude de lado e fique de frente para a estrada do campo. Ofegante, do lado de dentro da porta, coloco o pão no bolso e amasso o bilhete em minha mão antes de passar despreocupadamente pelo quarto de Elza. No canto, no andar de cima, desdobro o bilhete e leio: “Destrua este bilhete no momento em que o ler, em pedaços minúsculos. 12 000 soldados russos estavam aqui quando chegamos. Sobraram 5 000, e 7 000 foram alvejados. As roupas de vocês são os uniformes deles. Sou de Varsóvia”. Rasgo o papel em pedacinhos, volto para o andar inferior e entro na fila do banheiro, onde me livro dos confetes.

Nós, prisioneiras vivas após dois dias, comemos nosso pão lentamente e saboreamos nosso chá como a raridade preciosa que é. Temos tigelas amarradas na cintura e colheres em nossos bolsos. Acordamos a tempo da chamada porque quem perde a hora apanha. Aprendemos depressa.

Do lado de fora, vejo o homem que me deu seu pão antes. Ele faz um aceno de cabeça.

Arrumei um pedaço de papel e rabisquei nele: “Obrigada pelo bilhete. Onde eles estão matando os russos?”. Tento jogar a pedra por cima do muro, mas erro. Faço três tentativas antes de finalmente conseguir fazer a pedra arquear por cima da cerca elétrica e cair aos pés dele.

Viro a cabeça, tentando fingir que não estou fazendo nada, dando um suspiro pesado de alívio que ninguém tenha visto minha tentativa lamentável de comunicação.

Ao longo do Bloco Um há uma nova fila de mulheres bem-vestidas que acabaram de descer dos trens. Do outro lado do quartel, sai uma fila de moças e mulheres recém-desumanizadas, vestindo uniformes russos. Meu coração bate mais rápido. Estreito os olhos, para protegê-los do sol, à procura de um rosto na multidão, que meu coração distingue muito antes dos meus olhos.<sup>29</sup>

— Danka! — Seu lindo cabelo castanho-avermelhado se foi, mas não podem tirar seus olhos castanhos de corça, ou tocar seu rosto bonito.

Meus braços coçam para agarrá-la. Se eu puder ao menos tocá-la, sei que nunca vou soltá-la, mas não há nada que eu possa fazer, porque há um homem com uma metralhadora e um cachorro montando guarda em cima das novas prisioneiras.

Meus pés se mantêm onde estão, forçando-me a esperar, mas eu a vejo e, nesse instante de reconhecimento, encontro minha razão e minha vontade de viver.

Há um momento de confusão geral quando novas moças-mulheres são fabricadas, e uso a oportunidade para me misturar em suas fileiras.

— Danka! — Agarro seus ombros frágeis. Por um momento, ela olha nos meus olhos, aterrorizada e ameaçada por essa estranha. A pedra no meu

estômago endurece; ela não reconhece meu rosto. Depois joga os braços em volta do meu pescoço, aos soluços.

— Rena! — ela vacila.

— Em seus lugares! Mexam-se! — Os guardas da SS começam a gritar.

Enlaço meus braços sob os ombros de Danka, impedindo-a de desmaiar.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Não me lembro. Ah, Rena, foi horrível. Tinha tanta gente no trem. Estávamos sentadas umas em cima das outras. Foi inacreditável.

Seu rosto me assusta. Não há foco em seus olhos.

— Como você veio parar aqui?

— Vim porque você está aqui. — Sua voz é tão ingênua, tão jovem.

— Como assim?

— Nossos amigos iam me esconder em uma fazenda, mas eu tinha sua carta e disse a eles que queria ir trabalhar com minha irmã. Você é tudo o que eu tenho, Rena.

— Danka, você não deveria ter vindo. Devíamos ter ficado na Eslováquia, escondidas. Isso aqui é ruim... muito ruim.

— Marchem! Entrem na fila! — As líderes dos blocos nos empurram para a fila, para que possam passar a marcha de novas prisioneiras em direção ao Bloco Cinco.

— Venha comigo. — Eu a empurro além das outras e marcho em direção à Elza.

— Minha irmã acabou de chegar e está com muita fome e muito cansada — imploro. — Ela não comeu nada desde Bratislava. Por favor, Elza, deixe-a ficar em nosso bloco! Estou com medo por ela.

— Está bem. Sua irmã pode dividir o beliche com você. — Temos sorte; Elza tem um coração no peito. — Você pode me ajudar a distribuir o pão e pegar uma porção extra para vocês.

Não pergunto o que vai acontecer com a moça que estava dormindo ao meu lado. Eu já sei que aqui não se fazem perguntas. É um ato egoísta, talvez, mas tenho uma irmã que preciso manter viva, e ela é tudo o que importa.

Sei que isso vai ser uma tarefa difícil para Danka. Posso ver no rosto dela uma expressão de espanto e choque. Vou ter de tentar ficar ao seu lado em todos os momentos. Como se eu tivesse o poder de protegê-la da SS. Contudo, realmente acredito que posso. Tenho de acreditar que posso.

Estamos no Bloco Dez para passar a noite. Olhamos fixo para nossos arredores com rostos imóveis. O homem com quem tenho me correspondido chama meu nome pelas janelas, jogando um pedaço de pão e outro bilhete. Dessa vez, desço e pego com mais experiência e menos hesitação.

— Aqui, Danka, um pedaço extra de pão vindo de um companheiro polonês. — Sou grata pelas porções extras de Elza e de qualquer amigo polonês, e divido o

pão com Erna e Dina.

O bilhete diz: “Estão sendo fuzilados no Bloco Onze, ao lado de vocês. Rasgue este imediatamente.”

Pego a mão de Danka na minha, olho em seu rosto por um momento sem ser perturbada. Ela está tão cansada que mal consegue manter os olhos abertos, mas nos diz tudo o que aconteceu com ela.

— E quanto a Zosia e as crianças?

— Não ouvi nada.

— Talvez eles fiquem bem.

É uma perspectiva fraca, mas nos apegamos a qualquer resquício de esperança que possamos reunir. Lágrimas começam a escorrer por nossos rostos conforme começamos a assimilar a magnitude do que está acontecendo ao nosso redor. Estou assustada. Estamos na prisão. Nosso único crime é termos nascido.

— Não podemos chorar muito aqui — digo, enxugando as lágrimas dela e as minhas com minha manga. — Não podemos deixá-los saber que já nos afetaram. Veja você, este é o inimigo, e vamos precisar ser muito inteligentes para sermos mais espertas do que eles. Está me ouvindo, Danka? — Ela confirma com a cabeça enquanto enxuga as lágrimas de seu rosto. — Então escute bem o que vou lhe dizer. Somos filhas de agricultores. Vamos trabalhar, mas isso é o que já fazemos. O trabalho aqui não vai ser nada para nós. E este é meu sonho, Danka: vou levar você para casa. Vamos entrar pela porta de nossa casa, e Mama e Papa vão estar lá esperando por nós. Mama vai nos abraçar e nos beijar, e eu vou dizer: “Mama, trouxe seu bebê de volta”.

— Sim, Rena. — Danka deita a cabeça no meu peito e adormece em meus braços.

Olho fixo para a escuridão, embalando minha irmã até que sua respiração fica mais longa e mais profunda e tenho certeza de que ela não vai acordar. Tiros rasgam a noite. Pelas frestas da janela fechada com tábuas observo os soldados russos caírem no chão. Há tanto que quero pedir a Deus, mas meus lábios estão amortecidos e minha boca está paralisada, aberta em descrença.

Estou vestindo o uniforme dos camaradas desses soldados mortos. Amanhã mais moças e mulheres marcharão pelos portões de ferro; elas receberão os uniformes dos homens de quem acabo de testemunhar a morte. Minha garganta incha e se fecha. Não posso contar a ninguém o que acabei de ver.

Apenas meus sussurros podem ser ouvidos, mas não acredito que haja alguém ouvindo.

— Deus nos ajude.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

As líderes do quarto batem nos beliches, cutucando as moças que não acordam

cedo. É a primeira manhã de Danka e ela acorda com um sobressalto. Queria que houvesse tempo de prepará-la para o suplício do despertar e da contagem, mas não houve tempo para prepará-la para nada.

— Rena? — Atordoadas, ela olha para mim. Como eu esperava que fosse tudo um sonho, um pesadelo.

Hoje vamos trabalhar. Ando ansiosa para me ocupar e terminar logo com esta vida na prisão, e me pergunto se vão nos liberar mais cedo se trabalharmos com mais afinco. Ansiosa para lavar o rosto, entro na fila do banheiro imediatamente.

Danka se move mais devagar e, conforme a fila de mulheres desesperadas para ir ao banheiro se alonga, ela é empurrada para trás.

A chaleira fica do lado de fora do bloco. Seguramos nossas tigelas quando a líder do bloco nos serve uma concha de chá. Saímos no escuro. Nossa respiração e o vapor que sobe de nosso chá parecem espectros e fantasmas flutuando em nosso meio. Saboreamos nosso chá rapidamente, esperando que aqueça nossas entranhas, mas o frio varre por nossos músculos.

A névoa traça halos nos fachos de luz dos holofotes acima de nossas cabeças. Luz dura. Não tenho certeza se é a frieza real da manhã, a falta de sono e de comida ou se é um medo abjeto que faz meus joelhos e meus dentes baterem incontrolavelmente.

Os SS andam de um lado para o outro contando nossas cabeças. Parecem levar um longo tempo comparando notas e listas, incertos do que estão fazendo.

— Rena, tenho de ir ao banheiro — sussurra Danka.

— Isso não é permitido. Você deveria ter ido antes da chamada.

— Não consigo segurar.

— Você tem que esperar até que a chamada termine. — A realidade é cruel. Ela segura as pernas juntas.

— Escolham seus *kommandos*!<sup>30</sup> — ordena um homem da SS. As *kapos* vêm em nossa direção, medindo-nos de cima a baixo. Pego a mão de Danka, levando-a de volta para nosso bloco, onde Elza está em pé sobre os degraus.

— Elza, por favor, deixe minha irmã entrar? Ela precisa ir ao banheiro; está com diarreia.

— Não posso fazer isso. Você sabe que ninguém vai para o bloco depois da contagem. Existem regras! Além disso, as líderes do quarto já limpam os banheiros.

— Por favor, Elza. Você sabe que vão bater nela se ela se sujar.

— Não me importo. — Ela me olha feio, desafiando-me a discutir. — Eu lhe dei pão. O que mais você quer?

— Ela precisa ir! — Seguro os ombros de Elza, sacudo-a. — Como você pode ser assim? — Balanço a cabeça para Danka correr para dentro, enquanto distraio a líder do nosso bloco. — Você não tem mãe? — grito. — Uma irmã? Você nasceu de uma pedra? Quem você... argh! — As palavras enroscam em minha

garganta quando a respiração é expulsa do meu peito e meu colarinho é puxado para trás, sufocando-me. Arremessada pelo espaço, caio com força no chão, vendo apenas o rosto avermelhado de uma mulher da SS antes de sua bota encontrar minhas costelas.

— Você! *Scheiss-Jude!* — Meus braços cobrem meu rosto, meu bem mais precioso. Ela chuta minhas coxas e minhas costas, mas não grito nem choro. Já vi agressão suficiente nos últimos dias para não a encorajar ao suplicar que ela pare. Aguento o ataque como uma estoica conforme ela me chuta de novo e de novo. Quando finalmente para, ajoelho-me, à procura de alguém que possa me ajudar a levantar. Danka voltou do banheiro e está chorando sem som. Minhas pernas estão machucadas; minhas costelas, feridas. Mal consigo respirar, mas tenho meu rosto e, depois de alguns instantes, consigo andar.

Nós nos juntamos às fileiras de moças ainda não escolhidas. Uma *kapo* aponta para nós.

— Vocês aí! Alinhem-se aqui!

Pego a mão de Danka, puxando-a comigo. A *kapo* deve ter me visto apanhar e me pergunto por que ela nos escolheu. Eu nunca apanhei antes e escondo meus olhos, com vergonha de olhar no rosto dela. Sinto-me muito pequena e insignificante. Sinto-me completamente inútil.

— Marchem!

O nevoeiro está aumentando. Seguimos os outros grupos para fora dos portões em direção aos campos para trabalhar. Andando com pés incertos para mantermos esses “sapatos” nos pés, tentamos marchar. Algumas moças ainda estão segurando as calças; algumas, como eu, precisam manter as camisas fechadas. O vento atravessa os buracos de bala em nossos uniformes.

Há uma corrente de ar no meu joelho e uma em meu coração. Queria não estar tão dolorida. Depois de dois dias fazendo pouco além de limpar e de nos preocupar, o trabalho será um alívio bem-vindo. Quero mostrar a eles como eu trabalho duro e quanto a filha de um fazendeiro pode se orgulhar de sua força. Meu corpo todo dói.

— Como você está se sentindo? — consigo perguntar a Danka. Preocupar-me com ela vai afastar minha mente dos meus machucados latejantes.

Ela assente com a cabeça, com medo de responder. Um homem da SS passa por nós. São os monstros escondidos na névoa, nossas nêmeses vestidas de cinza. Eles estão por toda parte.

— Alto! — Há um monte de areia, terra e pedras diante de nós.

Nossa *kapo* ordena:

— Peneirem essa areia por essas redes e carreguem-na nesses vagões.

*Schnell!*<sup>31</sup>

Pegamos pás de um galpão antes de começarmos a cavar o solo rochoso e lançá-lo na rede. Não demora muito para que nossas mãos comecem a doer e

nostros ombros fiquem doloridos. As bolhas aparecem quase que imediatamente em nostros palmas e, com a mesma rapidez, elas estouram e tornam os cabos das pás escorregadios. Uma menina se inclina sobre sua pá para respirar por um instante. Um chicote rasga o ar, golpeando-a no rosto. Seu grito é espontâneo. Chocada, ela retorna à tarefa com vigor renovado enquanto um vergão sanguíneo se forma em sua bochecha. Capto o olhar de Danka por uma fração de segundo. Não pare.

Uma vez que o vagonete está cheio, recebemos ordens de empurrá-lo morro acima, onde devemos descarregar areia em uma pilha separada. Nós nos alinhamos, quatro de cada lado do vagonete. As rodas são de aço e feitas para trilhos de trem. Seguindo em frente, nós nos seguramos às laterais de metal frio, erguendo com todas as nostros forças. O movimento é lento, mas, uma vez que o vagonete pega impulso, conseguimos completar a tarefa. Depois de descarregá-lo, empurramo-los de volta morro abaixo com relativa facilidade e começamos tudo de novo. Ao meio-dia, completamos muitas viagens.

Uma chaleira enorme de ferro fundido é levada para os campos de prisioneiros do sexo masculino.

Outros *kommandos* chegam à chaleira e formamos fila para a refeição do meio-dia. Com fome e ansiosas para termos tempo de comer, Danka e eu empurramos para encontrarmos um lugar na fila. As *kapos* nos servem. As porções são lamentáveis. Podemos ver alguns legumes escondidos no fundo das profundezas escuras de água, mas a concha nem sequer passa por eles. Isso nem merece ser chamado de sopa; é apenas caldo de nabo.

— Amanhã vamos ficar no final da fila — digo a Danka.

— Por quê?

— Porque quanto menos água houver em cima, mais provável que a gente consiga um pedaço de carne ou de nabo.

Bebericamos nossa refeição do meio-dia devagar, na esperança de saborear o pouco que há, com esperanças de que nos dê a energia de que precisamos para continuar. Minha mente prova essas circunstâncias como se fosse comida estranha. Por um momento, permito-me ficar cismada. Isso que estamos fazendo é trabalho escravo. Contudo, não posso aceitar esse pensamento. As coisas vão melhorar. Apenas estou com fome.

Talvez eles nos deem mais comida esta noite depois de um árduo dia de trabalho. Estamos trabalhando em busca de um objetivo: a liberdade. Estamos ajudando os alemães a construir algo. Essas justificativas, não importa o quanto sejam pequenas e insignificantes, ajudam-me a levantar, a entrar na fila, ajudam-me a continuar trabalhando.

O clima não é animador conforme a tarde avança, e uma garoa constante se transforma em granizo. A lama se torna como cimento, agarrando-se às rodas dos vagonetes e, quando a temperatura cai, o metal ao qual nos seguramos

congela nossa pele. Chicotes estalam acima de nossas cabeças, às vezes aterrorizam em nossas costas, como vespas dolorosas.

Pelo menos temos camisas de lã para nos proteger contra os elementos da natureza e do couro cru. Como um grupo de cavalos de arado, somos chicoteadas. Uma moça que empurra o vagonete perde o sapato. Nossa *kapo* a puxa para fora da fila depressa, antes que o carro possa perder o movimento. A moça procura por seu sapato na lama e depois não percebo o que acontece com ela.

Temos nossos próprios sapatos com que nos preocupar.

Em algum momento no final da tarde, com o céu cinzento escurecendo acima de nós, ouvimos a ordem abençoada:

— Alto! Em fila! — Entramos na fila, enlameadas e desgastadas. Não somos as mesmas moças que marcharam para o trabalho esta manhã; nossa cabeça está mais baixa, nossos olhos não estão mais velozes e alertas. As bochechas de Danka estão fundas, seus olhos, quase vazios. Marchamos derrotadas para os blocos.

A chamada noturna dura para sempre. Estamos em nossas fileiras organizadas, assistindo aos outros grupos de trabalho entrarem no campo. Algumas das moças estão carregando um corpo. Quero proteger os olhos de minha irmã daquela visão, mas não posso me mexer. Um guarda da SS ordena que o corpo seja largado perto de nós. Sou contada. Danka é contada. Os vivos são relacionados em uma coluna separada dos mortos. Acho que está escuro, mas não consigo ter certeza, pois as luzes das torres de vigia são como um sol brutal constante que não aquece.

Seguimos às pressas ao Bloco Dez, nossa nova casa, em estado de choque silencioso. As líderes do quarto distribuem nossas cascas de pão. Não há comida extra para o dia duro de trabalho; não há uma fatia de carne ou queijo, apenas uma mancha de margarina em nossas mãos sujas. Sentadas na cama, olhamos para essa refeição. Como foi que isso veio a ser chamado de jantar? Lentamente, suavemente, começamos a lamber nossas palmas.

— Não posso suportar isso.

— Olhe minhas mãos.

— Estou com bolhas.

— Estou faminta. Por que não nos dão mais comida?

As vozes surgem timidamente ao longo das fileiras de beliches. Outras já estão enrodilhadas em seus colchões, chorando em seu sono. Algumas vozes podem ser ouvidas falando sozinhas, e me pergunto se eu estava certa sobre os homens que vi em nosso primeiro dia aqui. Talvez este seja um lugar para os loucos, talvez não vá demorar muito para todas nós estarmos falando sozinhas. Parece que foi há muito tempo que pensei que os homens no campo pareciam lunáticos. Não faz nem uma semana.

Depois de comer, desço para me lavar. Meus mamilos estão em carne viva, vermelhos por causa da camisa de lã áspera e do frio que corrói minha pele tão cruelmente quanto os insetos que me infestam. Por que não me deixaram ficar com meu sutiã e minha roupa íntima? Sinto-me como se alguém tivesse passado uma lixa sobre meus seios até que não sobrasse mais pele alguma. Fecho a camisa e volto para nossa cama no andar de cima. Danka já está dormindo. Tento me deitar ao lado dela, mas a lateral do meu corpo está muito dolorida.

Dobro meus joelhos debaixo do corpo, agacho sobre as pernas, permitindo que meus ombros caiam para a frente. Minha cabeça repousa sobre o colchão.

Pergunto-me como vou conseguir adormecer, mas estou cansada demais para não dormir.

Como uma pequena pedra, eu durmo.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rolamos para fora da cama e corremos para o banheiro antes que a fila fique longa demais. Pegamos nosso chá e o bebemos depressa, enquanto aguardamos que os SS contem nossas cabeças. O chá não está quente o bastante para aquecer nossas mãos ou nossas barrigas. Fazemos fila atrás de Emma, nossa *kapo*. De alguma forma, aprendemos o nome dela nos últimos dias. Ela tem um triângulo preto. É uma prostituta. Marchamos atrás dela em filas de cinco, no escuro, para o campo onde vamos peneirar pedras e areia durante todo o dia.

A lama é tão profunda agora que é quase impossível empurrar os vagonetes. Ainda assim, transportamos nossa carga morro acima. Como Sisifo, no mito grego, somos punidas, obrigadas a empurrar aquela rocha eterna colina acima.

Mais uma vez, ao meio-dia, nos é permitido certo momento de descanso e um pouco de caldo de nabo. Mesmo esperar no fim da fila não nos garante nenhum pedaço de legume ou de carne, mas o caldo é um pouco mais grosso, ou talvez nós apenas pensemos que é.

No sábado, nosso Sabá, trabalhamos. É apenas outra forma pela qual eles minam nossa fé e desafiam nossa força de espírito. Trabalhamos na lama, esquecendo que é contra a lei hebraica levantar a mão para trabalho nesse dia santo. Cavamos com a pá e empurramos, do nascer ao pôr do sol.

No domingo não há contagem. É o Sabá cristão, e eles honram esse dia de descanso, embora não por caridade cristã.

É um dia livre, se é que alguma coisa pode ser chamada de livre em Auschwitz. Ficamos sentadas em nossas camas, falando umas com as outras pela primeira vez. “De onde você vem? Quantos anos você tem?”. Conversa fiada que não guarda lugar na memória. Não discutimos nossa circunstância. De modo acanhado, tentamos nos livrar dos piolhos grudados em nossos uniformes e em cada fenda de nossos corpos, coçando a cabeça, roçando nossas axilas. Tiro as calças e percorro os dedos pelas costuras e pelos bolsos, arrancando os sugadores

de sangue, e os espremo entre minhas unhas até que eles explodam ou esguichem meu sangue.

Dentro de uma hora, minhas unhas estão pretas e azuladas de matar os parasitas, então eu os lanço no chão, esmagando-os com meus sapatos ou simplesmente ignorando seus corpos brancos que se contorcem. Se pensar no que estou fazendo, se olhar para eles por muito tempo, vou vomitar.

Esse ritual de purificação leva o dia todo. Lavo o rosto e as mãos três ou quatro vezes, na esperança de me sentir limpa novamente. É inútil. Enfim, devo deitar e descansar. No entanto, o sono não está próximo, pois há o roer dos piolhos que não tirei, as vozes de moças eslovacas ao nosso redor, a respiração pesada de minha irmã. Ela dorme. Devo ficar de vigia. Deito em meu beliche olhando para o teto, esperando que o sono me leve embora. Em algumas noites ele vem rápido. Em outras, ele paira fora de alcance. Às vezes, ouço os rifles que abrem fogo no muro do Bloco Onze. Em outras noites, não ouço nada, mas isso não significa que não haja russos sendo alvejados.

Significa apenas que não tenho energia para ouvir ou pensar sobre os que morrem logo ao lado.

De manhã, antes que qualquer pessoa tenha sequer aberto os olhos, acordo sabendo que algo mudou em meu corpo. Fico olhando para o beliche acima de mim por alguns minutos, pensando no que senti sobre mim mesma; então ela vem. A umidade lenta na lâ em minhas pernas. A cólica no ventre. Sento-me e começo a puxar minhas calças para verificar. As manchas na minha coxa são inconfundíveis. Minha menstruação.

Desço de fininho ao térreo para ir ao banheiro e procuro por algo para usar, mas não há trapos ou absorventes, apenas pequenos quadrados de jornal. O fluxo aumentou desde que me levantei. Enquanto verifico os holofotes antes de sair, o sangue escorre por minha perna. Lembro-me de Mama me entregando um pedaço de tecido e dizendo: “Vá colocar esse e me traga o outro. Não olhe!”.

— Sim, Mama. — Obedeci suas palavras. Ela não queria que eu me assustasse com meu próprio sangue.

Vasculho o chão à procura de qualquer coisa que possa me ajudar a conter o fluxo. Não há nada. As chaleiras estão sendo trazidas à nossa porta e sei que Danka está acordada à essa altura, perguntando-se onde estou.

Volto ao banheiro do bloco e pego alguns quadrados de jornal. Esfrego-os em minhas calças para me certificar de que estão limpos, e me arrepio. Então, sem pensar mais a respeito, eu os amasso e coloco o jornal entre minhas pernas. Passo o dia completamente autoconsciente, com medo do que significa ficar menstruada neste lugar. Não posso falar com Danka sobre isso. Lidar com essa maldição significa rezar para que vá embora depressa e que nunca mais volte.

Há mais moças em nossas fileiras hoje. Um transporte deve ter chegado.<sup>32</sup>

Emma nos leva para o trabalho e marchamos para um campo grande e

aberto. Sou grata por não haver vagonetes e areia para carregarmos hoje. Minhas costas ainda estão doloridas, embora os machucados em minha perna tenham quase sumido.

Há uma grande pilha de tijolos.

— Levem isso para o outro lado do campo. Vocês devem levar dez tijolos de cada vez! — Emma nos diz.

Pegamos os tijolos um por um, equilibrando-os em nossos braços até que tenhamos uma carga completa.

Com braços latejantes, quase arrancados de nossos ombros pelo peso, caminhamos com cuidado para não tropeçarmos. Os sapatos nos atrapalham, dançando de um lado para o outro debaixo de nossos pés. Já é difícil o bastante mantermos os sapatos nos pés por causa da lama; agora não podemos sequer ver para onde estamos indo com tantos tijolos em nossos braços. As pedras e as sarças agarram-se a nossos pés como se estivessemos caminhando entre um labirinto. Não podemos deixar cair um tijolo nem o pegar sem deixar cair toda a carga. Emma segue atrás de nós, chicoteando-nos para trabalharmos mais.

— Alto! — Emma está junto à chaleira, servindo nosso lanche do meio-dia. Bebericamos o caldo avidamente. É difícil acalmar a vontade de engolir às goladas, porque nosso estômago anseia por mais. Carregamos tijolos pelo resto do dia, até que ouvimos:

— Alto!

Pegamos nosso pão na porta. Estou imaginando, ou as porções ficaram menores para Danka e para mim? A irmã da líder do bloco chegou ao campo, e Elza se certificou de que ela ficasse em nosso bloco. Acredito que ela está comendo nosso pão.

— Vou até a janela para ver o que posso conseguir — digo a Danka, andando em direção à frente do bloco. É um sistema de escambo recém-nascido, e o que eu troco com os homens do outro lado da cerca é simplesmente minha condição de polonesa. Eles anseiam por falar com os seus compatriotas, e Danka e eu somos duas entre apenas um punhado de polonesas no campo das mulheres; temos essa vantagem sobre as moças eslovacas, que não falam polônês.

— Qual é seu nome? — Ouço a voz de um homem vinda da outra janela.

Parece simpático.

— Rena. Minha irmã e eu estamos aqui, e nós duas estamos com muita fome.

— Desça. Vou jogar alguma coisa.

Espero e espero na porta; porém, nada cai nos degraus.

A porta de Elza é escancarada. Fico preocupada que ela vá me punir por estar no andar de baixo depois de gritar com ela na outra manhã. Algo cai no chão. Olho para a torre de guarda. O vigia está olhando para o outro lado. Disparo porta afora, agarrando meu pacote e me inclino contra a parede, sem fôlego. É difícil de compreender que uma tarefa tão mundana signifique arriscar minha vida —

eu poderia morrer por algo tão insignificante como um pedaço de pão do tamanho da minha mão.

Danka me olha com horror quando eu lhe entrego metade do pão.

— É Páscoa, Rena. Não deveríamos comer pão fermentado.

— É um *mikvah*, Danka. Um presente. Estou certa de que Deus vai entender.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rolamos para fora de nossos beliches, deslizando as sandálias em nossos pés. Dividimos a porção extra de pão e comemos depressa.

— *Marchem!*

Mesmo que estejamos cansadas, tentamos marchar com orgulho, como somos instruídas a fazer.

— *Marchem!*

Cabeça erguida, caminhamos na mesma passada, fazendo o papel de servos obedientes ao Terceiro Reich, mas não há nada do que se orgulhar. Arranjamos um pedaço extra de pão. Significa muito para nós; não é nada para eles.

— Alinhar do outro lado do campo! — A pilha de tijolos não ficou nem um pouco menor durante a noite. Nós nos alinhamos, perguntando-nos o que vai significar essa tarefa.

— Você vai do lado direito — digo a Danka.

— De frente para mim! — Entramos em posição de modo confuso, paradas a uns três metros de distância umas das outras e esperamos. Ordens são vociferadas em alemão. A moça na frente da fila pega um tijolo e joga para a moça ao lado dela, que o joga para a próxima. O chicote estala enquanto a moça da frente limpa as teias de aranha do seu cérebro e pega outro tijolo.

A moça à minha esquerda atira o primeiro tijolo em minhas mãos. Lanço-o com facilidade para Danka, virando-me a tempo de receber o próximo. No início da fila, podemos ouvir os SS gritando:

— *Schnell! Schnell!*

O ritmo aumenta, de modo que mal sobra um instante entre lançar um tijolo para nossa vizinha e receber o próximo. Com vinte lançamentos, o sangue começa a escorrer dos cortes em minhas mãos. As arestas ásperas do barro cozido cortam nossas palmas, repetindo as lesões mais e mais vezes. Danka é lenta nessa tarefa e nem sempre vira a tempo de eu jogar os tijolos, mas a moça ao meu lado não está esperando nada. Ela continua jogando.

Quero gritar por causa da dor quando os tijolos caem no peito do meu pé ou nos meus dedos, mas não grito. Não faço nada para chamar a atenção para mim. Jogo os tijolos como fui instruída, mas não nos pés da minha irmã. Não causo nela a tortura que está sendo imposta a mim. Pego os tijolos depressa de meus pés e os seguro até Danka poder apanhá-los; às vezes seguro dois ou três tijolos de

uma vez, às vezes seguro quatro. Danka vê que estou em apuros e acelera, mas ela é como eu e não quer jogar tijolos nos pés de sua vizinha. Temos sorte de apenas uma coisa: os SS não veem os tijolos caindo sobre nossos pés. Outras apanham por esse mesmo crime. Na semana passada, nossas costas doíam pelo esforço de empurrar e cavar com a pá; hoje, doem as laterais de nosso corpo por girarmos e impulsionalmos o peso dos tijolos. Cada músculo lateja.

O almoço vem horas depois de o sol ter se levantado, horas depois do primeiro ferimento em nossas mãos ter começado a doer. Cada um é uma massa de cortes dolorosos e pele ferida, e nossas mãos doem só de carregarmos as tigelas vermelhas cheia de sopa branco-acinzentada. Descansamos por cerca de vinte minutos antes de marcharmos de volta para a fila, para os tijolos. Nosso estômago e a dor em nossas mãos corroem como ratos persistentes o último vestígio de nossa humanidade.

A tarde se arrasta.

No crepúsculo, marchamos de volta ao campo. Ficamos em pé para a chamada. Somos contadas. Há um par de corpos empilhados ao nosso lado. Parecem tão vivos, como se pudéssemos chegar e acordá-los. Se não parecem mortos, especulo, poderíamos todas nós estarmos mortas? Talvez seja tudo o que existe, talvez não exista um mundo esperando por nós. Não é possível ponderar sobre isso sem ficarmos loucas. Afasto todos os pensamentos que podem me levar à loucura. Concentro-me mais uma vez no presente. As moças e mulheres que carregam corpos para o campo, no fim do dia, estão em grupos de trabalhos sob o comando de *kapos* com triângulos verdes, que significam que são assassinas condenadas. Pelo menos nossa *kapo* não é uma dessas.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Estamos em pé para a inspeção. Mal conseguimos manter os olhos abertos, mas, para as ordens abruptas alemãs que pipocam em nosso redor durante a noite, é realmente manhã. Formamos fila atrás de Emma. Há algumas baixas e algumas adições ao nosso *kommando*.

Meu coração afunda no peito conforme nos aproximamos do campo onde trabalhamos no dia anterior. As ordens da SS zombam de nós. Se pudessem rir de nós, eles ririam.

— Movam esta pilha de tijolos de volta para o outro lado do campo. — Ficamos paradas, incapazes de nos mover, incapazes de compreender.

— *Schnell!* — O chicote estala; nós, escravas, nos dispersamos.

Danka está ao meu lado, longe da pilha que temos de mover. Rezo para que a moça ao meu lado não jogue tijolos nos meus pés. Os primeiros tijolos cortam minha mão quando o sol irrompe em meio às nuvens. Dor e luz. Lanço-o para Danka, desejando que pouse suavemente na mão dela, implorando ao tijolo que

não machuque minha irmã. Isso é inútil! Dói muito mais saber que o trabalho é inútil, saber que eles veem nosso trabalho como algo inútil. Quanto tempo isso pode durar?

Nossas mãos serão tocos se isso continuar. Não é trabalho. Essa atividade foi criada para nos destruir. Como uma tempestade que obscurece o sol, apago esse pensamento.

Depois da contagem da noite, por alguma razão, eu me demoro do lado de fora, sem vontade de correr para o bloco para passar a noite. Talvez seja o leve cheiro de primavera no ar; talvez eu esteja muito cansada de correr atrás das outras e esperar na fila. Danka foi à frente.

— Rena? Rena! — Olho pela cerca do campo masculino para um esqueleto que parece saber quem sou. Não posso me mover. Aperto os olhos, olho e olho.

— Sou eu. Tolek. — Os ossos de seu crânio parecem despontar de sua pele. Seus olhos estão esbugalhados acima das maçãs do rosto. Ele verifica a torre de guarda para se certificar de que ninguém o vê.

— Tolek! O que está fazendo aqui? Há quanto tempo está aqui?

— Fui preso há alguns dias por contrabandear pessoas pela fronteira.

— Machucaram você?

Sua boca não fala, mas seus olhos respondem à minha pergunta.

— Você parece com fome — digo. — Espere aqui. Vou lhe dar meu pão. Tem sorte de eu ainda não tê-lo comido!

— Não posso comer seu pão, Rena! — Ele se vira um pouquinho para que ninguém possa dizer que estamos conversando.

Viro-me para o outro lado.

— Você e Andrzej salvaram nossas vidas, Tolek. Danka e eu estaríamos mortas ou pior se vocês não tivessem nos levado para a Eslováquia. Você foi preso por salvar pessoas como nós!

— E olha aonde isso a trouxe.

— Estamos vivas, e isso é suficiente. Você nunca recebeu dinheiro por aquela viagem. Agora deve, pelo menos, aceitar meu pão miserável. — Começo a me afastar, a despeito de seus protestos. — Não vou aceitar um “não”.

Meus pés retomam a esperança quando corro para encontrar Danka. Vi alguém do nosso passado. Não estamos mortas. Posso ajudar alguém.

Já não me sinto impotente ou sujeita ao capricho de um destino regido pela SS alemã. Subo a escada correndo, ofegante e cansada, até o beliche que Danka e eu dividimos.

— Danka! Tolek está no campo masculino!

— Tolek? — Vida cintila nos olhos dela. — Onde?

— Lá fora. Vamos. Ele está com muita fome. Vamos ter de repartir o pão esta noite. — Paro, olhando diretamente em seus olhos. — Ele está com uma aparência terrível, como se pudesse cair de fome. Devemos ajudá-lo.

— Sim, claro. — Os olhos dela estão cheios de lágrimas. Descemos a escada e saímos para a estrada do campo, jogando nossa magra refeição por cima do arame farpado. Esta noite não há segunda tentativa; o pão aterrissa aos pés dele.

— *Bög zaplac*.<sup>33</sup> — Lágrimas apertam sua garganta.

— Deus lhe pague, Tolek — respondemos, afastando-nos da cerca, incapazes de nos arriscar a falar mais.

Danka aperta minha mão.

— Ele vai ficar bem, não vai?

— Espero que sim.

Nos próximos dias, guardamos nosso pão com ciúme, para que sempre que virmos Tolek, possamos jogar uma porção extra para ele... Até que ele para de vir à cerca.

Como eu, Erna mantém um olhar atento para as recém-chegadas, em busca de Fela, mas trabalhamos tão duro todos os dias que não é fácil saber quando há novos transportes. Não sei como ela sabe, mas de alguma forma Erna encontra Fela em meio a um grupo de moças e mulheres recém-tosquiadas. Levamos Fela para nosso bloco e a abraçamos quando ela nos conta notícias tristes demais para mantermos em nossos corações, e choramos pelas moças de Tylicz.<sup>34</sup>

Em nosso quarto domingo no campo, eles nos raspam novamente. Tínhamos secretamente esperado que deixassem nosso cabelo crescer de novo, mas depois das semanas de coceira por causa dos fios nascendo, somos raspadas novamente. Entre os piolhos, percevejos e cabelos, há sempre algo pinicando de forma incômoda algum lugar de nosso corpo. Anseio por ordem e limpeza, por qualquer maneira de me sentir melhor e não tão imunda.

Nossa *kapo*, Emma, é morena. Ela puxa o cabelo com força atrás da cabeça e usa um *babushka*. Ela é mais alta do que a maioria de nós. Sua amiga Erika — também uma *kapo* — tem o cabelo louro encaracolado e um rosto bonito redondo. É magra e de estatura mediana. Nossos blocos vão de cinco a dez. Emma, Erika, todas as *kapos* vivem em um bloco diferente, mas ficam no campo conosco. Somente os SS vivem fora das cercas eletrificadas.

Não vejo Tolek há um bom tempo e estou preocupada com ele. É o crepúsculo, hora de irmos para os blocos, hora de nos prepararmos para dormir depressa e termos energia para amanhã, mas procuro o rosto de nosso amigo em meio ao campo masculino.

Erika passa e depois se vira para trás.

— Quer vir ver nosso bloco? — ela me pergunta. Estou assustada, mas não mostro surpresa.

Parece uma oferta estranha.

— Não tenho autorização. Sou judia — digo a ela.

— *Yah*, é claro que você é judia, ou estaria vivendo no meu bloco, mas venha vê-lo de qualquer maneira. Eu assumo a responsabilidade.

Claro, penso, você vai assumir a responsabilidade, mas eu é que vou apanhar se formos descobertas. O sol brilha vermelho em nosso rosto enquanto sigo sua sombra alongada.

Ela abre a porta para mim e entro em um mundo de camas perfeitamente arrumadas e quartos onde há lençóis e travesseiros. Há um cobertor que parece grosso e quente. Como eu gostaria de ter um cobertor como o de Erika.

— Você já amou uma mulher? — ela me pergunta.

Saio do meu devaneio.

— É claro. Amo minha mãe e minha irmã, que está aqui comigo.

Erika sorri de modo benigno.

— Gostaria de dormir aqui esta noite?

— Ah, não. Eu ficaria aterrorizada! Minha irmã também ficaria preocupada. Não é justo que eu deva começar a dormir em lençóis de algodão enquanto ela tem palha.

Então, temendo que tenha sido rude, rapidamente me desculpo.

— Obrigada por perguntar, de qualquer maneira. Não posso deixar minha irmã, mesmo se ficar aqui significar ter uma boa noite de sono e ficar aquecida.

Erika ri.

— Volte para o seu bloco. Você não está pronta para isso. — E me leva para a porta. — Aqui. — Ela discretamente me dá uma porção extra de pão. Pegoa rapidamente, sem entender por que ela iria me oferecer tamanha gentileza, sem compreender nada do que acabou de acontecer. A luz do bloco das *kapos* ilumina o chão e depois é cortada quando Erika fecha a porta. Desapareço pela noite que se acaba.

Em nosso bloco, divido o pedaço extra de pão com Danka. A brancura impecável e limpa dos lençóis no bloco das *kapos* me assombra. Não posso suportar pensar sobre a imundice que estou vestindo, as condições em que somos mantidas. Calos crescem em nossas mãos onde, antes, havia bolhas. Meu peito e minhas pernas estão sempre vermelhos de picadas e da lã que se esfrega contra a minha pele. Quero coçar e coçar a sujeira em meu corpo até que não haja mais nada para os insetos me atormentarem. De repente, tenho a ideia de tirar as calças.

— Rena, o que você está fazendo? — Danka soa preocupada.

— Vou dobrar esta calça horrível e colocá-la sob nosso colchão durante a noite para formar um vinco nas pernas.

— Não, Rena. Está frio.

— Quero parecer arrumada, e não há lugar para lavar e passar essas roupas. — Cuspo na dobra e começo a percorrer os dedos pelo tecido, apertando-a. — Se não posso estar limpa, pelo menos posso estar arrumada. — Meu olhar recai no chão. Meus sapatos estão imundos.

Nossos pobres pés estão muito sofridos para os olharmos por muito tempo. Já

não são rosados com saúde, mas pálidos e tingidos por listras marrom-avermelhadas deixadas pelas tiras de couro. Logo será verão e, pelo menos, nossos pés não vão ficar frios, mas agora é primavera, e o clima está pior do que tem estado nos últimos anos. Cuspo na tira, usando o interior da bainha da minha calça para polir o couro.

— Posso limpar meus sapatos primeiro sem sujar muito as calças! — Seguro a primeira tira para Danka admirar.

— Você é louca.

Volto a pressionar o vinco em meu uniforme e depois aponto para ela se mover. Levanto o colchão e coloco a calça no sentido do comprimento, alisando-a até que não haja um amarrotado. Coloco o colchão de volta no lugar e deixo Danka voltar para a cama. Ela balança a cabeça, mas não diz uma palavra.

De manhã, rolamos para fora de nossos catres de palha. Levanto o colchão para pegar minha calça bem passada. Tremendo um pouco, visto-a, coloco a camisa por dentro e amarro tudo com a corda. Alisando a calça pelas pernas, eu sorrio. A tira de couro brilha, mesmo no escuro. O que eu não faria por meias.

— Você está bonita, Rena — Danka observa.

Raramente temos de usar o banheiro mais de uma vez por dia por causa da desidratação, embora eu tente ir de manhã e à noite. Prefiro utilizar as instalações à noite do que esperar na fila de manhã e arriscar apanhar durante a contagem.

Jogamos a terra no campo. Pá depois de pá, erguemos a terra úmida e as pedras no ar, soltando-as de volta no chão. Brotos da grama da primavera despontam da terra.

Quando ninguém está olhando, colocamos, sorrateiramente, as pequenas lâminas de folha na boca. As partes brancas da grama são doces e suculentas.

Ainda que pequenas, confortam nossa garganta seca.

A mulher da SS responsável por nosso grupo de trabalho está linda hoje. Seu cabelo é negro e brilha no sol. Ela deve ter feito permanente. Eu tinha permanente antes de vir para Auschwitz. Está vestida de cinza. A saia é feita sob medida para a cintura e as botas são polidas com um brilho de obsidiana. Sua pele é de alabastro, radiante em contraste com suas bochechas rosadas, e seus lábios brilham com a saúde, apesar do vento.

O vento nos fustiga por entre os buracos de nossas roupas. A capa preta da mulher da SS fica farfalhando ao vento como se para nos provocar, dizendo: “Olhem para mim! Olhem para mim! Não sou linda? Vejam como sou muito superior a vocês”.

Ela fica muito longe de nós. Temos piolhos. Somos veneno para seus sentidos sofisticados. Não consigo evitar roubar alguns olhares preciosos. Sua beleza detém meu olhar. Estou espantada. Estamos muito horríveis em comparação a ela.

Ela é *Reichdeutsche*. Seu pastor alemão também tem pedigree; a cabeça dele não é muito pontuda e suas orelhas estão em pé, atentas à voz dela, aos seus comandos. Ele é cinzento e preto. Combina com os trajes dela. Juntos, andam empertigados fora do *postenkette*, as fronteiras de trabalho que a separam de nós, escravas. Seu chicote estala em sua bota. O vento faz farfalhar sua capa. Cavamos.<sup>35</sup>

Com o canto do olho, vejo-a tirar o quepe militar da cabeça. Seu cabelo dança ao vento, batendo em suas faces. Seus olhos são desafiadores quando ela olha para Emma, que não é nem nunca será sua igual. Ela joga o quepe fora dos limites dentro dos quais estamos restritas a trabalhar. Rapidamente baixo o olhar para meu trabalho. O vento para.

— Você aí! — a mulher da SS vocifera. — Pegue meu quepe.

Uma moça levanta o olhar de seu trabalho, avistando o resto de nós, mas estamos ocupadas. Somos invisíveis. Ela não é. Ela coloca a pá no chão e cruza o campo depressa para obedecer à ordem. Ela não pensa a respeito. Ela não questiona. É uma escrava, assim como todas nós. Hesitando antes de cruzar a fronteira para pegar o quepe da guarda, ela lança um olhar de volta para a mulher da SS.

— *Schnell!* — A mulher estala o chicote. Depois de se inclinar para pegar o quepe, a moça vai com timidez em direção à ariana. Seu braço frágil e magro segura o quepe timidamente.

— Ataque! — O vento capta a ordem com um silvo.

A moça congela no lugar, paralisada entre o medo e confusão.

O cachorro passa correndo por nós, rosnando. As mãos da moça voam para seu rosto.

Coloco-me na frente de Danka.

— Não olhe.

O animal poussa no peito da moça, derrubando-a no chão. Os gritos dela dilaceram o céu, arrancando o fôlego de nossa boca, partindo nosso coração em dois. Não podemos cobrir nossos ouvidos. Não podemos respirar.

Os gritos, ó Deus, aqueles gritos. Não há som na Terra tão horrível quanto aquilo.

Lanço um olhar apenas uma vez. Seus braços ensanguentados se agitam no ar. O cão chega à garganta. Cimentado diante de meus olhos, para nunca descansar, está seu espírito ao partir, separado do corpo pelas mandíbulas de um cachorro em seu pescoço.

Não há silêncio como esse silêncio... vazio... silencioso.

A reverberação da morte. Volto-me para a terra. Danka faz o mesmo. As moças próximas a nós levantam as pás. Ninguém respira.

Trabalhamos com mais afinco do que antes. Tão rápido quanto possível, nós cavamos, quase histéricas, mais e mais depressa. Nossos músculos doem. Nossos

ouvidos choram com o eco dos gritos dela. Apenas os sons dos que morrem são imortais em Auschwitz.

O cachorro ofega. A carcereira acaricia-lhe a cabeça. Ele lambe a pata.

— Bom menino. — O vento chicoteia sua capa. Começa a chover. Cavamos mais e mais rápido.

— Alto! — Abalada, Emma indica que duas de nós carreguemos o corpo para o campo. A moça parece uma pequena aranha que alguém esmagou sob as solas; tão magra, tão frágil. Pego seus braços. Não estão frios. Estão pegajosos.

Marchamos. Com cada passo que dou, a cabeça dela bate molemente em minhas costas. Com cada toque de sua cabeça, cada passo que dou, seus gritos rasgam minha alma. Eu aperto mais forte, com medo de que eu possa deixá-la cair, com medo de que eu possa danificar seu corpo ainda mais, com medo...

Não há silêncio na minha cabeça. Só há gritos.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rolamos para fora de nosso beliche. Estou menstruada de novo, mesmo que o ciclo de todas as outras tenha parado. Corro para o banheiro. Hoje tenho sorte; há restos de jornal. Escondo alguns pedaços extras no meu bolso antes de correr para fora e pegar meu chá. Somos contadas.

Mais e mais prisioneiros continuam chegando.

Agora há mulheres francesas e mais polonesas. As gentias são colocadas em um bloco separado de nós, judias. Estão melhores do que nós. Algumas das judias são dos guetos de Cracóvia. Há uma jovem chamada Janka, que todas estimamos. Ela tem apenas catorze anos, mas teve coragem de mentir sua idade na plataforma de trem. Para alguém tão jovem e bonita, é difícil acreditar que ela também seja tão esperta. Sua jovem vida foi a guerra e o gueto, e acho que ela pode ser implacável, se bem que Auschwitz é um bom lugar para se aprender a ser implacável. Janka é uma ave rara. Ela gosta de flertar com os homens, e eles lhe dão muitas porções de pão em troca de seu sorriso e porque ela tem notícias de casa, e talvez porque ela os faça se lembrar das próprias filhas.<sup>36</sup>

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

É domingo. Quantos domingos atravessamos? Não falamos sobre isso. Danka e eu tiramos piolhos de nós mesmas. É nojento, mas é pior ter piolhos do que procurá-los. Saímos para dar uma olhada ao redor. O verão chegou, mas eu nunca estou aquecida.

Gostaria de saber se o frio nunca vai embora ou se é como o *permafrost* na Finlândia, sempre logo abaixo da superfície de nossa pele.

— Danka! Rena! — Mal acreditamos em nossos ouvidos. Observando

atentamente a cerca, vemos Tolek. Ele está com uma aparência muito melhor, mais parecido com o moço que conhecíamos.

— Tolek! Onde você esteve? Andamos preocupadas.

— Está com fome? — Danka pergunta.

— Não, nada de pão. Recebi um bom grupo de trabalho, esvazio as latrinas. Levamos a sujeira para os campos, onde os agricultores locais pegam-na para usar em suas plantações como fertilizante. Há um agricultor gentil que me dá comida de sua cozinha, sorrateiramente, sempre que pode.

— Isso é maravilhoso.

— Se vocês não tivessem dividido seu pão comigo, eu nunca teria recebido um trabalho tão bom. Vocês me deram forças para continuar.

— Você também nos deu esperança, Tolek

— Vou jogar alguma coisa. — Essa é a dica para mantermos nossos olhos bem abertos, alertas para o perigo e para estarmos prontas a esconder a coisa que virá através da cerca. O guarda na torre de vigia está olhando para o outro lado. O pedaço está livre. Uma grande porção de pão de verdade cai aos nossos pés.

É o maná do céu.

— Obrigada, Tolek — Danka mostra seu belo sorriso.

— Tem cheiro de casa. — Deslizo o pão para debaixo da minha camisa.

— Agradeço às duas. Preciso ir. — Observamos nosso amigo desaparecer no campo masculino.

O cheiro da massa fermentada leva nossas narinas à distração.

— Venha, Danká, vamos voltar para o bloco e fazer um banquete.

Encolhidas em nosso beliche com as moças Dranger, dividimos o pão. Este não é o biscoito de merda de serragem e água que recebemos dos alemães, este é o pão polonês pesado que vem da terra e foi amassado pelas mãos de uma agricultora. Nossa boca não para de salivar. Imagino que todo o bloco consiga sentir o cheiro. Nossos dentes rasgam a massa e os nossos maxilares doem depois de não mastigar nada substancial por tanto tempo.

Há uma memória que vem à tona, clara em minha mente, algo sobre o pão e Mama. Afasto a memória, incapaz de pensar em qualquer coisa querida ou doce no momento. Enfiando o pensamento de volta ao lugar dele, continuo a refeição que Tolek dividiu conosco, mas há uma dor no meu peito e algo que molha minhas faces. Mastigo com ternura, perguntando-me de onde vieram minhas fungadas e se peguei um resfriado, enquanto limpo o nariz com as costas da minha manga de lã.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rolar para fora do beliche. Entrar na fila para fazer xixi. Ganhar uma concha de chá. Sair no escuro. Esperar na estrada do campo. Ficar em pé para a chamada. Ser contada.

Nasce o sol. Esperar na estrada do acampamento. Ser contada. Entrar na fila atrás de Emma. Marchar de volta aos campos. Trabalhar até que digam: “Alto!”. Receber sopa. Sentar por um momento. Levantar. Entrar na fila atrás de Emma. Marchar de volta aos campos. Trabalhar até que digam: “Alto!”. Marchar em fileiras organizadas de cinco pessoas, sob as palavras ARBEIT MACHT FREI — o leiteiro não significa mais nada. Ficar em pé em fileiras organizadas de cinco. Ser contada. O sol se põe. Ficar no escuro. Ser contada. Voltar para o bloco. Ganhar um pedaço de pão. Ficar na fila para nos lavarmos. Comer o jantar aos pouquinhos. Fazer durar. Lamber a mão. Deitar. Acordar.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Na contagem, um homem chamado Himmler aparece no campo. Deve ser importante. Ele observa a ordem em que nos alinhamos. As *kapos* são contadas. Elas também são prisioneiras. Ele olha para a sua lista.

— Uma pessoa nas fileiras terminou sua sentença de prisão hoje! — anuncia.<sup>37</sup>

Silêncio. Ele lê o nome dela. Há alguns gritos e abraços de felicitações entre as *kapos*. Assistimos, abaladas. Ninguém vai ler nossos nomes na chamada, pronunciando liberdade. Já sabemos disso agora. Elas são prisioneiras. Somos escravas. Elas são humanas. Nós não.

Enfim está quente. Imploramos por água. Trabalhamos no sol quente até sermos queimadas e ganharmos bolhas por causa dos raios solares. Agora usamos vestidos listrados, que não são mais confortáveis do que os uniformes russos. Pelo menos, os vestidos não têm buracos de bala.

Há um rumor de que, novamente, Auschwitz vai ser usado apenas para os homens. Vamos ser transferidas para Birkenau.<sup>38</sup> Há outros rumores de uma câmara de gás e um crematório.

— O que é Birkenau? — Não acreditamos nos outros rumores. Foram iniciados pelos alemães para nos desalentar.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rolar para fora do beliche. Entrar na fila para fazer xixi. Ganhar uma concha de chá. Sair no escuro. Esperar na estrada do campo. Ficar em pé para a chamada. Ser contada. Entrar na fila atrás de Emma. Marchar para os campos.

Trabalhar até que digam: “Alto!”. Receber sopa. Sentar por um momento. Levantar. Entrar na fila atrás de Emma. Marchar de volta aos campos. Trabalhar até que digam: “Alto!”. Marchar em fileiras organizadas de cinco de volta para... Espere! Nós nos viramos. Estamos sendo levadas de Auschwitz.<sup>39</sup>

Vozes sussurram entre nossas fileiras. Marchamos. Esta é uma mudança em nossa rotina. O desconhecido é perigoso. Olhos vigilantes, sentidos alertas, marchamos para fora de Auschwitz, para longe das muralhas e dos vigias. O sol se põe. Há cercas e mais arame farpado erguendo-se ao longe. Marchamos sob um portão diferente com a mesma placa: ARBEIT MACHT FREI. Não somos enganadas. Ficamos em pé em filas de cinco. Somos contadas. Emma e Erika e outras *kapos* vão para seus blocos. São transferidas conosco para esse novo campo.

Ficamos no escuro durante a contagem. Somos designadas para o Bloco Vinte, ou seria Vinte e Dois? Erna, Fela e Dina são colocadas em um bloco diferente. Está escuro quando entramos.

O chão é de terra. Aqui não há beliches; são prateleiras, tábuas de madeira, de três andares. Teremos que dormir aqui? Onde estão os colchões? Nossas camas se parecem com estábulos de cavalos. Há um cheiro acre de odor humano. Há trapos como cobertores. Ficamos em pé, espremendo nosso pão nas mãos, incapazes de lidarmos com aquilo, incapazes de nos mover.

Uma garota começa a chorar. O medo dela nos atinge, e, como palha seca, queimamos por dentro. Lágrimas não podem aplacar essas chamas de desastre. Estamos perdidas. Isto é Birkenau.

Fora! Fora! (N. T.)

Antes de 26 de março de 1942, os prisioneiros em Auschwitz eram todos homens, a maioria gentios poloneses, cumprindo pena por crenças políticas ou religiosas, e prisioneiros de guerra russos.

De acordo com o texto original, a palavra “raça” foi traduzida literalmente, pois remete a uma consciência da época, em que ser judeu era uma identidade para Rena. (N. E.)

*Reichdeutsche*: literalmente “alemães do Reich”. Refere-se ao povo de etnia alemã que historicamente pertencia ao Império Alemão fundado em 1871, com a unificação desse Estado nacional. Ocorre que o império abrangia territórios que hoje fazem parte de Bélgica, República Tcheca, Dinamarca, França, Alemanha, Lituânia, Países Baixos, Polônia e Rússia. Por esse motivo, havia pessoas de etnia alemã vivendo fora da atual Alemanha. Na época em que se passa o relato de Rena, na Segunda Guerra Mundial, tanto o povo de etnia alemã vivendo dentro da Alemanha Nazista como os alemães étnicos de outros países eram chamados de *Reichdeutsche*. (N. T.)

“26 de março [1942] ... 999 prisioneiras alemãs classificadas em antissociais, criminosas e algumas em prisioneiras políticas [...] recebem números de 1 a 999

e são alojadas na parte do campo principal separado pelo muro, ao longo dos Blocos 1 a 10 [...] 999 [1998] mulheres judias de Poprad [perto de Hummene], na Eslováquia, são [também] enviadas para a seção feminina de Auschwitz. Esse foi o primeiro transporte registrado enviado para o campo” (CZECH, 148).

Embora não haja certeza de que Johana Grunwaldova, de 25 anos, morreu no Bloco Cinco, ela foi a primeira a morrer. No dia seguinte, 28 de março de 1942, Marta Kornova foi a segunda. Tinha 20 anos.

“28 de março [1942] ...798 mulheres judias de Brunn [Eslováquia] ... recebem números de 1999 a 2796” (CZECH, 150). Esse foi o segundo transporte em massa de judeus registrados. Danka recebeu o número 2779.

*Kommando* é um termo em alemão que implica um grupo de trabalho sob o comando de um supervisor.

Rápido! (N. T.)

2-3 de abril de 1942: A Páscoa judaica acabava de começar quando mais dois transportes de mulheres chegaram da Eslováquia, trazendo mais 1 962 moças e mulheres para o campo. Passariam mais dez dias antes que outro transporte chegasse, dessa vez, também com homens. O único outro transporte a chegar em março foi o primeiro transporte da França. Tinha 1 112 homens, numerados de 27533 a 28644 (CZECH, 150-53).

Deus vos pague.

Fela Dranger chegou a Auschwitz no oitavo transporte em massa registrado, em 3 de abril de 1942, e recebeu o número 6030. Havia 543 homens e 457 mulheres naquele transporte com ela. Em 15 de agosto de 1942, “apenas 41 [dos homens] ainda estão vivos; isto é, no prazo de 16 semanas, 502 homens morrem”. O registro de óbitos com o número de mulheres que morreram no mesmo período foram destruídos pela SS, ou eles nunca foram registrados com precisão (CZECH, 158).

Essa mulher da SS era provavelmente Juana Bormann. Ela foi transferida de Ravensbrück para Auschwitz em março de 1942 e era conhecida como “a mulher com cães” (CLARK).

4 de julho de 1942: “Pela primeira vez, a administração de Auschwitz realiza uma seleção entre os judeus enviados ao campo.” A seleção ocorre na plataforma de desembarque e “pessoas de idade, crianças, mães com crianças e mulheres grávidas são informadas de que serão conduzidas ao campo. Depois são levadas ao bunker em Birkenau e mortas nas câmaras de gás”. Embora o número total de pessoas no transporte não tenha sido registrado, 264 homens receberam números de 44 727 a 44 990 e 108 mulheres receberam números de 8 389 a 8 496 (CZECH, 191-92). Janka teria chegado em 4 de julho ou depois. Seu número não é conhecido.

“17-18 de julho [1942] ...Himmler inspeciona o complexo do campo de Auschwitz, toma parte na matança de um transporte de judeus, comparece à

contagem no campo das mulheres e aprova o açoitamento de mulheres presas. Também dá ordens para Rudolf Hoss, o comandante de Auschwitz, a avançar mais rapidamente com a construção do campo de Birkenau” (RITTNER e ROTH, 29). A *kapo* Luise Maurer não é solta até o final de 1943 (CZECH, 199).

Auschwitz (Auschwitz I) fica a aproximadamente dois quilômetros de Auschwitz II, com frequência chamado de Birkenau; ambos são parte do mesmo complexo, conhecido como Auschwitz-Birkenau.

“5-10 de agosto [1942] ...A seção feminina em Auschwitz I é transferida para a Seção B-Birkenau” (RITTNER e ROTH, 29). “Birkenau era um pântano cercado por arame eletrificado. Não havia estrada alguma, nenhum caminho entre os blocos... De março a meados de agosto de 1942 ...cerca de 17 mil mulheres prisioneiras, a maioria judia, chegou a Auschwitz. Um grande número delas (provavelmente cerca de 5 mil) morreu antes da transferência das mulheres para o campo de Birkenau” (STRZELECKA, 401, 394).

Como vamos sobreviver a este lugar? O que temos de fazer para sobreviver? O que esta vida significa? Essas não são perguntas que atormentam nossos pensamentos em todos os instantes que passamos acordadas, todos os dias; estão apenas em segundo plano, preocupações que não podem ser respondidas. O que há para saber? Não recebemos um bilhete quando entramos em Auschwitz-Birkenau dizendo: “Você vai sair em tal e tal dia; você vai sair viva”. Não há garantias. Birkenau é um despertar cruel. Em Auschwitz havia muitas mortes, mas não era um fato diário de nossa vida. Agora vemos morte todos os dias. É uma constante, como nossas refeições. E não há apenas uma ou duas moças morrendo, como antes, mas dezenas e vintenas, e perdemos a conta.<sup>40</sup>

Sei que devo ficar com minha irmã. Sei que devo garantir que ela sobreviva; sem ela, não posso viver. Não admito esse fato a mim mesma, mas sei que ela é parte da verdade do meu ser. Não podemos ser separadas; há perigo na separação.

Está mais frio do que estava ontem, mas ultimamente está sempre frio. Mesmo no calor do verão não me sinto aquecida. Ficamos molhadas por dias depois que chove; a umidade penetra tudo. Como é possível medir a temperatura quando só existe uma? É o frio que amortece, como o entorpecimento em minha mente — sempre aqui, garantido, até que passa a ser ignorado.

Eu costumava amar o calor, os dias reluzentes do verão, mas este ano parece que ele desapareceu. Pode já ser outono? Quanto tempo faz que estamos aqui? Que mês será? Deve haver árvores em algum lugar no mundo que estejam mudando de cor, preparando-se para receber o inverno com seus vermelhos flamejantes, alaranjados e dourados, mas não vejo nenhuma mudança aqui. É sempre cinza. Eu mesma estou cinza.

Temos um calendário em Birkenau. É a fome.<sup>41</sup>

O vazio em nosso estômago nunca cessa, assim como o frio nunca nos abandona. É nosso único relógio, nossa única forma de discernir que hora do dia é. Manhã é fome. Tarde é fome. Noite é fome. Lentamente sofremos de

subnutrição até que não conseguimos discernir nada além do rugir de nossas entranhas consumindo a si mesmas.

Uma líder do bloco me pergunta se quero ser uma líder do quarto.

— Não, obrigada — respondo a ela, mas, em minha cabeça, penso que não posso tomar o pão de outras que estão tão famintas quanto eu; não posso bater em pessoas que sofrem tanto quanto eu. Repito meu cântico particular: seja invisível. É uma das regras pelas quais eu vivo. Aquelas que são visíveis demais acabam sendo derrotadas, então fico nos bastidores e tento apenas sobreviver.

Só uma coisa existe além dos portões de Auschwitz-Birkenau. Está à minha espera como um facho de luz que brilha através da bruma. Seguro-o diante de mim constantemente, a cada segundo de cada dia. É a única coisa que me faz continuar: Mama e Papa. Às margens de minha mente, eles acenam, chamando a mim e a Danka. Suas mãos estão contra o pano de fundo do céu de neve e inverno. *Estamos aqui!*, gritam. *Estamos esperando que vocês voltem para casa.*

*Estamos indo, Mama*, lembro a eles. *Não nos deixem aqui sozinhas*. E eles não deixam. Ouço Mama confortar minha mente perturbada, acalmando as preocupações de nossa existência. A única coisa em que ela não consegue ajudar é nossa fome, mas mesmo a fome é atenuada em comparação ao conhecimento de que Mama e Papa estão esperando que Danka e eu voltemos para Tylicz. Enquadro a imagem em minha mente e penduro em uma parede mental onde posso vê-la o tempo todo. Sei que eles estão ali. Trabalho porque eles precisam de mim. Como porque estão esperando. Vivo porque estão vivos.

*Mama, eu trouxe seu bebê de volta*. Repito de novo e de novo em minha mente. É o refrão de uma canção que me mantém forte, saudável e com coragem: *Mama, eu trouxe seu bebê de volta*. Meu único grande feito na vida, meu destino, é sobreviver a isso e retornar triunfante com minha irmã para a casa de nossos pais. Meu sonho não pode ser maculado pelos chicotes alemães, pelas correntes ou pelas regras. Vou ter sucesso porque não tenho outra escolha. O fracasso nem sequer me ocorre. Podemos morrer nesse ínterim — a morte não pode ser evitada aqui —, mas nem mesmo isso pode me dissuadir de meu único propósito na vida. Nada mais importa a não ser essas quatro coisas: ficar com Danka, ficar invisível, ficar alerta, ficar entorpecida.

Pergunto-me se algum dia vou acordar novamente para me virar numa cama de verdade. Vou abrir meus olhos sem ordens alemãs e decidir dormir mais porque está chovendo e não preciso acordar ainda? Algum dia vou sonhar de novo? Os dias são longos e duros, mas as noites são desprovidas até mesmo do alívio dos sonhos, da dor dos pesadelos. Arrasto-me para minha prateleira e puxo um trapo de lã sobre meus ombros. Finjo que vai me aquecer. Caindo na inconsciência, sou desperta por latidos, tiros, por nada... às quatro da manhã.

— ... *Raus! Raus!*

As líderes do quarto batem nas moças que ainda estão dormindo e naquelas

que não são velozes o bastante para descer das prateleiras onde estamos deitadas. Este lugar é tão diferente assim de Auschwitz? As líderes dos quartos, as do bloco, todas têm um quê na voz que nunca ouvi antes.

Mesmo com todos os seus privilégios, mesmo com a comida extra que roubam de nós, escravas nada afortunadas, também têm um chão de terra sob seus pés. Têm catres em vez de madeira onde dormir, mas estão num estábulo adaptado tanto quanto nós.

— Venha, Danka. — Sacudo-a delicadamente. — Temos de nos levantar para encontrarmos o banheiro. — Não há sanitários no bloco, como tínhamos em Auschwitz; há um balde. O fogão a lenha está no fim da fileira de baias, nos fundos do bloco, perto do quarto das líderes. Há uma cortina que divide as líderes do resto de nós.

— Onde é o banheiro? — pergunto, abaixando-me quando a vara bate, visando minha cabeça. Este não é lugar para perguntas. Corremos para fora. A chaleira está no lugar de costume, ao lado da porta. Seguramos nossas tigelas; a concha espirra chá morno em nossas mãos.

Em fileiras organizadas de cinco na escuridão, comemos o pedaço de pão que nos resta e esperamos que os SS cheguem. Notamos que o dia vai melhor se podemos comer alguma coisa antes do trabalho, por isso Danka e eu sempre comemos apenas metade de nossa porção à noite, guardando o resto até de manhã.

Stiewitz e Taube, homens da SS, marcham de um lado para outro pelas fileiras, contando nossas cabeças. A guarda Drexler, chefe do campo feminino, vigia; seus dentes tortos aparecem mesmo quando sua boca está fechada. A contagem leva pelo menos duas horas neste primeiro dia em Birkenau. Não estamos acostumadas a ficar em alerta por tanto tempo; lutando contra o impulso de mexermos os pés, não podemos nem mesmo bocejar. A cada poucos minutos, Taube bate em alguém por não parecer alerta o bastante, por mexer o corpo sem nenhuma razão.

— Dispensadas! — As ordens irrompem pela luz da aurora. Pego a mão de Danka, caminhando rápido em direção a Emma. Mantive meu olhar nela desde que viemos para a contagem. Com todas as mudanças nas últimas 24 horas, estou determinada a manter uma coisa constante, e entrar para o grupo de trabalho de Emma é a única coisa sobre a qual tenho o mínimo controle. Ela nos oferece um breve sorriso quando nos alinhamos atrás dela. É um pequeno conforto ver um rosto familiar em arredores tão terríveis. Emma é esse rosto.

Trabalhamos o dia todo e marchamos de volta para os estábulos.

— Devemos tentar dormir aqui. — Aponto para uma área longe o bastante do quarto da líder do bloco para nos dar tempo de levantarmos de manhã sem sermos atingidas por sua vara. Nós nos arrastamos para as prateleiras, segurando nosso pão e agarradas a nosso cobertor entre nós. Em silêncio, mastigamos

metade do nosso pão, escondendo o restante em nossos bolsos. Durante a tarde, descubro que Birkenau é onde os prisioneiros de guerra russos eram mantidos. Com um estremecimento, lembro-me dos corpos caindo na lama entre o Bloco Deze e o Bloco Onze. Agora devem estar todos mortos.

Mal sobrevivemos nessas primeiras semanas. A comida é em menor quantidade do que era antes, o que significa que passou de uma casca a meia casca. A sopa é tão rala que não tem sentido esperar no fim da fila para um pedaço de nabo ou de carne, e o chá é praticamente água. A cada manhã que acordamos, pelo menos uma mulher morreu em nosso bloco. Não há exceções. Estamos caindo como moscas.<sup>42</sup>

É preciso ter cérebro para compreender tudo o que está acontecendo, como sermos astutas no campo: onde é mais quente, quem são os mais perigosos, quem oferece um pouco mais de sopa. As recém-chegadas mal têm tempo de entender como sobreviver antes de morrerem.

Depois da contagem, não se sabe de mais nada do que está acontecendo. Não podemos ficar matutando sobre o que está ocorrendo conosco e com todos os outros, porque assim não temos energia para seguirmos em frente, mas temos que continuar seguindo. O trabalho que fazemos pode nos matar, mas, se não fizermos, seremos mortas.

Não importa qual seja o grupo de trabalho, trabalhamos, cavamos, carregamos, peneiramos, empurramos, morremos. Mas Emma não mata as prisioneiras; pelo menos disso eu sei. Todas as manhãs, Danka e eu corremos para entrarmos em seu grupo. Birkenau é ruim, mas Emma não o torna pior.

É domingo. Ficamos em pé para a contagem, mas depois, em vez de sermos dispensadas, nos dão ordens de entrarmos em um bloco onde mesas estão postas. Ao entrarmos, recebemos um cartão-postal e um lápis.

— Escrevam para suas famílias e digam que estão bem e que gostam de trabalhar aqui — mandam-nos.

Olho para eles com incredulidade, incapaz de acreditar que devo escrever mentiras para meus entes queridos.

— Querida Zosia — rabisco no topo de meu cartão.

— Devem escrever exatamente como lhes dissemos: “Estamos sendo muito bem tratadas” — ditam-nos. — “Temos o suficiente para comer e o trabalho não é duro. Espero vê-los em breve. Com amor...” Assinem seu nome.

Lembro dos gritos de Zosia quando ela disse que o cartão de Nathan mencionava que ele estava na Sibéria e, no fim de meu cartão, registro rapidamente em polonês: *Aqui é frio, assim como Nathan lhe disse*. Rezo para que Zosia enxergue a verdade por trás de minhas palavras. Rezo para que ela e seus filhos não nos sigam para Auschwitz. Entregamos nossos cartões e somos liberadas. Sinto-me fraca, trêmula com o suplicio. Embora trabalhemos duro todos os dias, escrever essas pequenas palavras para Zosia tomou mais de mim.

Danka e eu não discutimos os cartões que escrevemos. Não discutimos nada da família.

Meu fluxo mensal me acorda. Na confusão de mudar de um campo para outro, nem sequer penso em trazer quadrados de jornal comigo. Não pensei que a latrina em Birkenau seria diferente em nada do banheiro de Auschwitz. Como sou ingênua; jornal é um luxo que não merecemos mais.

Uma vez por mês, meu fluxo chega sem aviso prévio. É algo que temo e espero, sem nunca saber se vai fazer sua aparição. Vou estar trabalhando? Vou estar na fila da tosquia no domingo, constrangida na frente dos homens? Será hoje o dia em que não vou encontrar nada para conter o fluxo, e os SS vão decidir me espancar até a morte por ser impura? Será hoje o dia que o retalho que eu encontrar vai me dar infecção?

Odeio o cheiro. Odeio não poder tomar um banho. A pia em Auschwitz era um alívio, mas em Birkenau não há pia alguma, apenas torneiras. É impossível remover a terra e a imundice do meu corpo sem sabonete. Aos domingos, se há tempo, uso minha tigela vermelha para um banho de esponja, embora não haja esponja ou água que não seja fria. Não importa a força que eu use para esfregar, nem a frequência; sempre parece que algo foi deixado em minha carne. Preocupo-me se o cheiro de sangue vai atrair os cães até mim. De todos os horrores do campo, os cães são os que mais me assustam. Rezo para que, se eu tiver de morrer, que não seja gritando.

A rotina mudou ligeiramente em Birkenau. É mais fácil usar a latrina de manhã, porque à noite, depois que a porta se fecha, ninguém pode ir lá fora. Então tento levantar antes das líderes do quarto e saio de fininho antes que a fila fique longa demais. Se não dá certo, uso o balde sob a cobertura da escuridão e então volto sorrateiramente para o beliche ao lado de Danka, para mais alguns momentos preciosos de descanso.

Por pior que Auschwitz fosse, sinto falta de lá. Sinto falta de poder lavar meu rosto e minhas mãos, sinto falta dos colchões de palha e dos pequenos cobertores que Danka e eu tínhamos. Agora temos de brigar por apenas um cobertor que mal nos cobre. Em Auschwitz, os beliches onde dormíamos eram espaçosos em comparação a esses; agora há seis mulheres por prateleira. Ficamos amontoadas tão próximas que quase temos de nos tocar.

Se já não fosse ruim o suficiente, quase todos os dias há outro transporte e mais e mais moças e mulheres enchem o campo. As moças chegando da Holanda ainda têm esmaltes nas unhas.<sup>43</sup>

Há tantas mais de nós neste novo campo do que jamais houve em Auschwitz, e a contagem demora o dobro do tempo que costumava demorar. No fim do dia, quando somos finalmente dispensadas para nossos blocos, corremos tão rápido quanto nossas pernas cansadas aguentam para nos certificarmos de que temos um cobertor e o melhor lugar para dormir. Decidi que sempre tentaremos dormir

no nível do meio das prateleiras. O de cima é alto demais para subir depois de um dia duro de trabalho, e o de baixo é frio demais.

Levamos nosso pão, subindo no bloco úmido. Juntas, nos arrastamos para as prateleiras, mordiscando metade de nosso pão antes de desabarmos no desespero de sono sem sonhos, amassando outro pedaço em nossas mãos para o desjejum. Não é mais seguro em nossos bolsos. Há aquelas que vão tentar abrir nossas mãos enquanto dormimos, para roubar nossa comida. Há aquelas que vão pegar nosso cobertor de nossos corpos enquanto dormimos se não os segurarmos firmemente. Algumas noites, voltamos do trabalho e alguém já pegou nosso cobertor; algumas noites acordamos tremendo porque alguém o arrancou de nossas mãos. Contudo, não posso levantar e fazer a mesma coisa; pegar o cobertor enquanto alguém dorme é insensível demais, por isso Danka e eu nos encolhemos uma à outra para nos aquecermos e esperarmos até a próxima noite, quando vou pegar o cobertor de um beliche que ainda não foi requisitado. Tenho esse direito; alguém roubou o nosso.

Em fila para o pão. A líder do bloco chama meu nome.

— 1716! Você parece robusta. Vamos fazer ginástica no sábado à noite. Sabe dar pirueta? — Faço que sim com a cabeça, timidamente. — Bom! Quer ganhar uma porção extra de pão? — Assinto novamente, temendo recusar. — Então você e algumas outras virão comigo e praticarão uma rotina de ginástica para apresentar para a SS nesse sábado à noite. — Entrego minha porção de pão a Danka e sigo a líder do bloco e umas dez outras moças para fora.

— Vamos começar com cambalhotas — a líder nos instrui.

— Quem aqui sabe dar saltos acrobáticos? — Duas moças levantam as mãos — Mortais? Paradas de mão? — Levanto a mão com algumas outras. Nós nos alinhamos de acordo com nossos talentos e seguimos para ensaiar os passos.

— Sorriam quando terminam a sequência! — ela grita. — Sustentem a pose depois de terminarem as piruetas! Peito estufado! Queixo erguido! — É muito estranho dar cambalhotas no chão de um bloco vazio, sobre um pequeno palco. E é ainda mais estranho tentar fingir que estamos nos divertindo ao fazer as peripécias.

Treinamos por cerca de uma hora antes de sermos liberadas.

— Certo, durmam um pouco. Amanhã, vamos praticar uma pirâmide. — Voltamos com passos pesados para o bloco, doloridas e cansadas do esforço físico. Não posso acreditar que vão nos obrigar a nos apresentar para os SS. Continuamos a praticar nossas sequências por mais duas noites.

No sábado à noite, enquanto recebemos nossa ração noturna, a líder do bloco nos diz:

— Tenho uniformes de ginástica para vocês vestirem para a apresentação. Depois de comerem, venham ao meu quarto e eu lhes darei as roupas. — No quarto dela, cada uma de nós recebe uma blusa de moletom e bermudas para

vestirmos. — Vocês vão ganhar uma porção extra de pão depois da apresentação. — Ela nos lembra da razão pela qual vamos encenar essa farsa.

— Agora vão se trocar e me encontrem na porta em dois minutos!

Um grupo seletivo de prisioneiras recebe permissão para assistir. Danka está entre elas. Os SS sentam-se nos fundos do bloco vazio para ficar o mais longe possível do palco. Já era ruim o suficiente fazer os números sem ninguém ver, mas agora que os SS estão assistindo, a humilhação é dez vezes pior. Uma lâmpada está pendurada sobre a área de apresentação, iluminando o palco de compensado. Os SS sentam-se em cadeiras no outro extremo, ansiosos para assistir à apresentação de seus macacos. Conversam alegremente, desfrutando da noite de sábado, como se o entretenimento fosse o circo vindo para a cidade.

Marchamos para o centro das luzes e nos curvamos para os oficiais.

Eles batem palmas sem entusiasmo. A líder do bloco bate num tambor que ela conseguiu em algum lugar, tentando nos dar um senso de ritmo. Dou três piruetas seguidas. Aplauso. Uma moça dá um salto. Aplauso. Mortal. Aplauso. Faço piruetas em um círculo. Não há sorriso no meu rosto quando fico em pé. Aplauso. Os lábios não se curvam, não importa o que eu faça. Posso trabalhar dez horas por dia, posso sofrer de inanição e ver pessoas morrendo, mas não consigo sorrir — é impossível.

A madeira sob nossos pés nus é dura e não perdoa. Completo a sequência. Aplauso. Uma moça faz uma abertura de pernas. Aplauso. A base da pirâmide se alinha. O segundo nível sobe nas costas do primeiro, depois o terceiro. Subo sobre todas elas, rezando para que não caiam sob mim por fadiga. Então fico em pé, levantando a mão sobre a cabeça, abrindo a boca um pouquinho. Não é um rosto feliz o meu, é um rosto de questionamento; boca aberta como um ponto de interrogação. Por que estou fazendo isso? Vale mesmo a pena por um pedaço de pão?

Os aplausos são medíocres. Salto no chão. Formamos uma linha, de mãos dadas, nos curvando para nossos superiores, depois viramos e marchamos, peito estufado, queixo empinado, de volta para nosso bloco.

No quarto da líder do bloco, devolvemos as roupas de ginástica e pegamos nosso pedaço extra de pão, como cães ganhando um osso.

— Bom trabalho — ela elogia. — Da próxima vez, devemos tentar saltos mais difíceis. — Cabisbaixa, olho para o chão em busca de algum alívio, enquanto divido minha porção de pão exatamente na metade para compartilhar com minha irmã.

Não vai haver próxima vez. Ela não consegue ver como estamos doentes e cansadas? Apenas esses poucos dias de prática cobraram o preço em nossos corpos. Tenho medo de ter perdido mais peso; sei que algumas das moças perderam. E por um pedaço de pão? Deveríamos ganhar uma refeição inteira pelo trabalho que fizemos. Nunca mais quero fazer nada parecido. Arrastando-se

a nosso lugar nas prateleiras, Danka sussurra:

— Você foi bem, Rena. — Sua voz é tão doce, tão amorosa. Minha cabeça cai. Minhas pálpebras caem. Desapareço.



Meu feriado judaico preferido é o Yom Kippur, o Dia do Perdão, porque nesse dia nós jejuamos e depois todos perdoam uns aos outros, se abraçam e fazem as pazes. Adoro toda a ideia do recomeço. Jejuar é um ato de força e de coragem. E por meio do jejum aprendi que a fome está toda em nossa mente. Eu até mesmo me demorava no caminho do templo até em casa, só para prolongar meu jejum tanto quanto possível. Depois do pôr do sol finalmente podíamos comer e eu saboreava cada bocado e comia lentamente, para que pudesse pensar em como minha fome já tinha passado. Havia uma sensação de conquista em jejuar o dia todo, uma sensação de paz.

De alguma forma, calculamos quantos domingos passamos no campo e isso nos diz que é Yom Kippur.<sup>44,45</sup> Por isso, Danka e eu jejuamos do crepúsculo de um dia ao crepúsculo do outro. Em meu coração, rezo: “Ó Senhor, meu Senhor, por favor ajude meus pais e os proteja até que possamos voltar para casa. Diga a eles que estamos vivas e que nós os amamos. Diga à Mama que sei que ela está olhando por nós através de Seus olhos. Fortaleça nossa fé e nosso corpo. Não nos deixe vacilar de fome. Em Seu nome, Senhor, que é o meu Senhor”.

Há poder na minha prece; ela fortalece meus braços e minhas costas quando peneiro areia o dia todo. O conhecimento de que nosso Deus está próximo alivia nosso espírito, e trabalhamos com esperança renovada em nosso coração, ignorando o pão no fundo de nossos bolsos e recusando a sopa no almoço. À noite, depois do pôr do sol, comemos o pão do jantar do dia anterior e guardamos o de hoje para a manhã. Jejuar é algo significativo, mas já estamos tão famintas que jejuar faz pouca diferença em nosso estômago. Simplesmente fazemos como fizemos todos os anos de nossas vidas desde que temos idade suficiente para jejuar nesse dia santo.



Danka está atrás de mim, esperando pela sopa, quando a *kapo* a acusa de voltar para a fila e tentar repetir e bate na cabeça dela com a concha de aço.

— Nunca mais vou pegar sopa. — Ela está diante de mim, chorando, tigela vazia.

— Danka, você tem de pegar a sopa. Eles não nos alimentam o suficiente para você pular uma refeição.

— Nunca mais vou entrar naquela fila.

— Aqui, divida comigo.

— Não, você não tem de fazer isso.

— Por que não? Eu podia ter apanhado. Ela só escolheu você porque ela é cruel, egoísta e também quer a sua refeição.

— Não vou pegar a sua.

— Bem, é melhor, pois não vou tomar nada até você tomar, então você vai desperdiçar tudo. Venha, tome um pouco. — Pegamos nossas colheres, tomando da mesma tigela. Ela beberica hesitante.

— Você não encheu sua colher tanto quanto a minha. Beba um pouco mais.

Ela pega um pouco mais, sorrindo vagamente. Há um ínfimo pedaço de nabo boiando. Empurro-o para Danka. Ela devolve. Então bebo minha parte da sopa, duas colheradas de uma vez, dividindo o nabo igualmente entre nós.

No dia seguinte, ela se recusa a entrar na fila durante o almoço, e tenho de convencê-la de novo a tomar um pouco da minha sopa e assim vai; contamos nossas colheradas e dividimos minha refeição. Queria que ela voltasse para a fila da sopa, mas fico de boca fechada.

É domingo. É outono. Descemos das prateleiras. Pegamos nosso chá. Comemos nossa metade de pão. Há um rumor de que vai haver uma seleção.

— O que é uma seleção? — perguntamos entre nós.

Nós nos arrumamos durante todo o dia, tirando piolhos das axilas e das roupas. Não há como enfrentar essas criaturas; estão em toda parte. Cuspo nos meus sapatos e molho o vinco em minhas calças. É importante ter boa aparência se vai haver uma seleção — o que quer que signifique. Quero estar bem. O domingo se vai com a luz de um sol pálido.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Pegamos nosso chá e saímos. Noto imediatamente que algo está diferente. Os guardas não nos contam de pronto. Em vez disso, estão parados em uma das extremidades do campo, ignorando nossas linhas organizadas e fileiras perfeitas. Esperamos e esperamos. Depois que o sol nasce, esperamos. A fileira na extremidade começa a avançar devagar. Apertamos nossos olhos para ver o que está acontecendo, mas eles estão longe demais.

— Estão nos selecionando. — O sussurro percorre as fileiras, informando aqueles de nós que ainda não estão se movendo em direção aos SS.

— O que isso significa? — pergunta Danka.

— Não sei — minto. Tenho uma ideia, mas não é algo que vou compartilhar

com ninguém de quem eu goste. Ficamos em nossas fileiras, forçadas a contemplar que novo truque nazista é esse.

— Estão decidindo quem irá viver e quem irá morrer — confirmam os sussurros. Nossas fileiras ficam silenciosas e imóveis. Como isso pode ser verdade?

Como eles podem fazer isso? Vimos como pisam em nós como se fôssemos baratas — por que esse próximo fato vem como uma surpresa? Seguimos adiante. Pego a mão de Danka, apertando de forma a encorajá-la.

— Vou na sua frente — sussurro.

Há duas irmãs no fim da fila. Reconheço-as do primeiro transporte. Como eu, elas estão aqui desde o começo. Elas vão até a mesa dos oficiais da SS. Um deles aponta para uma ir para a direita e outra para a esquerda.

— Não! Por favor! — grita a que recebeu a sentença final, caindo de joelhos. — Deixe-me ir com minha irmã — implora ao oficial, com o cuidado de não o tocar. Ela se encolhe nas botas lustrosas de obsidiana, choramingando por misericórdia.

Ele aponta. Ela segue a irmã. De mãos dadas, elas caminham em direção aos caminhões.

Aperto a mão de Danka uma última vez antes de me colocar diante daqueles que me julgarão adequada ou inadequada. Amanhã pode não ter sentido para nós se não passarmos por essa seleção. E se passarmos? Amanhã pode não ter sentido para nós.

Prendo a respiração. O polegar aponta para eu viver. Dou um passo adiante com hesitação, com cautela, e espero por minha irmã...

O polegar indica que Danka me siga. Respiro.

Aperto os olhos para um último vislumbre das irmãs e, de repente, queria tê-las conhecido, sabido seus nomes, qualquer coisa sobre elas. Tudo o que sei é que elas estavam na fila diante de mim quando fui tatuada no segundo dia no campo. Acho que foram as moças de número 1001 e 1002. Olho para meu cotovelo esquerdo. A tinta preta-azulada flameja para mim. 1716. Não vi muitos números inferiores ao meu desde que vim para Birkenau. Quantas de nós estiveram no primeiro transporte?<sup>46</sup>

Eles empurram e levantam para cima dos caminhões as moças que foram para a direção oposta à nossa. Não vejo os temidos caminhões desde o dia da minha chegada. O rosto de Danka empalidece, o sangue some de seu rosto. Paralisada de medo, ela observa as moças rastejarem umas sobre as outras quando os SS batem nelas com chicotes de montaria. Bois e ovelhas são tratados com mais respeito. Pego a mão dela, tentando afastá-la da cena do outro lado do complexo, mas me encolho ao toque de sua pele fria e úmida.

— Venha, Danka. Não há nada que possamos fazer por elas agora.

— Para onde elas estão sendo levadas?

— Não sei, mas não deve ser bom. — Os olhos dela ficam vidrados. O sol se escondeu abaixo do horizonte. Não posso acreditar que passamos um dia inteiro esperando que “deuses” autoproclamados decidam se somos adequadas o suficiente para viver. Naquela noite há menos moças e mulheres em nosso bloco. Não perguntamos para onde elas foram.

Na manhã seguinte nos alinhamos para a contagem, mas não somos contadas. Em fileiras perfeitas de cinco, esperamos. No escuro. Na luz da manhã. No sol do meio-dia. Esperamos. A fileira avança. Não há pausa para o almoço, não há descanso de ficarmos em pé e esperar.

Somos “selecionadas” novamente.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Há outra seleção.<sup>47</sup>



Uma noite depois da contagem, a líder do bloco dá pacotes da Cruz Vermelha à Danka, a mim e a algumas outras. Ficamos olhando para os pacotes, intrigadas por sua presença neste lugar. Eles têm até mesmo nossos nomes no papel pardo: *Rena Kornreich* e *Danka Kornreich*. O selo é da Suíça. Olho-o fixamente por um longo instante. É colorido e ornamentado, e confirma que há um mundo além das cercas eletrificadas e do arame farpado que nos cerca. É prova de que em algum lugar alguém se importa se vivemos ou morremos.

Rasgamos o papel pardo, abrindo as caixas como se fossem presentes da família. Há uma lata de sardinha, um pacote de biscoitos salgados e um biscoito doce de chá. Lentamente abrimos a parte de cima das sardinhas. São tão salgadas. Depois de não provar nada com sabor em seis meses, são um banquete em nossa boca. Colocamos o dedo no óleo e lambemos devagar, tentando fazer durar, mas mesmo que lambêssemos a noite toda, nunca seria suficiente. Os biscoitos doces e salgados nós guardamos nos bolsos para o dia seguinte.

Hoje me sinto mais forte, saboreando os biscoitos salgados com nossa sopa no

almoço e guardando o doce para o jantar. O doce serve como uma verdadeira sobremesa depois de nosso jantar escasso. Mergulha nossos sentidos em outro reino, derretendo em nossa boca, fazendo-nos desejar mais. Ansiamos por açúcar desde o dia em que chegamos ao campo; ele percorre nosso corpo, mas logo acaba. Somos gratas por essas três quase refeições, mas no dia seguinte nosso estômago se abre e dói por mais e não resta nada de sobra a não ser pão, chá e sopa.

— Você vai pegar sopa hoje? — pergunto, esperando que o pacote de caridade tenha encorajado o apetite de Danka. Ela sacode a cabeça. Trato-a com o máximo de gentileza possível, mas se ela não começar a comer mais e a pegar a própria sopa novamente, vai se tornar uma *muselmann*, e daí não há volta.<sup>48</sup> Se nos tornarmos emaciadas, estamos perdidas. Tento e tento fazê-la pegar sua própria tigela de sopa, mas suas forças estão minguando diante de meus olhos. Como faço para minha irmã querer viver? Sem esse desejo não há como sobreviver, e preciso dela com tanta força como ela precisa de mim.

Quando temos de marchar para o trabalho e retornar à noite, há agora uma banda tocando e devemos caminhar no ritmo da música.<sup>49</sup> É um disparate em relação a tudo que fazemos, um tapa na cara de qualquer dignidade que nos reste. Acho que os alemães gostam do fato de que isso nos degrada a descer mais um degrau na escada da vida. As musicistas estão em situação melhor do que a nossa, mas não guardamos rancor de ninguém que consegue encontrar trabalho. Além disso, elas são forçadas a tocar, não importa qual seja o tempo, e elas podem ser selecionadas assim como qualquer outra. Somos todas escravas. Uma escrava pode ter um trabalho mais fácil, mas ainda somos escravas. A única forma de evitar a morte certa é trabalhar com eles, mas nem mesmo isso significa que podemos escapar por completo da morte.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus! Schnell!*

Levantamos de nossas camas de madeira dura e gelida. É difícil se mover. Estamos rígidas e exaustas. Cada junta e ligamento gritam com a fadiga. Está um gelo. O chá perdeu o vapor nessas temperaturas abaixo de zero. Mesmo os SS, que são tão pontuais em tudo, levam um tempo maior para entrar pelos portões, contar nossos corpos trêmulos. É a primeira geada da estação, e nossos corpos ainda não estão acostumados ao frio do ar.

Minha mente funciona com a mesma lentidão com que o sangue corre em minhas veias. Um lapso temporário de consciência, o fato de estarmos no fim das fileiras e uma breve pausa para cruzar o pátio até nosso grupo de trabalho, e Danka e eu nos atrasamos para o grupo de Emma.

— Meu grupo está completo — ela nos diz. Um SS indica para ela marchar. Ela dá de ombros; não há nada que possa fazer. Ficamos ali, olhando desoladas

para a *kapo* que adotamos como nossa guardiã, mas seu *kommando* — nosso *kommando* — marcha, deixando-nos para trás. Com um estremecimento, dou meia-volta, minha irmã comigo, com esperanças de que o grupo de Erika ainda esteja aberto.

— Entrem num grupo! — Nosso caminho até Erika é redirecionado quando um chicote cruza minhas escápolas e somos impelidas até as fileiras de outro *kommando*. Pegas por uma *kapo* ansiosa por encher seu grupo, nós nos alinhamos atrás dessa estranha e partimos para o trabalho. Seus olhos são vivos e cruéis. Seu rosto é carrancudo. Ela é tudo que estávamos tentando evitar. Seu triângulo é verde. Essa *kapo* é uma assassina. A tensão em nossas fileiras é palpável. Marchamos em passo perfeitamente sincronizado.

— Temos de ser cuidadosas — alerta Danka, ousando apenas o mais breve dos sussurros. — Muito cuidadosas.

É um dia infundável. Essa *kapo* se deleita em encontrar falhas e nos punir por elas. Tem uma queda pelas fracas, e essas ela tortura sem piedade até que desabem e ela possa pôr fim com um rápido chute. Até o almoço, ela já matou três prisioneiras. Ela é habilidosa com a matança. Na hora do almoço, apenas molha nossas tigelas com o caldo; mal dura alguns goles. Não há regulamentação sobre a comida. Ninguém se importa se ela acumula para si mesma ou nos priva por mera crueldade. Ela é o mal encarnado, deleitando-se em cada momento em que tem a possibilidade de infligir dor, uma sádica que se sente em casa, num mundo de vítimas. Somos seus próprios peões.

Ela não vai se cansar dos abusos? Não, ela continua durante toda a tarde, batendo, destruindo, demolindo todas nós como bonequinhas. Uma moça está incredivelmente ferida e, então, como uma medida adicional de despeito, a *kapo* a deixa mutilada e sofrendo no chão perto das mortas, sabendo que sua vez não virá até que ela seja arrastada para a câmara de gás. Aqui não há mortes por misericórdia.

Quando vem a ordem para pararmos de trabalhar, a moça debilitada é forçada a andar apenas com a ajuda de outra moça. Seus gemidos e choramingos acompanham-nos enquanto carregamos as mortas e feridas de volta para o campo: três corpos em doze horas.

Como todas as *kapos*, Emma bate em nós, mas não o faz por prazer; faz para mostrar. Se os SS estão por perto, ela precisa ser dura, mas nunca bate em ninguém até sangrar, e nunca espanca ninguém até a morte. Ela bate se somos preguiçosas ou se fazemos algo estúpido, e bate para que os SS não pensem que estamos sendo favorecidas, mas as únicas mortas que carregamos, trabalhando sob a vigia de Emma, foram mortas pelos SS ou entraram em colapso devido à fome ou uma doença.

Não importa de que atrocidades de trabalho eles nos incumbam, Emma raramente deixa nossa situação pior. Há muito poucas constantes no

acampamento, mas Danka e eu somos uma para Emma, assim como ela é para nós. Nós três estamos lá, dia após dia. Talvez Emma não seja má para nós porque nos reconhece. Há tantos prisioneiros agora que há sempre novos rostos, novos números, mas somos as veteranas, em pé na frente dela todas as manhãs, fazendo o nosso melhor para sobreviver.

Não percebemos como temos sorte de ter essa aliada secreta em Emma até sofrermos o *kommando* sob a liderança da assassina. Não é que sejamos amigas, ou que ela vá fazer qualquer coisa fora do comum para nós; somos judias, afinal de contas, mas acho que há um lugar em seu coração para minha irmã e eu. Estou contando com isso; de que mais podemos depender? Há incerteza demais. Emma simplesmente nos dá uma coisa a menos com que nos preocupar.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Rastejamos para fora das pranchas de madeira. Nossos sapatos já estão em nossos pés, porque nunca são tirados. Entramos nas fileiras de cinco, bebendo nosso chá morno como urina. O céu acima de nós não mudou nas duas horas de contagem. Uma vez que o inverno se aproxima, os dias são tão curtos que marchamos para trabalhar e voltamos no escuro.

Chapinhando na lama em direção a Emma, olho pelas massas de moças e mulheres que entram em suas filas para o trabalho e reconheço minha prima Gizzy. Ela também está olhando para mim. Nenhuma de nós sorri.

— Gizzy está aqui — sussurro para Danka. — Vou encontrá-la depois do trabalho, esta noite. — Danka concorda com a cabeça, silenciosamente. Está úmido demais para falar.

Pão em mãos, encontro o bloco de Gizzy sem muita dificuldade. Ela já está deitada e meio adormecida quando chego. Sua respiração é rouca e vaga. Ela está doente. Cravo o que resta das minhas unhas em minhas mãos, reunindo a coragem de que preciso para continuar.

— Gizzy? É Rena... sua prima. — Seus olhos cintilam em reconhecimento.

— Rena?

— Como você está?

— Não tão bem.

— Há quanto tempo você está aqui? Onde está Cili?

— Estávamos escondidas. Ela escapou... Eu fui pega... — Ela puxa o cobertor

em torno de seus ombros. — Faz tanto frio. — Não posso responder. Debaixo do cobertor, seus pés pendem como dois enormes balões enegrecidos. Há um cheiro que emana da carne. Tento não respirar. — Rena, tenho uma má notícia para você... — Ela parece não ter consciência de suas pernas.

— O quê?

— Schani está morto. — Ela vacila. — Lamento muito ser a portadora de uma notícia tão triste, mas pensei que você devesse saber. Ele pulou do trem de transporte no caminho para cá, e atiraram nele.

Sinto um poço me engolir inteira. Que desperdício de vida humana. Um homem tão doce, Schani Gottlob. Meu noivo. Gizzy me apresentou a Schani em um dos bailes da Organização Sionista. Faz tanto tempo.

Ela pega minha mão. Seus olhos se fecham, pesados com a fadiga, e meu olhar recai novamente nas pernas gangrenosas.

— Você precisa de remédio — digo a ela. — Trouxe um pouco do meu pão. Aqui, compartilhe comigo. — Divido minha parte e entrego metade a ela. — Gostaria que eu pegasse um pouco de água? — Ela nega com a cabeça. — Vai ficar tudo bem, Gizzy, você vai ver. Vou lhe dar alguma coisa para os tornozelos, e vamos lhe dar alguns sapatos para os cortes nos seus pés não ficarem infeccionados, nem tão gelados... Temos que colocar você para trabalhar internamente. — Acaricio sua mão para confortá-la — Tenho que voltar. Está ficando tarde. Vejo você amanhã, depois da contagem.

— Obrigada pelo pão, Rena. Mande meu amor à Danka.

— Você vai se sentir melhor amanhã, você vai ver — digo, antes de sair para a noite invernal.

Meus olhos ardem com o vento cruel, lacrimejam. Lágrimas indesejáveis escorrem pelo meu rosto. Não sei quanto tempo faz que chorei nem sequer tenho certeza se isso pode ser chamado de choro. É silencioso, como dois rios.

Há tantas coisas para lamentar que não estou certa de por qual delas estou chorando. No caminho de volta para nosso bloco, choro pela morte de Schani. Choro porque não vai haver casamento, e eu me lembro que, quando cheguei aqui, pensei que haveria. Choro por mim e por minhas irmãs. Choro por minhas primas e amigos. Choro porque está escuro e ninguém pode me ver. Choro porque não há nenhuma razão para não chorar.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Meu rosto parece arder por conta das lágrimas que derramei secretamente ontem à noite. Gostaria de ter um pouco de loção para espalhar pela face e protegê-la ao ar livre. Danka e eu tomamos nosso chá e entramos nas filas que já se formam para a contagem. Ficou um pouco menos frio durante a noite, o vento parece estar empurrando as nuvens para longe, e espero que isso signifique o fim

da chuva. Os SS marcham de um lado para outro em nossas fileiras organizadas, contando, batendo, contando. As horas se arrastam. O céu não muda. Percorro com os olhos nossas fileiras, à espera de um vislumbre de Gizzy, sabendo que a chance de encontrar um rosto entre tantos milhares é pequena. A contagem termina.

— Vou encontrar Gizzy e trazê-la para o grupo de trabalho de Emma — sussurro para Danka, já me afastando, ansiosa para empreender minha busca.

Gizzy não está em parte alguma. Refaço os passos da noite anterior até o bloco dela e a encontro encostada na parede do lado de fora. É onde colocam as pessoas que estão morrendo ou mortas, para que possam ser removidas do campo.

— Gizzy. É a Rena. — Desabo na neve, puxando-a em meus braços, tentando espantar o frio. Sua respiração soa como castanholas. Aperto-a com força, tento aquecê-la, protegê-la da chuva. — Vamos, Gizzy, aguente... Lute.

Balançando seu corpo mole para frente e para trás como se estivesse embalando um bebê recém-nascido, digo uma e outra vez:

— Viva. Você tem que viver... — Seus ossos apertam os meus. — Você vai ver, Gizzy, tudo vai ficar bem.

Há mais um chocalhar. Um suspiro final. Sua respiração para.

Não consigo soltar seu corpo. Como se eu estivesse no Muro das Lamentações, em Jerusalém, balanço-me e choro. Meu coração uiva. *Lamentações*.

É hora de ir para o trabalho, avisa meu relógio interno.

Deitando o corpo frio de Gizzy suavemente no chão, beijo minha mão e a pouso na testa de minha prima.

— Adeus — sussurro e depois me afasto, cambaleando. As lágrimas grudam em minha face; são amargas, têm o mesmo gosto do dia em que deixei Mama e Papa para trás. Fico olhando para as cercas, para os arames, para as torres. Mama está lá, acenando para mim de fora dessa prisão. — Ajude-nos, Mama. Por favor. Gizzy está morta.

O vento confisca minhas palavras, abandonando-as à crescente escuridão em meu coração. Dor e luz. Mas o facho dourado de seu lampião oscila pelas estradas e colinas da Polónia, e sei que ela está esperando que nós cheguemos em casa em segurança.

Danka está diante de mim. Seus olhos penetram profundamente em minha alma, sacudindo-a de seu sofrimento silencioso. Ela sabe. Não digo nada. Ela me leva até Emma. Não consigo parar de tremer, mas sua mão que aperta a minha alimenta minha coragem de continuar.

— Marchem! — Caminhamos em meio à lama com passos incertos, para fora dos portões do inferno, para o trabalho.<sup>50</sup>

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Birkenau é tão grande que não falo com Erna e Fela Dranger há eras, mas uma noite eu as encontro na latrina, e nos abraçamos.

— Onde está Danka? — pergunta Erna.

— Está guardando nosso lugar no bloco e garantindo que ninguém roube nosso cobertor. Como estão vocês duas?

— Tão bem quanto é possível. Isso aqui é um tipo de inferno.

— Dina ainda está com vocês?

Erna concorda.

— Vou tentar colocar Danka no grupo de costura dos White Hats. Quer que eu arranje echarpes brancas para vocês também colocarem na cabeça?

— *Yah*, claro. O inverno será terrível se tivermos de trabalhar lá fora e ainda com esses sapatos.

— Você vai ter que abrir mão de um pedaço de pão.

— Tudo o que tivermos de fazer...

— Vejo você amanhã ou daqui a alguns dias. — Digo a elas em que bloco estamos, para que elas possam nos encontrar, e depois retorno para a noite.

Encontrar rostos amigos em meio a tantos estranhos é um conforto. Eu me dou conta disso imediatamente depois de sair da latrina. Agora, porém, tenho mais três pessoas com que me preocupar. Como vamos conseguir? Danka é a mais importante, é claro, mas crescemos com aquelas meninas. Se não nos ajudarmos umas às outras, quem o fará?

Levo alguns dias para conseguir, mas, finalmente, uma moça que está trabalhando no Canadá<sup>51</sup> concorda em me trazer quatro echarpes brancas. Em troca, eu daria duas porções de pão, uma de Erna e uma minha. Entrego as echarpes para Erna e explico o plano para ela:

— De manhã, fique o mais próximo que conseguir da *kapo* do *kommando* de costura. Assim que a contagem acabar, dê os lenços à sua irmã Dina e à Danka; depois, entre na fila o mais rápido que puder.

— E quanto a você, Rena?

— Vou continuar trabalhando com Emma para manter a porta aberta no grupo dela, caso o trabalho interno não dê certo. Está tudo bem. Mesmo que o trabalho seja externo, estarei segura.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Danka está ao lado de Erna e Fela. Somos contadas. Fico mais longe, separada pela primeira vez da minha irmã durante a contagem. Não gosto do fato de ela estar fora do meu alcance. Somos dispensadas da contagem e disparo para o grupo de Emma antes que fique cheio. Tudo em Birkenau é por ordem de chegada. Fico atrás de Emma, mantendo um olho no grupo de costura. Erna e Fela estão com as echarpes na cabeça; Dina está com a dela. Danka parece

perdida; não está com o lenço. Meus olhos voltam fulminando para a nuca de Erna. Onde está a echarpe de Danka? Minha mente grita. Não adianta. Danka é jogada para fora da fila. Ela olha para o outro lado do campo, onde estou, mas é tarde demais; outra *kapo* sinaliza para ela entrar na fila e marchar. Assisto, impotente, à minha irmã seguir para os campos de trabalho sem mim. O que foi que eu fiz? Ó Senhor, o que foi que eu fiz?

Durante toda a manhã trabalho querendo saber se minha irmã já morreu. Mal consigo terminar minha sopa no almoço. E meu estômago está tão contorcido de preocupação que não aprecio o caldo extra. Simplesmente sinto falta dela e gostaria que ela estivesse aqui para compartilhar meu almoço comigo. Sei que ela não vai tomar a sopa de hoje. Por toda a tarde, tento não pensar se vou ver o sorriso de Danka ou seus belos olhos novamente. Não consigo suportar o tempo que leva para o sol cruzar o céu. Finalmente, Emma ordena:

— Alto!

Colocamos as ferramentas no galpão e marchamos para dentro do campo. Somos as primeiras a voltar. Normalmente é um alívio chegar mais cedo, mas hoje é uma tortura. Cada *kommando* que entra marchando parece cheio de trabalhadoras mortas ou feridas, e todas se parecem com Danka. Meus olhos pregam peças em mim, e minha mente cai. Em um *kommando*, ela está sendo carregada por duas moças, seu corpo machucado e ferido; em outro, ela manca, apoiando-se no ombro de alguém. Fraca de fome, louca de preocupação, acredito que minha irmã morreu uma centena de vezes. Então, realmente a vejo. Ela foi espancada, mas está viva. Não posso correr e abraçá-la; não posso me mover até que tenhamos sido todas contadas, mas eu a vejo, e ela está viva. A contagem termina e nós vamos uma em direção à outra pela multidão de moças todas iguais que se dirigem para seus blocos. Abraço-a ferozmente, incapaz de soltar.

— O que aconteceu?

— Perdi minha echarpe.

— Erna tinha uma para você.

— Eu perdi.

— Eu dei quatro a ela!

— Ela me deu a minha.

Eu grito com Erna.

— Por que foi que você fez isso com Danka?

— Dei o lenço a Danka ontem à noite, e só tinha três no meu bolso, Rena!

— Erna, isso aqui não é brincadeira. — Pego seu colarinho e tento colocar bom senso dentro dela. — Danka quase foi espancada até a morte hoje.

— Não é culpa minha! — ela chora.

— Rena, a culpa não é dela! — Danka me agarra e me afasta de Erna.

Minha fúria me trai, e me recuso a dar ouvidos à minha irmã. Erna é a fonte

da minha ansiedade. Erna nos traiu.

— Não se arrepende? Abri mão de meu pão para que minha irmã pudesse ter um lugar seguro para trabalhar que não fosse deixá-la exausta e você quase a mata por sua negligência. — Eu me esforço para acalmar minha voz. — Erna, isso é sério. Não é como ir à escola ou a Krynica. Podemos morrer! — Aponto para cima, na direção das torres de vigia, e sussurro com voz rouca: — Está vendo só?! Basta eles quererem para estarmos mortas. Não existem segundas chances. Você tem que usar a cabeça.

— Desculpe, Rena.

— Erna não fez nada errado. — Danka pega a echarpe do bolso e a entrega para mim. — Não consegui encontrá-la no momento certo, e então já era tarde demais.

Estou muito alterada para entender, mas não posso culpar Danka; ela é minha irmãzinha.

Entrego o lenço de Danka para Erna.

— Amanhã ela estará na sala de costura com você. Você vai cuidar disso... entendeu?

— Entendi, Rena. Prometo.

— Os erros aqui são fatais.

— Eu sei, Rena.

Danka me leva de volta ao nosso bloco. Mal dormi naquela noite com a preocupação. *Por favor, Senhor, permita que Danka esteja segura. Cuide dela se eu não puder.*

No dia seguinte, Danka entra na sala de costura. Agora marchoo sozinha com Emma. Sinto uma falta terrível de minha irmã, mas à noite, enquanto espero por ela na hora da contagem, consigo relaxar um pouco, sabendo que ela não foi espancada. Não está morta. O grupo de costura não dura muito, porém. Já que o trabalho é mais fácil, todos no acampamento começam a conseguir lenços brancos e tentam entrar nele. Estamos ficando espertas demais para eles. Assim, eles reduzem o número de trabalhadoras de que necessitam, e Danka é uma das primeiras a sair. Só que desta vez estou vigiando de perto e pego sua mão, levando-a para o grupo de Emma. Não vou deixá-la fora da minha vista por mais um dia de trabalho externo; meus nervos não aguentariam.

Erna consegue entrar com Fela no grupo que trabalha no Canadá.

— Esse é um bom trabalho, Rena — ela me diz na latrina uma noite. — É muito fácil. Tudo o que fazemos é dobrar roupas e, quando os SS não estão olhando, podemos vasculhar os bolsos e encontrar todos os tipos de alimentos que ficaram dentro deles. Hoje comemos o dia inteiro. Havia biscoitos e laranjas. Eu até mesmo encontrei uma barra de chocolate! A melhor coisa, porém, é que fica debaixo de um telhado.

— Há um telhado? — Chocolate está além da imaginação, mas um telhado é

algo com que eu posso me conectar. Finalmente um grupo de trabalho que pode nos proteger do relento. É nossa única forma de sobreviver, eu sei. Trabalho externo é difícil; mas, perto da SS, o clima é nosso pior inimigo, e o inverno se aproxima.

— Já consegui duas echarpes vermelhas para você e Danka. — Erna verifica a área antes de tomar minha mão na dela. — Amanhã, marche conosco. Apenas vinte e cinco moças podem vir, por isso, chegue cedo.

Aperto a mão dela calorosamente, pegando as echarpes num instante hábil e invisível. Sei que ela está retribuindo o favor e que ainda se sente culpada pela confusão nos grupos de costura e por Danka ter apanhado. Entro em nosso bloco já me sentindo um pouco aliviada. Amanhã vamos trabalhar internamente.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Marchamos para o Canadá. Há montes e montes de roupas. Não vejo tantas peças de vestuário desde a loja de roupas de tio Jacob. Há uma mesa longa no meio da sala em que dobramos as roupas, fazemos pilhas, separamos em grupos e as amarramos com uma corda.

— Para onde vão essas roupas? — sussurro para Erna.

— Alemanha — ela responde.

— O que você está fazendo? — grita um homem da SS.

— Nada — geme uma garota do outro lado da mesa.

O chicote levanta no ar e cai nas mãos dela como um tapa.

— Você estava comendo! Vocês estão aqui para trabalhar, não para se empanturrar! — Ele a golpeia de novo e de novo. A moça mais perto de mim esconde um bocado de comida, enquanto a atenção dele é desviada. Danka dobra as roupas na frente dela, olhando para o nada. Ela está muito longe.

Por todo o dia, esse homem da SS nos bate e nos manda dobrar mais depressa e trabalhar com mais afinco. Não há nem um minuto para procurarmos por migalhas ou doces nos bolsos das roupas.

Dobro um casaco de lã de carneiro persa. Toco sua pele macia e sedosa e, carinhosamente, lembro-me da última vez em que toquei lã de carneiro persa. Schani tinha me prometido que um dia eu deveria ter um casaco tão fino como o de minha tia. Dobrei as mangas por trás das costas, lembrando como tia Regina ficava adorável em seu casaco de pele. Dobro a frente devagar sobre os braços, puxando os ombros para que não amasse. A etiqueta do alfaiate brilha para mim, cetim branco contra o pelo preto encaracolado. As palavras *Jacob Schützer, Bardejov* saltam da etiqueta.

— Não. Ah, não. — Prendo a respiração antes de conseguir me acalmar.

— O que foi, Rena? — Danka sai de seu torpor bem a tempo de ver que estou dobrando o casaco de tia Regina.

Onde está a justiça nisso? Onde eles estão? Onde está Cili agora? Onde está tia

Regina...? Onde está tio Jacob...? Não consigo mais suportar ficar neste lugar. Olho para fora, através do complexo do campo, à procura de algum alívio do horror em meu coração e vejo um homem da SS em uma escada. Ele abre uma lata e derrama algo em um buraco, depois se abaixa depressa, como se estivesse se protegendo de algo na lata que não cheirava bem.

— O que aquele homem está fazendo? — pergunto, incrédula.

— Despejando gás lá dentro — sibila Erna. — Não olhe.

Não posso acreditar, mas não consigo desviar os olhos. Os rumores de câmaras de gás e dos crematórios são verdadeiros? Fico olhando para a prova diante de mim. Minha tia e meu tio poderiam estar lá agora. Morrendo.

Agora posso ver, mas não consigo aceitar. O que significa isso? Que meus pais poderiam estar lá também, neste exato momento?

Não, eles estão em segurança. Estão esperando que eu volte para casa. Posso ver Mama acenando para mim. Seu *babushka* ainda envolto em seus ombros. Ela está muito longe, mas sei que está esperando por nós. *Estou indo, Mama. Não vá sem mim. Danká está comigo. Estamos bem.*

Piscando duro, eu me forço a voltar ao presente. Enquanto arrumo o casaco de minha tia, queria poder enterrar a cabeça nele e chorar, mas luto contra as lágrimas em meus olhos. Os montes de roupas olham para mim. Esses casacos, vestidos, ternos e chapéus foram retirados do meu povo. Onde estão essas pessoas agora? Estão em campo, vestindo o mesmo uniforme que visto? Estão mortas ou estão morrendo?

— Você sabe para que temos de rezar, Rena? — A voz de Erna retalha meus pensamentos.

— O quê?

Uma coluna de fumaça sobe das chaminés.

— Não para que não cheguemos lá, mas para que quando, de fato, acabarmos lá, eles tenham gás suficiente para morrermos e não precisarmos ir para os fornos vivos.

— Ah, meu Deus, Erna, não queremos mais trabalhar aqui. — Imagino os gritos de mães, filhos e avós enquanto murcham e se tornam um nada a apenas algumas centenas de metros de onde dobramos as roupas deles para serem enviadas à Alemanha, para os *Reichdeutsche* vestirem. — Não sei como vocês conseguem — digo à minha amiga.

Somos do mesmo vilarejo. Como é que ela pode tirar de letra essa barbárie enquanto sinto necessidade de dar as costas e fugir? Respeito a coragem dela, mas não sou tão forte quanto Erna. Não posso dobrar as roupas da mulher do irmão de minha mãe, ver o gás descer pela chaminé e não morrer um pouco mais por dentro. Se minha irmã e eu tivermos de viver, vamos ter que encontrar outra maneira; esse grupo de trabalho vai destruir nosso moral, se não destruir nossa mente primeiro.

No dia seguinte, Emma está esperando por nós. Ela não diz uma palavra sobre onde estávamos no dia anterior. Acabamos de entrar em sua fila e fazemos um aceno de cabeça para ela. Emma não faz perguntas. E fingimos que nada nunca aconteceu.



— Rena. — Erna indica a latrina com a cabeça. Levanto meu queixo ligeiramente, informando-a de que eu vou encontrá-la. Alguns instantes depois estamos lado a lado, perto das placas com buracos que têm a função de instalações sanitárias. Ela puxa um presente de sob a camisa, empurrando-o na minha mão.

— Erna, você não deveria. — Mas ela já está deslizando outra coisa que tirou do bolso. Em minhas mãos está algo com que eu estava sonhando há meses: um sutiã. Coloco-o depressa, antes que qualquer um possa notar, mas não consigo conter meus suspiros. Meus pobres mamilos, com crostas e bolhas por causa da fricção constante da lã, são imediatamente aliviados.

— Aqui, tome isso também. — Erna me entrega uma calcinha — Não é tudo. Vamos conseguir sapatos para você e também para Danka.

*Como?*, quero perguntar, mas sei que é melhor simplesmente agradecer com um aceno de cabeça e sussurrar:

— Estou em dívida com você. — Saímos da latrina separadas.

Não posso acreditar na diferença que estes minúsculos luxos fazem na minha perspectiva, no meu humor. Ter uma coisa a menos para causar dor me dá menos com que me preocupar. É um conforto tão pequeno, mas meu foco se torna mais claro, e me sinto mais alerta. Acho que este sutiã ajuda a salvar minha sanidade.

É muito mais difícil conseguir sapatos, mas Erna pensa em uma forma, e em cada sapato há uma meia para evitar bolhas e manter nossos pés ainda mais quentes. Esses sapatos fazem toda a diferença do mundo. Cobrem os pés por completo, protegendo-os contra os elementos da natureza e dos ratos; oferecem apoio, mantêm nossos dedos do pé quentes e não caem na lama. A única desvantagem é que não secam facilmente. Podemos usar o fogão à lenha, mas precisaríamos da noite inteira para protegê-los e secá-los completamente. Depois de um curto período de tempo perto do fogo, podemos colocá-los de volta nos pés e irmos para a cama. O couro fica duro e inflexível, mas é um pequeno preço a pagar para manter nossos dedos. Ninguém que ainda esteja usando sandálias vai sobreviver ao inverno. Exceto para secá-los, os sapatos nunca abandonam nossos pés; deixá-los desprotegidos por um segundo sequer seria como ficar de pés

descalços. Sapatos são um bem precioso aqui. Danka e eu temos a sorte de termos amigas tão queridas como Erna e Fela, que trouxeram um par para cada uma de nós sem nem terem pedido um pedaço de pão em troca.

Estou preocupada com a depressão de Danka. Ela não se importa mais em pegar sua própria tigela de sopa. É algo além de seu medo das *kapos* que servem a comida. Ela parece deprimida, como se estivesse desistindo de qualquer esperança de sobrevivência, e essa depressão está corroendo sua alma. Ela fica ausente; seus olhos ficam vidrados pela maioria de nossas horas acordadas. Não acho que ela esteja longe demais, mas sei que tenho de tentar fazer alguma coisa antes que ela saia do meu alcance. Lutando para saber o que fazer com relação à fé minguante de minha irmã, enfim decido que não há nenhum outro caminho a não ser confrontá-la.

É tarde. O resto do bloco está dormindo irrequieto.

— Danka — sussurro no escuro —, já dormiu?

— Não.

— O que está incomodando você? Há algo errado, eu sei. Por que está tão triste?

— Não sei.

— Por favor, fale comigo. Como posso ajudá-la se não sei o que está acontecendo na sua cabeça? Sinto que você está se encolhendo e se afastando de mim. Precisa me dizer o que está errado.

— Qual é o sentido disso?

— De Auschwitz? — Fico intrigada.

— De tudo. — Ela faz uma pausa. — E se houver uma seleção e eu for selecionada para morrer?

— O que a faz dizer isso?

— Você parece melhor do que eu. Não está perdendo muito peso, e ainda está forte. E se eu não sobreviver?

Aos poucos faz sentido.

— Você se lembra daquelas duas irmãs? — Pego a mão dela. — E como uma implorou para ir com a outra?

Ela afirma com a cabeça, nas sombras.

— Vou fazer o mesmo, se chegar a esse ponto.

— Mas eles não vão permitir isso o tempo todo. Aquela foi a primeira seleção. Eles eram maleáveis. Agora, se alguém pede para ir com a mãe, com a irmã ou com a filha, eles riem e as separam.

— Vou fazer o que for preciso, mesmo que tenha de bater nos SS.

— Aí vão matá-la imediatamente. Não funciona.

Há algo mais à espreita por trás de seus olhos. Não é de morrer sozinha que ela tem medo, mas não tenho certeza de qual é o medo que está tomando conta dela.

— Do que você realmente tem medo?

— Ser jogada no caminhão — ela confessa. — Eles nos tratam como carne podre... Não quero ser descartada assim, jogada nas caçambas de caminhão... Tenho medo do que Erna disse. Talvez não haja gás suficiente, e eu vá para o crematório ainda viva... E se estiverem tentando economizar o gás?

Não posso responder a essa pergunta. Como posso garantir a ela que vai haver gás suficiente para nos matar quando chegarmos ao destino final de todos os prisioneiros de Auschwitz-Birkenau? Não posso mentir para minha irmã, mas posso prometer uma coisa.

Todo mundo está dormindo ao nosso redor, mas com todas falando sozinhas o tempo todo, de qualquer forma, ninguém nos dá atenção alguma. É muito comum ouvirmos vozes e gritos no meio da noite.

— Sente-se, Danka. Venha, sente-se. — Estendo minha mão. — Está vendo minha mão aqui? — Coloco a mão dela na minha e olho em seus olhos. — Nossos pais estão aqui em pé à nossa frente, e minha mão é o nosso Talmude, e neste livro sagrado e diante de nossos pais, faço este juramento a você: que de hoje em diante, se você for selecionada, eu vou junto, não importa o que aconteça. Juro que você não vai para os caminhões sozinha.

Está um breu nos blocos, mas quase posso enxergar a luz reluzir nos olhos da minha irmã quando faço essa promessa. Exausta, solto a mão dela e caímos de volta na madeira fria, puxando nosso cobertor mais próximo de nossos corpos. O sono vem depressa, levando-nos para uma terra onde não há sombras.

Na hora do almoço no dia seguinte, Danka fica na fila e recebe sua primeira porção completa de sopa em meses.



Tremo sob o cobertor fino que nos protege do frio. Há algo como gelo tocando meu corpo. Encolhendo-me, eu me esforço para voltar ao consolo do sono. Odeio os ratos que vagueiam entre nossos corpos, mastigando tudo o que não revida. Sacudo meus pés; é uma resposta automática para os bichos que cruzam nossos pés durante a noite. Mais uma vez sinto a pressão e empurro para me livrar. Minha mandíbula está cerrada e luto para espremer mais alguns momentos de inconsciência. O gelo me marca. Involuntariamente, minha mão se estende para afastar o peso deitado sobre mim, depois recua, reconhecendo o toque de carne humana. É sólida, desprovida de qualquer calor, desprovida de vida.

As líderes do quarto começam o ritual da manhã, batendo nas laterais das

prateleiras com suas varas, gritando e batendo em qualquer uma que esteja a seu alcance.

— Vá lá fora e pegue seu chá. — Empurro Danka na direção da porta. — Esta manhã, vou dobrar o cobertor.

— Por quê? — pergunta ela, de modo inocente.

— Só vá, Danka. Deixe-me fazer isso por você. Devemos começar a revezar na arrumação das camas. Esta manhã é a minha vez. Vá em frente, eu alcanço você. — Espero até que ela esteja lá fora.

— Alguém me ajude a levar este corpo para fora? — Ninguém quer me ajudar. Entendo seu medo, mas não quero apanhar por não remover o corpo. Tocando no ombro ossudo de uma vizinha, pergunto: — Você pode, por favor, pegar os pés dela? — A mulher concorda com relutância, me ajudando a tirar o cadáver das prateleiras. — Vou parar na porta. Não quero que minha irmã veja.

Danka está com as costas viradas para mim, então levo o corpo para fora, colocando-o no final das filas para a contagem, onde ela vai ser listada com o resto de nós. Estou morrendo de vontade de lavar as mãos, mas agora não há tempo para isso. Devo pegar o meu chá e entrar em fila ao lado de Danka antes que a contagem comece. Esfrego as mãos na minha calça várias vezes, tento arrancar a sensação de carne fria da memória do meu corpo.

Durante todo o dia trabalhamos e de tempos em tempos esfrego terra nas mãos e depois contra minha calça de lã, tentando me livrar da aura da morte que ainda permanece nelas. A sopa da tarde não as aquece; colocá-las em concha e soprar minha respiração quente nelas não degela o frio de morte. Torço minhas mãos até que doam e não consigo desalojar a obsessão que há em minha mente. Hesito em pegar o pão da noite antes de lavar as mãos, mas estou com fome demais para evitar a comida. Na latrina, finalmente tenho um momento para lavar as mãos e o rosto, mas não há água suficiente no mundo para lavar da minha mente o corpo congelado. Como anseio por um banho quente, como anseio por uma xícara de chocolate para adoçar minha mente e varrer os medos frígidos que me devoram.

— Você sempre deve dormir do lado de fora, ao lado do divisor de baías — digo a Danka quando rastejamos para nossos lugares nas prateleiras-camas. Nunca quero que ela seja tocada pela morte.

Ela pisca de espanto com minha declaração.

— Você está bem? — ela pergunta.

— Claro. — Eu puxo o cobertor sobre seus ombros, me aconchegando perto da minha irmã da maneira que posso, evitando tocar a garota que dorme próximo a mim.

*Você não pode contar com nada aqui. Não pode nem mesmo contar com o chão sob seus pés.*



Há uma nova camada de neve que reluz por todo o complexo do campo criando uma ilusão de que é limpo. No entanto, essa fantasia não vai durar muito tempo; assim que os SS começarem a nos contar e sairmos de nossas fileiras para entrarmos nos grupos de trabalho, o chão vai, como sempre, virar a lama congelada e marrom-acinzentada que geralmente é. O gelo quebra sob os pés dos SS quando caminham de um lado para o outro pelas fileiras, contando, contando. Nossa respiração se mistura no ar, sem preconceitos. Os últimos poucos flocos caem das nuvens sobre nossos cílios sem distinção. Bato os pés para acordar meus dedos ainda dormentes, certificando-me de que não congelem no estupor de ficar parada em pé, esperando. As estrelas brilham acima de nossas cabeças, como pingentes brilhantes de gelo suspensos indiferentes no céu. Bato os pés.<sup>52</sup>



Ficamos na fila para a seleção. É um dia longo; sem comida, sem água. Só vi Adela Gross algumas vezes no campo. Não nos conhecemos bem, mas eu a reconheço como filha do rabino de Hummene e lembro dela no primeiro transporte.

A fila se move e capto um vislumbre de Adela andando adiante. Por um momento, fico impressionada por sua beleza e lembro-me de como eram lindos seus belos cachos ruivos, antes de sua cabeça ser raspada. Fico espantada que, apesar das dificuldades do campo, ela ainda esteja bonita.

Ela caminha até o esquadrão da morte. Os SS a encaram. Seu queixo está ligeira e brevemente empinado.

O polegar aponta para o outro lado. Ela se move em direção às fileiras dos condenados.

Estou confusa. Como ela pode ser selecionada? Ela está melhor do que eu. Adela deve permanecer viva. Deve ser um engano.

A próxima moça dá um passo adiante do esquadrão da morte.

Furiosa com os deuses autoproclamados que governam nossas vidas, gostaria de poder gritar com eles, fazê-los ver seu erro. Mas devo me preparar para o polegar. Aperto a mão de Danka uma última vez antes de soltar e marchar em

direção a meu destino. Temos calor ou frio, não há meio-termo. Estamos famintas e miseráveis. Dentro de alguns momentos podemos estar mortas. Não doentes, não famintas, não com calor, nem com frio — mortas.

Passo até o esquadrão da morte, queixo erguido. O polegar aponta.

Danka vem atrás de mim, caminhando até a SS reunida. O polegar permite a nós duas vivermos outro dia. A moça atrás de nós caminha até o esquadrão da morte.<sup>53</sup>

Os caminhões começam a carregar moças, mulheres, minhas amigas. Normalmente eu não assisto, mas desta vez eu devo. Repassando a seleção de novo e de novo em minha mente, procuro a razão em sua decisão. Por quê? Por quê? Não há nada de errado com Adela. Ela é uma bela jovem mulher. Ela é linda. Nós não somos nada, a não ser lascas de madeira.

A realidade me atinge em cheio entre os olhos, como se o próprio Taube tivesse me acertado. A finalidade deles não é apenas nos conspurcar; é zombar de cada valor positivo que temos: beleza, bondade, amor. Adela é lançada sobre a carroceria com o resto das mulheres, mas ela se vira para ajudar aquelas que vêm atrás. Seu queixo ainda está empinado com coragem e dignidade. Ela não tem medo. Seu braço envolve uma moça mais fraca, cujos joelhos não a sustentam. Os caminhões vomitam sua fumaça quando seguem para as câmaras de gás. Não consigo arrancar meus olhos da forma que se afasta. Há uma ruptura dentro de mim, como se um cordão estivesse sendo partido em meu coração. Conforme o caminhão se afasta, parte de mim morre com Adela.<sup>54</sup>



Danka pegou sarna. Muitas contraíram a doença por viverem tão próximas umas das outras, e é muito perigoso se estiver em uma área do corpo visível. Felizmente, não está em seu rosto ou mãos, e as pernas estão tão cobertas de lama que ninguém percebe nada além da sujeira. Mas, num piscar de olhos, um SS pode nos julgar indignas de viver, e as seleções parecem estar ocorrendo de forma mais regular. Procuro em minha memória por um remédio, permitindo que apenas o suficiente do passado volte para meu presente, para que Danka possa ficar boa. Então eu me lembro...

*Tinhamos pegado sarna na escola e fomos mandadas para casa com as outras crianças que também tinham contraído.*

*— Rena! Danka! Venham para a cozinha e deixem-me esfregar esse enxofre*

*nos seus pobres corpos. — Mama abriu a porta do fogão e esfregou a loção em nossa pele — Prontinho. Agora vou enrolar vocês e deixá-las dormir ao lado do fogão esta noite, para o unguento poder mergulhar nas feridas e fazê-las desaparecer. — Estávamos vestidas em nossos pijamas de macacão, o tipo com a abertura na parte de trás. Então Mama nos envolveu em cobertores velhos e deslizou o banco do szlufbank para criar um pequeno espaço de dormir para nós. Afogando nossos travesseiros, nos arrumando, ela nos deu um abraço e um beijo de boa-noite — Durmam bem. — Na manhã seguinte, ela esquentou água e usou o grande tanque de lavar roupa para nos dar banho, esfregando-nos bem com sabonete de enxofre.*

*— Mama! A senhora está nos tratando como roupa suja — rimos.*

*— Isso é porque eu não quero nenhuma mancha em vocês! — Ela nos aconchegou, envolvendo nossos corpinhos em toalhas, e nos esfregou para secarmos. — Agora vocês parecem duas jovens saudáveis de novo! — Ela desembrolhou as toalhas, revelando nossa pele cor de creme, tão nova como a de um recém-nascido.*

*— Ainda está coçando — reclamou Danka, abraçando a perna de Mama.*

*— Tudo bem. Vou lavar você mais uma vez e depois vão estar prontas para voltar à escola.*

Estendo meu pão para a líder do bloco.

— Preciso de um pouco de enxofre.

— Para quê?

— Sarna.

— Hum, melhor se livrar das feridas depressa. — Ela desaparece em seu quarto. Como sempre, tenho que esperar até que ela julgue adequado sair novamente e agacho contra a parede, cochilando. De forma surpreendente, ela não leva horas para retornar com a loção.

— Aqui. Você sabe como usá-la?

— *Yah.* — Pego o unguento. — *Dekuji* — respondo com um “obrigada” em eslovaco.

Danka e eu ficamos ao lado do fogão a lenha, no meio do bloco.

— Você se lembra de quando Mama nos enrolou em cobertores quentes e nos fez dormir ao lado do fogão quando éramos pequenas? — pergunto, esfregando o enxofre em sua pele.

— Também tivemos sarna daquela vez — ela responde calmamente.

Nosso estômago está roncando quando dividimos o pedaço de pão de Danka entre nós, falando baixinho ou não falando nada. Espero com ela, sabendo que ela vai sair de perto do fogo depressa demais se estiver cansada, e quero ter certeza de que o calor fará o unguento penetrar sua pele. Eu me sinto como Mama quando faço coisas para minha irmã, só que dessa vez não há cobertores para enrolá-la, nem pijamas de flanela. O cheiro do enxofre é forte, mas não é tão distinguível dos outros odores corporais com os quais vivemos

constantemente. Determino que será seguro deixá-la com o unguento durante todo o dia de trabalho antes de tirá-lo.

— Como você vai lavá-lo? — pergunta Danka.

— Vou ter de usar nossas tigelas para lavar você, Danka.

— Não posso comer na minha se você fizer isso. — Ela parece aterrorizada pelo pensamento.

*Por que não?*, quero perguntar. Qual é o problema? Mas mantenho a boca fechada. Não quero correr o risco de ela se recusar a comer novamente.

— Vamos usar a minha tigela — sugiro. — E vou compartilhar a sua até domingo, quando vou poder limpar muito bem a minha.

Na noite seguinte, pego um pouco de água e lavo o unguento do corpo de minha irmã. A sarna se foi.

Danka olha a pele, aliviada. O rosto angelical de Mama flutua na periferia da minha visão; sou grata que não haja nenhum sinal de infecção nas feridas.



Ficamos em pé na hora da chamada para sermos contadas. Eles andam de um lado para outro das fileiras, contando, batendo, gritando. Danka mexe os pés, então eu rapidamente lanço um olhar de soslaio. Ela está bem, apenas dolorida e faminta como eu. Estico os dedos e toco sua mão para tranquilizá-la. Seus dedos tocam os meus. Essa é nossa verificação. Todas as manhãs, se possível, enviamos essa mensagem silenciosa para a outra: estou bem.

Hoje estamos na primeira fila. Isso é incomum; normalmente tentamos ficar na parte de trás ou no meio, escondidas e anônimas. É mais difícil ficar alerta ou preparada quando estamos entre as primeiras a receber o que for que eles tiverem em mente.

À distância, posso ver uma coluna vindo em nossa direção. Nunca vi ninguém nesse caminho antes. Minha mente se agita. Quem está chegando ao inferno hoje? Seus pés tentam marchar, mas não estão fazendo um trabalho muito bom. Um sussurro percorre nossas fileiras:

— Eles esvaziaram um orfanato judeu.<sup>55</sup>

Os SS estão com os rifles sobre os ombros.

— Marchem! — Suas ordens estalam pelo ar rançoso da manhã. Meu coração para. Meus olhos se focam na coluna. Centenas de pares de pés minúsculos de crianças desfilam por mim e minha irmã e por todas as mulheres no campo. Alguns de seus rostinhos estão enterrados em seus brinquedos, espremendo para

fora o enchimento dos objetos inanimados de conforto. Os mais jovens dão as mãos para as crianças mais velhas. Seus olhos nos avistam, grandes como pires, perdidos como cordeiros. Há um suspiro choroso em algum lugar no fundo de nossas fileiras. É uma mãe que se lembrou de seu próprio bebê.

Seus rostos inocentes olham com espanto para as cercas ao redor, para os edifícios, para os adultos. Será que pensam que somos loucas, como pensei dos homens quando cheguei pela primeira vez? Estão se perguntando por que tantos adultos que parecem suas mães e papais não fazem nada para protegê-los? Eles estão com medo?

Fico de queixo caído. Não posso suportar olhar para isso. Não consigo me virar. Eles não podem estar falando sério. Por que alguém iria querer matar bebês? Quanto tempo vai levar para sufocarem? Será que vão gritar de medo, sem ninguém para consolá-los?

Os SS os fazem marchar em direção à câmara de gás. Segurando bonecas e bichos de pelúcia perto de seus corações, eles passam por nós em filas de cinco, vigiados por homens da SS com seus cães e rifles. O que pensam que essas crianças vão fazer? Fugir? Se revoltar? Mas é uma regra, sempre que vão para as câmaras de gás os SS se colocam postados a cada cinco fileiras, de cada lado da coluna, e sempre seguem regras. Não querem ninguém por perto; não querem que a verdade venha à tona. Nós sabemos a verdade. Levou muito tempo para a assimilarmos, mas não há mais dúvidas sobre isso — as provas estão no ar cheio de fumaça e no complexo vazio depois de uma seleção. Ainda assim, não querem que ninguém perturbe seus planos. Os alemães têm um ditado: “Ordens são ordens”. Eles se apegam a suas regras, como cola.

Eu permaneço em pé como um fantasma. Seus rostinhos angelicais, os nós dos dedos brancos de suas mãozinhas me assombram. Luto contra minhas lágrimas, contra minha raiva. Meu coração grita: *Parem! Parem com essa loucura! Eles são bebês!* Apertando a mandíbula, fecho meus olhos.

Deus? Agora raramente digo *Deus*, mas vendo seus rostos refletidos no meu coração, tenho que tentar rezar uma última vez. Deus, o Senhor é meu Deus, e acredito em Ti. Por que o Senhor não ataca pelo menos um desses monstros? Fulmine apenas um SS por essas crianças, seus filhos. O Senhor, a quem obedeço e em quem acredito tanto, com todo meu coração? Nunca sequer segurei um centavo na minha mão no Sabá, e desde que tenho idade suficiente para jejuar, sempre jejei no Yom Kippur. Não permita que isso aconteça. Dê-nos um sinal de que o Senhor não abandonou essas crianças, os filhos de Israel. Não importa o meu sofrimento. Não importa o tempo que passei neste lugar. Não importam todas as coisas que ouvi sobre pessoas serem queimadas e asfixiadas, todas as coisas que vi com meus próprios olhos, querendo acreditar que nada disso era verdade. Não se importe comigo. E quanto a essas doces crianças? Por elas, mostre que o Senhor é nosso Deus e mate apenas um desses nazistas.

Meus punhos estão cerrados com a fúria, minhas mãos, apertadas contra minhas coxas. Meus olhos se fecham com força, e visualizo um raio atingindo os guardas em suas trilhas organizadas e perfeitas. Nenhum adulto pode se mover para salvar essas crianças, só a intervenção divina agora pode interceder. Por favor, Deus...

Eles desaparecem a distância, aproximando-se das câmaras de gás. Meu coração grita. Parem! Alguém passa por mim. Para. Seus pés esmigalham o cascalho da estrada quando ela volta para olhar o sofrimento em nossos rostos. Sua respiração quente atinge meu rosto. Abro os olhos cautelosamente para a crueldade fria do olhar de Hasse. Suas botas limpas e sua pele polida e brilhante estão diante de nós, em completa superioridade ariana.

Ela viu nossa agonia; ela leu minha mente.

Eu sei, quando ouço sua voz, que a religião nunca mais será a mesma para mim. Ainda vou rezar, vou tentar acreditar e ter fé, mas nunca será tão puro e sincero como foi um dia. Seus lábios repuxam numa careta que eu tenho certeza de que era para ser um sorriso. Suas palavras são duras e pronunciadas uma a uma, como o fogo da metralhadora; elas nos derrubam.

— Onde está seu Deus agora?

Não há resposta.

A chamada é interminável. Trabalhar seria um alívio, qualquer coisa para afastar nossa mente das crianças, mas não há trégua neste lugar. Fumaça sai das chaminés. Meu nariz treme com o fedor de carne queimada, o cheiro das criancinhas que são incineradas. O sol desaparece atrás de uma nuvem cinzenta.

Se crianças não podem ser salvas, qual é o sentido agora de rezar para qualquer coisa? A voz de Hasse assola minha fé vacilante, perseguindo cada inspiração minha.

— Onde está seu Deus agora?

Não sei.



— O que foi, Rena? — Há dias que tenho olhado para o nada, atravessando as tribulações da sobrevivência, incapaz de dispersar os rostos angelicais que me assombram.

— Você os viu? — pergunto a Erna.

— Quem?

— As crianças — minha voz falha enquanto digo —, centenas delas. — Para sobreviver, não posso me permitir sentir tanta dor, mas é uma ferida aberta,

ainda não disfarçada pelos calos que aprendi a desenvolver.

Ela assente e coloca a mão no meu ombro.

— Fela e eu vamos nos mudar para uma seção diferente em breve. Não vamos mais poder conversar.

Vou sentir falta da minha amiga, mas não quero um emprego em seu novo grupo de trabalho. Ela não fala a respeito e não pergunto, mas sei que não é um trabalho que eu conseguiria fazer.

— Sentiremos sua falta.

— Vocês têm que sair de Birkenau, ou entrarem em um *kommando* interno, pelo menos.

— Nós vamos.

Ela se afasta.

— Vou vê-la antes de nós partirmos.

Tento sorrir. Ser corajosa: outra regra de sobrevivência.

Poucos dias depois, Erna faz um sinal para eu encontrá-la na latrina.

— Tenho algo para você. — Ela procura debaixo da batinha de sua roupa.

— Erna, você tem que parar de arriscar sua vida para me trazer coisas.

— *Yah*, mas vamos nos mudar amanhã, então esses serão os últimos presentes que posso lhe trazer. — Ela pega a minha mão e desliza dentro da batinha algo longo e liso, e outra coisa muito pequena. — Sei como você é limpa e arrumada.

Dou uma olhada rápida na minha mão. Há um conjunto para fazer as unhas e um pequeno elefante de prata.

— São lindos. — Fico comovida com sua generosidade.

— O pingente parecia ter pertencido a uma criança, e eu pensei em você — ela sussurra. — Dizem que os elefantes trazem boa sorte. Não quero que vá para os alemães.

— Obrigada, Erna. Vou guardá-lo com carinho para sempre. — Lágrimas brotam em meus olhos antes que eu possa aplacá-las. Nós nos abraçamos depressa, mas não dizemos adeus. Adeus não é algo que se diz em Auschwitz-Birkenau.

Deslizo os objetos sob a barra da minha saia antes de sair da latrina. O elefante de prata é um lembrete das crianças a que eu assisti caminhar para a morte. A única marca de sua passagem, uma pequena lápide em minha mão. Coloco-o sob a língua durante as seleções para que eu possa cuspir no chão se for para o gás, ou se for espancada até a morte. Meu compromisso com o pingente dessa criancinha é que ele nunca deve ficar nas mãos dos nazistas, nem mesmo se eu não sobreviver.

No domingo, sentada em nosso beliche, pego a lixa de unha. É de madrepérola e, sob a gravura de uma catedral, está escrito *Budapeste*. Escondendo-o na palma da mão, mantenho o conjunto coberto, de modo que pareça que estou torcendo as mãos, e começo a limpar as unhas. É um sentimento magnífico ter as unhas

limpas, depois de ficarem sujas por tanto tempo. Essa simples manicure torna-se uma parte do meu ritual semanal. Meu fino fio de sanidade se torna mais longo: ficar com Danka, ficar invisível, ficar alerta, ficar entorpecida, ficar limpa.

Rastejo para fora da cama, deixando Danka, que ainda dorme, para trás, e sigo para a latrina. Minha menstruação não dura tanto quanto costumava, e o fluxo não é tão intenso quanto em Auschwitz, ou mesmo quanto alguns meses atrás; por isso sou grata. O ciclo de Danka foi interrompido desde o início. Ela, assim como a maioria das moças e mulheres no campo, parou de menstruar quase imediatamente. Seios e ciclos desaparecem tão depressa como nossas companheiras de prisão. É alguma coisa no chá; acho que chamam de brometo. Não sei por que o brometo não funciona em mim, mas a fome, sim. Minha menstruação está diminuindo lentamente conforme meu peso diminui.

Tiro da manga um pano que Erna também conseguiu para mim, e a agradeço em meu coração, novamente, quando deixo a latrina com tecido semilimplo ajustado no lugar.

A cada três semanas, no domingo, o único dia em que temos um momento de descanso, somos enfileiradas e marchamos para sermos depiladas em outra parte de Birkenau.

— Tirem a roupa! *Schnell! Schnell!* — os SS gritam para nós, como se fôssemos surdas. Tiramos a roupa e a colocamos em uma pilha. Às vezes, ficamos em pé por horas sem vestir nadinha. Fora, ao relento, ou dentro, expostas a correntes de ar. Nossos próprios companheiros, homens judeus, prisioneiros obedecendo ordens, esperam por nós, com podadeiras em mãos. A fila é longa, mas acho que, em comparação a todos os outros horrores, esse não é tão horrível.

Não é a pior coisa que nos acontece em Auschwitz-Birkenau. Não é o que dá pesadelos, mas é consistente, como tudo o que os alemães fazem. A cada três semanas, como um relógio. Nossos próprios rapazes, nossos próprios homens são forçados a ver nossa nudez, obrigados a raspar nossa cabeça, nossos braços, nossas pernas, nosso púbis. Às vezes os homens que raspam as mulheres são amigos; às vezes são parentes. Mães são raspadas pelos próprios filhos, as irmãs são raspadas pelos irmãos, todo mundo sofre constrangimento. Danka e eu temos sorte. Não encontramos ninguém que conhecemos.

Por que eles não podem deixar as mulheres rasparem umas às outras? Somos mulheres jovens, virgens; não faz parte da nossa religião ficarmos nuas nem mesmo na frente de nossos maridos. Isso não representa um risco de vida, mas é degradante. Mais uma coisa degradante que nos mandam fazer.

Os oficiais alemães desfilam para um lado e para o outro, observando-nos como se fôssemos espécimes interessantes em sua coleção de insetos. Se há uma

menina bonita, eles olham sem cessar. Como desafia a raiva ficarmos em pé e sermos defloradas visualmente por esses assassinos. O que eu não faria por uma torneira com água quente e um esfregão, para lavar os olhos dos nazistas de minha carne. Ficamos silentes em nossa vergonha...

Não há discussão e há poucos sussurros. Os cortadores são pesados como os de tosquiar ovelhas e ferem nossa carne facilmente. Nossos garotos, nossos homens tentam não nos ferir, tentam ser cuidadosos, mas devem cortar depressa, de modo que não nos olhem nos olhos, não vejam nossos corpos, não apanhem por serem muito lentos, muito prudentes, muito gentis.

— *Schnell! Schnell!* — Pequenos fluxos de sangue escorrem de nossas pernas e pescoços quando os homens da SS os apressam. Somos feridos de ambas as formas.

É tão humilhante. Não posso suportar. Torno-me um pedaço de carne que olha através do corpo do homem que me depila, fitando o outro lado da sala. Desligo os sentimentos dentro de mim até que eu não veja nada e não sinta nada. É um tanto consciente. Apenas ouço a ordem de me mexer quando acaba, e então é só a carne em movimento.

Não estou presente.

É o corpo que encontra as roupas. O corpo que treme incontrolavelmente de frio, de medo e de raiva, treme de lágrimas de vergonha não derramadas. É o corpo que espera por sua irmã. Os pés ficam na fila até que lhes é dito para marchar. A mão pega a mão dela e, juntas, retornam ao campo das mulheres. O corpo entra no bloco. O braço pega o pão da líder do quarto. A boca abre e fecha, mastigando pão. Ou é serragem? Tudo tem o mesmo gosto. Tudo parece a mesma coisa. Sei que em algum momento vou voltar para o corpo, mas isso leva tempo, e tempo é medido por chá, sopa, pão, chá, sopa, pão. Sempre que se torna demais para mim e estou prestes a explodir, desligo minhas emoções como se fecha uma torneira e deixo o corpo assumir o controle. Às vezes é o corpo que quer sobreviver, mais do que o espírito. Há dias em que o espírito foi sugado para fora e só o tempo dirá se ele vai voltar a sentir de novo, se vai voltar à vida.

Não, a tosquia não é a pior coisa. Não ameaça a vida. Mas é ruim.

É domingo. Ando ao redor do campo à procura de quaisquer resquícios na lama, qualquer coisa que possa ser útil.

— Rena! — Alguém chama meu nome. Olhando em volta, não vejo ninguém e começo a me afastar, pensando que talvez o vento esteja pregando peças em mim.

— Rena. — Dessa vez é um sussurro rouco. Olho e olho para um esqueleto inclinado para fora das barras de ferro. Mal reconhecendo o rosto, procuro em minha memória pelo nome que se encaixa nas feições diante de mim. É da irmã mais velha de Erna e Fela.

— Pepka? É você? — Tento não parecer consternada. — O que você está

fazendo no Bloco Vinte e Cinco? — Estremeço. O Bloco Vinte e Cinco é o lugar a se evitar a qualquer custo. Ninguém que entre por aquelas portas sai vivo. As mulheres dentro dele estão doentes e são colocadas lá para morrer de fome ou ser transportadas para o gás e, depois, para o crematório.

Ela não é capaz de falar facilmente, mas consegue sussurrar:

— Água.

Corro para buscar algo para beber, tentando afastar a imagem de meus olhos. O rosto dela está encovado, entrando em sua alma. É uma sombra da Pepka que conheci um dia. Queria que Erna ainda estivesse no campo; ela deve saber sobre a irmã, mas não há nada que se possa fazer.

Coloco minha tigela, cheia de água, em suas mãos esqueléticas. Ela bebe avidamente, mal conseguindo conter seu gole de vida, antes de entregar a tigela de volta para mim. Suas mãos tremem. Recuando para a escuridão, seus olhos pedem que eu a salve. Sua voz é silenciosa.

Sou impotente contra os muros, contra as barras. Não tenho comida para dividir com ela, nenhum remédio para curar seus males, nem meios para obter água suficiente para que ela nunca mais tenha sede outra vez. Não há maneira de tirá-la do Bloco da Morte. Ela está condenada e sou impotente. Os olhos de Pepka se tornam os de minha própria irmã, Zosia. E se Zosia estivesse no Bloco Vinte e Cinco? Alguém levaria água para ela, por mim? Alguém poderia me dizer que ela estava lá? E quanto às crianças? Se Zosia estivesse nesse inferno, elas já estariam mortas? Eu queria ter alguém com quem compartilhar esse fardo, mas devo apagar esses pensamentos depressa, antes que encontrem morada em minha mente e me enlouqueçam. Talvez as crianças estejam em um orfanato. Talvez Zosia nos tenha enviado os pacotes da Suíça e esteja segura. Zosia, Mama e Papa estarão em Tylicz, e quando tudo acabar, nos reuniremos novamente. Minha mente retarda sua descida em espiral pelo desespero. Uma frágil esperança substitui o fim — é isso que importa.



Seleções são esporádicas. Não se pode dizer com que frequência vão acontecer ou quando vamos marchar para a contagem, mas, em vez de trabalharmos, vamos ficar o dia todo em fileiras perfeitas de cinco e esperar para sermos selecionadas. Geralmente é um homem da SS quem faz o julgamento enquanto o resto deles assiste, mas, às vezes, há dois tomando as decisões. Quando há dois, ambos devem apontar para a vida com o polegar, caso contrário, o destino é a morte. Nenhuma pergunta é feita; não há nenhum processo de apelação, apenas um polegar. Normalmente, há um teste físico, de forma que, se a pessoa recebe o polegar em direção à vida, deve, então, saltar

por cima de um poço para provar que é digna da decisão. Com joelhos trêmulos e sem espaço para impulso, tentamos saltar através desse último obstáculo entre nós e o jantar da noite. Às vezes, acho que a única coisa que me salva é o fato de eu não querer me sujar antes de morrer e, de alguma forma, essa resolução me faz levitar além da imundice e da lama na vala. Pouquíssimas moças não completam o salto.

Dependendo do número de mulheres no campo, as seleções demoram de dez a quinze horas. Ficamos sem comida ou bebida durante todo o dia e às vezes à noite, esperando para descobrir se vamos acordar no dia seguinte, se alguma vez vamos comer novamente. Não há últimas refeições, como criminosos recebem antes de serem executados. Não somos tão boas quanto criminosos. Nós não somos nada aos olhos deles — somos meramente uma peste a ser exterminada.

Quando chegamos a Birkenau, havia seis mulheres por prateleira; agora, exceto depois de uma seleção, dormimos em doze ou mais. Se quisermos nos virar no meio da noite, temos de nos levantar com as mãos e girar o corpo no lugar, como um parafuso. Danka e eu sempre acordamos uma à outra quando queremos virar; é mais fácil se nós duas mudamos de posição.

Não há como não encostar na moça próxima. Minha oração agora pede que ninguém morra ao meu lado. É uma oração egoísta baseada em um desejo de me manter aquecida. Não quero ser congelada por um corpo frio no meio da noite, mas isso acontece, de novo e de novo.

Quando uma seleção é longa, há muito espaço para dormir, mas a esterilidade dos blocos nos assombra, e o descanso é mantido longe de nós por demônios do sono e pelas almas que morrem nas câmaras de gás. De manhã, acordamos exaustas, observando a chegada de novos transportes. Vemos seus rostos, abalados e em negação, o destino incerto escrito em sua frente. Estão perdidas e assustadas. Incertas sobre o inferno aonde vieram parar, elas ainda gostariam que tivessem cabelo, perguntam-se para onde foram seus entes queridos. Elas acham que parecemos loucas.

Não há nada que possamos fazer para prepará-las — nenhuma orientação, nenhuma lista de coisas com que ser cautelosas, não há regras para a sobrevivência. Há apenas chá, sopa, pão — elas ainda não têm tigelas. Na primeira noite, não conseguem encontrar cobertores e procuram um lugar para dormir, sem compreender que devem se amontoar entre os corpos que já estão dormindo, onde, mais uma vez, somos enlatadas de maneira pior do que arenques, doze por camada.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Manobramos nossos corpos para fora do grupo que dorme em nossa prateleira. Deslizamos para fora com o nosso chá e entramos na fila para a contagem. Ontem à noite não havia lua, e nas noites em que o céu está escuro, aquelas com desejos suicidas usam o manto de escuridão para se esquivar dos holofotes e correr para a grade. Essa é a liberdade.

Suas silhuetas parecem dançarinas congeladas contra as sombras de fantasmas abruptamente despertos. Bocas bocejam abertas como pontos de interrogação, como se para nos comprometer a testemunhar que ouvimos seus gritos durante a noite. Ficam penduradas, carbonizadas nos fios eletrificados da humanidade.

Hipnotizada, não consigo afastar meus olhos de suas formas grotescas. Como as invejo. O que será que as impulsionou a se agarrarem à cerca? O que me impele a ficar entre as fileiras de mortos-vivos?



Taube marcha ao longo de nossas filas, mas hoje ele não está nos contando. Ele parece animado, como se tivesse outra coisa em mente.

— O que nós precisamos é de calistenia! *Yah*, o exercício é a chave. Corpo saudável. Mente saudável. — Ele se vira para a nossa fila. — Façam flexões de joelho! — ele ordena.

— Baixo! Cima! Baixo! Cima! — Dobramos nossas articulações rangentes e nos levantamos, de novo e de novo, exatamente como ele exige. — Dez e para baixo! Onze e para baixo! — Contamos na cabeça, tentando nos concentrar em alguma coisa além de nossas pernas frágeis e dos músculos das nossas coxas trêmulas, vinte, vinte e um... — Vinte e nove e para baixo! Trinta e para baixo! Joelhos no chão. — Nos atrapalhamos, não compreendendo o pedido. — Ajoelhe-se! — Ele estala o chicote nas escápulas de uma menina. Ela afunda na lama. — Deitem! Cabeças no chão!

Pego a mão de Danka, puxando-a comigo.

— Coloque o rosto no chão, Danka. Não se mexa. Não olhe para cima — consigo sussurrar, antes de minha boca estar na lama.

Taube vem pisando duro em direção à nossa fila. Narizes tocando a terra, olhos fixos no chão. Suas botas pretas passam por nós. Suas botas param. Tento não respirar. Uma moça nas proximidades levanta a cabeça. Posso ver, pelo canto do olho, o rosto dela virado para cima, ofegante, tentando respirar. A bota caindo

sobre o rosto dela, empurrando-o nas profundezas da terra. O craquelar dos ossos do crânio lança náusea no ar. Quero vomitar. Ele segue em frente. Não consigo deixar de ouvir o som. A algumas fileiras de distância, ele emerge de nossa linha — o triturar, o silêncio. Pisco. Estou deixando meu corpo, fugindo do horror que nos cerca. Mas não posso chegar longe o suficiente. Não posso me permitir deixar Danka para trás.

Finalmente, a palavra “Dispensados!” nos liberta do nosso apego à terra. A contagem é longa. Timidamente, aquelas de nós fazendo a versão de Taube de ginástica apoiam-se nas mãos e nos joelhos, virando o rosto em horror dos crânios esmagados de moças que nunca mais vão se levantar.

— Não olhe, Danka. — Afasto minha irmã da moça ao meu lado. De mãos dadas, encontramos Emma, formamos fila atrás dela e marchamos para o trabalho.

*Semanas, na verdade... são anos aqui.*

Se a guerra está indo bem para os alemães, de vez em quando recebemos uma fatia de carne na sopa ou em nosso pão. E às vezes as moças mais ortodoxas entre nós trocam sua carne por pão, porque não tocam em carne que não seja *kosher*. Não sei como podem sobreviver sem carne por muito tempo. No entanto, elas têm algo que eu não tenho; elas têm fé. Não sei onde está meu Deus.

Eles jogam porções em nossas mãos. Lambemos nossas palmas abertas lentamente, saboreando a mancha de margarina ou de mostarda; de vez em quando, há um pedacinho de queijo Limburger de cheiro forte. Detesto o gosto da mostarda depois dos primeiros meses; ainda assim, lambo-a como o bocado precioso que é. Quando há margarina, esfregamos o resíduo em nossas mãos como hidratante. A pele de nossas mãos e de nosso rosto racha por causa do frio.

Nunca há mais do que uma mordida de linguiça, mas comemos avidamente, incapazes de parar ou de comer mais devagar. Danka nunca quer comer.

— Nós precisamos — digo a ela. — Comida é comida, e só podemos depender disso. — E nunca há suficiente. Nosso estômago dói constantemente. Todos os momentos do dia, acordadas ou dormindo, estamos famintas. O roer constante causado pela fome é exaustivo. Entre trabalhar dez ou doze horas por dia e evitar a SS, há pouca energia para qualquer outra atividade. Pensar está se tornando impossível.

Quando a guerra vai mal para os alemães, é pior para nós. O pão é pouco mais do que água e farinha, e as porções raramente são maiores do que nossa mão. Mas ultimamente parece que os alemães vão ocupar o mundo todo e, como se dando osso a um cão, eles nos jogam porções maiores. Pegamos a comida avidamente, mas a recebemos com o conhecimento de que esse pedaço de queijo significa que os nazistas estão na Holanda; esse pedaço de carne significa que estão na França. Não sei o que esperar mais — comida ou liberdade.



É domingo. Estamos deitadas nas prateleiras, tirando nossos piolhos ou tentando descansar, espremendo algumas horas extras de sono. Limpo minhas unhas com destreza escondendo o conjunto na mão enquanto olho para o nada.

— Atenção! — grita a líder de nosso bloco. — *Raus! Raus!* Saiam. Agora!

Podemos ouvir a voz de Hasse lá fora, gritando.

— Venham aqui, suas imbecis preguiçosas! Tenho trabalho para vocês! — Confusas, pulamos no chão, correndo para a porta. Algumas moças procuram os sapatos às pressas, outras pegam as tigelas; Danka e eu esquecemos tudo, pensando apenas em evitar o chicote de Hasse. Nossa mente está funcionando a toda. Chegamos lá fora primeiro e ficamos em alerta enquanto o resto do bloco corre para as filas.

— Rena, deixei minha tigela. — Danka puxa meu braço. Olho rapidamente em volta de nós. Hasse não está aqui.

— Eu pego. — Saio num pulo de volta para o bloco. Com o coração disparado, pego a tigela de Danka de nosso local de dormir e corro pela porta dos fundos, saindo diretamente no caminho de Hasse.

O olhar dela congela em mim. Paraliso. Ela ergue a arma. Meu coração para.

Um tiro rasga o ar.

Desabo no chão. Lama espirra nas minhas roupas e pelo meu nariz. Não sinto dor. Queria ver minha irmã mais uma vez antes de morrer. Há sons que vêm de cima de mim, horríveis, guturais.

Hasse está rindo.

— A pobre *mist biene*<sup>56</sup> acha que morreu! — Hasse dá gargalhadas. Sua jovialidade fere meus ouvidos. — Não atirei um você!

Levanto a cabeça, olhando para o sorriso horrendo da mulher da SS.

— *Hau ab!* Suma daqui! — Ela me dispensa.

Que idiota eu sou! Levanto num salto, depressa, sacudo a poeira com esperanças de que Hasse não mude de ideia e atire em mim mesmo assim.

— *Hau ab!* — ela grita novamente.

Trabalhamos por toda a tarde carregando pedras, sabendo que é um trabalho inútil, apenas para nos manter ocupadas. Vamos sentir falta desse dia dolorosamente no meio da semana. Na semana que vem vamos ser tosquiadas de novo; outro domingo sem descanso. Quando é que vamos nos recuperar?



Trabalhamos na terra da primavera, revirando o solo da mesma forma que fizemos ano passado. Os brotos de grama nova mostram suas pontas brancas no solo, tentando-nos a colhê-los para um lanche no meio do dia. As graminhas suculentas e doces conferem uma sensação agradável para nossas papilas gustativas cansadas. Nós a escondemos na boca quando Emma e os guardas da SS não estão olhando.

A moça ao meu lado vacila em sua escavação. Sigo seu olhar.

Inclinando-se para pegar ervas medicinais, um grupo de almas devastadas se move lentamente por nosso grupo de trabalho, com vestidos listrados de azul e cinza, com aventais limpos e recém-passados. Suas formas esqueléticas não me assombram tanto quanto seus olhos sem fundo. Paralisamos por um momento de choque antes de voltarmos para nosso trabalho. Seus joelhos tremem fracamente, como se cada passo que dão fosse o último. Eu tremo, surpresa com o arrepio que desce por minha espinha apesar do calor do dia.

Já vi muitas coisas entre Auschwitz e Birkenau, mas nunca vi nada comparável a isso. Vi desespero e impotência; vi a insanidade despontar, mas nunca vi nenhum rosto tão desprovido de vida. Mesmo os mortos parecem mais vivos do que esses cadáveres andantes.

— São vítimas de experimentos — diz a moça perto de mim.

O rosto de Danka fica pálido. Minhas mãos tremem.

— Eles as torturam até que morram ou se tornem vegetais. — Ela vira outra pá de terra. — Depois que acabam de fazer os experimentos, elas vão para o gás.<sup>57</sup>

De todo o horror que já vimos diariamente, de todos os seres devastados que encontramos todos os dias, o estado delas estava além de qualquer imaginação. Era como se o espírito que Deus tinha soprado na alma delas tivesse definitivamente sido sugado para fora. Não eram mais seres humanos; tinham deixado de serem moças ou mulheres havia muito tempo. Eram o pesadelo de uma criança.



— Rena, estou com sarna e cortes terríveis por causa de uma surra que levei.  
— A esposa de meu primo implora: — Por favor, me ajude. — Olho para ela sem piedade, sem sentimento. Ainda assim, devo ajudá-la. Não está em meu coração recusar coisas para a família, apesar da forma como ela me tratou quando Danka e eu chegamos em Bardejov. Ela nos convidou para a casa dela e nos serviu um biscoito e uma xícara de chá enquanto ainda estava de roupão de banho e com o cabelo cheio de bobes. Ficava reclamando e agindo como se fôssemos um incômodo; depois, abruptamente nos disse que tinha coisas a fazer, indicando que era hora de irmos embora. Ela não nos perguntou sobre nossos pais ou como Danka e eu estávamos nos virando em sua cidade. Ela era tão bem-criada, tão rica. Éramos as primas polonesas pobres que deveriam ser varridas debaixo do tapete, a fim de evitar constrangimento.

Eu não gostava dela por causa desse incidente na Eslováquia. Depois ouvi que ela havia causado tumulto no campo. Foi pega com as mãos e os joelhos dentro da panela de sopa, lambendo, raspando qualquer comida que tivesse restado no fundo com as mãos nuas e se alimentando como um animal. Uma mulher da SS a encontrou e bateu nela por se comportar de forma tão desprezível.

Tenho vergonha de dizer que não confio nela agora e tenho medo de ter qualquer coisa a ver com ela. Não tem autocontrole, e por toda sua empáfia e superioridade, pessoas como ela são perigosas no campo. Não duvido de que ela faria qualquer coisa para se salvar e de que não se importa em nada comigo.

No entanto, há sarna em seu rosto. Ela vai morrer na próxima seleção se eu não a ajudar.

— Se eu tiver que conseguir qualquer unguento para você, você tem de prometer não contar a ninguém o que eu fiz — digo-lhe. Não quero ter mais nada a ver com ela.

— Prometo. Só dessa vez. Se você me ajudar, nunca vou incomodá-la novamente. — Sou insensível, comprometida com pouco mais do que minha irmã e nossa sobrevivência. Não me afasto dela, mas fico confusa quando ela não entrega um pedaço de pão para o escambo quando vou até a líder do bloco e, já que ela não oferece, não peço sua comida.

Levando minha porção de pão para a líder do bloco, troco minha única refeição para conseguir o unguento de que ela precisa. Sei que, se nossos papéis fossem invertidos, ela não abriria mão de seu pão por mim, ela não abriria mão de seu pão nem para ela mesma, mas espera que eu sacrifique o meu por ela.

Ela pega o unguento de minha mão e o esconde depressa em seu vestido.

— Obrigada, Rena.

— Você deve ser mais cuidadosa no futuro — alerto-a. Ela desaparece na noite. Não me sinto virtuosa nem bem comigo mesma. Sinto-me usada e faminta, mas também sei que nunca vou olhar para trás e lamentar o fato de tentar ajudar a esposa de meu primo. Há pouco que podemos evitar em

Birkenau, mas fingir que tenho um pouquinho de dignidade me ajuda. Lembra-me de casa.

*Às vezes mendigos judeus vinham à nossa porta na sexta-feira, antes do Sabá. Mama pedia para Danka e eu enchermos sacos de estopa com palha para que eles pudessem dormir na cozinha. No dia depois do Sabá, Mama tinha de queimar a palha, esfregar o chão e ferver os lençóis e fronhas para se livrar dos piolhos e das pulgas que eles deixavam para trás. Danka e eu não gostávamos de fazer limpeza depois que essas pessoas iam embora, mas Mama nos lembrava de que eles tinham filhos e eram menos afortunados do que nós. O mesmo era verdade para mendigos ciganos e gentios. Ninguém que batia à nossa porta ia embora de mãos abanando.*

Este é o legado que Mama me deixou: tratar todos com compaixão.



Quatro da manhã

— *Raus! Raus!*

O horizonte escurece. O vento muda. Meu nariz formiga na brisa. Não tem cheiro de chuva.

Sinto que estou me descolando de meu corpo; acontece às vezes, e sou impotente em relação a isso. As chaminés estão fumegando. Vejo eu me afastar, como se estivesse dando um passo para o lado, deixando meu corpo para trás. Há passos que se aproximam. Meus olhos se deslocam em direção ao som; minha mente permanece estacionária. Hasse sorri como uma caçadora que conquistou a presa e está prestes a esfolá-la viva. É assim que pensamos nela: cruel e capaz de partir nosso pescoço em dois sem a menor hesitação.

Ela ergue a mão e indica as nuvens cinzentas que cobrem o céu sombrio.

— Vejam como as modelos francesas estão queimando!

Não importa quem somos, se somos ricas, bonitas ou elegantes — se somos judias, não somos nada! Ela está sempre nos ridicularizando, sendo arrogante. Não consigo entender sua crueldade. Ela continua pela fileira, contando e sorrindo, uma sádica enfiando sua faca verbal no coração de cada uma de nós, apenas pela diversão.

Estamos trabalhando nos novos blocos, cavando a areia de um buraco profundo e peneirando-a com redes de malha. Agora é velho e familiar para nós: cavar e peneirar. Nossas mãos estão duras. Não sangram mais por causa das longas horas de trabalho, exceto ocasionalmente, quando jogamos os tijolos e as nossas palmas se cortam de novo. Mas esse grupo se tornou menos frequente,

pois encontraram um verdadeiro trabalho para nós fazermos. Enchemos os vagonetes com areia e os empurramos para um prédio que está mais perto de um *kommando* masculino do que do nosso. Agora há trilhos para os vagonetes se locomoverem; por isso, empurrar não é a tarefa horrível que era há um ano. Mas ainda é difícil e, enquanto empurramos a areia em direção ao seu destino, não posso acreditar que alguma vez já conseguimos realizar a tarefa, sem trilhos, subindo uma colina, e usando placas de madeira em nossos pés.

Nós nos aproximamos dos homens que cavam trincheiras para enterrar tubos. Emma está observando o grupo peneirar areia e, quanto mais nos afastamos dela, mais nos aproximamos do alcance da voz dos homens. Não há SS nas proximidades ou vigiando. É um momento precioso.

— Tem alguma polonesa aí? — pergunta um homem de dentro das fileiras de homens que trabalham. Formamos uma pilha com a areia ao lado do prédio.

— Minha irmã e eu somos — retribuo o sussurro. Roubando palavras com cuidado. Nenhuma das outras moças, que podem ser holandesas, francesas, alemãs, ou quem mais sabe, prestam atenção a nossos fragmentos de conversa.

— Para onde é isso? — O vagonete está vazio. Agarrando-nos à lateral do carro, nós o empurramos de volta para os montes de areia e reabastecemos. Leva muito tempo para preenchê-lo. Estou com calor e não sei dizer se é o clima quente ou meus nervos me fazendo tremer. Anseio por ter uma conversa com esse estranho do outro lado da cerca; anseio saber seu nome, onde nasceu, quem é sua família...

Empurrando os pensamentos de uma vida normal de volta para onde é o lugar deles, tiro as sujeiras e as pedras que devem ser peneiradas. Danka diminuiu a velocidade, e eu, rapidamente, dobro meu esforço, pegando uma pá de sua seção a cada poucos minutos.

— Peguem esse vagonete — Emma instrui. Pego a lateral, certificando-me de que há espaço para minha irmã se segurar. Nós o empurramos de volta para o grupo de trabalho dos homens e começamos a esvaziar o vagonete de sua carga. Meus olhos verificam a área em busca de soldados da SS.

— Tylicz, perto de Krynica — finalmente tenho chance de responder. Nós cavamos. O som das pás raspando contra a terra e seixos parece mais alto do que antes. Eles cavam. Nosso silêncio amplifica os ruídos ao nosso redor.

— Cracóvia — cavamos. Eles cavam. Um homem da SS aparece.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Ansiosa para começar o trabalho esta manhã, já tinha ido à latrina quando as líderes do bloco começam a bater e gritar. Sob um céu corado comemos nosso fragmento de pão e bebemos nosso chá. Os dias estão ficando mais longos e nossos corações, com mais pesar; não só as estações passam por nós, mas quanto mais tempo o sol fica no céu, mais tempo eles nos fazem trabalhar. O sono é apenas algo que intercala as contagens. Danka cruza os braços sobre o peito, abraçando os cotovelos.

— Estou com frio, Rena.

— O sol vai sair logo.

— Não, quero dizer que estou sentindo arrepios. — Há uma crosta grossa sobre seus lábios inchados.

— O que é isso nos seus lábios?

— Não sei. — Ela toca a boca. — Eu estou com tanta sede. — Coloco a mão em sua testa.

— Você está quente — digo, tentando aplacar a preocupação e o alarme que surgem em minha mente.

Ela concorda com a cabeça.

— Você também está com uma crosta nos lábios. — Toco meus lábios, sentindo os flocos ásperos sob a ponta dos dedos. Coloco a mão em minha testa e digo a mim mesma que estou me sentindo bem.

— Você está quente? — pergunta ela.

— Não, Danka. Trabalhamos tanto e comemos tão pouco que o corpo precisa fazer esforço extra para se aquecer — minto para minha irmã como minto para mim mesma.

Ela está quente, muito quente para a temperatura exterior nesta manhã. Ela está doente.

Não digo nada sobre essa constatação; apenas faço uma anotação mental para mim mesma. Posso ficar alerta em relação aos guardas da SS e triângulos verdes, seleções e cães, mas doença, isso é algo que não posso prever. Ela recai sobre nós a despeito de tudo o mais que fazemos para sobreviver. Esta é nossa segunda primavera. Lembro-me de quase nada do ano passado, mas nem quero. Ainda assim, percorro quaisquer memórias que surjam do primeiro campo para ver se alguma doença era comum lá, nesta época do ano. Tudo o que me vem à mente são os insetos que picam e a coceira; as nuvens de mosquitos que infestavam o campo no verão passado. Tanta coisa mudou desde então que não consigo captar nenhuma mudança que se destaque das demais, e temo que não haja respostas no passado.

Marchamos com Emma para a areia. De repente, sou tomada pelo medo de que seja tudo uma piada. O polonês gentil de Cracóvia que falou comigo ontem não vai estar aqui hoje. Um milhão de coisas poderia ter acontecido de um dia para o outro. Ele pode estar morto, ou podem ter transferido seu *kommando* para

outra área. Meu amigo se foi. Meus dedos coçam contra o vestido áspero que estou usando. Agitados, esses pensamentos dispararam pela minha mente sem motivo ou lógica. Vamos morrer. O poço se abre diante de mim. O medo tenta me abocanhar em suas mandíbulas. Vamos morrer não pela seleção ou pelo gás, mas no hospital. O que é pior? A esperança que me deu força e energia para suportar tudo isso parece escorrer dos meus dedos das mãos e dos pés e dos meus ouvidos, como todos os fluidos de meu corpo são drenados. Marchamos em direção à areia. Meu olhar se torna vidrado.

Eu os vejo. Os homens estão trabalhando na mesma área onde estavam ontem. O poço desaparece. Estamos seguras mais uma vez — será que estamos? Danka está quente. A febre está aumentando.

Empurramos um vagão até o prédio. Vejo o homem alto e magro e seu amigo mais baixo quando começamos a descarregar nossa carga. O sol fustiga nossas cabeças nuas, detendo o frio que dispara arrepios pelas escápulas e espinha de Danka. Ela está suando profusamente. Uma pedra cai no chão a alguns metros de distância. Marco o local com os olhos, sem parar meu trabalho. O vagonete vai ficar vazio logo. Não há guardas da SS. Mantenho-me focada em meu trabalho. Movo um passo na direção da pedra, cavando, cavando. Em alguns instantes vamos ter terminado. Cavando, cavando. Eu me inclino rapidamente e minha mão recai direto sobre o bilhete. Apertando com firmeza o papel em volta da pedra, deixo-a deslizar de minha mão. Estamos ao longo das laterais do vagão, nos preparando para empurrar. Há um momento, um segundo, em que eu me mexo, ajustando depressa meu sapato naquela fração de segundo e calma, deslizando o bilhete sob meu pé. Empurramos.

A tarde avança. Danka sua. Tem de haver algo que eu possa fazer. Os medos da manhã se foram. Não há tempo para me assustar por causa da morte. Estamos vivas; tudo o que posso fazer é tentar nos manter assim.

— Alto! — Colocamos nossas pás depressa no galpão de ferramentas e nos alinhamos. — Marchem! — Marchamos em direção ao campo. — Cabeça para cima! — Erguemos o queixo, levantamos os pés como se tivéssemos orgulho de sermos escravas do Terceiro Reich. A única coisa que temos para nos orgulhar é que hoje não há ninguém para carregarmos. Hoje todos sobrevivemos aos chicotes e às botas dos nazistas, mas um inimigo secreto está entre nós.

Amanhã, se nada acontecer esta noite, Danka e eu vamos retornar para Emma, como fizemos todos os dias durante semanas, meses — mais de um ano agora. Amanhã não vamos reconhecer ninguém em nosso grupo de trabalho, assim como não reconhecemos ninguém hoje. Não prestamos atenção aos rostos. Sobrevivemos ao ignorar o temporal e paramos de procurar por aquelas que se repetem, os que trabalham em nosso grupo dia após dia; é inútil, em vão, deprimente. Elas não existem.

Depois da contagem, Danka e eu pegamos nosso pão e lemos, empolgadas, o

bilhete do homem do grupo de trabalho: *Sou Heniek. Meu amigo é Bolek. Seus nomes?*

— Qual dos dois você acha que gosta de mim? — pergunta Danka.

— Olhe só para você, toda corada pelo pensamento de flertar com um rapaz no campo — provoco-a gentilmente, com medo de que ela esteja corada por causa da doença, não por amor. — Vou pegar um pedaço de papel com a líder do bloco para mandarmos um bilhete a eles. Espere aqui.

Tive tifo aos doze anos e me lembro dos sintomas. Embora seja a doença mais comum no campo depois da sarna, Danka não está com tifo. Não sei qual é esse inimigo. Tenho três missões quando deixo Danka para trás: uma é conseguir um pedaço de papel, outra é descobrir se há uma epidemia no campo e a terceira é procurar lá fora, em busca de um bocado de qualquer coisa comestível. Sempre que tenho energia extra vasculho os arredores arranjando as migalhas que eu conseguir.

Sorradeira entre as sombras, passo pela cozinha, com todos os meus sentidos alertas. Finalmente, bem quando meus olhos e pernas estão prestes a ceder por causa do cansaço, vislumbro uma casca de batata na lama. Pego-a e corro para o muro. É um pequeno pedaço de alimento, o suficiente para uma mordida. Fico olhando para ele, procurando o lugar adequado para marcar a metade. Enfim aperto a unha na polpa para saber exatamente quanto devo guardar para Danka. Minha boca se enche de água, mas não me arrisco nem mesmo a morder antes que possa dividir com minha irmã.

Atrás do bloco, vou até a porta da líder. Esta noite ela parece estar de bom humor e me entrega um fragmento de papel e um pedaço de lápis.

— Não seja pega com isso.

— Posso perguntar uma coisa? — Penso que vale a pena tentar. Se alguém pode saber sobre o que está acontecendo no campo, seria uma líder de bloco.

— O quê? — Ela não parece se importar com minha intromissão em seu tempo livre.

— Há alguma doença no campo que cause febre e crostas nos lábios?

Ela me olha de perto, com cautela.

— Febre dos pântanos. Malária — diz, fechando a porta na minha cara.<sup>58</sup>

Pondero suas palavras enquanto rabisco nossos nomes no bilhete para Heniek e Bolek. Depois o enrolo firmemente em volta de uma pedra e guardo sob minha saia até amanhã. De volta a nosso beliche, dou a Danka o pedaço lamentável da batata, e o mordiscamos, tentando torná-lo maior e mais saboroso do que jamais poderia ser.

— Obrigada, Rena.

Como eu queria que houvesse mais. Queria tanto cuidar dela direito, alimentá-la com canja de galinha, muita água, colocá-la de repouso na cama; todas as coisas que não podemos ter. Nossos olhos brilham como vidro na escuridão. Estou

preocupada. O que a líder do bloco declarou não é um diagnóstico otimista. Não digo nada a Danka, mas ouvi rumores sobre isso pelo campo. Os mosquitos são terríveis na primavera e o pântano em que vivemos torna nossos corpos um banquete a ser sugado até a última gota. Não há defesa; entre eles e os piolhos que nos infestam, estamos fracas demais pela fome para enfrentar sua avidez. Adormeço sentindo uma onda de arrepios varrer meus músculos num espasmo silencioso.

A pedra aterrisa perto de Heniek. Ele a pega com facilidade e bravamente espia o bilhete. Ele dá um tapinha no amigo. Cavamos. Não há soldados da SS por perto, então tornamos apenas um pouco mais lento o progresso de descarregarmos o vagonete para roubarmos os fragmentos de conversa que pudermos.

Eles cavam. Estou tão preocupada com Danka que, por um instante, pergunto-me se alguém pode nos ajudar.

Como se lesse minha mente, Heniek pergunta:

— Posso ajudá-la de alguma forma?

— Acho que minha irmã está com malária. — Não tenho certeza se devo continuar.

Olho depressa pelo local de trabalho; ninguém pode nos ouvir. Minha pá nunca vacila de seu movimento.

— Talvez, se tivéssemos suco de tomate e uma fatia de limão, poderíamos lavar a crosta dos lábios dela; pode acabar com a febre. — Consegui o impossível, comuniquei uma frase inteira sem interrupção.

Pedras raspam-se contra metal de modo abrasivo. Posso continuar esses movimentos por horas sem dor nos músculos, nem fadiga — cavando, cavando. Trabalhamos sem vacilar. Estamos de volta para outra carga. Trabalho com o dobro da velocidade, com esperanças de conseguir mais uma carga antes que os homens partam, antes do escurecer. Estou tremendo de nervosismo. Emma faz sinal para que levemos o vagão.

— Sejam rápidas! — ordena. Empurramos o vagonete pelos trilhos. Cabeças baixas, descarregamos sem olhar para os homens.

— Você precisa de quinina — ele soa esperançoso.

— *Yah*, claro... — Faz muito tempo desde que senti qualquer esperança. Ele cava. Nós cavamos. O sol se aproxima do horizonte. O vagonete está quase vazio. Paramos nossa tarefa, preparando-nos para empurrar o carro de volta para a peneira e para Emma, para longe dos homens.

— Não se preocupe, Rena. — Ouço a voz dele cair na grade e grudar nela como se fosse um bote salva-vidas num mar revolto. Por alguma razão, acredito que Heniek pode nos ajudar; não sei como, mas, por um momento, respiro com mais facilidade.

A crosta nos lábios de Danka está pior, mas hoje ela não parece tão quente. Pergunto-me se a volatilidade dessa febre é um de seus perigos. Cavamos e peneiramos durante toda a manhã até o almoço e nunca enchemos os vagões. Quero gritar para Emma nos deixar levá-los, mas tudo o que fazemos é peneirar e peneirar. Pelo menos haverá suficiente para movermos amanhã, mas isso significa que eles vão nos patrulhar mais de perto, se mais grupos estiverem se movimentando pelas estradas de vagões. O almoço vem e vai. Há uma porção de carne na minha tigela. Mordo a metade e entrego o restante para Danka.

— É carne de porco?

— Coma — recuso-me a responder sua pergunta. É carne; é só o que importa. A guerra deve estar indo bem.

Toda a tarde, nós cavamos e peneiramos. Os vagonetes não são movimentados.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Formamos fila para a contagem, terminando nosso chá, comendo o pão de ontem à noite.

— Como você está se sentindo hoje, Danka?

— Melhor. — Ela toma seu chá calmamente. Seus olhos estão arregalados diante da cena ao nosso redor. Milhares de moças e mulheres também estão segurando canecas de quase chá e mastigando pão de ontem à noite, lentamente, com cuidado, tentando fazer durar. O campo está lotado. Nunca vi tantas mulheres de uma só vez; não posso nem sequer compreender os números. A contagem é eterna.

Enfim marchamos com Emma.

— Peguem os vagões — ela nos ordena antes de tudo. O sol acaba de despontar no horizonte. Há um brilho dourado sobre nós, quando sombras aparecem onde antes estava a noite. Danka e eu rapidamente tomamos nosso lugar ao lado de um dos vagões, empurrando-o em direção ao *kommando* dos homens. Um SS passa. Mal fica de costas para nós, uma pedra cai aos meus pés. Abaixo-me com indiferença, verificando meu sapato, e então movimento a pá de depressa, ajudando a remover a areia que peneiramos ontem. A mão com o bilhete segura-se firme à pá. É um pedaço de papel maior do que o fragmento que mandei, e é tão cedo que preciso pensar no que fazer com o bilhete pelo resto do dia. Em meu vestido ou na mão? Os sapatos não são seguros o suficiente para um dia inteiro de trabalho, de modo que o debate continua. Na minha barra ou na minha mão? Pergunto-me onde esconder o bilhete. Minhas mãos estão muito quentes, e a pá desliza entre meus dedos quando levanto porções de areia pela beirada, sobre uma pilha que está aumentando. O vagonete está vazio. Rapidamente escondo a nota na barra do meu vestido, sem chance de lê-la.

É um dia longo, uma contagem longa, mas enfim entramos no bloco, mais ansiosas para ler o bilhete do que para comer nosso pão. Parece que foi escrito com grande pressa. *Você viu tubos chegando perto de seu grupo. No chão, a cinco passos dos tubos. Amanhã.* Não consigo acreditar nas palavras diante de meus olhos.

Durante todo o dia, olhamos para os tubos. Vejo que a cinco passos deles há uma pequena elevação do solo, mas devemos esperar pacientes. Observo o céu com atenção, conforme a tarde minguia. O momento deve ser perfeito. Balanço a cabeça para Danka. Lentamente, nós cavamos, pouco a pouco, para longe do grupo, em direção aos tubos. Cavamos pela terra, carregando grandes pás de terra para a peneira, cada vez voltando um passo mais perto dos tubos. Não há soldados da SS por perto. Pisco e Danka cava apressada ao meu redor, afondando a terra, enquanto bloqueia a visão do meu corpo para que ninguém veja o que estou fazendo. Trabalhando diligentemente, ela faz uma boa encenação, me dando a cobertura de que preciso para pegar nosso tesouro. Rapidamente amarro uma garrafa de suco de tomate sob meu vestido, na outra ponta da corda que também segura minha tigela. Em um pedacinho de tecido há um limão e, para minha grande surpresa, tabletes. Também há um bilhete, e esse eu escondo na minha saia com o limão.

— Eles nos conseguiram quinina — sussurro para Danka. Ela cava mais fundo na terra, colocando-se de volta ao trabalho. Eu não estava esperando tanto e só tenho a barra do meu vestido para esconder as coisas.

— Ande — sussurra Danka, cavando, cavando. É muito complicado, posicionar os tabletes sob minha saia para que os SS não notem nenhum volume. Rezo que nenhum caia.

— Pronto. — Cavamos em volta da área, rapidamente obscurecendo o local de esconderijo.

— Alto! — grita Emma. Nossa pele se arrepiava de medo. Paramos o que estamos fazendo, tentando apagar quaisquer traços de ansiedade em nossos rostos. Olhamos para Emma.

— Em fila! — ela anuncia.

Lanço um olhar para Danka quando levamos nossa última pá de terra em direção à peneira, antes de carregar as pás até o galpão.

Meu coração sorri orgulhoso para o rosto reluzente de minha irmã. Ela faz tudo da melhor forma de acordo com suas capacidades e, a despeito de sua doença, hoje ela se mostrou mais do que firme.

— Aqui, tome um agora. — Deslizo um tablete para a mão dela.

— Marchem! — Nossos corações estão batendo tão alto que tenho certeza de que a banda consegue ouvir o compasso dentro do nosso peito. Nossa sorte tem se mantido; por cinco dias não houve seleção. Vamos para os blocos, pegamos nosso

pão e assumimos nosso lugar nas prateleiras. Segurando-me ao meu cobertor, dou o suco de tomate e o limão à Danka.

— Você também tem — ela diz — Você também tem uma crosta nos lábios.

— Não, Danka. É você quem está doente.

— Rena, não posso ficar com tudo. Você precisa dividir comigo.

— Você vai desperdiçar se deixar para mim. Não vou aceitar. — Ela beberica a garrafa e suga o limão calmamente.

— Lave os lábios com o limão, Danka. — Mostro a ela o que fazer. A crosta se dissolve sob os sucos vitaminados de fruta de verdade.

Seus lábios mudam dramaticamente quando a crosta marrom que os encapsulou por dias se dissolve.

— Use a casca. — Ela me passa a casca do limão. Uso-a também para esfregar meus lábios. O sabor é amargo, forte. Faz minhas papilas gustativas pularem.

— Aposto que foi preciso umas vinte pessoas para conseguir esse pacote — sussurro.

— Leia o bilhete — Danka me lembra.

*Quinina três vezes ao dia, leio baixinho. Fique de olho nos tubos. Se há um monte, há algo para vocês. Em alguns dias, mais suco. Fiquem bem. Com amor, Heniek e Bolek. (Bolek está apaixonado por Danka. Eu estou por você.)*

Danka fica corada e dá um risinho. Parece tão estranho ouvi-la alegre.

— Obrigada, Senhor, por nos salvar mais uma vez — Danka sussurra e aperta minha mão ao adormecer.

A manhã chega e Danka termina o suco de tomate e come a casca de limão. Dou a ela o tablete e planejo dar um a cada refeição, até que acabem.

Empurrando vagões em direção aos homens, verifico a paisagem e rapidamente jogo a mensagem que escrevi ontem à noite. *Obrigada. Danka já está se sentindo melhor: Bóg zaplac, Deus lhes pague. Com amor, Rena e Danka.* Não temos nada mais para dar a Heniek e Bolek além dessas palavras. Talvez, como os tabletes para nós, o amor dê a eles o que precisam para sobreviver. Neste lugar não posso ser egoísta com afeto e gratidão. Se não dissermos hoje, pode nunca haver outra chance.

Ao longo das semanas seguintes há uma elevação nos tubos três vezes. Toda vez há suco de tomate, um limão e uma carta de amor de Heniek e Bolek. Uma vez havia mais tabletes de quinina. Então, um dia, marchamos em direção às pilhas de areia e não havia homens trabalhando do outro lado da cerca. Nossos salvadores tinham ido embora de nossas vistas, mas não de nosso coração. Pensamos neles com frequência. Nunca os vimos novamente.



— Rena? — Viro em direção a uma voz familiar de meu passado. Um redemoinho de memórias se enrosca em meus pensamentos. É alguém de casa, uma gentia.

— Manka? — pergunto ao rosto diante de mim.

— Rena. Como vão as coisas?

— Estou viva. Como foi que você chegou aqui? — Olho para seu triângulo. É da cor dos prisioneiros políticos, mas acho difícil de acreditar. Ela provavelmente falou o que tinha na cabeça sem pensar; era conhecida por isso em Tylicz. Sinto-me ficar cautelosa. Os olhos dela têm um quê desvairado que vemos com frequência atrás dessas cercas. Ela está enlouquecendo. Permaneço em alerta.

— Vi seus pais serem mortos — ela diz sem rodeios. — Isso mesmo. Eles voltaram para Tylicz. Não deviam ter voltado. Um dia os alemães decidiram pegar todos os judeus que restavam, uns oito, e os fizeram se alinhar no mercado... — Não consigo acreditar em sua entonação indiferente. — Depois eles amarraram as mãos deles com cordas a uma carroça e fizeram os cavalos darem voltas até o último deles ter morrido. — Ela soa como se estivesse recitando o alfabeto.

— Com licença... — Começo a me afastar, mas sua voz me segue.

— Eles gritaram para que nós os salvássemos, mas não havia nada que alguém pudesse fazer. Eles sofreram terrivelmente. Não deveriam ter voltado, mas não teria importado, teria? Todo mundo que não está morto está aqui!

Cambaleando na lama, tento fugir de sua voz, de sua voz horrenda. Odeio você! Quero gritar na cara dela. Odeio você.

A visão começa a se fragmentar. A rachadura é longa e profunda, partindo o rosto paciente e amoroso de minha mãe. Conserto-o depressa. Como se fosse um pedreiro arrumando uma fortaleza, passo concreto em toda a minha memória. Mama está esperando por nós. Estão à espera em nossa casa. Estão em segurança. Apenas o resto do mundo está em perigo. Manka está fora de seu juízo perfeito, digo a mim mesma. Não era ela. Ela está louca. Perdeu o juízo, repito para mim mesma, de novo e de novo.

As cercas de Birkenau se estendem diante de mim. Não me aproximo o suficiente para levar um tiro, mas fico ali, olhando fixamente os espaços abertos de minha terra natal. Não há lágrimas em meu rosto; estou desidratada demais para chorar, mas meus olhos doem como se as lágrimas estivessem caindo.

Às vezes tenho sérias dúvidas de que eles estão vivos, mas às vezes sinto como se fossem uma presença física perto de mim. Sinto o cheiro dela. Sinto seu toque.

Não vejo Mama, mas sei que ela está perto. Tenho momentos de bom senso e lucidez quando essa presença invisível significa que ela se foi, mas então minha mente entorpecida obscurece a verdade. Há menos dor quando se vive em uma mente assim, por isso não me permito pensar sobre as coisas com clareza demais, a menos que a lucidez signifique salvar nossas vidas.

Não há muito tempo para clareza em Auschwitz-Birkenau. Quando fiz o juramento para Danka, estava em um momento lúcido. Se eu estivesse com a mente turva, não poderia ter dito: “Minha mão está no Livro Sagrado e Mama e Papa estão bem aqui diante de nós”. Eu disse como se eles estivessem no céu, como entidades invisíveis nos vigiando. Isso significa que naquele momento eu soube que eles tinham que ter partido, mas raramente me permito pensar a respeito. Essas duas consciências têm uma relação simbiótica, e contanto que ninguém desafie a lógica, cada reino pode existir.

Fecho a porta do relato de morte de Manka. Mama e Papa estão vivos, esperando por nós em Tylicz, e Mama é a presença invisível cálida que nos guarda e nos guia. É assim. Não tem que fazer sentido para ninguém além de mim.

Chegamos ao *kommando* de Emma de manhã e encontramos cinquenta mulheres de meia-idade indo para o trabalho conosco. Ficamos boquiabertas diante delas como se fossem alienígenas de outro mundo. É estranho ver mulheres na faixa dos cinquenta anos; geralmente selecionam quaisquer mulheres na faixa dos quarenta, ou mais, para as câmaras de gás. Mas aqui estão elas, essas cinquenta mulheres fitando-nos, parecendo nossas mães.<sup>59</sup> Seus rostos doces e enrugados revelam o medo e a apreensão que este lugar impõe em todos nós. Estão provavelmente pensando em suas próprias filhas, filhos e netos. Não consigo me desviar de seus rostos. É terrível ver mulheres mais velhas sem lenços na cabeça e carecas como nós. Por um momento, penso em como Mama teria se sentido se fosse forçada a aparecer em público sem a peruca ou um *babushka*.

— Danka, olhe! — Aponto para uma mulher na fila.

Danka prende a respiração.

— Parece Mama. — Apertamos a mão uma da outra, sorrindo para a estranha. Ela sorri de volta para nós.

Tirando o lenço da minha cabeça, chego perto da mulher que parece tanto com Mama.

— A senhora vai precisar disso para proteger sua cabeça do sol hoje. — Entrego-o a ela.

— Não posso aceitar isso de vocês — ela gagueja.

— Mas deve. Eu não vou vestir. — Afasto-me, piscando com força.

— Marchem! — Começamos a andar, seguindo em direção aos portões. A

banda toca uma polca fora de tom. Há moças encarando nosso *kommando*. Bocas se abrem quando as mães passam, marchando para o trabalho. O rastro silencioso que nos segue é o choro invisível de cada moça, lembrando e rezando que sua própria mãe tenha escapado desse fim.



É o segundo ano, então há muitas de nós para um SS vigiar por *kommando*. Os *kommandos* são divididos entre grupos separados, cada um com uma *kapo* para supervisionar. Ainda assim, nem sempre temos um SS perto de nós, porque eles estão ocupados inspecionando outros grupos de trabalho.

— 1716! — diz Emma. Levanto a cabeça sem parar de cavar para ver por que Emma escolheu meu número entre as fileiras. — Venha aqui. — Pousa minha pá no chão e vou cautelosamente em direção à beira do *Postenkette*, nossa área de trabalho.

— Fique bem aqui, na beira da vala, e fique de vigia. — Ela olha diretamente nos meus olhos. — Vou à latrina e vou demorar mais do que de costume. — Concorde com a cabeça, sabendo que ela vai encontrar um homem lá. — Fique aqui olhando para a esquerda e para direita sem parar, se alguém chegar, pule e comece a trabalhar. Se perguntarem onde estou, diga que fui à latrina. — Concorde.

Fico sobre minha irmã e sobre o resto do *kommando*, olhando para a esquerda e para a direita. Meus olhos recaem sobre as mulheres mais velhas e novamente olho para a esquerda e para a direita. O sol está quente em nossas cabeças. Enxugo o suor de meus olhos. A mulher com meu lenço pisca diante do sol severo ao erguer os olhos para mim. Não consigo suportar vê-las trabalhando tanto por horas, sem descanso. Essas mulheres se parecem tanto com nossas mães e não tiveram nem um momento para parar e respirar desde o almoço.

— Por que vocês todas não se sentam? — sugiro. — Baixem as pás e descansem enquanto eu vigio. — Todas olham para mim — Vão. Daqui consigo ver se alguém está vindo. — Uma a uma, elas se sentam, agachando ou ajoelhando-se na terra. A mulher que se parece particularmente com nossa mãe sorri. Olho para a esquerda. A imobilidade das moças e mulheres abaixo de mim me proporciona um instante de conforto. Olho para a direita. A poeira baixa em volta de suas mãos e pés. Suas cabeças brilham com gotas de suor, e vejo que as queimaduras de sol estão tornando vermelha sua pele delicada. Olho para a direita. Mas não olho atrás de mim.

— O que está acontecendo aqui?! — O galope do cavalo vem de lugar

nenhum. Antes que eu saiba o que está acontecendo, um SS pula de sua sela e me joga no chão. Ele me chuta violentamente nas costas. Cubro meu rosto.

— Onde está a *kapo*? — grita, golpeando sua bota com ponta de aço em minhas costelas.

— Aaaah! — Minha mão voa para minha barriga. — Está na latrina! — Ele chuta meu rosto. Sangue brota da minha boca.

— E deixou vocês descansarem? — E de novo no estômago e de novo nas costelas. — Era para você ficar vigiando? Mentirosa! — E novamente nas costas e novamente no rosto. — *Scheiss-Jude* imunda! *Mist biene!* Vocês todas deveriam ser mortas!

Não consigo enxergar através do sangue em meus olhos. Ele me golpeia como se eu fosse um legume podre para compostagem, mas me recuso a chorar ou a implorar por piedade.

As moças, as mulheres e as idosas trabalham apressadas, peneirando areia, pegando terra, tentando ignorar meus resmungos e grunhidos.

— O que está acontecendo?! — Emma vem correndo.

— Onde você estava? — ele grita.

— Na latrina, senhor!

— E deixou uma judia vigiar outras judias? Sua meretriz! Puta estúpida! Quero que essa prisioneira seja denunciada por deixar seu grupo de trabalho descansar!

— *Jawohl*,<sup>60</sup> senhor.

— Reporte à comandante Drexler!

— *Jawohl!*

— Talvez da próxima vez você vá pensar duas vezes antes de sair por aí se prostituindo.

Emma assume o espancamento.

— Sua cadela! Volte para o trabalho! — Seus golpes não causam tanto dano quanto os chutes ferozes do SS, mas o fato de ela me bater fere os sentimentos que me restavam em relação a ela.

Afasto-me com dificuldade e tento ser invisível, na esperança de que ele não comece a me bater de novo, na esperança de que ele esteja cansado de tanto esforço físico com esse calor. Os cascos de seu cavalo batem no chão enquanto ele se afasta a galope. Danka coloca uma pá em minha mão. A mão dela parece gelo. Cavo cegamente no solo, incapaz de distinguir a terra do céu, por entre sangue e lágrimas.

Trabalhamos em silêncio, depressa. Todas estão tremendo de medo. Não paramos de trabalhar; não há nem mesmo uma pausa no ritmo da nossa escavação.

— 1716. — Viro-me na direção da voz de Emma, incapaz de ver seu rosto. — Tome isso. — Abaixo-me para me proteger do soco, mas, em vez disso, um trapo cai em minhas mãos. — Limpe-se. — Sem outra palavra, Emma retoma seu

posto.

Apoio-me por um segundo na minha pá, limpando a terra e o sangue dos olhos e do rosto. Os soluços dentro do meu peito machucam minhas costelas feridas. Sinto-me tão confusa, uma *mist biene* infeliz, exatamente como me chamam. Luto para me controlar. Sentimentos turbulentos transbordam dentro de mim. Minhas têmporas latejam. Minha boca dói. Não posso chorar, não apenas por causa do trabalho, mas por causa da dor. Vai doer muito mais deixar um choramingo escapar. Escolho, em vez disso, pensar em Emma. Apesar do fato de ter me batido, foi para salvar a própria pele; o trapo diz mais do que quaisquer palavras que ela jamais vai me dizer. Concentro-me em cavar e em Emma, tentando afastar a dor com os pensamentos.

A mulher que se parece tanto com Mama me observa durante toda a tarde. Emma ignora o fato de que não consigo trabalhar com o mesmo empenho de antes. Ela estala o chicote sobre nossas cabeças e age como durona, mas o grupo trabalha mais devagar no calor, e as mulheres mais velhas não tem capacidade de realizar um trabalho tão árduo. Suporto a dor tão bem quanto posso, mas dói respirar e ficar em pé. Enfim é hora de marchar de volta para o campo. A marcha de dois quilômetros é uma agonia em si, cada inspiração é uma fígada em minhas costelas, uma faca em meus pulmões.

A banda marcial está tocando, mas por dentro estou morrendo uma centena de mortes, ouvindo apenas um canto fúnebre; para mim é o fim. Emma está de um lado da banda enquanto seu *kommando* marcha através dos portões.

— Espere aqui. — Emma me puxa. Meus olhos captam os de Danka. É um adeus silencioso. A banda toca horrores aos meus ouvidos. Estou gritando de dor e ainda assim devo ficar em pé, sabendo que em algumas horas vou estar morta, sabendo que vi minha irmã marchar pela última vez pelos portões do inferno. Sabendo que não mantive meu juramento, sabendo que fracasei com ela. Não me atrevo a mexer os pés cansados. Não me atrevo a virar a cabeça. Olho fixo para frente, conforme *kommando* após *kommando* entra em marcha; meus olhos não registram o rosto de nenhum indivíduo. Algumas ainda têm energia para me notar aqui; ninguém tem energia para se importar. A seus olhos, estou condenada; outra prisioneira à espera da sentença de morte. Elas não precisam ser lembradas de como a vida de todas nós é tênue.

Pela primeira vez em dezesseis meses de prisão gostaria que estivesse dentro dos portões de Birkenau, ao lado de minha irmã, esperando para sermos contadas; pelo menos isso significa que estou viva. Assistio à contagem começar dentro dos portões. Flutuando para fora de meu corpo, observo o mar de humanidade condenado à servidão e desejo estar entre elas.

O céu está escuro. Estou sozinha. Até mesmo a banda me deixou para trás. A porta do escritório abre e Emma sai. A luz de dentro ilumina sua cabeça. Seu cabelo está ficando grisalho.

— Entre no campo — ela diz, sem rodeios. Afasto-me com incerteza, com medo de que esteja brincando. — *Hau ab!*<sup>61</sup> — ordena, acrescentando num murmúrio: — E certifique-se de ficar comigo amanhã depois da contagem.

— Sim, Emma. Eu vou, Emma. — Cruzar esses portões, desaparecer dentro do campo e me unir às fileiras de mulheres oprimidas agora é a única esperança que eu tenho. Ser contada naquela chamada... estar viva.

Danka está fora de nosso bloco; ela espera com o rosto manchado de lágrimas.

— Rena? — Agarramos uma à outra num abraço forte. — Achei que você estivesse morta, com certeza. — Ela chora.

— Eu estava. Emma me salvou.

— Como?

— Não sei. — Tenho uma ideia, mas Danka é inocente demais para ouvir e está além da minha imaginação que uma *Reichdeutsche* pudesse se oferecer por uma judia como eu... Mas o que mais Emma tem para negociar?

Pode não haver presentes ou festas em Birkenau, mas o fato de que alguém possa voltar para a companhia de um ente querido é um presente precioso atrás dessas muralhas. E esse encontro próximo com a morte me inspira em vez de me derrotar.

— Temos que ver se conseguimos alguns lenços para as mulheres de idade em nosso grupo de trabalho.

— Rena, você está ferida. Deveria se deitar.

— Vou me sentir melhor se puder ajudar essas mulheres. — Vamos de um bloco a outro, falando às líderes dos blocos, às líderes dos quartos e às outras prisioneiras sobre as mulheres mais velhas, implorando por lenços de cabeça para que elas possam pelo menos se proteger do sol.

— Elas não aguentam o calor — digo-lhes. — Vejam como fui espancada por deixá-las descansar. Elas têm a idade de nossas mães e não vão sobreviver se não fizermos alguma coisa. — Todas que têm lenços doam para nossa causa. Com olhos úmidos, dão a mim e à Danka uma echarpe em honra de suas próprias mães, que agora são meras memórias no ar acinzentado. Conseguimos dez.

— Andei procurando por você. — A mulher que se parece muito com Mama vem até mim quando estou recolhendo as echarpes.

— Quem é a senhora? — pergunto.

— Eu é que devia fazer essa pergunta. Quero lhe dar algo. Aceite, por favor? — Ela segura sua porção de pão.

— Não, não posso. — Sacudo a cabeça, afastando-me de seu gesto.

— Por favor, você é jovem. Quero que você viva — ela implora.

— A senhora vai precisar disso amanhã. Por favor, guarde e coma de manhã. Vai ser outro dia quente. A senhora tem seu lenço. Pode viver. Sei que pode. Veja, minha irmã e eu conseguimos mais lenços para suas amigas usarem no sol. Vai melhorar... vai mesmo!

— Você consegue falar assim depois da surra que levou?

— Ah, aquilo. Da próxima vez vou olhar para todos os lados e ter mais cuidado... A senhora vai ver, não é tão ruim assim aqui — minto para o rosto de minha mãe. — Tente comer o pão e beber o chá, por mim. Por favor, tente viver... A senhora bebeu o chá?

— Sim, uma amiga o está vigiando no bloco. Vou beber o chá, mas não vou comer o pão. Fique com ele, não preciso.

— Não posso tirar da senhora. Seria como pegar o pão da minha própria mãe.

— Sua mãe quer que você fique com o pão dela, que viva por ela.

Meus olhos ardem.

— Sinto muito. Obrigada, mas não posso aceitar. Por favor. Prometa que a senhora vai comer. — Seguro a mão dela, dobrando-a firmemente em volta da crosta tão preciosa que muitos lutariam por ela.

— Qual é o seu nome?

— Rena.

— Você é uma boa filha, Rena. — Ela sorri para mim. — Sei que é improvável, mas vou rezar para que você encontre um dos meus filhos quando estiver livre. Os dois seriam bons maridos para você, e se você não encontrar um dos meus meninos, vou rezar ao Senhor para que lhe dê um marido tão bom quanto meus filhos e para que você tenha uma vida boa. — Nossas mãos se afastam lentamente. Ela vai embora e me deixa parada sozinha na noite, agarrada a echarpes vermelhas e brancas.

— Rena, você terminou? — A voz de Danka me puxa de volta ao presente. — Temos que voltar para dentro.

— Ela está com o pão dela — digo à minha irmã. — Ela vai ficar bem, não vai?

— Quem, Rena?

— Mama. Vamos vê-la amanhã, certo?



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Chegamos ao *kommando* de Emma depois da contagem, mas as mulheres mais velhas não estão lá.

— Onde elas estão, Emma? — Nunca lhe fiz uma pergunta direta antes.

— Não sei.

— Fique aqui — peço a Danka, na esperança de guardar meu lugar no *kommando*.

Corro pelo campo, procuro por seus corpos curvados e cansados entre os

*kommandos* próximos, alinhados para o trabalho. Seu rosto não está em lugar algum. Disparo para dentro do bloco delas e vejo a líder.

— Onde elas estão?

— Quem?

— Nossas mães — gaguejo. — As mulheres idosas!

— Ah. — Sua voz é calma. Por mais duras que todas nós tenhamos nos tornado, essas mulheres tocaram nosso coração e nos fizeram sentir novamente, mas os ferimentos são muito profundos e dolorosos ao toque. — Eles as levaram ontem à noite.

Palavras ficam presas em minha garganta, como se alguém estivesse me estrangulando. A líder do bloco e eu fitamos uma à outra com sofrimento e choque.

— Saia daqui antes que peguem você! — A voz dela me joga de volta para a realidade. Deixo o bloco, agora incapaz de correr. Minhas pernas são pesadas como ferro.

As fileiras de Emma estão cheias. Fico olhando para ela, perdida, incapaz de reunir meu entusiasmo e confiança costumeiros. Estou deslizando à beira do poço, prestes a ser engolida, prestes a desaparecer.

Revirando os olhos para mim, Emma faz um gesto com a cabeça.

— Entre!

Coloco-me ao lado de Danka, sacudo a cabeça e mordo o lábio. De cabeça baixa, marchamos para outro dia de trabalho e de calor escaldante. Não há rostos maternos para confortar nossas perdas, mas hoje Emma não estala o chicote, a menos que os SS estejam passando a cavalo. A dor nas minhas costas e costelas reacende e sou incapaz de pensar em qualquer coisa direito.

O torpor em meu coração se expande por todo o meu corpo. O corpo cava a terra. O corpo peneira a areia. O corpo grita de dor quando os pulmões se expandem contra costelas machucadas, talvez quebradas. Mas são os olhos que mais doem. Doem até parecer que explodiram, sangrando pela terra estéril enquanto peneiramos mais areia para fazer mais tijolos e concreto, para fazer mais blocos para mais judeus. Apesar do sol, o céu é negro.

*Não estamos vivendo em Birkenau. Estamos sempre quase mortas.*



O SS Stiewitz está de mau humor, marchando de um lado para outro, xingando alto diante de nossos rostos famintos, enquanto esperamos a ração noturna de chá

e pão. Não prestamos atenção ao motivo de sua invectiva; essas explosões de humor não são nada incomuns. Mesmo os SS têm dias ruins. Ele levanta a tampa de nossa chaleira, arremessando-a, como um disco, de encontro a uma parede. A tampa ricocheteia, voando em direção a nós, que estamos na fila.

— Abaix-se, Danka! — Ela desvia, mas tarde demais. *Bam!*

A tampa de ferro corta a cabeça dela, derrubando-a sob o peso e o impacto repentinos. Sangue escorre por seu rosto e pela terra. O osso sob a ferida é visível, mas isso é algo bom, digo a mim mesma, pelo menos, o crânio não está rachado. Tiro da manga o forro que uso quando fico menstruada e o pressiono com força sobre o corte, rezando para o sangue coagular depressa, antes que qualquer SS note-a deitada aqui. Ela se mexe.

— Segure isso na cabeça e pressione com força. — Ela segura o pano quando rasgo um pedaço da minha combinação, outro presente que Erna havia me dado muito tempo atrás. — Fique parada, Danka. Não se mexa até eu mandar. — Os olhos dela se apertam com a dor. Coloco a nova tira de tecido sobre o corte e torço a outra antes de substituí-la. As moças na fila nos escondem quando avançam para pegar o pão. Obscurecida por elas, tenho alguns instantes preciosos para estancar o sangramento, verificar a respiração de Danka, examinar seus olhos. Ela está em choque; a ferida é grande e feia, arqueando do centro da testa até a sobrancelha. Minha cabeça começa a doer em compaixão a ela.

— Não é tão ruim, Danka. Mas temos de conseguir colocar alguma coisa sobre ele, um pouco de unguento. — Limpo o sangue de sua testa com movimentos leves. Agora está escorrendo mais devagar. Vamos nos levantar agora e pegar nosso chá. — Dirijo-a à fila para pegar nosso chá e nosso pão. Entramos em nosso bloco.

— Estou com náusea.

— Coma mesmo assim, Danka. Você precisa da sua força. É o corte que está fazendo você sentir enjoo, não é o estômago. — Ela beberica o chá devagar, parando a cada poucos instantes, como se lutando contra o ímpeto de vomitar. Cubro-a com nosso cobertor antes de ir esperar ao lado da porta da líder do bloco.

— Unguento para um corte. — Entrego meu pão a ela.

— Deixe-me ver se tenho. — Ela pega meu pão e desaparece. Espero, tentando vigiar Danka de onde estou. Minhas pernas cansam de ficar em pé, então agacho com as costas encostadas na parede e espero. O bloco está imóvel. Meus joelhos começam a doer nessa posição, por isso sento-me no chão de terra e espero. A porta se abre. A luz de dentro se derrama pela escuridão do bloco, agora adormecido. A líder me entrega uma mancha de unguento em um pedaço de papel e fecha a porta na minha cara.

Lavo o ferimento de Danka com cuidado.

— Vou morrer disso?

— Nem pensar. Não é tão ruim assim, Danka, de verdade. Mas sei que dói.

Estou realmente preocupada é com infecção, cicatriz, seleção. O ferimento pode não matá-la, mas o efeito pode. Afasto essas preocupações que desviam a minha atenção e o meu engenho. Passo o unguento antisséptico na testa dela e asseguro:

— Vamos conseguir mais amanhã.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Meu estômago ronca o dia todo. A sopa dança em minha barriga como um oceano de ondas com nada a que se agarrar. Danka está fraca, e percebo que sua cabeça está doendo, mas ela consegue trabalhar. Troco meu pão por mais unguento para colocar sobre o corte e depois saio para ir à latrina. É na latrina que as informações são trocadas e coisas podem ser barganhadas. Sinto falta de Erna e, por um momento, gostaria que houvesse alguém com quem conversar, alguém para dividir meus fardos.

— Você ouviu? — uma moça sussurra ao meu lado. — Vai haver uma grande seleção. Eles vão limpar o campo — outra voz ecoa a informação. — Há muitas de nós.

Volto para o bloco em transe. Tudo o que ouço, de novo e de novo, como uma canção de ninar repetindo em minha mente, é o rumor: vai haver uma grande seleção; há muitas de nós. Como uma coceira que não consigo coçar, a fala corrói meu silêncio. É um segredo agourento, um fardo que não posso compartilhar com ninguém. Quase desejo que não tivessem me contado. A preocupação sobre a cicatriz de Danka consome meu moral. Ela vai ser selecionada se virem o corte, e ele está cicatrizando muito devagar. Minha cabeça revira até que estou pensando em tudo e em nada específico.

Marchamos com Emma, mas o trabalho fica pior com o clima; é nosso segundo outono. Não há dias livres de neve ou chuva; agora sei disso. Sempre vão ficar ali vigiando-nos carregar tijolos, cavar, construir. Ao fim do trabalho, marchamos de volta, mãos e pés com bolhas por sempre estarem úmidos e frios; esperamos para sermos contadas, esperamos pelo chá, pelo nosso pão, sempre trabalhando, sempre esperando.

Os SS estão mais agitados do que de costume. Oscilando os chicotes e os cassetetes com mais frequência, eles nos batem sem nenhuma provocação. Os

grupos de trabalho estão mais estritos e duros. É como se estivessem tentando eliminar aqueles que não vão passar no corte quando chegar a hora da seleção. Vasculho as fileiras e fileiras de mulheres que compartilham de minha sorte. Nunca vimos o campo assim tão cheio. “Há muitas de nós.” Pergunto-me como os nazistas se sentem quando não podem nos matar rápido o suficiente e nos fazem trabalhar até a morte. Pergunto-me se eles sentem alguma coisa.

Os SS andam de um lado para outro entre nossas fileiras, contando a equipe da noite, anotando aquelas que entraram em colapso e morreram durante o dia. Um alvoroço desce entre as colunas de mulheres. Doutor Mengele chegou ao campo. Sabemos quem ele é; há rumores sobre ele. Ele está diante de nós, o glorioso anjo da danação. É difícil acreditar que alguém tão bonito possa fazer as coisas que dizem que ele faz.

Um SS move uma porção de nossas fileiras para longe do grupo principal. Danka e eu estamos no grupo que é separado do resto das mulheres na contagem. Doutor Mengele anda lentamente entre nós, procurando os espécimes mais saudáveis, com o corpo mais apto. É um momento pelo qual venho esperando; às vezes ele escolhe prisioneiras para grupos de trabalho interno, como o grupo em que Erna e Fela agora estão. Pode ser nosso dia de sorte, o dia em que finalmente vamos deixar Birkenau. Ele passa por nós como um açougueiro inspecionando carne.

Aponta para mim, mas passa por Danka. Dou um passo adiante, caminhando até a frente da fila, afastando-me de minha irmã. Danka é descartada com o resto dos espécimes não aptos. A contagem é dispensada. Milhares de mulheres correm para seus respectivos blocos para pegar seu pão e se colocar nas prateleiras para dormir.

Marchamos para longe dos blocos regulares, em direção ao bloco de quarentena. Viro a cabeça e capto um vislumbre de minha irmã quando o buraco em meu estômago aumenta mais e mais. A ansiedade de não tê-la perto de mim é insuportável. Não sei se esse grupo é para a vida ou para a morte. Mas sei que a única forma que tenho de cumprir minha promessa à minha irmã, porém, é mantê-la comigo em todos os momentos; coisas demais podem acontecer em um instante. Não há debate em minha mente sobre o dever que tenho com minha irmã; o juramento é a força que governa todos os meus atos.

Dentro do bloco de quarentena, recebemos uma ração padrão de pão. Não há conversa ou especulações sobre o grupo ao qual fomos designadas. As moças com quem fui escolhida vão até os beliches sem conversar, enquanto me dissolvo nos arredores para que ninguém note minha saída.

Esta noite Erika está de vigia, segurando um papel com nossos números. É um bom presságio, embora haja sempre a chance de ela não ser boa para mim. Não me importo com as chances. Vou diretamente até ela.

— Pode me ajudar? Dou-lhe minha porção de pão se você puder trazer minha irmã para este grupo comigo. — Coloco minha única refeição na mão dela.

Erika me olha como se eu fosse louca, porém a decisão em meus olhos a convence de que estou falando sério.

— Qual é o número dela? — Ela pega o pão, guardando-o no bolso com um movimento ágil.

— É 2779. — Prendo a respiração. Ela parece sincera. Parece se importar, mas nunca dá para ter certeza. — Posso trazê-la para a quarentena? — pergunto, tímida.

Erika olha em volta rapidamente, analisando a área. Não há ninguém por perto. Ela risca um nome da lista.

— Vá buscar sua irmã.

— Só que vai haver gente sobrando. O que você vai fazer?

— Não é da sua conta — sibila. — *Hau ab!*

Obediente, desapareço e me fundo às sombras, serpenteando em direção a nosso bloco. Danka está na entrada, esperando por mim. Apenas seus olhos traem o terror absoluto que ela sente. Pego sua mão como eu costumava fazer quando ela era pequena.

— Coloquei você no grupo.

— Como?

— Venha comigo. — Entramos na escuridão, andando sorradeiras de volta pelo campo, em direção à quarentena. Os holofotes percorrem as cercas eletrificadas, procurando por prisioneiras com desejos suicidas. Movimentamos como fantasmas, evitando as luzes, as armas, os olhos daqueles na torre de vigia.

Erika está esperando do lado de fora. Não andamos na direção dela; esperamos nas sombras por seu sinal. Ela baixa o queixo ligeiramente e dá meia-volta. Disparamos pela porta para a segurança. Com cuidado para não perturbarmos ninguém, vamos na ponta dos pés até um beliche que ainda não está cheio e subimos nas tábuas. Puxamos um cobertor por nossos ombros, e coloco os braços em volta da minha irmã. Quero espantar os sonhos demoníacos que roubam o som de nossa mente perturbada. Quero descansar meus ossos cansados e pôr fim à preocupação incessante que range dentro de minha cabeça.

Pela primeira vez em um ano e meio, não participamos da contagem. De manhã eles trazem uma chaleira para o bloco e a espera começa.

Servem-nos sopa ao meio-dia e ficamos sentadas durante a tarde, esperando pelo jantar, com nada mais para fazer a não ser ouvir nosso estômago roncar. Sou grata por não termos que trabalhar e tento tirar vantagem desse breve respiro. Não temos vontade de conversar com as outras, e elas não sentem vontade de falar conosco. No primeiro dia de quarentena, nós dormimos.

No segundo dia, não estamos tão cansadas e andamos pelo quarto, fazendo

perguntas, conversando, perguntando em voz alta por que estamos aqui e quanto tempo eles vão nos manter nesse lugar. Minha esperança é que esse seja um grupo que vai trabalhar sob um telhado. Seria bom ter um abrigo nos dias frios e chuvosos. Também espero que não seja o tipo de grupo em que Erna e Fela desapareceram, um trabalho que nem pode ser pronunciado.

Danka flutua para um mundo só dela. Observo-a ficar alheia aos arredores, sabendo que é assim que ela sobrevive. Enquanto isso, ouço cada fragmento de informação que consigo reunir; é assim que sobrevivo — sempre alerta.

— Talvez nós vamos trabalhar na cozinha! — diz uma das moças.

— Ah, a comida que poderíamos comer na cozinha!

— O que será que eles vão nos mandar fazer?

— Pode ser qualquer coisa. Melhor não pensar a respeito.

Outra moça também fala, mas seu comentário é mais para a janela do que para nós, que estamos do lado de dentro:

— Pelo menos não estamos lá fora. Hoje o clima está terrível.

Nossa conversa é frugal. Não falamos com as outras por muito tempo. Estamos exaustas demais e simplesmente aprendemos que é melhor não nos tornar muito próximas de pessoas que podem morrer em alguns minutos. Não há muita fraternidade e empatia. Não discutimos nossos infortúnios ou o que esperamos. Se discutirmos qualquer coisa, é sobre de onde somos, mas mesmo isso é doloroso demais. Dormimos. Bebemos nosso chá. Bebericamos nossa sopa. Mastigamos nosso pão. Esperamos.

No terceiro dia estamos começando a ficar agitadas e a irritar umas às outras. O desconhecido consome os resquícios de nosso moral. Há rugas entre as companheiras de beliche. O descanso nos fez bem; o pouquinho de comida ainda nos deixa com fome, mas pelo menos não vamos perder tudo com trabalho pesado. Não ganhamos peso algum, mas também não perdemos.

— *Raus!* Em fila! — É a quarta manhã. Uma funcionária do hospital entra no bloco. — *Marchem!* — Seguimos atrás dela, saindo da quarentena, marchando pela extensão do campo, em direção a outro prédio. A placa sobre a porta diz SAUNA. Dentro, a *kapo* nos informa:

— Deixem suas roupas velhas em uma pilha aqui. Não precisam mais delas. Há novos uniformes naquela mesa. *Schnell!*

Vamos nuas até a mesa, pegamos os novos uniformes, de tamanho único, vestindo-os sobre nossos corpos. São exatamente como os outros vestidos listrados de azul e cinza, ásperos como lixa nova.

— Coloquem esses aventais! — Amarramos aventais brancos e passados sobre nossa cintura quando entramos em fila novamente, enchendo o prédio em duplas. Marchamos de volta pela extensão do complexo, em frente ao restante das mulheres no campo, já alinhadas para a contagem matinal. O prédio seguinte em que entramos fica no meio do campo; é um edifício pequeno, de um cômodo,

em frente a nossos blocos. É o escritório de Mengele. Dentro, a enfermeira ordena que mostremos os braços para que a secretária escreva cada um de nossos números em uma lista.

— 1716 — ela repete num murmúrio —, 2779. — É estranho que não tenhamos números em nossos uniformes.

Lá fora, formamos uma fila de frente para o local da contagem, em cinco fileiras, dez pessoas em cada uma, formando nosso novo grupo de trabalho exclusivo. Onde será que está Emma? Pergunto-me se ela notou que eu e Danka não estamos mais lá.

É estranho observar a contagem normal acontecer no campo e não fazer parte dela. Nunca vi tanta gente em um único lugar. Elas também parecem tão infelizes, tão desoladas e desanimadas. As palavras *há muitas de nós* ecoa por minha mente até que sacudo a cabeça e me liberto do alerta.

Pelo canto do olho, vejo uma mulher com uma lista na mão e faço uma observação mental de que sua presença é estranha. Ela vem de trás do prédio, olhando-nos com nervosismo, como se tivesse medo. Ela fica parada por um momento, rabiscando algo em sua lista, depois cautelosamente pega uma das moças pela mão e a conduz para o final da fila e, então, para a sala de Mengele. Elas desaparecem.

Meu coração dispara quando percebo.

— Danka, este não é um bom grupo.

Os olhos de Danka se arregalam de medo.

— Por que diz isso?

— Uma pessoa da elite acabou de tirar uma amiga ou parente da fila.

— Quem?

— Não sei quem é, mas ela é importante o bastante para andar por aqui enquanto nós estamos na contagem. Ela saberia se esse fosse um *kommando* ruim. Isso é para a morte.

— Não tem como você ter certeza.

— Sim, eu tenho. — Olho em volta. Minha mente percorre cada situação possível. Levo menos de um segundo para decidir o curso de ação que devemos tentar se queremos sobreviver. — Venha comigo.

Os olhos dela se arregalam.

— Para onde?

— De volta para a sauna. — Olho para os odiosos vestidos que estamos usando. Como eu posso ter deixado os sinais passar? Nenhum número no peito, novos vestidos, aventais brancos limpos exatamente como as vítimas de experimento estavam vestindo. — Nossa única chance é pegar nosso uniforme velho de volta antes que os levem de lá e estejamos perdidas de verdade.

— Não podemos fazer isso.

— Temos que fazer. — Sou enfática.

— Como?

Minha mente ultrapassa a situação em que estamos e segue para os pormenores que podem salvar nossas vidas.

— Vamos fingir que somos tão importantes quanto qualquer líder de bloco ou *kapo*. Vou pegar sua mão e vamos marchar pelo complexo e não vou soltar você até estarmos na sauna.

— Na frente de todo mundo?

— É uma aposta.

— Não podemos. Vão atirar em nós, com certeza.

— Danka! Isso aqui é algo para os experimentos. Lembra-se das mulheres nas cercas?

— Colhendo ervas?

— Quer virar um zumbi? — Olho feio para ela.

— Não.

Ficamos em silêncio quando um oficial passa.

— Você vai se tornar um se não vier comigo agora. Temos uma única chance de vivermos e uma chance de morrer. Se cruzarmos o complexo, podemos viver ou morrer. Se ficarmos aqui, vamos morrer com certeza.

Ela quer me seguir, eu percebo, mas o medo enraíza seus pés no chão.

— Não posso — ela sussurra.

Inclino-me bem perto de sua orelha.

— Vou quebrar meu juramento com você. Jurei que morreria com você, mas isso era só se você fosse selecionada, não se você escolhesse morrer. Não tenho mais esse compromisso com você! — Nossas vozes são baixas e especulativas. Os guardas da SS estão ocupados contando as prisioneiras do outro lado da Lagerstrasse. — Se você não quer dar ouvidos ao que estou dizendo, então está decidindo abrir mão da sua vida, mas eu não. Vou voltar para a sauna quer você venha comigo ou não. — Rezo para tê-la assustado o bastante a ponto de vir comigo.

— O que eu faço? — Sua voz vacila.

— Apenas venha comigo. É tudo o que você tem de fazer. Mantenha o queixo erguido e acredite que é importante. — Os olhos dela ficam vidrados. Ela vai fazer o que eu disse. — Agora me dê a sua mão. — Com um punho frio e pegajoso, seus dedos envolvem os meus.

Olho a direção em que os SS estão olhando. Taube está batendo em alguém. A atenção deles está voltada para outro lugar. Reúno minha autoestima, imagino a nuvem de Deus descer sobre mim e minha irmã, assim como desceu no monte para falar com Moisés, e damos nosso primeiro passo para fora da fila. Pela contagem, pelos SS vigilantes, por milhares de outras prisioneiras, Danka e eu andamos, escondidas nas brumas de Sião.

Passamos por Stiewitz e Taube e caminhamos com ares de que estamos

fazendo exatamente o que nos mandaram fazer. Minhas unhas cravam na pele dela; não solto a mão de minha irmã. Caminhamos convencidas de que ninguém vai nos deter. Somos importantes. Mandaram-nos voltar para a sauna. Repito isso para mim mesma sem parar. Queixos erguidos, olhos adiante, sem nunca olhar para trás.

A distância parece permanecer a mesma. A sauna não parece se aproximar. As filas e fileiras de prisioneiras parecem continuar eternamente. Pelo deserto de Birkenau, caminhamos invisíveis.

Segundos se transformam em horas conforme nossos pés pisam na lama. Nossa cabeça está erguida, nosso olhar nunca desvia do caminho. A mão de Danka fica azulada pela firmeza de meu aperto. Queixos erguidos, olhos adiante, sem nunca olhar para trás.

Abro a porta da sauna sem olhar para trás. Não há vozes atrás de nós ordenando-nos a parar, não há tiros disparando contra nossas costas. Há apenas a contagem, o salva-vidas a que devemos nos agarrar tão depressa quanto como conseguimos trocar de roupa.

Entramos, fechando a porta atrás de nós.

— Depressa, Danka. Temos que nos apressar! — sussurro com urgência. — Tire a roupa e me entregue. Eu faço o resto. — Tirando o uniforme de vítima de experimento de meu corpo, procuro entre a pilha de uniformes descartados vestida com a roupa de baixo. Danka não consegue se mexer. Ela me fita como um animalzinho paralisado de medo incapaz de me ajudar enquanto vasculho entre as roupas, procurando pelo número dela, repetindo “2779, 2779”, sem parar, em voz alta. Minhas mãos tremem de forma incontrolável e meu nervosismo aumenta.

Não há tempo. Nossas vidas dependem de conseguir voltar para a chamada. Temos de ser contadas. Devemos desaparecer antes que qualquer um note que estamos ausentes do grupo especial. Enfim, o uniforme dela está no chão diante de mim. Jogo-o para Danka.

A pilha parece ter se multiplicado desde que virei as costas. Tremendo de forma incontrolável, vasculho entre as roupas, em busca do meu uniforme entre os cinquenta que estão ali. São todos idênticos, exceto pelos números. E se eu passei por ele enquanto estava procurando o de Danka?

E se não estiver aqui? Finalmente encontro a manga 1716. Enfio nossos novos vestidos e aventais sob a pilha de uniformes e corro para Danka. Ela não se mexeu.

— Pode levantar os braços? — peço gentilmente. Os braços dela disparam para cima.

Coloco o velho uniforme de tecido áspero e cheio de piolhos pelos braços dela e sobre a cabeça. Meus dedos tremem enquanto abotoo o velho uniforme no corpo dela, o número 2779, no lugar certo. Depois, com um estremecimento,

visto o conforto do anonimato por minha cabeça. O número que odiei tanto é agora meu refúgio, meu único elo com a sobrevivência.

Abro a porta, espiando lá fora com cautela. Os SS estão a uma fila de distância, aproximando-se de nós. Temos poucos minutos de sobra. Fecho a porta, recuperando o fôlego, esperando que passem.

— Pronto? — Não espero uma resposta, empurrando Danka adiante de mim, para as fileiras perfeitas de cinco. — Por favor, deem um passo à frente — sussurro para as moças e mulheres diante de nós. — Licença, por favor, deem-nos um espaço, por favor. — Ninguém empurra, ninguém reclama. As fileiras de mulheres fadadas de quem dependemos se movem silenciosamente, como água, engolindo-nos em seu seio até nos fundirmos na multidão alinhada. Os SS andam por nossa fileira. Prendemos a respiração.

Passam por nós. Fomos contadas.

A chamada acaba e Emma está esperando. Cumprimento-a com a cabeça quando Danka e eu assumimos nossos lugares em seu *kommando*. Ela ergue uma sobrelanceira para nossa presença. Acho que a boca dela também se curva um pouquinho, mas não tenho certeza; tudo o que sei é que é bom estar segura com Emma. Ficamos fora cavando, construindo, em vez de nas mãos de Mengele e Clauberg. É bom trabalhar. É bom estar viva.

Danka continua em transe por alguns dias. Tudo o que ela faz é automático, sem pensamento ou reflexão, mas às vezes acredito que ela olha para mim com admiração e talvez com gratidão; às vezes não tenho certeza de onde ela está.

Rumores ainda rondam as latrinas. Há mais vozes murmurando:

— Vai haver uma seleção.<sup>62</sup> — Não estamos seguras. Nunca estamos seguras. Apenas escapamos por pouco da morte por um dia. E amanhã?

Uma moça na latrina pergunta:

— Lembra-se daquele grupo de trabalho especial que eles selecionaram na semana passada?

Olho para ela com cautela, perguntando-me o que ela sabe, perguntando-me com quanto pão ela vai me chantagear para conseguir sua aliança de silêncio.

— Acho que sim — minto na cara dela.

— Ouvi de alguém na enfermaria que é para esterilização e tratamentos de choque. Ele pegou metade das moças e colocou placas quentes sobre a barriga delas para disparar choques elétricos até elas desmaiarem. Quando as mulheres recuperaram a consciência, eles fizeram de novo sem parar até elas morrerem.

Sinto-me fraca, enjoada.

— O resto ele abriu com a faca para retirar os órgãos femininos. Algumas estão morrendo de infecção agora. As sortudas já estão mortas. — Afasto-me da voz da estranha; o sangue some de meu rosto.

— Rena, o que foi? — Danka aparece atrás de mim.

— Nada, Danka, nada. Acho que é fome. — Volto para nosso bloco.

— Você não está ficando doente, não é? — Sacudo a cabeça. Ela me olha com preocupação. Há uma pressão que grita para sair de meus olhos. Não choro. É preciso tempo para chorar, e não há tempo. Luto para encontrar minha razão, mas não há razão neste lugar. O que eles fizeram quando descobriram que faltavam três números no grupo de experimento? A mulher que levou a prima ou a irmã da fila simplesmente colocou alguém no lugar? Por que não procuraram por nós? Eles tinham nossos números numa lista. Por que estamos vivas e as outras moças com quem fomos selecionadas não estão? Alguma vez vai existir um momento em que poderemos agradecer a Deus por estarmos vivas hoje, antes de termos de pedir o mesmo privilégio amanhã, e no dia seguinte? A vida é um privilégio ou uma maldição?

Rumores da grande seleção aumentam. Uma coisa seguida de outra surge em meu cérebro. Como nunca chegamos a cair nas garras de Mengele, volto a me preocupar com o fermento de Danka. A cicatriz não está mais tão recente quanto algumas semanas atrás, mas ainda está vermelha o bastante para atrair os olhos amargos dos oficiais de seleção da SS.

— Amanhã — uma voz sussurra atrás de mim. Passo a informação pela fila. É assim que transmitimos notícias, da mesma forma que passamos tijolos, de uma para a outra. Normalmente estamos na fila da sopa ou esperando pelo pão da noite. — Amanhã.

Pego meu pão e digo a Danka:

— Vou lá fora.

— Para quê?

— Para ver se acho alguma coisa. — Estou irritada. Não é culpa dela. Ambas estamos nervosas, desgastadas com a exaustão que viver no limite proporciona. Preciso verificar os arredores; preciso fazer alguma coisa além de pensar que amanhã pode ser nossa última noite na Terra. Passo pela cozinha, analiso o chão em busca de pedaços de batata ou de qualquer coisa que possa ser comestível. Queria ter comida extra para a seleção. Além de comida, não sei o que mais procurar, e esta noite os ratos e outras prisioneiras chegaram antes de mim e pegaram quaisquer restos que possam ter estado aqui. Para minha grande surpresa, uma embalagem azul-clara e vermelha com a palavra *Chickory* está olhando para mim da lama. Por um instante, fico olhando para ela, apenas desfrutando da familiaridade da logomarca e da memória que me traz Pego-a, enterro meu nariz no papel, permitindo que o aroma me leve de volta.

— *Rena, não brinque com isso, vai deixar seus dedos vermelhos — Mama repreende docemente. — Olhe para suas mãos! Não toque em nada. Vá lavar; depressa. A tinta mancha.*

— *Para que serve, Mama?*

— *Para fazer um café suave e não tão ácido para o estômago, do jeito que Papa gosta.*

Sinto o cheiro de café recém-passado no ar da noite.

Uma vermelhidão familiar deixou sua marca nos meus dedos. Fico olhando e olhando, depois dobro cuidadosamente o papel precioso no que sobrou da barra do meu vestido.

— Obrigada, Mama.

Forço-me a dormir, dizendo a mim mesma que preciso estar bem para qualquer teste que venham a fazer conosco. O sono primeiro vem fugidio e, depois, profundo, até que não estou mais consciente dos sons lá fora — os gritos, os tiros. Muitas que não têm esperança no dia seguinte arriscam a lua no céu para tentar chegar às cercas, e amanhã de manhã, a SS vai ter algumas menos para selecionar para a morte.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

A manhã vem rápido demais. Não há chá. O medo é espesso como a neblina que desce sobre nosso campo. Sempre tive pena das mortas que carregamos todas as manhãs, mas hoje é diferente; elas faleceram no êxtase da inconsciência. Os corpos na cerca normalmente me deixam triste, mas hoje eu as respeito por terem escolhido roubar dos nazistas seu deleite secreto. Morrer por nossas próprias mãos é uma misericórdia em Auschwitz-Birkenau.

Chove; às vezes muito forte, às vezes uma garoa, como se os céus não conseguissem se decidir. A equipe de seleção, porém, não tem problema de indecisão. Ficamos em pé por horas na Lagerstrasse, em fileiras de cinco. As filas se estendem pelo campo. A tempestade da manhã se torna uma chuva fraca. A refeição do meio-dia passa sem sopa alguma — não tem sentido alimentar pessoas que estão prestes a morrer. Em suas botas brilhantes e calças cinzentas e bem passadas, parados ali como deuses do universo, com polegares apontando para a morte, de um lado, e para a vida, do outro, os oficiais da SS ficam diante de seus pares, julgando nossas inferioridades.

Taube e Stiewitz caminham pelas fileiras.

— *Mist bienes* infelizes! — grita Stiewitz. — *Scheiss-Judes*, de joelhos!

Minha pele se arrepia. Capto o olhar de Danka e a advirto com antecedência.

Taube se vira para nossa fila.

— De joelhos! — Puxo-a para a lama.

Seu cassinete bate nos joelhos de uma moça que não sabe que deve se ajoelhar perante ele. O grito dela rasga o ar. Ele e seu cúmplice se afastam empertigados. Nossos joelhos doem. Não nos mexemos, nem oscilamos. Ficamos ajoelhadas sem vacilar.

A face de Taube está iluminada. Ele ama seu poder.

— Deitem-se com o rosto para abaixo. No chão. Cabeças no chão!

Caímos de barriga na lama. Danka não precisa de alertas para essa porção do

exercício; já vimos muitas vezes antes os resultados da versão de Taube de flexões.

— Para cima! Para baixo! — Com os rostos na lama, erguemos nossos corpos frágeis no ar e desabamos de novo na terra enquanto ele dá as ordens. — Para cima! Para baixo! — Não faço ideia de quantas flexões fazemos; minha mente para enquanto meu corpo se mexe. — Alto! — Taube grita. Desabamos na lama. — Não se mexam!

*Por favor, que a moça ao meu lado não levante a cabeça, rezo.* Taube se afasta de nós, em direção ao fim de nossa fileira. Evito ouvir os sons que sei que vão se seguir. Eles não esperam mais que alguém levante a cabeça como uma desculpa para destruir seu cérebro. Simplesmente escolhem o crânio de que gostam e o esmagam antes de passarem para a próxima vítima.

A espera é impossível; o terror, indescritível.

Tudo o que podemos fazer é olhar o chão, fazer buracos na lama e na sujeira, travar nosso olhar na terra. Mal respiramos. É eterno.

Enfim eles nos liberam dos “exercícios”. Ajudamo-nos umas às outras a nos levantarmos do chão e evitamos olhar para os corpos que não vão mais se levantar.

Prosseguimos adiante, afastando-nos daquelas que foram selecionadas por um pé, em vez de por um polegar. Chegamos mais e mais perto dos deuses da SS, tentando não pensar no que cada passo significa — que alguma outra pessoa foi escolhida para viver ou morrer.

Olho para o rosto de Danka. A lama nele me inspira. Primeiro, porém, cuspo na minha manga e limpo a terra e a sujeira do rosto dela.

— Minha vez — Ela limpa meu rosto, com cuidado para tirar todas as manchas do episódio de Taube. Agora que estamos limpas, abaixe-me no chão e sujo um dedo com lama.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, alarmada.

— Cobrindo sua cicatriz — Passo a terra na testa dela — Funcionou, Danka. Nem consigo vê-la mais, e sei que está aí.

Chegamos mais e mais perto.

— Quer ir primeiro? — É hora de decidirmos em que ordem devemos passar diante dos juízes.

— Não sei. — Sua voz treme.

— Se você for primeiro e eles a selecionarem, então posso me juntar a você com mais facilidade.

— Como? — Agora vemos que há uma vala sobre a qual temos de pular.

— Posso falhar no teste ou ficar com uma aparência deplorável.

— E se você for primeiro e eles a deixarem passar, mas depois me selecionarem? O que você vai fazer?

— Vou correr atrás de você, implorando que eles me deixem morrer com minha irmã.

— Mas isso não funciona mais o tempo todo.

— Então vou atacar um guarda e ser alvejada. Assim, pelo menos, você vai saber que eu também morri.

— Você não pode fazer isso! Não posso suportar vê-la ser alvejada. Quero que fiquemos juntas, ou não quero nada.

— Então você vai primeiro. — Coloco-a diante de mim.

Ela olha para o chão, envergonhada.

— Estou com medo. Não tenho uma aparência tão boa quanto a sua.

— Eu vou primeiro, então, Danka. Vou de cabeça erguida e você vai bem perto de mim. Assim, eles vão ficar ofuscados pela minha visão e não vão achar nada de errado em você. — Ela não está com a aparência ruim; perdeu massa muscular, mas seu rosto é mais bonito do que o meu. Ainda assim, ela não tem aquele brilho no olhar que diz: “Vou viver”.

— Certo, você vai primeiro — ela diz — Vou ter mais coragem se puder manter meus olhos em você.

Abro a barra da minha saia tirando o tesouro que encontrei ontem à noite e que protegi dos elementos da natureza por mais de dez horas.

— Me mostre seu rosto. — Abro a embalagem Chickory e pinto levemente a face de Danka. A tinta do papel acrescenta um rosado a seu semblante.

Cuspo nos dedos, espalho a mancha para parecer natural e me afasto, maravilhada com a transformação instantânea.

— Linda. Agora você parece a imagem da saúde, Danka.

— Minha cicatriz.

Pego um pouco mais de lama e traço meu dedo pelo corte.

— Está cicatrizando muito bem — asseguro.

— Está?

— Está. Você está muito bonita, de fato. — Vamos chegando mais perto. — Não olhe para as outras, apenas diga a si mesma que você vai voar por cima da vala, em direção aos meus braços. É tudo o que você tem de pensar. — Viro de costas para ela, deixando minha mão atrás para segurar a dela até o último momento possível.

Não falta muito para percorrermos; vinte, talvez trinta moças estão diante de nós. A moça na minha frente se vira.

— Você vai conseguir — diz em eslovaco.

Apego-me às suas palavras de encorajamento, mas não sei o que fazer ou dizer.

— Você também.

— Por favor, fique com isso. — Ela pega minha mão e me passa algo frio e arredondado. — Era a aliança de casamento da minha mãe. Não quero que eles

a peguem — sussurra.

— Não posso aceitar.

— Você precisa. Não deixe que eles peguem. Prometa! — Seus olhos parecem aço, forçando-me a jurar que vou proteger seu passado.

— Prometo.

Ela anda em direção aos guardas. Não sei o que fazer com esse ouro em minha mão. Posso ser morta por tê-lo. Limpo a boca e coloco a aliança debaixo de minha língua, ao lado do elefante.

O polegar aponta. A moça cuja relíquia familiar está escondida em minha boca se move para o lado das condenadas. Ela olha para trás melancolicamente. Nossos olhares selam nosso destino através do complexo do campo.

Nunca saberei seu nome.

Chega minha vez. Vou até as mesas.

— Alto! — Meu coração palpita em meus ouvidos.

Os olhos deles estão no meu antebraço: número 1716.

— Do primeiro transporte? — um deles pergunta em alemão.

— Quem acreditaria?

Será que isso vai trabalhar para minha vantagem? Ou vai ser minha ruína?

O polegar aponta para eu pular a vala.

Marcho por eles, de queixo erguido e ombros eretos, em direção à vala. Não há corrida de impulso, apenas poucos metros de um lado e de outro para o salto e a aterrissagem. Quem quer que caia dentro da vala coberta de lama da chuva perde a chance de viver.

Ultrapasso com uma folga de meros centímetros, agarrando-me à parede do outro lado para dar à minha irmã o espaço suficiente para aterrissar, mas não suporto a ideia de olhar para trás e observar. Segundos se alongam no abismo do desconhecido.

Espero, segurando a respiração, de olhos fechados com força, ouvindo com todo o meu ser, abraçando a parede, desejando que fosse minha irmã. Imagino que há um cordão entre nós que a puxa para mim. Não penso em sua queda na vala. Penso apenas em Danka ao meu lado.

Silêncio...

Duas mãos deslizam ao redor da minha cintura, apertando um pouquinho. Respiro novamente. Seguro as mãos dela em minha barriga e rezo para nunca mais soltá-las novamente. Não falamos, não comemoramos; nossa vitória é pequena em face de tantos fracassos. O sol finalmente penetra por entre as nuvens. É pálido e fraco, mas Danka e eu ficamos deitadas no chão úmido, exaustas das horas de espera torturante. Nossas mãos se tocam de leve, apenas o suficiente para nos lembrarmos de que ainda estamos juntas. Pego a aliança e o

elefante da minha boca. Duas lápides escondidas sob minha língua.

É tudo o que sobrou da família dela. A aliança é sua imortalidade envolta em ouro e memória. Silenciosamente, faço votos de mantê-la a salvo dos alemães enquanto eu estiver viva. Ficamos em pé quando o sol começa a descer no horizonte. Sombras se alongam pelo campo. Ainda há centenas de mulheres, talvez milhares, esperando em fila para serem selecionadas.

Incapaz de assistir ou de pensar no que aconteceu hoje, andamos pelo campo vazio, em transe. Ninguém se atreve a falar com ninguém. Uma moça adolescente come um limão enquanto sua mãe implora um pedaço. Os olhos dela fulminam a mãe raivosamente enquanto devora a polpa já espremida como um animal selvagem. Seus dentes afundam na casca pálida, partindo-a. Viro as costas, desanimada. Ela come a fruta inteira sem dividir com sua mãe.

O que fizeram conosco? Divido ansiosamente o pedaço de batata que encontro com minha irmã — de que outra forma podemos sobreviver se não nos importarmos umas com as outras? Não entendo o egoísmo diante de mim, mas não importa o que eu entendo.

É tarde da noite quando o último caminhão segue para as câmaras de gás. Estamos exaustas. O esquadrão da morte parte do campo, ignorando-nos. Ficamos em pé, aguardando uma ordem, mas pela primeira vez em um ano, não recebemos ordens de fazer nada. Vamos para nossos blocos vazios. A líder do bloco não está aqui; só podemos supor que ela estava entre as milhares que foram selecionadas.

O pão é repartido. Nosso estômago sente-se grato pela comida, mas nosso coração, não.

Devo rezar? Devo agradecer a Deus por salvar nossas vidas novamente? Como posso louvar o Criador que permite que isso aconteça? Não é milagre estar viva; é tragédia. Como posso louvar o milagre de Danka e eu obrevivermos enquanto milhares de nossas companheiras prisioneiras foram sfixiadas e cremadas a apenas alguns metros de onde vivemos?

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Tomamos nosso chá e ficamos em alerta para a contagem. Esta manhã não vai demorar nem uma hora. A fumaça das chaminés nunca cessa. Uma neblina opaca envolve Birkenau. Cinzas preenchem o ar cobrindo os telhados dos blocos e o chão onde pisamos. Marchamos com Emma, trabalhamos o dia todo, voltamos. A contagem da tarde leva um pouco mais de tempo; há rostos novos e chocados para serem disciplinados e subjugados. Um novo grupo de moças e mulheres judias que não sabem sobre as filas perfeitas, o alerta silencioso, as câmaras de

gás. Os transportes chegam... Os nazistas andam muito ocupados.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

O campo está lotado.<sup>63</sup>

O inverno está fechando o cerco ao nosso redor, e o outono se foi. O Yom Kippur passou por nós sem nota. Algumas das novas jejuaram; nós já sabemos das coisas. Estamos em pé na escuridão precoce da chamada noturna. Estou enfrentando dificuldade em me manter alerta para todos os perigos em potencial; o hiperalerta que me serviu tão bem está começando a falhar devido à fadiga. Temo que, com o açoitado do inverno, Danka e eu teremos verdadeiros problemas em breve. Por quanto tempo poderemos continuar desse jeito? Algum dia vamos tombar de pura exaustão, ou pior. Não tenho mais esperanças. Nosso destino reside nos caprichos deles.

Mengele está aqui de novo. Ele fez outras aparições, mas por algum motivo, esta noite eu percebo.

— Danka — sussurro —, o frio chegou, e no inverno passado muitas tiveram lacerações nos dedos por causa do frio. Temos os sapatos e as meias que Erna e Fela nos deram, mas por quanto tempo vão durar na lama e na neve? Por quanto tempo vamos durar, trabalhando tão duro?

Danka sabe o que vou pedir antes mesmo de eu falar.

— Por favor, Rena. Nunca mais vou poder entrar num grupo especial.

— O que posso fazer? Só espero que sejamos escolhidas. Não vou fazer nada. — Direciono meus olhos para a frente, mas não consigo manter minha língua parada. — Pense a respeito — sussurro. — Se formos escolhidas, e for para trabalho interno, podemos ficar com ele. Se não conseguirmos trabalho interno, com certeza vamos morrer neste inverno. Ninguém pode sobreviver tanto quanto conseguimos aqui. Precisamos conseguir um bom trabalho com um teto sobre nossas cabeças. — Passo a mão nos cabelos nascentes da minha cabeça e aliso as listras do meu vestido para que desçam em linhas ininterruptas.

— Rena — Danka sibila para mim. Ela sabe o que estou fazendo. Olho para nós duas, balanço a cabeça num gesto afirmativo. Somos duronas. Nossa aparência é muito boa. Ainda há alguma carne em nossos corpos e, por alguma razão, ainda tenho seios. Fico parada com o queixo empinado, olhando para a frente. Danka, que não deseja ficar sozinha pela segunda vez, me copia.

A pele de alabastro de Mengele e seu cabelo preto reluzente brilham com os cuidados. Seu uniforme cinzento foi passado com esmero, e as pregas de sua calça descem retas pelas pernas. Noto coisas assim. Ele se aproxima mais de nossa fileira. Não sabe quem somos. Temos essa única vantagem; somos faces anônimas em uma multidão. Usamos nosso anonimato para sermos invisíveis e escapar de suas garras; agora devemos nos destacar. De alguma forma, ele deve

ver que somos boas moças, limpas e arrumadas, organizadas, todas as qualidades que os alemães admiram, mesmo em judeus. Ele nos escolheu para viver muitas vezes durante a seleção dos campos. Apenas uma vez ele nos escolheu para a morte e para os experimentos. O que será desta vez?

Mengele aponta para mim novamente. Queixo erguido, olhos para a frente, peito estufado, prendo a respiração e dou um passo hesitante à frente.

Ele aponta para Danka.

Solto o ar. Caminhamos para trás das outras moças que ele já escolheu. Dina também está em nossas fileiras; capto o olhar dela.

*É para a vida ou para a morte?*

Mengele termina sua seleção e ordena que um homem da SS nos leve para a quarentena. Marchamos em direção ao bloco de isolamento — de novo. Um sentimento de terror me percorre no momento em que entramos no bloco. O rosto de Danka está branco. Vamos para as camas onde dormimos da última vez em que estivemos nesse lugar. É para a vida ou para a morte? Não há nada que eu possa fazer para nos salvar. Durmo por todo o dia, incapaz de suportar a depressão que vai tomando conta de minha mente. Desta vez, Erika não está do lado de fora da porta... E se for para os experimentos, como o outro grupo? Danka e eu falamos muito pouco, baixinho, não querendo discutir o que pode ser.

— Rena? — Dina me lembra. — O que você acha que isso vai ser?

— Não sei, Dina.

— Chegamos até aqui. Deve ser bom. — Ela tem uma esperança ingênua que aquece meu coração.

— Espero que sim, Dina. Pelo bem de todas nós.

— Realmente precisamos de um descanso.

— Eles não nos dão descanso, dão?

— Então talvez a sorte estará conosco. — Ela deixa meu beliche e vai falar com Danka.

No terceiro dia, recebemos novas roupas outra vez. Estas não são vestidos longos com aventais, como os que as vítimas de experimentos vestiam; são simplesmente outra versão dos vestidos listrados que usamos até agora. A única diferença é que estão mais limpos.

— Arranquem seus números antigos. Mais tarde vocês vão costurá-los nos uniformes novos!

Esperança se infiltra em meu coração.

Coloco o elefante e a aliança debaixo da língua; o conjunto de fazer as unhas está em minha mão. Ninguém sabe aonde vamos, então devo tomar cuidado para que não sejam encontrados. Vestimos a roupa tão depressa quanto possível e entramos em fila, depois marchamos para o bloco dos escriturários para que

anotem nossos números. Quando saímos novamente, é sob guarda estrita da SS. Não há escapatória como da primeira vez. Marchamos imediatamente para fora dos portões de Birkenau, por uma estrada além dos trilhos do trem.

Marchamos pelo que parece ser eternamente, mas tudo parece longe demais quando estamos fracos. Não sei para onde estamos indo no complexo do campo; depois, à nossa frente, vejo Auschwitz I. Pego a mão de Danka. Entretanto, somos direcionadas para um prédio fora do campo principal e levadas por uma larga escadaria até um porão. O local é grande e notavelmente aquecido. Há janelas que deixam o sol entrar. Há beliches verdadeiros alinhados em fileiras perfeitas com colchões de palha razoavelmente limpos, como tínhamos em Auschwitz I.

— Este é o novo grupo da lavanderia — anunciam os guardas para a líder do bloco. Ela olha para nós, sacudindo a cabeça.

— Sou Maria — ela nos diz — Esta é sua nova moradia. A lavanderia fica do outro lado do corredor. Vocês receberão seus postos amanhã.

Ela nos deixa sozinhas fechando a porta de seu quarto atrás de si.

Lentamente, caminhamos até os beliches para escolhermos nossas novas camas. Danka e eu pegamos a parte de baixo, para que não tenhamos de subir em nada caso estejamos cansadas ao fim do dia. No colchão de palha, um suspiro de alívio escapa do meu peito. Há um cobertor para cada uma de nós; são velhos, mas não são trapos. Dina pega o beliche ao lado do nosso. Abraçamos nossos cobertores solenemente, incertas sobre o que fazer com tais luxos. As camas são para duas pessoas em vez de para três ou doze; para seres humanos em vez de cardumes. É quente. Há aquecimento central neste prédio e apenas algumas correntes de ar. Tinha me esquecido de como era estar aquecida.

— Um banheiro! — uma moça anuncia com entusiasmo.

— E uma pia! — Aperto a mão de Danka com um pequeno pulso de esperança. Não estamos mais em estábulos para cavalos; estamos em um edifício para pessoas — há até mesmo um chuveiro!

Estamos no paraíso.

“O campo feminino foi o que mais sofreu, já que não era equipado com instalações sanitárias, e as pobres coitadas estavam cobertas de piolhos.[...] Suicídios eram frequentes e eram em sua maioria cometidos ao se atirarem contra os fios de alta tensão da cerca interior. Isso durou até que caíram para 5% do número original de prisioneiras” (WYMAN, 32).

Judeus poloneses e russos são classificados em “comedores inúteis” por Herbert Backe, o ministro do Alimento e da Agricultura de Hitler, que foi a mente por trás do “Plano de Fome”, o qual afirmava que a comida era o fator principal para se ganhar a guerra; portanto, garantir que o *Wehrmacht* [o Exército Alemão] tivesse comida suficiente significava que outros tinham de passar fome (COLLINGHAM).

“Como mostra de forma tão enfática a história da Alemanha nazista, a ‘lógica’ do racismo, em última análise, implica genocídio. [...] Qualquer plano nazista consistente devia visar mulheres judias especificamente como mulheres, pois eram as únicas que iriam, enfim, ser capazes de garantir a continuidade da vida judaica. De fato, embora os dados estatísticos sobre o Holocausto nunca serão exatos, há provas suficientes para afirmar que as chances de sobrevivência ao Holocausto eram piores para as mulheres judias do que para os homens” (RITTNER e ROTH, 2).

Judeus da Holanda começaram a chegar em meados de julho de 1942, logo antes de começar a transferência para Birkenau (CZECH, 198).

O judaísmo utiliza um calendário unissolar, ou seja, uma mistura do calendário lunar com o solar, que resulta em anos ora de doze, ora de treze meses. O Yom Kippur acontece no décimo dia do mês judaico de *tishri*, o que todo ano corresponde a dias diferentes no calendário que utilizamos no ocidente, chamado de gregoriano. (N. T.)

Em 1942, o Yom Kippur foi em 21 de setembro.

Embora os dados da lista do primeiro transporte possam nunca ser totalmente analisados com precisão, parece que quase quinhentas das moças eram irmãs ou primas. As datas de morte das mulheres do primeiro transporte também são incompletas. Sabemos que as irmãs Hartmanova — Olga, 17, e Magda, 18 — morreram logo no início, e mostramos aqui sua foto de família, já que é possível que tenham sido essas as moças de quem Rena se lembra.

“1º de outubro [1942] [...] Uma seleção é realizada no campo das mulheres, Seção B-Ia, em Birkenau. Duas mil prisioneiras são selecionadas e mortas na câmara de gás no mesmo dia [...] 2 de outubro [1942] [...] Uma seleção é realizada no campo das mulheres. 2 012 prisioneiras são escolhidas e mortas nas câmaras de gás[...] 3 de outubro [1942]. Em outra seleção no campo das mulheres em Birkenau, 1 800 prisioneiras são selecionadas. São mortas nas câmaras de gás” (CZECH, 247-48). Foi a primeira vez que uma seleção de prisioneiras foi mencionada fora da enfermaria ou dos transportes.

*Muselman* é uma gíria do campo para aqueles que não perderam só o peso corpóreo por causa da inanição, mas também o desejo de viver, tornando-se esqueletos vivos.

A guarda Maria Mandel, a ex-supervisora de Ravensbrück, tornou-se supervisora-chefe em 8 de outubro de 1942, e organizou a orquestra feminina em Birkenau (RITTNER e ROTH, 29). A irmã de Mandel, guarda Elisabeth Hasse, também está no campo.

Gisela Schützer morreu em 23 de outubro de 1942. (Fonte: Páinstwowe Muzeum Auschwitz, Repositório digital de arquivos de prisioneiros, baseado nos *Death Books of Auschwitz Concentration Camp Prisoners, 1941-1943* [Livros de morte dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz, 1941-1943],

parcialmente preservados.)

O lugar onde objetos pessoais foram armazenados depois de terem sido retirados dos prisioneiros e dos que foram condenados à morte foi designado Canadá, pois o país simbolizava a abundância e um lugar longe da guerra. O “Canadá” aumentou de cinco galpões, inicialmente, para trinta (RITTNER e ROTH, 427).

A primeira neve começou a cair no início de novembro; a temperatura média em novembro e dezembro de 1942 foi de 4,1°C.

“31 de maio [1943]. [...] Os números de 123 205 a 123 234 são dados a trinta homens presos e os números de 45 681 a 45 698, a dezoito prisioneiras. [...] O nível de ocupação de campo das mulheres em Birkenau é 20 542” (CZECH, 409-10). Pelos cálculos do autor, se houvesse 20 mil mulheres no acampamento e uma seleção durou 15 horas, então 1 333,3 mulheres foram selecionadas por hora, ou seja, 22,2 mulheres por minuto, ou uma mulher a cada 2,7 segundos.

A data da morte de Adela é desconhecida, mas em 5 de dezembro de 1942 – Dia de São Nicolau – a SS realiza uma seleção em grande escala, que dura o dia inteiro. Depois, cerca de 2 mil mulheres jovens, saudáveis e não portadoras de deficiência são levadas para as câmaras de gás nos *bunkers*” (CZECH, 279).

“30 de janeiro [1943]. [...] 518 crianças são mortas nas câmaras de gás [...] [E no dia seguinte, em] 31 de janeiro, [...] 457 crianças são mortas nas câmaras de gás” (CZECH, 319).

*Mist biene* significa “abelha de estrume”, ou “abelha de esterco”, em alemão.

“30 de abril [1943]. [...] 242 prisioneiras são destinadas a fins experimentais [...] alojadas na estação experimental do professor dr. [Carl] Clauberg, no Bloco Dez do campo principal” (CZECH, 386). “No momento em que [dr. Josef] Mengele chegou, em maio de 1943, Auschwitz estava lotado, com quase 140 mil prisioneiros, e se estendia por quilômetros, em todas as direções” (POSNER e WARE, 20).

“3 de junho [1943] [...] 302 prisioneiras com malária são transferidas para o campo de concentração de Lublin (Majdanek)” (CZECH, 411).

59 “O fluxo de comboios cessou abruptamente em fins de julho de 1943, e houve um espaço para respirar. Os crematórios foram cuidadosamente limpos, as instalações foram reparadas e preparadas para utilização posterior. Em 3 de agosto, a máquina de matar foi novamente posta em funcionamento” (WYMAN, 18). É provável que as mulheres mais velhas tenham sido trazidas a Birkenau durante esse intervalo. Dados meteorológicos históricos confirmam uma onda de calor com temperaturas chegando entre 20 e 30 C durante esse período.

Certamente. (N. T.)

Dê o fora!

62 Entre 1 e 30 de dezembro de 1943, havia 29 513 mulheres cadastradas em Auschwitz II; registros de morte indicam que, nesse mesmo mês, 8 931 mulheres

morreram; 4 247 delas foram enviadas para o gás (CZECH, 556–57).

“1o de janeiro [1944]. [...] Novos prisioneiros homens recebem números de 171 353 a 171 430, e prisioneiras recebem números de 73 983 a 74 039” (CZECH, 565). “Dos 28 mil prisioneiros levados para o campo, em 1 942, apenas 5,4 mil permaneceram vivos até o final do ano. Em 1943, cerca de 28 mil mulheres prisioneiras morreram em Birkenau” (STRZELECKA, 401).

À distância, através das barras de ferro, A liberdade ri de nós...  
Mas o sol ainda não está brilhando.

---

— UMA CANÇÃO CANTADA PELOS PRISONEIROS

---

Estamos nos perguntando o que acontece aqui, mas qualquer coisa é melhor do que Birkenau, por isso mantemos nossas perguntas para nós mesmas. Somos colocadas em um porão com outras 75 moças judias que trabalham como secretárias nos escritórios da SS, o *Politische*.<sup>64</sup>

Nosso novo grupo de trabalho é na lavanderia da SS, para substituir cinquenta moças polonesas gentias. Foram enviadas de volta para o campo polonês, em Birkenau, porque a SS descobriu que homens poloneses que trabalham na cozinha da SS estavam roubando comida para elas. Lamento por essas moças, mas ao mesmo tempo sou grata por esta chance de viver.

Na primeira manhã nos aposentos da equipe recebemos nossos postos de trabalho. A líder do nosso bloco, Maria, é alemã. Seu triângulo é vermelho; ela é uma prisioneira política. Prisioneiras políticas são mais propensas a serem gentis, pois foram aprisionadas por estarem contra o Terceiro Reich. Nossa amiga Mania é escolhida como a escrivã do bloco e trabalha pessoalmente para Maria. A irmã de Mania, Lentzi, é colocada na sala de costura. Janka, que conhecíamos de Auschwitz I, está na lavagem à mão. Ela é responsável por lavar e passar as roupas delicadas das mulheres oficiais. Também leva as roupas aos aposentos das mulheres da SS. Ela é a favorita de Maria porque é muito jovem.

As únicas pessoas que não foram enviadas de volta para Birkenau são as secretárias da *Politische*; elas são as sortudas. Foram escolhidas na plataforma do transporte quando chegaram pela primeira vez ao campo, e a maioria nunca morou em Birkenau. Edita é a única *kapo* judia que conheço no campo e é a chefe de todas as secretárias. Aranka, a quem conheço de vista de Bratislava, é uma das escrivãs. Rumores dizem que, quando ela foi trazida do transporte para ser tosquiada e desinfetada, os guardas da SS pararam para olhá-la — para se ter

uma ideia de quanto ela é bonita.

Ainda temos a chamada, mas agora há um teto sobre nossa cabeça, e só 125 moças para serem contadas, por isso não leva horas. Nossa primeira manhã nesta chamada do paraíso é realizada no corredor, do lado de fora de nosso dormitório, do outro lado da lavanderia. Não são quatro da manhã quando nos acordam; são cinco. Ganhamos uma hora extra de sono, e a chamada não dura mais de duas horas na chuva e no gelo; leva menos de meia hora. Também não há marcha de um quilômetro ou dois até o trabalho; estamos a apenas alguns passos da lavanderia.

— É aqui que vocês vão trabalhar. — Maria nos instrui sobre como operarmos na lavanderia. — Vocês vão usar os sapatos que estão nessa prateleira. — Os sapatos que nos mostram são de madeira e têm tiras em cima assim como os que calçamos quando chegamos a Auschwitz. — Esta é a água quente que vão usar na lavagem. — Ela nos mostra uma grande chaleira sobre um fogão a lenha, que já está fumegando. Há tanques com tábuas para esfregar e cestos de roupas sujas para lavar.

A guarda Bruno entra na lavanderia para nos inspecionar. Todas nós imediatamente ficamos rígidas na presença da mulher da SS. Ela tem um olhar severo e modos formais, militares. Aponta para uma moça.

— Você será responsável pela água na chaleira e por manter a lenha acesa.

E assim começamos nosso primeiro dia na lavanderia da SS. O chão de pedra é frio e a água escorre em nossas panturrilhas e joelhos. Esfregamos ceroulas e camisas de baixo nas tábuas do tanque com força, para remover as manchas. É um trabalho duro — nada em Auschwitz-Birkenau é fácil —, mas estamos abrigadas. Há tanta água escoando pelo ralo que ela volta. Perambulamos pela água como se fôssemos pescadores em vez de lavadeiras. Depois, colocamos as roupas molhadas em cestos e alguém as leva embora.

— Alto! Chamada! — Deixamos a lavanderia e nos alinhamos no corredor, onde somos contadas e recebemos uma porção de pão quando entramos em nosso dormitório. O pão parece maior agora do que era em Birkenau. Ganhamos uma fatia de linguiça; é pequena, mas é bem-vinda. Nossas pernas doem terrivelmente depois do primeiro dia, mas ninguém está reclamando; não há câes, não há homens da SS nos batendo sem piedade, não há mortes imediatas.

Esfrego as panturrilhas antes de deitar para dormir. Pergunto-me se tanta água faz bem para elas e me preocupo que se tornem inchadas e infectadas. Verifico minha pele em busca de abrasões ou cortes; tudo parece certo. Danka já está dormindo. Giro de costas, colocando o cobertor sob meu queixo, fitando o beliche acima de mim. Meus olhos se fecham com o peso dos últimos dias. Por algum motivo, quero rezar, mas não me lembro das palavras.

Se Mama estivesse aqui, me cobrindo na cama, ela perguntaria:

— *Você fez suas preces, Rena?*

— *Sim, Mama. — Ela puxa o cobertor sob meu queixo. Minha cama já está quente por causa do tijolo aquecido que ela passou sobre os lençóis e deixou nos meus pés. Pode ser um inverno severo que bate em nossas persianas, mas eu me aconchego aqui embaixo.*

*Ela beija minha bochecha.*

— *Bons sonhos.*

Quando a guarda Bruno entra na lavanderia, seguida por uma *kapo*, todas ficam tensas e trabalham com mais empenho do que antes. Seu rosto é duro, sua postura é severa; ela vem diretamente a mim como quem sabe o que quer.

— Você fala alemão?

— *Jawohl*, senhora guarda. — Endireito meus ombros e olho para a frente, mas sem fazer contato visual.

— Você vai ser a responsável por levar a roupa lá fora para secar. Escolha duas moças para ajudá-la a carregar os cestos.

— *Jawohl*. — Aponto para minha irmã e para a prima de Erna. — Danka e Dina — digo seus nomes.

— Ilsa, elas estão sob sua responsabilidade — ordena a guarda Bruno. Há um suspiro de alívio audível entre as lavadeiras, e sons de água em movimento quando ela vai embora.

Ilsa tem cerca de cinquenta anos, mas usa um triângulo preto. Tenho dificuldade em imaginá-la como prostituta e tenho que esconder um sorrisinho que cruza meus lábios quando olho para o cabelo alaranjado e as pernas arqueadas.

— Pegue esses cestos. Vou lhe mostrar o caminho até o local de secagem — ela diz em alemão.

— Danka, você e Dina segurem nas bordas — instruo. Temo que os cestos sejam pesados demais para minha irmãzinha, por isso decido desde o primeiro instante que eu sempre vou estar no meio e andar entre os dois cestos lotados de roupas molhadas. Trocamos olhares, pegando as alças ao mesmo tempo e levantando-as, seguindo Ilsa para fora do galpão.

Saímos em uma estrada e seguimos por ela em direção a dois prédios. Meus ombros começam a doer. Passamos pela cozinha da SS. Meus braços parecem que vão ser arrancados dos ombros. Viramos para a esquerda e chegamos a um campo aberto ao lado de outro prédio. Fico olhando e olhando para a extensão diante de nós. O ar faz meus pulmões doerem quando respiro fundo. É puro; não há cheiro de carne queimada escondido em seu odor. Há varais, com um pequeno saco de prendedores de roupa.

— Esta é a *Trockenplatz*, o local de secar as roupas — anuncia Ilsa. Colocamos os cestos no chão, vestimos nossos aventais e, obedientemente, começamos a pendurar as roupas para secar. Depois esperamos.

Há um homem muito bonito do lado de uma bomba de água que ele opera.

Cada uma de nós rouba um olhar dele enquanto trabalhamos. Há soldados da SS indo e vindo pela estrada regularmente. Mexo entre as roupas, alisando-as, certificando-me de que estejam perfeitas e retinhas no varal. Receio que deixemos de fazer algo e que isso nos coloque em apuros. Danka e Dina seguem-me, copiando minhas atividades obsessivas. Ilsa nos informa quando é hora de voltar para o bloco para o almoço. Recolhemos as roupas que estão secas e as levamos de volta para a lavanderia e, depois de nossa sopa de nabo, voltamos para a *Trockenplatz* com novas roupas molhadas. Finalmente Ilsa faz um sinal para nos indicar que o dia acabou. Verificamos quais roupas estão secas e quais não estão, carregando-as de volta em cestos separados, mas trazemos tudo quando anoitece. Quando chegamos à lavanderia, deixamos as parcialmente secas nas cestas e colocamos o restante em uma mesa para ser dobrado.

Conseguimos ver os homens poloneses trabalhando na cozinha quando passamos por lá todos os dias, mas por causa de Ilsa e do que aconteceu com as polonesas gentias, ninguém se atreve a se comunicar conosco. O homem da bomba de água, entretanto, fica tão perto de nós que conseguimos sussurrar um para o outro.

— Qual é seu nome? — pergunta.

— Rena, minha irmã Danka e nossa amiga Dina. Nós três somos de Tylicz.

— Eu costumava esquiar lá. É lindo. Sou Tadzium.

Não consigo evitar desejar que Ilsa se afastasse para que Tadzium e eu pudéssemos conversar um pouco, mas somos vigiadas com muita atenção nesses primeiros dias. Acho que estamos em teste. A hora se arrasta enquanto Ilsa nos vigia vigiar a roupa. Sorrimos secretamente para Tadzium. Acho que ele é um homem tímido.

Meus dedos parecem prestes a ser arrancados pelas alças dos cestos e, com isso, as roupas limpas se espalharão pela estrada de terra; esforço-me para mantê-los firmes. Meus ombros doem. Ilsa está bem longe de nós.

— Olhe para a sua *kapo* — Tadzium nos diz quando baixamos os cestos. Olhamos pela estrada e a vemos se aproximar de nós com as pernas extremamente arqueadas. Seu cabelo reluz o sol acima de seus membros curvados como se ela tivesse uma bola enorme entre as pernas. Ela vem gingando em nossa direção.

Tadzium brinca:

— Aí vem a inocência entre parênteses!

Como um gorgolejo de água, um som brota de dentro de nós, irrompendo dentro de nosso peito. Mal reconheço o que está acontecendo conosco. Ouço, sinto, mas levo um instante para identificar... Estamos rindo.

Estamos rindo em Auschwitz — embora não muito alto.

O tremor em meu peito não foi causado por medo ou por tristeza, mas por graça. Ilsa se aproxima e nos esforçamos para abafar os estranhos sons, o que faz nossos olhos derramarem lágrimas pelas laterais de nossas bochechas, mas, a

cada vez que cruzamos olhares, começamos a dar risinhos de novo. É terrivelmente difícil agir de modo austero e sério quando só conseguimos pensar nas pernas curvadas de Ilsa como dois parênteses e sobre quanto inocente ela não é. Durante o resto do dia silenciosamente estremeçemos sempre que olhamos para nossa *kapo*. O rosto iluminado de Danka me dá uma sensação momentânea de alívio. Não rimos há não sei quanto tempo.

Essa risada, tão estranha para nós, é tão valiosa quanto o pão; alivia um pouquinho nosso coração da dor e nos dá algo de que sorrirmos em segredo.

Duas semanas depois Ilsa não está mais vindo conosco para os varais. Acho que ou ela completou sua sentença e foi perdoada ou foi transferida para outro lugar no campo. Torno-me a única responsável por levar as roupas e não há ninguém nos vigiando pela primeira vez desde o início. Agora, quando carregamos os cestos para a *Trockenplatz*, paro e peço para Danka e Dina trocarem de lugar para que possam mudar de mãos e descansar. Quanto a mim, não me permito mudar de posição.

Penduramos as roupas do lado de fora independente do clima. A guarda Bruno acredita que o ar fresco é essencial para as roupas, por isso, mesmo em dias inclementes, ficamos na chuva ou no granizo e observamos as roupas ficarem tão ensopadas quanto nós. Se parecer que vai chover ou nevar o dia todo, ficamos do lado de dentro e lavamos as roupas para secarem no dia seguinte; em dias em que a chuva é intermitente, penduramos as roupas na esperança de que o sol saia mais tarde. Pendurar roupas molhadas no frio quase corrói nossas mãos. Enfiamos os dedos na boca para aquecê-los e depois continuamos. Em alguns dias, fica difícil demais para nossos dedos apertar os prendedores com molas, e temos que usar os que têm apenas fendas. É estranho que, depois de tudo pelo que passamos para conseguirmos trabalho interno, seja aqui que devemos ficar, ao ar livre, com o inverno se aproximando mais a cada dia.

Preocupo-me que os vestidos de saco que usamos não sejam quentes o bastante para as temperaturas que temos de enfrentar. O vento varre a *Trockenplatz*. Ficarmos paradas é muito mais frio do que fazermos trabalho pesado. Também não temos luvas para aquecer nossas mãos. Que estranho pensar em luvas! No inverno passado, em Birkenau, eu nunca teria considerado luvas ou roupas quentes. Não consigo acreditar que sobrevivemos.

Uma noite, voltando da *Trockenplatz*, a janela da cozinha da SS se abre e um rosto amigável pergunta:

— De onde vocês são?

Diminuímos o passo.

— Tylicz, Polônia — respondo em voz baixa.

— Vocês três? — Ele parece contente que sejamos polonesas.

— Sim, somos judias polonesas. — Quero virar de frente para a pessoa com quem estou falando, mas é impossível. Olho de soslaio, sem mover o queixo.

— Sou um ator de Varsóvia. Meu nome é Stasiu. Parem amanhã neste mesmo lugar e vou jogar um pedaço de linguiça. — Vejo um pedacinho de seu rosto logo antes de ele se afastar da janela da cozinha.

Ele é velho, pelo menos para Auschwitz — deve estar na faixa dos quarenta anos. Retomamos o passo como se nada tivesse acontecido. No dia seguinte, paramos fora da cozinha da SS bem quando a janela se abre. Danka e Dina mudam de lugar enquanto eu ativamente reorganizo as roupas, fazendo uma abertura no centro. Um pacote aterrissa perfeitamente no cesto e eu o cubro. Nossos corações aceleram quando pegamos os cestos de roupa e continuamos nossa jornada. Dentro do alojamento dos funcionários, enquanto Dina e Danka descarregam as roupas lavadas, desapareço com o pacote, escondendo-o sob nosso colchão, esperando e rezando que ninguém vá me pegar. Esperamos até o escurecer; depois, quando todas estão dormindo, dividimos em três o pedaço de linguiça que Stasiu nos mandou e o devoramos.



Há um *kommando* masculino em um campo perto da fábrica de macarrão e noto que um dos homens parece interessado em mim. Ele é bem bonito. Trocamos olhares furtivos. Danka e Dina voltaram para a lavanderia para levar algumas roupas que já estão secas e pegam outro cesto enquanto vigio as roupas de baixo da SS.

— De onde você é? — pergunta o homem quando o *kapo* dele está fora de vista.

— Tylicz. — Penduro um par de ceroulas da SS.

— Varsóvia. — Ele trabalha. Eu trabalho. — Quantos anos?

Tenho que pensar por um instante. Já passei dois aniversários no campo? Passaram sem que eu notasse.

— Vinte e três. — Não ousamos trocar mais palavras.

No dia seguinte, faço um sinal afirmativo para Danka e Dina, para que possam vê-lo.

Danka o encara, sorrindo de leve. Penduramos roupas, tentamos não parecer ansiosas demais, esperando que ele inicie a conversa — se é que se pode chamar de conversa os fragmentos de palavras passado pelo campo.

— Meu nome é Marek. — Ouço a voz dele por entre as pernas das ceroulas.

— Rena — respondendo, atarefada, alisando os amarrotados das camisetas já penduradas.

Danka caminha até um lado do varal.

— Danka. Irmã de Rena.

— Dina. — Dina e Danka penduram algo juntas. Uma brisa leve levanta as roupas no ar. Contato foi feito, nomes foram trocados. São momentos como esses que nos ajudam a nos sentir vivas. Há outro ser humano que sabe que estamos aqui; é um alívio falar com alguém fora de nossa rígida prisão. Levo um tapa gentil das roupas que farfalham ao vento.

Estamos pendurando roupas para secar quando noto uma janela no topo da fábrica de macarrão se abrir pela primeira vez, e dela sai um pacote de macarrão. Não há nada para ver, ninguém para agradecer; é um gesto silencioso. Rapidamente o cobrimos com nossas roupas já no cesto e o contrabandeamos de volta para o dormitório. Nosso coração está acelerado quando entramos no bloco.

— Janka — sussurro para nossa jovem amiga —, temos comida extra. Você consegue arranjar uma panela cheia de água e colocar um pouco de carvão no fogão depois da chamada?

Os olhos de Janka se arregalam de modo engenhoso. Ela assente. Há carvões sobrando a cada noite no fogão da lavanderia, onde podemos cozinhar se encontrarmos alguma coisa para isso, e se tivermos cuidado de não sermos pegas. Entramos em formação para a chamada pacientemente, tentando não vacilar, tentando impedir nossa boca de salivar e o estômago de roncar. Marchamos para o dormitório, pegamos nossa porção de pão e partimos no meio. Deitamos depois da refeição, fingindo dormir. Os sons das respirações que se aprofundam e dos roncos permeiam a escuridão.

Cutuco Danka. Rolamos em silêncio para fora de nosso beliche e saímos na ponta dos pés até a porta. Somos as primeiras a chegar ao fogão na lavanderia. Esvazio o conteúdo do saco dentro da água fervente. Sentamos e esperamos. A porta da lavanderia abre levemente. Em silêncio, Dina entra. Janka desliza pela porta, tão sorrateira como um gato, depois Deborah, Mania, Lentzi, Aranka e algumas outras. Nossa empolgação é impenetrável.

— Consegui um pouco de sal — diz uma moça, derramando-o na panela fervente. Sorrimos a despeito do perigo que estamos correndo. Sentamos em volta do fogão a lenha, observando a chaleira ferver. Demora um absurdo. O chão sob nosso traseiro é frio, mas ficamos sentadas mesmo assim, esperando.

Uso minha colher para testar um fio de macarrão.

— Pronto — sussurro para minhas companheiras de conspiração, no escuro. Dividindo o macarrão igualmente entre as tigelas, suponho, de modo preciso, que há cinco colheradas para cada uma, depois coloco água quente por cima, certificando-me de que cada uma de nós ganhe um pouco. Danka e eu somos as últimas a ser servidas. As demais esperam até que ganhemos nossa porção; depois, em uníssono silencioso, começamos a comer o macarrão que nos aquece e sustenta. Não nos apressamos. Ninguém está nos incitando a fazer as coisas

depressa, por isso nos demoramos em cada colherada, como se estivéssemos num jantar na casa de alguma família rica. A água do cozimento do macarrão é deliciosa. Tem gosto de casa.

Aranka assente para Danka e para mim antes de voltar de fininho para o corredor até seu beliche. Lentamente, sem barulho, a lavanderia é esvaziada de suas habitantes secretas. Janka guarda a chaleira para que ninguém descubra no dia seguinte e, juntas, nós vamos na ponta dos pés de volta para nossas camas, com nossa barriga não mais roncando, mais ainda faminta.



Dina e Danka voltaram para a lavanderia para pegar mais roupas. Fico de guarda, vigiando os trajés e o trabalho do grupo de Marek com o mesmo olhar. Ele joga, em minha direção, uma pedra com um papel amarrado. O bilhete é cheio de coisas boas: *Você é uma moça bonita. Que pena que não estamos no mundo livre, mas talvez um dia fiquemos livres...*

— Quantos namorados você já teve? — Sua voz desliza através do campo.

— Muitos — digo, tentando me lembrar de como flertar, e então me sentindo mal por ter mentido para ele. Não é uma mentira ruim. Tive três namorados; é quase “muitos”. — Eu ia me casar duas semanas antes de vir para cá. — Prendo dois pares de roupas de baixo e um par de meias. Quando olho de novo para Marek, ele está de costas para mim; seu *kapo* está por perto.

Marek não está no campo todos os dias, e sinto falta dele quando não está mandando palavras sorrateiras para mim ou arriscando sua vida para me enviar um bilhete.

Está começando a fazer um frio amargo ao ar livre à medida que o inverno chega.

— Acha que eu deveria pedir à guarda Bruno por roupas melhores para trabalharmos? — pergunto a Dina e Danka enquanto penduramos as roupas sob uma neve fina.

— Tenho medo dela — responde Danka. Ela bate os pés para se aquecer.

— Também tenho medo dela, mas estamos aqui há um tempo e está começando a nevar. Temos que arriscar. Está frio demais para nós trabalharmos sem luvas e casacos. — Esfrego as mãos uma na outra para conseguir mexê-las novamente e abrir os prendedores de roupa.

— Você terá de ir sozinha; ela faz meus joelhos se transformarem em pudim.

Está decidido. Vou interpelar a guarda com nosso pedido, assim que eu criar coragem. Demora alguns dias.

— Guarda Bruno? — Minhas palavras saem trêmulas com o nervosismo. Seus

cabelos pretos e feições esculpidas me assustam; seus olhos azuis são sérios e parece que podem ser cruéis, mas tenho de continuar. — Gostaria de relatar que está ficando frio na *Trockenplatz*. Eu poderia solicitar roupas quentes para mim e para as duas moças que me ajudam?

— Sim, vou providenciar — ela responde. — Vou levar a você depois da chamada. — Ela me dispensa.

Fico boquiaberta como um macaco. Ela não é nem um pouco má.

Na manhã seguinte, depois da chamada, fazendo jus à sua palavra, guarda Bruno nos leva a outro prédio. Ela nos conduz ao andar de cima, um ático, onde pegamos saias, meias grossas com elástico para segurá-las no lugar, casacos, botas e luvas. Pego um casaco de xadrez preto e branco, uma camisa masculina e uma saia de lã, tentando não pensar muito de onde vieram essas roupas. Tento me lembrar de que é melhor termos essas coisas do que elas serem enviadas para aquecer corpos alemães. Assim, nos arrumamos para sair, nos parecendo muito com seres humanos, exceto pelas cruzeiras brancas pintadas nas costas de nossos casacos e nossos números costurados na manga esquerda.



O grupo de Marek trabalha de modo diligente por todo o dia. Não temos chance de falar, mas enfim ele se aproxima de mim e joga uma pedra. Estamos trocando palavras furtivas, parecendo que estamos trabalhando, caso os SS estejam nos vigiando da janela da fábrica de macarrão, ou venham de bicicleta pela estrada.

*Você tem namorado agora?*, diz o bilhete. Nego com a cabeça para responder.

Na manhã seguinte, a conversa continua.

— Você já teve algum tipo de relacionamento íntimo com seus namorados?

— Não. — Ele vai me constranger, com certeza, se continuar me fazendo essas perguntas.

— Você é virgem? — Ele quase para de trabalhar. Ele me olha como se eu não fosse de verdade.

— Sim! — sussurro com orgulho. Ele sufoca o riso. Esforça-se muito para continuar trabalhando, mas está tendo um acesso de riso. — Sou de Varsóvia, onde ainda nunca conheci uma virgem. — Ele tem de se afastar para se encobrir.

— Acho que você está exagerando! — Escondo-me na roupa lavada, meu rosto está quente como um ferro de passar. Homens! Decido ignorá-lo pelo resto da tarde.

Para evitar seus olhos, penduro as roupas depressa para ficar escondida de sua visão e me esconder atrás das longas fileiras de ceroulas quando no sol de

inverno.

Ele se aproxima, cavando vivamente.

— Você está corando! — A voz dele brinca de esconde-esconde nos varais. Negro com a cabeça e me afasto mais, pendurando uma camisa entre o rosto dele e o meu.

— Estamos em Auschwitz e você está envergonhada? — Há aquele som estranho em sua voz... riso.

Sorrio, mas não permito que ele veja que também achei graça desse pensamento. Com tudo pelo que passamos, com tudo o que vimos, ainda fico autoconsciente.

— Ainda bem que lhe dei algo do que rir.

— Ninguém vai acreditar — diz ele. — Espere até eu voltar ao bloco... Uma virgem de 23 anos!

Na tarde seguinte, ele me joga um terceiro bilhete. Guardo-o na barra da minha saia e espero ansiosamente para lê-lo depois da chamada. Sentada em nosso beliche, o leio em voz alta para Danka e Dina: *Perdi a virgindade com quinze anos. Havia uma mulher casada numa piscina pública que me convidou para ir ao apartamento dela e me iniciou.*

— Ele está inventando! — Danka dá um risinho.

— O que vou fazer amanhã se ele estiver aqui? — Abafamos nossos risos sob os cobertores, tentando adormecer. Mal posso esperar para vê-lo novamente, mas sou muito tímida para enfrentá-lo.

É mais fácil suportar o clima com nossas roupas novas. As luvas fazem grande diferença em nossa habilidade de pendurar roupas, mas às vezes a chuva nos molha até a pele. Parece muito ridículo não fazer nada a não ser ficarmos paradas no dilúvio e vigiar as roupas, mas não há nada que possamos fazer. Olho a cobertura na varanda traseira da cozinha da SS com inveja; se apenas pudéssemos ficar paradas onde estivéssemos um pouco mais secas depois de um dia de chuva ou de neve...

— Devo perguntar à guarda Bruno se podemos ficar ali quando o clima está ruim? — pergunto.

— Espere uma semana, Rena — sugere Dina.

— É uma boa ideia. Acabamos de conseguir as roupas; não queremos que ela pense que estamos tirando vantagem. — A decisão foi tomada, mas morro de medo de pedir por mais alguma coisa.

Entretanto, uma semana depois, está chovendo de novo e isso decide por nós.

— Guarda Bruno? Gostaria de fazer um relato. — Fico perante a mulher da SS cuja aparência é tão severa.

— *Yah?* — Ela me olha com um meio-interesse, como se eu fosse mais do que apenas um número. Depois de ser um número por tanto tempo, é inquietante, e

devo me lembrar de que não se pode confiar nos SS. Ela poderia mudar de ideia a meu respeito em um instante. Ela tem poder sobre a vida e a morte.

Começo meu relato:

— Penduro as roupas no ar fresco todos os dias, faça chuva, faça sol ou faça neve.

— *Yah?*

— Há uma varanda coberta atrás da cozinha da SS. Posso ver toda a *Trockenplatz* de lá. Se for aceitável para a senhora, poderíamos, por favor, ter a permissão de ficar na varanda quando o tempo estiver ruim?

— *Yah*, vocês podem. — Ela me dispensa. Solto um suspiro de alívio. Conto a boa notícia para Danka e Dina: temos abrigo. Bem na hora. O inverno chegou.

Que estranho é, depois de todo o meu desejo de conseguir um trabalho interno, eu ter de ficar em pé do lado de fora, mas simplesmente me sinto grata por estar longe de Birkenau com minha irmã, ainda vivas.

Na primeira neve depois de meu pedido, ficamos sob a varanda todo o dia. Às vezes, apoio meus cotovelos na balaustrada e analiso os campos diante de mim, onde não há cercas. Um trem passa à distância. Tenho cuidado de não fazer contato visual com ninguém na cozinha. Este é meu primeiro dia utilizando a varanda como abrigo e não quero perder o privilégio, por isso, mantenho discrição e meus pensamentos para mim.

No dia seguinte, quando levamos a roupa seca de volta para a lavanderia, uma pedra aterra em nossos pés.

— Mudem de posição — sussurro. Danka e Dina param. Colocamos os cestos no chão e pego o bilhete com destreza.

Esperamos impacientes ao longo da chamada antes que eu possa ler o bilhete. Danka espia por cima do meu ombro quando desdobro o papel, mas não há palavras; é um desenho a lápis. Ficamos ligeiramente animadas por causa dele, e fico lisonjeada que alguém tenha gasto tempo em me desenhar: estou inclinada para a frente e minha saia está levantada um pouco demais sobre a curva das minhas pernas.

— Minha saia sobe tanto assim? — pergunto para Danka.

— Não, Rena, não sobe. — Damos risinhos bobos.

— Ele também fez minha perna mais bonita do que é! — Queria poder pendurar o desenho ou escondê-lo em algum lugar seguro, mas não há lugar que seja seguro o suficiente. Além disso, está assinado: *Stasiu Artista*. Ele também rabiscou no canto: *Quando você passar pela janela amanhã, incline-se um pouco para trás e ande mais devagar. Vou jogar uma coisa para você.*

No dia seguinte, paramos em frente à cozinha, e Dina e Danka trocam de lugar enquanto eu me faço de atarefada, organizando as roupas. Perfeito como um relógio, o pacote aterra nas ceroulas. Cubro-o sem perder um segundo, e pegamos os cestos sem olhar para trás.

Depois da chamada, descobrimos que o pacote que Stasiu enviou é um saco de açúcar.

— Vamos dividir — sugere Danka. Dina e eu assentimos em concordância; é precioso demais para entesourar de modo egoísta. Sussurramos para vinte de nossas amigas mais próximas, convidando-as a vir a nosso beliche depois que todas estivessem dormindo.

— Temos uma surpresa para vocês — contamos a todas. — Tragam sua colher.

Sentada com o saco de açúcar no meu colo, pego a colher da primeira moça da fila, com cuidado para nivelar e garantir que todas tenham uma quantidade igual. Quando tudo acaba, descansamos em nossos beliches no escuro, lambendo as colheres de metal, sem parar, tentando saborear e extrair até o último restinho de doce.

Está nevando um pouco. Passei a gostar dos dias inclementes agora porque eles me dão uma chance de trocar sussurros com meu novo amigo, Stasiu Artista. Às vezes anseio por uma conversa cara a cara. Uma que seja verdadeira, comprida e não perigosa. É tolo querer algo que é impossível, mas sinto falta dos dias em que eu podia flertar e caminhar pela estrada com um rapaz bonito e simplesmente conversar sobre qualquer coisa que nos vinha à mente. Não deveria ser um crime, mas é.

— Você gostou daquele desenho? — pergunta Stasiu pela janela.

— Muito bonito, mas você fez a saia curta demais. Você estava sonhando.

Ouço um som parecido com um risinho.

— Você é linda.

— Meu amigo, estou viva, e aqui isso é lindo. Mas obrigada pelo elogio.

— Quanto tempo faz que você está aqui? — ele pergunta.

— Março de 1942.

— É tempo demais... — Sua voz de repente soa muito triste.

— E você? — Ouço-o se afastar da janela e ficar em silêncio.

Parece bobagem às vezes, em especial quando está nevando, agir como a sentinela das roupas, mas tenho ordens. A tarde se arrasta devagar. O tamborilar suave sobre o telhado de lata acima de minha cabeça parece uma canção de ninar. O frio do ar parece capturar os cheiros da cozinha da SS, fazendo-os oscilar diante do meu nariz. Seja o aroma de carne assando, seja som do gelo, eu não sei, mas de repente sou transportada no tempo. Como era maravilhoso o aroma da nossa casa na noite anterior ao Sabá — ganso, *kugel*,<sup>65</sup> *latkes*.<sup>66</sup> Anseio por comida caseira de verdade; refeições adequadas acontecem em uma mesa com toalhas, guardanapos brancos e talheres, refeições que duram por horas porque há tanta comida, tantos amigos e familiares desfrutando de conversa e proximidade verdadeiras. *Mama está com o lenço branco amarrado na cabeça e*

*acende o candelabro na mesa da sala de jantar. Ela faz as bênçãos do Sabá e estica os braços por cima das chamas e de volta para seu coração – duas vezes. Depois, cobrindo os olhos com as duas mãos, ela reza em silêncio.*

*Danka e eu observamos com admiração e expectativa. É um momento solene, com nada a não ser a luz dourada tremeluzente sobre o rosto oculto de Mama para indicar que o tempo está passando. Suas mãos baixam lentamente, lágrimas brilham em suas faces. Sempre há lágrimas brilhando nos olhos dela depois da prece do Sabá – radiantes.*

*– Git Shabbes.*

*– Bom Sabá, Mama. – Danka e eu corremos para seus braços. Papa retorna do templo e sentamos para um verdadeiro banquete. Somos tão abençoadas, tão amadas.*

Ah, a carne tenra do assado de ganso.

O bilhete cai perto de meus pés. Abaixo-me e finjo ajustar minhas meias enquanto pego a mensagem. Queria poder apenas lê-la imediatamente, sem ter que esperar pelo resto da tarde até voltarmos para o *Stabsgebiude*. Minha palma coça, mas enfio o bilhete no casaco, ignorando o desejo de ler que me corrói. Lanço um olhar rápido para a janela e vejo Stasiu afastando-se apressado. Mais uma vez, fico sozinha com o tamborilar do granizo.

Naquela noite, lemos o bilhete de Stasiu como se fosse o jornal do dia; essa é a importância da comunicação que mantemos.

*Estou aqui desde 1939. O chefe é o número 45. Ele está aqui há mais tempo do que qualquer um que conheço, ainda vivo.* Ficamos olhando para suas palavras, enxergando a verdade nua e crua. É impossível acreditar que anos podem passar e ainda estejamos aqui, mas Stasiu é a prova. Nós somos a prova. Amasso seu bilhete enquanto caminho devagar para o banheiro. Desce pelo vaso, levando com ele todos os prospectos de uma vida de liberdade.



Depois da chamada, dez pacotes nos são entregues, vindos da Cruz Vermelha. Não há nomes neles, como havia em Birkenau, mas Maria nos diz:

— Dividam entre vocês o melhor que puderem. — Olhamos e olhamos para os pacotes, ansiosas para rasgar o embrulho marrom e ver o que veio de bom.

— Acho que devemos fazer uma votação para decidir quem vai dividir a comida — sugere Maria.

— Acho que Rena deveria fazer isso — manifesta-se Janka. — Ela é muito minuciosa e honesta.

— Quem vota em Rena, levante a mão. — Não acredito em meus olhos; todas

as mãos no dormitório se levantam. Todas as 125 moças votam em mim. Abrimos os pacotes como se fosse uma festa, mesmo que não haja banquete para tantas. Coloco tudo em pilhas separadas: vinte latas de sardinha, dez bolos doces, dez filões de pão de trigo e pacotes de cubos de açúcar.

— Alguém pegue uma faca com Maria, e alguma outra pessoa pegue uma fita métrica da sala de costura para que eu possa ser exata. — Minhas mãos tremem. É a maior honra que já recebi, mais importante do que ser escolhida a primeira judia e a primeira moça a recitar um poema diante de todo nosso vilarejo, no maior feriado nacional polonês, quando eu tinha onze anos.

Colocamos a fita métrica por cima dos bolos; cada um tem 16 centímetros. Divido o comprimento dos bolos em 125 e descubro que cada fatia deve ter 1,3 centímetro. Com duas moças segurando a fita esticada, faço treze marcas no bolo e depois fatio com cuidado em cada marca. Nossa boca saliva. Medimos os pães de trigo do mesmo jeito.

Minhas mãos tremem quando fatio cada seção do bolo. Estas são pessoas famintas; todas devem receber exatamente a mesma porção. Não posso privilegiar ninguém, nem mesmo minha irmã — não que eu sequer tenha pensado em roubar essa comida preciosa de outra pessoa faminta.

Há vinte latas de sardinha, com seis a oito sardinhas em cada, e descubro que há sardinhas suficientes para cada moça ganhar uma colherada.

— Vai ser mais fácil dividir as sardinhas com as colheres, para não perdermos o óleo — digo às moças. Elas formam fila, segurando as colheres enquanto pego meticulosamente porções de peixe para que cada colherada fique exata. Os cubos de açúcar também são contados. Quando tudo termina, todas pegam seu pedaço de pão, colherada de sardinha e fatia de bolo e vão para a cama comer em silêncio agradecido.

Se você soubesse que havia um milhão de dólares em algum lugar e pudesse pegá-lo, você pegaria? Esses pedaços de pão e de bolo valem muito mais do que essa quantia de dinheiro. Nunca roubei de ninguém no campo. Cada fragmento de comida é assunto de vida ou morte, e nunca conseguiria passar a perna em outro ser humano. Lembro-me de como era em Birkenau. Quando encontrava mesmo o menor bocado de comida, mesmo que fosse uma casca de batata no chão, eu dividia com minha irmã mais nova. Mesmo que estivesse queimando em minha mão porque eu estava tão faminta, eu sempre levava a parte dela. Considero-me uma pessoa inteligente, mas sou tão obsessiva e prudente com respeito à comida que é ridículo. Isso é o que a fome pode fazer com as pessoas.

As moças nos escritórios da SS reclamam constantemente sobre a *kapo* judia, Edita. Ela sempre as denuncia pela menor das coisas e as pune com severidade estrita. É uma tirana e as trata com mais severidade do que as *kapos* alemãs. Nenhuma de nós entende por que ela é tão má, mas as secretárias parecem ter

um jeito de retribuir.

— Temos uma missão secreta — Aranka me diz. — Quer se juntar a nós?

Olho no rosto de sete das escrivãs.

— Para quê? — pergunto.

— Não podemos dizer. Você tem coragem e é forte?

— Sim, as duas coisas. É algo que vai colocar em risco a vida de minha irmã?

— Não — elas me garantem. — Vamos segurar Edita quando ela estiver dormindo e bater nela. — Faço que sim com a cabeça. Parece uma causa digna. — Quer bater nela ou segurar a boca?

— É melhor eu segurar a boca. Não tenho a *chutzpah*<sup>67</sup> para bater em alguém — respondo.

— Esta noite, então. — Apertamos as mãos.

Enquanto o resto do bloco dorme, entramos sorrateiramente no quarto de Edita, reunindo-nos em volta da cama dela em silêncio. Depois, ao sinal da líder, duas moças agarram seus braços e duas agarram as pernas, enquanto eu coloco as mãos sobre sua boca e outra cobre os olhos. As duas que vão bater começam a golpeá-la repetidas vezes na barriga, onde ninguém vai ver os hematomas. É difícil manter a pressão na boca dela quando ela se contorce para se libertar, mas pressiono as mãos para prevenir quaisquer gemidos ou ruídos. Quando elas terminam de bater, fazem um sinal para nós. Soltamos e disparamos para nossos beliches. Nossas cobertas já estão puxadas para que possamos pular dentro delas e puxá-las até o queixo, fechar os olhos e nos parecer com todas as outras que estão dormindo.

Forço minha respiração a ficar lenta e constante como a de Danka, mas tenho certeza de que está audível. E se ela vier verificar o quarto? E se acender a luz e exigir que as culpadas se manifestem? Tento desligar meu cérebro. E se formos pegas? Mas Edita não verifica nossos beliches. Na manhã seguinte, ela caminha rígida para seu quarto sem olhar para ninguém. Nada é mencionado à SS e ninguém investiga, pois ela não conta a ninguém. Ela aprendeu a lição; para de repreender as escrivãs e começa a agir com um pequeno traço de humanidade em relação às colegas de prisão.

Danka está no cesto de fora e se inclina para trás quando Stasiu nos joga um pouco de linguiça e um pedaço de pão. Pelo canto do olho, vejo um homem da SS andando de bicicleta. Juro que ele nos viu, mas não paramos, parecemos culpadas ou fazemos qualquer coisa que levante mais suspeita. Enterramos a comida no fundo das roupas e caminhamos de volta para a lavanderia, o mais depressa possível. Durante todo o caminho pensamos que aquele homem da SS vai vir e nos pegar, e depois estaremos perdidas. Estamos agitadas e irritadiças, nossos nervos estão à flor da pele com o medo. Primeiro, há a alegria de ter comida extra, depois, há a possibilidade de que a comida nos mande de volta

para Birkenau ou pior. Abriríamos mão da refeição de bom grado para evitar esse fim.

Escondemos a comida assim que entramos na escadaria do bloco e, com toda certeza, os cestos são vasculhados por completo, mas ninguém nos acusa de nada. Depois da chamada, volto para o esconderijo e divido a linguiça e o pão com algumas outras moças. Não é tão gostoso como ontem; nosso medo alterou o sabor.

Na manhã seguinte, um dos poloneses que entrega nosso chá sussurra para mim:

— Stasiu Artista levou 25 chibatadas por roubar uma linguiça para uma de vocês. — Tento não mostrar alarme. Estou contente por ele ter me dado a informação, pois posso impedir que a história se espalhe e nos coloque em problemas. Além disso, sei que Stasiu não entregou nossos nomes para o oficial da SS que o pegou. Estamos a salvo.

Três dias depois, enquanto marchamos para o trabalho, Stasiu faz um sinal para mim da janela.

— Troquem de lugar — sussurro. Paramos. Danka se move quando a linguiça aterrissa em nosso cesto, e Dina assume seu lugar.

— Você vai se meter em confusão pior do que antes — repreendo-o. — É melhor não fazer isso de novo!

Mas ele não se importa. A cada algumas semanas chega um pedacinho de linguiça, um pedaço extra de pão — o maná dos céus.



É primavera. Não nos permitimos sentir a alegria da estação, mas não podemos ignorar o fato de que ela chegou novamente. É nossa terceira em cativeiro; exceto pelo cheiro no ar, para todos os efeitos, ela perdeu o sentido. Toda primavera na verdade significa que sobrevivemos a outro inverno. Mareke seu grupo de trabalho estão de volta, trabalhando ao longo da cerca, e trens correm pelo campo. Gosto do barulho quando eles passam; lembra-me da liberdade e de cidades distantes.

Danka, Dina e eu penduramos roupas em silêncio enquanto um trem passa por nós a distância. Viro-me do trabalho e observo a jornada. Por um momento, minha mente é transportada para além das muralhas e dos campos de trabalho de Auschwitz-Birkenau. Há uma mulher que exhibe chapéu branco e luvas brancas, com o queixo apoiado em seu punho impecável. Ela olha para mim, olha através de mim, como se eu não estivesse ali. Ela é limpa e refinada.

Parece que pode estar indo visitar alguém e que o maior fardo em sua mente é o que servir no jantar desta noite.

Sempre sou muito controlada, nunca deixo que as emoções tomem conta de mim, mas não há como impedir as lágrimas de se derramarem do canto de meus olhos. *Aonde ela vai?*, pergunto-me. Por que ela tem uma vida e eu não tenho nada?

— Existe um mundo fora daqui — digo ofegante, cedendo ao dilúvio dentro de mim.

Há uma canção que cantamos no campo. Nunca abandona minha mente nem por um minuto, sempre a estou cantando na cabeça.

*Havia tangos, foxtrotos e fanfarras  
cantadas por pares dançantes.*

*Havia tangos de sonhos e amantes,  
mas agora estamos em guerra. Ninguém escreve canções.*

*É um desperdício de nossos jovens anos.*

*Então cante esta nova canção, cabeça erguida.*

*Cante, irmã, atrás das barras de ferro alemãs*

*Este tango de lágrimas, sofrimento e desespero que a guerra hoje significa para nós.*

*Nossos corações estão chorando lágrimas quentes.*

*Algum dia veremos o sol?*

*Veremos o belo mundo de novo?*

*À distância, através das barras de ferro, a liberdade ri de nós, e sobre liberdade sonhamos constantemente.*

*Mas o sol ainda não está brilhando.*

É muito impossível, mas aí está, a apenas alguns quilômetros. Mesmo no *Stabsgebaüde*, mesmo que eu não possa ver, a fumaça ainda se alastra dos crematórios. Não estamos livres disso e os alemães são muito eficientes, eles estão vencendo a guerra. Sobrevivemos porque temos uma esperança de viver, mas admitir essa esperança é insano! Em meu coração, quero acreditar que vou ficar livre novamente um dia, pois não tenho forças para me levantar e viver sem essa esperança. Mas a morte é iminente demais; os crematórios são opressivos demais. Só existe esperança porque não podemos sobreviver sem ela.

— O que foi? — A voz de Marek invade meu pesar.

— Aquele trem... — respondo, minha voz oscilante, incerta. — Havia pessoas nele, todas bem-vestidas, sentadas lá como se não houvesse guerra... como se nem estivéssemos aqui. — Desapareço atrás do varal para enxugar minhas lágrimas em uma roupa de baixo da SS, para que ninguém veja que me atingiu, mais uma vez.



A pedra pousa a poucos metros. É um bilhete simples, apenas com algumas palavras: *Por que não tentamos fugir?*

*E ir para onde, Marek?*, pergunto-me. Somos judeus, não temos mais ninguém por nós. Apesar da primavera, minha juventude se foi. Trabalhamos; estamos temporariamente seguros, mas não sinto mais paixão pela vida. Sento-me no escuro, lutando contra o ímpeto avassalador de chorar. Um grande e longo “buá” — nem isso é permitido. Aperto as mãos e a mandíbula até o desejo de chorar recuar, como uma maré do oceano. Um dia, se sobrevivermos, vou chorar por uma semana, talvez mais. Mas não hoje, não aqui.

O grupo de trabalho de Marek não está mais perto da fábrica de macarrão. Noto sua ausência da forma como noto o desaparecimento de qualquer um no campo: temo que esteja morto.

É um dia quente. O verão se aproxima e as roupas secam depressa. Verificamos as saias para vermos quais devem ser dobradas e colocadas no cesto. Curvo-me para arrancar alguns brotinhos de grama para mastigar, quando uma sombra recai sobre mim. Aperto os olhos e vejo um cavalo e sua amazona. Seus cabelos loiros são adoráveis, cachos graciosos que caem por seus ombros. Suas botas são como espelhos que refletem o sol. Já a vi antes, cavalgando pelos campos. Ela é muito bonita e sinto-me pequena e insignificante em comparação.

Ela dá rédea ao cavalo. O animal sacode a cabeça, ansioso, baixando-a até os brotos de grama que eu estava recolhendo agora mesmo. Supervisionando a área por um instante, ela permite que o animal paste. Depois, puxa as rédeas e bate os calcanhares no cavalo. Eles saem galopando pelos campos e o cabelo dela pula nas costas. Lampejos de memória dispararam por mim: eu tinha cabelo longo... tinha cachos... eu montava o cavalo do arado...

Danka e Dina voltam à *Trockenplatz*.

— A guarda Grese estava aqui — digo-lhes. Já a vimos muitas vezes cavalgando pelos campos e, desde que ela chegou, os rumores só falam sobre ela, pois ela é linda.

— O que ela queria? — perguntou Danka, com nervosismo.

— Não sei. Com certeza não ia me dizer.

— Estava a cavalo?

— *Yah*. — Penduramos a nova leva de roupa lavada.

Marek retorna ao grupo de trabalho perto da fábrica de macarrão e me envia

um bilhete muito longo. Peg-o e o deslizo para dentro de meu casaco. Deve ter sido difícil para ele arranjar um pedaço de papel tão grande. *Sou um oficial do exército polonês. Fui treinado para ser médico na Bélgica e depois retornei a Varsóvia, onde recebi o posto de oficial. Tenho alguns contatos na clandestinidade que desejam construir um assoalho duplo no trem que leva roupas de Auschwitz à Alemanha. Podemos nos esconder nesse espaço, que vai ser pequeno, mas podemos fugir. Você teria que deixar sua irmã para trás; não podemos arriscar mais do que uma outra pessoa, quando um grito ou choro poderia significar morte para todos nós. Eu gostaria de fugir e fazer minha vida com você. Acredito que podemos fazer isso.*

Amasso o bilhete, rasgo-o em pedacinhos minúsculos e vou ao banheiro para mandá-lo pela descarga. Marek. Tão doce, tão ansioso, tão ingênuo. Engulo o nó em minha garganta. Engulo as palavras de meu amigo.

*Não posso fazer isso,* respondo a ele. *Não posso deixar minha irmã neste lugar sozinho. Além do mais, não tenho coragem suficiente. Mas obrigada por pensar em mim.* Jogo a pedra pelo campo quando ninguém está olhando e me viro para pendurar os montes de roupas de baixo dos SS, roupas que são meu dever vigiar, limpar e dobrar perfeitamente.

Não vejo Marek com a mesma frequência, mas de vez em quando ele manda notícias por meio dos trabalhadores da cozinha que trazem nosso chá matinal. Sinto falta da nossa correspondência e de sua voz pairando no vento entre as roupas. Sinto falta de seu rosto gentil do outro lado do campo e de sua preocupação com meu bem-estar. Os trens ainda passam à distância, mas me recuso a olhar para eles.

Mala é a mensageira do campo de Birkenau. Nós a vimos muitas vezes caminhando de um escritório a outro, saindo dos portões para levar uma mensagem para um dos outros campos. Nós todas a admiramos, não apenas porque ela é linda, mas porque sua posição é extremamente importante. A despeito do fato de ser judia, eles lhe deram quase rédea solta para ir e vir entre os complexos e lhe permitiram manter os cabelos. Ela fala sete ou oito línguas e leva mensagens da guarda Drexler para o hospital, os escritórios da SS, sempre que precisam que ela vá. Sempre nos orgulhamos da função dela; Mala é um símbolo para nós, dizendo que temos valor, que somos humanas. Ainda assim, mesmo para ela, com todos os privilégios, a vida no campo foi demais.

Um dia de manhã ela não está na chamada, e os homens que nos trazem o chá confirmam que Mala fugiu com seu amante. Em sussurros abafados, durante todo o dia, fofocamos e fantasiávamos sobre como eles conseguiram. <sup>68</sup>

Especulamos e imaginamos como eles conseguiram.

— Ela devia ter contatos com o mundo exterior.

— *Yah*, com certeza. De que outra forma eles conseguiriam escapar? — Tarde da noite, depois de termos comido nossa porção de pão, discutimos o destino

deles.

— Ele era polonês. Ele tinha os contatos.

— Ouvi que o nome dele era Edward.

— Ouvi que eles roubaram uniformes alemães da lavanderia e alguém construiu um assoalho falso em um dos trens que transportava roupas para eles fugirem — lembro o plano de Marek

— Você sabe muito. — Por semanas, sussurramos e rezamos para que essas duas bravas almas nunca sejam pegas. Em nosso coração, eles vivem felizes para sempre, fogem da Alemanha nazista e chegam à Inglaterra, à Suíça ou aos Estados Unidos; qualquer lugar no mundo livre, onde há segurança para judeus e gentios. Incitamos as chamas de nossa própria coragem, conforme Mala se torna nosso facho de luz. Se ela pode alcançar a liberdade, algum dia também poderemos. Se ela é corajosa, podemos ser corajosas. Ah, fugir deste lugar e estar com quem se ama. Sonhamos com isso. Nos agarramos a isso. Faz o mundo livre parecer real novamente. Faz-nos lembrar de como era a liberdade. E então nos deixa tristes.

— A SS puniu os campos pela fuga de Mala — sussurram os homens que nos trazem o chá de manhã. — As prisioneiras em Birkenau foram forçadas a ficar em pé para a contagem por 24 horas. Muitas caíram de fadiga.

Graças a Deus, não estou mais em Birkenau.



Estamos acabando de pendurar a roupa quando Irma Grese aparece novamente. Desta vez ela está a pé e vestindo uma saída de praia. Passa por nós valsando, sem o menor sinal de reconhecimento, joga uma manta no chão e começa a tirar a blusa que cobre sua roupa de banho. Com nervosismo, verifico as peças de roupa soprando na brisa. Ela deita e começa a passar protetor nas pernas e nos braços. Os olhos de Danka se arregalam, alarmados. Dina dá um passo para trás. Afasto-me com cautela.

— Você aí! — Paraliso ao som da voz dela. — Pode colocar um pouco de loção nas minhas costas?

Estou chocada. Nenhum SS nunca me *pediu* para fazer nada; eles sempre dão ordens a seus escravos. Não apenas isso, mas ela pediu a mim, uma judia, para tocá-la! Vou até ela, com medo de que possa fazer algo de errado, com medo de tocar sua pele maravilhosa. Tremendo, esforço-me muito para estabilizar as

mãos e, com timidez, espalho o creme por seus ombros e costas. Depois me levanto e volto para o varal de roupas, a zona de conforto, onde é o meu lugar. Ativamente, verificamos se o tecido está úmido, mantendo as mãos ocupadas e nossa mente em silêncio, fingindo que a presença dessa mulher da SS não nos enerva.

Lembro-me:

*Danka e eu acordamos cedo no domingo de manhã. Mama colocou folhado de queijo para nós em um saquinho. Vestimos saias para cobrir nossas bermudas, pois Papa nos proíbe de usar bermuda. Ela nos beija na porta, entrega-nos o piquenique e nos diz para nos divertirmos. Caminhamos pelas montanhas até chegar ao riacho. Depois, tiramos nossas saias, dobramo-las perfeitamente e as colocamos em algum lugar para ficarem secas enquanto brincamos na água e tomamos banho de sol. Por volta do meio-dia, abrimos os folhados de Mama, ainda quentes do forno, ou talvez o sol os tenha mantido aquecidos, e comemos enquanto nos deliciamos deitadas ao sol.*

Uma onda de saudade de casa revolve meu estômago fazendo-o dar um salto. Como sinto falta de deitar com nossas bermudas proibidas e comer os doces caseiros de Mama.

Ao longo da manhã, a guarda Grese toma banho de sol e então, abruptamente, ela se veste, dobra a manta e desaparece pela estrada. Nós a observamos desaparecer, dobrando roupa lavada em silêncio e as guardando nos cestos, cada uma de nós perdida em pensamentos particulares.

Chega o chá da manhã e, com ele, as notícias.

— Mala e o amante foram capturados. — Rumores aumentam durante o dia; todos sussurram sobre o que aconteceu. Naquela noite, depois que as luzes se apagam, discutimos o destino dela na escuridão.

— Eles foram pegos comendo em um restaurante.

— Eles trocaram de roupa e se vestiram como civis, mas um SS estava comendo lá e reconheceu Mala.

— Ela é linda demais para alguém não a reconhecer.

— Não deveriam ter ficado na Polônia.

— Deveriam ter fugido do país.

— E ido para onde?

— Ela vai ser enforcada.

— Vão ser torturados antes disso.

— Pobre Mala. — Estremecemos. Nossos sonhos foram devastados.<sup>69</sup>

Grese vem com frequência à *Trockenplatz* e sempre me pede para passar loção em suas costas, enquanto ignora Danka e Dina. Às vezes ela fala comigo,

conta sobre a guerra e faz perguntas sobre mim. Ela é cordial comigo. Gentileza da SS é algo muito estranho. Não é raro; é impossível. Não sei o que fazer com a gentileza de Grese, mas acho que talvez ela esteja solitária.

— Quantos anos você tem? — ela pergunta quando passo loção nos ombros dela devagar e com cuidado, certificando-me de que esteja perfeitamente espalhado.

— Tenho 23, senhora guarda — respondo timidamente.

— Eu também. — Ela é tão direta. Não vacilo, mesmo espantada como estou com suas palavras. Viemos de mundos tão diferentes, estamos em circunstâncias tão diferentes, mas temos a mesma idade.

— De onde você é?

— Tylicz.

— Nunca ouvi falar.

— É muito pequena... nos Cárpatos.

Ela fica quieta. Não incentivo a conversa. Conheço meu lugar. Ainda sou uma escrava, não importa o quanto ela pareça amigável.

— Sabe o que vai acontecer quando a guerra terminar e nós tivermos conquistado o mundo?

— Não, não sei. — Minha pele fica gelada a despeito do sol escaldante.

— Todos vocês judeus vão ser enviados a Madagascar. — Ela não usa um tom de voz maldoso, apenas diz sem rodeios, como se soubesse, sem dúvida, que esse seria o fim. — Vocês vão ser escravos pelo resto da vida. Vão trabalhar em fábricas durante todo o dia e serão esterilizados para que nunca possam ter filhos.

Meu coração afunda. Levanto-me devagar e tento me afastar para não ouvir mais, sem permitir que ela veja o espanto em meu rosto. Tenho um sentimento de que ela não aprova fraqueza emocional — nenhum SS aprova —, por isso vou em direção às pregas de roupas de baixo que oscilam na brisa do verão e me escondo.

Há um rugido em meus ouvidos, um trem que passa depressa por minha cabeça. Por que eu simplesmente não morro agora se vou me tornar escrava pelo resto da vida? Afasto-me cambaleando cegamente para longe da voz dela, enfrentando a secura que arde em meus olhos. Qual o sentido de continuar se isso é tudo o que há por vir? Escondo meu rosto entre camisas e calções limpos e brancos. Quero arrancá-los dos varais e gritar para as nuvens que se fecham e escurecem o céu acima de nós. Quero acabar com isso tudo, fazer a monotonia infundável acabar... fazer tudo parar. Quero dormir para sempre e nunca acordar. Então vou me ouvir dizer: Ora, Rena, você nem sabe se vai sobreviver amanhã. Por que se importar com algo além disso?

O trem que chacoalhava por minha cabeça para. Meus pensamentos se acalmam e ficam mais lentos. O céu não mudou; o sol arde e a guarda Grese ainda está deitada de barriga para baixo, como se não tivesse dito nada para

destruir meu mundo. Eu poderia morrer amanhã. Vou me preocupar com o resto quando, e se, eu chegar lá. Penduro uma camisa, aliso os amarrotados do algodão, tentando muito não pensar em Madagascar, enquanto observo o corpo bonito da guarda Grese se bronzear.



É a época da colheita. Meu aniversário deve estar próximo, ou talvez já tenha passado. Não sei. Só sei que um fazendeiro está cruzando o campo com uma carroça cheia de repolhos, por isso deve ser fins de agosto. Ele diminui o passo do cavalo só um pouquinho quando passa por nós, depois incita o animal e puxa as rédeas. O cavalo começa a andar com um tranco e cinco repolhos rolam para fora. Danka agarra meu braço com um apertão.

— Dina — digo —, você e Danka fiquem de vigia enquanto eu pego um repolho. Depois vai você e depois vai Danka. — Elas concordam com a cabeça, virando de costas para mim, pendurando as roupas e mantendo os olhos arregalados em busca da SS. Caminho para a fartura que o fazendeiro gentil deixou para nós e rapidamente pego o repolho, carregando-o de volta, obscurecido pelas minhas roupas e escondendo-o em um dos cestos. Dentro de minutos conseguimos três repolhos enormes, folhas suculentas e aquecidas pelo sol.

— E quanto aos outros dois? — pergunta Dina.

— Temos o suficiente. Podemos ser pegas se formos gulosas. Além do mais, tenho certeza de que outra pessoa faminta os encontrará.

Naquela noite, repartimos várias folhas com nossas amigas mais próximas, enquanto o resto das moças dorme. São doces e crocantes. O suco desce por nossa garganta enquanto comemos. As folhas são tão frescas que quase é possível sentir o gosto da terra de onde vieram, e tão cheias de vitaminas que nosso corpo se sente imediatamente revitalizado, e os buracos permanentes que moram em nosso estômago, por ora, são preenchidos.

No dia seguinte, noto que os outros dois repolhos se foram. Alguns dias depois, vemos o fazendeiro e sua carroça passar pelo campo novamente. Cabeça baixa, ele faz o cavalo diminuir o passo e depois o incita a andar, assim como antes. Rolam mais alguns repolhos. Não consigo evitar o sorriso que emerge quando faço uma oração de bênçãos para o homem antes de assentir para Danka e Dina. Esse fazendeiro simplório faz o mesmo para nós uma vez mais durante a época da colheita, e sempre compartilhamos a fartura com nossas amigas.



Quando o outono se aproxima de nós outra vez, as notícias se tornam mais e mais positivas; esperança começa a se infiltrar em nossos poros e nossos sonhos. O chá da manhã é nossa hora favorita do dia, pois os homens da cozinha que nos trazem a chaleira sussurram notícias da guerra para uma ou duas de nós. Bebericamos o chá enquanto compartilhamos as últimas informações: os Aliados estão contendo os alemães; os russos estão chegando mais perto; os Aliados vão bombardear as estradas de ferro.

Esperamos a cada dia por mais boas-novas, mais esperança, que vêm de rádios contrabandeados para dentro do campo. É um alimento para a alma, e mesmo aqueles fracos de fome banqueteiavam essa refeição gratuita de informação, guardando-a próximo ao coração, como uma ração extra de pão seria guardada. Isso é bom, pois as porções estão encolhendo novamente, e Stasiu está jogando menos comida, com menos frequência. A SS parece mais tensa e irritadiça, por isso temos de ter cuidado redobrado para não os irritarmos. Há rumores de que a lavanderia vai ser transferida. Ouvimos aviões no céu.

O ar está mudando. O fazendeiro com os repolhos não cruza mais a *Trockenplatz*, portanto a colheita acabou. Setembro? Outubro? Penduramos as roupas para secar ao vento, que começa a esfriar, e sussurramos sobre os eventos do mundo exterior, perguntando-nos para onde vai a lavanderia, perguntando-nos quando e se a guerra vai acabar um dia.

Na chamada da manhã, mandam-nos formar filas e marchar para fora. A princípio há ansiedade; trocamos olhares nervosos. Danka pega minha mão para um apertão de encorajamento. Deixamos o porão escoltadas por membros da SS. Por favor, não permita que seja Birkenau, é a prece que todas as moças repetem no coração. Qualquer coisa, menos Birkenau. Seguimos para a estrada e rezamos para que eles virem no outro caminho. Há uma cerca e vigias a distância, mas não é Birkenau. Nossos medos são rapidamente aliviados. Verificamos o novo complexo: a cerca não é eletrificada; há onze blocos.

Marchamos para o Bloco Quatro.

— É aqui que vocês vão dormir. — Entramos em nossos novos aposentos com hesitação. Os pelos nos meus braços estão arrepiados, minha pele está alerta: estes são os novos blocos, os blocos que Danka e eu ajudamos a construir quando estávamos em Auschwitz e em Birkenau. O concreto que sustenta os tijolos foi peneirado e entregue por nossas próprias mãos. Fomos nós que construímos nossa própria prisão.

A contagem nos blocos novos acontece do lado de fora e, depois, nos fazem marchar pelos portões em direção a uma fábrica de couro, para onde a lavanderia foi realocada. Mullenders é nossa guarda. Ela é holandesa, mas fala alemão muito bem.

— Há homens trabalhando na fábrica de couro — ela nos diz — Vocês não devem falar com eles ou ter qualquer tipo de relação. Se eu pegar qualquer uma se envolvendo com eles, vocês serão punidas. Com severidade! — Seus olhos frios nos fulminam para que entendamos o que ela quer dizer.

Há rumores de que no Bloco Onze acontecem experimentos. Ao nosso lado, no Bloco Cinco, há soldados alemães conhecidos como Camisas Pardas, <sup>70</sup> escondidos em caso de haver um ataque inimigo no campo. Podemos vê-los pela janela de nosso bloco quando voltamos do trabalho.

— Eles estão esperando pelos russos — uma das moças me diz.

Uma bomba cai num campo, deixando uma cratera enorme, mas ninguém se fere nem remotamente. Os transportes continuam chegando; as câmaras de gás continuam matando; os crematórios continuam queimando. Os primeiros dias são deprimentes. Perdemos nosso fornecimento secreto de comida e sentimos falta do contato com Stasiu Artista. Os homens da cozinha que trazem o chá da manhã não se arriscam a dividir nenhuma notícia conosco até que a situação seja julgada segura. Ficamos perdidas sem nossa rotina diária. Temos fome e sede de notícias da guerra.

A antiga rotina, familiar demais, recomeça. Acordamos às quatro da manhã. Levantamos com os ásperos lembretes:

— *Raus! Raus!*

Chega o chá. Entro na fila para pegar minha caneca, mas, quando é minha vez, a pessoa que está servindo sussurra:

— Marek está lá embaixo esperando por você. — Ele serve meu chá e sigo em frente. Minha cabeça está latejando tão forte que meus ouvidos zunem. Danka observa minhas faces coradas e corro para o porão.

Ele está inclinado contra uma mesa no corredor, abrindo os braços para um abraço.

— Marek! Como vai? — Mal chego a sussurrar, de tão nervosa que estou.

— Você não quis fugir comigo, então vim até você. — Ele me puxa para perto dele. — Faz muito tempo que eu queria abraçá-la.

— Devo estar perdendo o juízo para estar aqui com você. Nós dois podemos ser fuzilados.

— Valeria a pena, se ao menos fosse por um beijo. — Ele baixa a cabeça e me beija, mas não tenho vontade de retribuir o gesto. — Foi adorável. — Ele se senta na mesa, me puxando para seu colo, abraçando-me apertado.

Não resisto ao calor do conforto humano, ao anseio de que me abracem forte

e com carinho. Beijo-o demoradamente, com ternura.

— Valeu mesmo a pena! — Ele sorri. — E agora você deve subir antes que alguém dê falta de você, e eu devo voltar a servir o chá antes que alguém note minha ausência.

— Por favor, tenha cuidado. Eu morreria se algo acontecesse com você.

— Nada vai acontecer comigo. Fui torturado e espancado pela Gestapo.<sup>71</sup> O que mais há?

Não respondo. Pego suas mãos cobertas de cicatrizes e acaricio os lugares onde antes ficavam suas unhas.

— Quando estivermos livres, gostaria de se casar comigo?

— Marek, como saberemos se isso vai acontecer?

Nós nos beijamos mais uma vez antes de eu subir correndo. Danka e Dina estão esperando por mim e, juntas, nós três corremos para fora do bloco e assumimos nossas posições para a contagem. Meu rosto está radiante. Sinto um aperto tão grande na barriga que nem consigo comer a porção de pão que guardei da noite passada.



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Somos despertados com ordens para formarmos filas para a contagem; depois recebemos ordens de marchar. Confusas, mas obedientes, seguimos para fora dos portões em fileiras perfeitas de cinco. De soslaio, nos entreolhamos com cautela, enviando alertas como um código Morse silencioso com os olhos piscantes.

Nossos corações afundam quando nos aproximamos das cercas elétricas de Birkenau. A banda está tocando quando marchamos sob os dizeres ARBEIT MACHT FREI. Todo o campo feminino está em formação, de frente para uma plataforma.

— Alto!

Paramos, voltando o rosto para o cadafalso.

Esperamos. O campo espera.

Drexler sobe na plataforma.

— Hoje todos iremos testemunhar a execução de uma prisioneira que tentou fugir. Isso é tudo o que lhes espera, se vocês sequer pensarem em fugir de Auschwitz!

Mala é trazida para a plataforma. Ela está calma, imperturbável.

Drexler continua a falar sobre como Mala foi tola de pensar que poderia fugir

do Terceiro Reich.

— Vamos dominar o mundo — ela nos lembra. Recordo de guarda Grese me contando sobre Madagascar. Sempre seremos escravos; não há esperança. Não há razão para lutar contra eles. Eles estão em toda parte. A voz de Drexler continua, instilando medo e ansiedade em nossas veias.

Mala está em pé ali, segurando as mãos suavemente diante do corpo, com um sorriso pálido em seu rosto. Ela parece vitoriosa. Não há arrependimento em seus olhos. Seu vestido está extremamente sujo. Tenho certeza de que a torturaram tentando extrair informações e os nomes de pessoas da clandestinidade que a ajudaram a fugir. Contudo, ela não parece ter contado nada. Ela tem orgulho. Seu queixo está empinado; seus olhos não vacilam.

Passamos por cima de tantos cadáveres que nos tornamos imunes à morte, mas essa execução nos perturba. Por que nos sentimos tão mal? Por que isso é tão pior do que suicídios na cerca eletrificada, as seleções, os assassinatos sem-fim? Mas eram rostos mortos desprovidos de esperança, e aqui está Mala, brilhando a despeito da escuridão no campo. Seu rosto nunca cai no desespero. Por que isso acontece? Por que pelo menos um de nós não pode ficar no mundo livre e sobreviver?

Ela é tão linda. O sol no céu não está brilhando para nós, mas Mala está. Ela é nosso sol. Experimentou a liberdade e viu o paraíso no mundo exterior. Não há esperança para nós, podemos não sobreviver — mas Mala, de queixo erguido, fugiu de toda essa loucura. Ela foi o raio secreto de esperança, e agora eles vão tentar apagar nossa única luz.

Conduzem-na para a forca, mas, em um movimento ágil, ela tira uma gilete da manga e corta os pulsos. Seu sangue espirra pela plataforma.

Taube tenta parar o sangramento.

— *Scheiss-Jude*, você vai morrer por enforcamento, não por suas mãos! — ele a xinga e pragueja. Ela dá um tapa no rosto dele e enfia os dedos em seus olhos.

— Vou matá-la com minhas próprias mãos! — ele grita, espancando-a sem piedade. — Tragam o carrinho! — brada, limpando as mãos com nojo. Um carrinho de mão voa em direção ao cadafalso, e prisioneiras o carregam com o corpo dela. — Levem-na para o crematório imediatamente. Ela vai morrer no fogo!

O corpo amontoado de Mala não se importa mais com o lugar para onde vai. Seu espírito já está pairando acima deste mundo. O carrinho dispara em direção às câmaras da morte; os braços dela, pendurados pelas bordas do carrinho, vomitam o sangue de sua vida sobre o solo da Polônia.

— Por favor, permita que ela morra — rezamos. — Por favor, permita que ela morra antes que a coloquem nas fornalhas.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

É difícil acordar. A visão de Mala sangrando até a morte perturbou nosso sono e sacudi todos os sonhos de liberdade que alimentamos desde a fuga. A chaleira espera como o caldeirão do inferno. Há rumores caindo em cascata por nossas fileiras, nutrindo-nos com quaisquer resquícios de coragem que possamos ainda ter.

— Um SS se apiedou e atirou nela antes que fosse jogada na fornalha. — Nossas preces foram atendidas. Por um alemão, ainda por cima.<sup>72</sup>



É um domingo cálido. Abrimos as janelas para deixar o ar fresco entrar no bloco. Das janelas, ficamos olhando para o Bloco Cinco e os Camisas Pardas ficam olhando para nós.

Em silêncio, flertamos. Somos jovens e eles também; é natural. Um dos moços segura um filão de pão e aponta para ele sorrindo e balançando a cabeça. Ele desce escada abaixo e coloca o filão inteiro do lado de fora, depois dispara para dentro novamente.

Corro até lá e pego. Ele parou na porta e olhamos um para o outro, de nossos mundos separados. Sorrio brevemente e movo os lábios dizendo as palavras *Danke schön*, muito obrigada, silenciosamente, antes de desaparecer de volta para dentro de nosso bloco.

— Olhe, é um filão inteiro! — Mal consigo acreditar em nossa boa sorte. — Quantas nós somos? Dividimos o pão em doze nacos e os engolimos com avidez.

*BUM!* Pulamos. Sirenes de ataque aéreo ecoam pelos campos.

— *Raus! Raus!* — grita a líder do nosso bloco. — Sigam-me! Depressa! Para o porão. — Corremos para baixo. Uma porta se abre e nos amontoamos e nos empurramos para atravessá-la. Tentamos nos virar e nos afastar, apenas para pisar nos pés umas das outras. Girando para ver se há mais espaço em algum lugar, vejo um oficial da SS fechar a porta. A tranca se fecha.

— Não nos tranque aqui! — grita alguém. — Não nos esqueça!

O espaço é asfíxiante. Estamos todas aterrorizadas. E se o prédio desabar e estivermos presas aqui dentro? Toda a estrutura está sacudindo e estamos amontoadas em cima umas das outras nesse espaço apertado. Um *flashback* passa em minha mente — nossa primeira noite em Auschwitz, o transporte da Eslováquia.

— Está com medo? — A voz de Danka me ancora de volta no presente.

— Não — minto para ela, controlando o pânico que tenta roubar minha respiração. Coloco os braços em volta dela, puxando-a para perto. Meu coração bate tão forte, porém, que mudo de lado, abraçando-a contra o lado direito de meu peito para que ela não possa sentir.

Embalco Danka como um bebê em meus braços. Seus olhos olham para mim em busca de reafirmação enquanto ela envolve os braços em meu pescoço. O chão sob nós estremece. Minhas pernas estão bambas, esforçando-se para impedir que nós duas caiamos no chão. Ninguém se mexe. Uma moça desmaia, e depois outra. Há um grande barulho de queda do lado de fora.

Silêncio.

E se o prédio acima de nós foi destruído e formos enterradas vivas? Não vão nos salvar. Somos judias — refugio. Ninguém vai escavar para nos retirar desse túmulo.

Perdemos a noção do tempo e do espaço aprisionadas como estamos. Ninguém fala. Ninguém consegue se mexer. Outra moça desmaia, seu corpo atinge o chão com um baque seco. Minha pele se arrepia, agourenta, sob minhas roupas.

Silêncio. O tempo para.

Há passos lá fora. Uma chave range na fechadura. Luz queima nossas pupilas dilatadas, fazendo-as se retrair depressa demais. Nós nos encolhemos. Zonzas e sem enxergar, saímos da cela aos trancos e barrancos. Cada moça se agarra a uma amiga quando nossos joelhos enfraquecidos cedem e subimos com dificuldade para a luz do dia. Há ambulâncias e sirenes de ataque aéreo berrando pelos complexos. Olhamos pelas janelas, atônitas.

O Bloco Cinco já era, ficou achatado além do reconhecimento. Equipes médicas correm de um lado para o outro carregando macas. Freneticamente, os SS trabalham para libertar seus companheiros soldados dos escombros, mas não há ninguém para salvar; todos os Camisas Pardas estão mortos. Fico ao lado da janela, evitando as lágrimas que ardem em meus olhos. Lamento que o soldado que nos levou o pão esteja morto. Não entendo como posso me sentir assim por um soldado alemão, mas sinto. Encubro meu pesar. Não adoro os alemães. Odeio o que eles fizeram — e estão fazendo — para mim, para minha irmã e para meu povo, mas não entendo por que alguém gentil tenha de morrer. Não entendo por que alguém deve morrer. Nada disso faz o menor sentido.

Todos estão zonzos com os bombardeios; de repente, parece que a guerra pode acabar um dia e nos enchemos de expectativa, mascarada apenas por nossa servidão. Jusek, um dos homens que trabalha na fábrica de couro, rouba algumas palavras de Danka um dia, quando estamos passando. É inocente, nada mais do que pode acontecer num mundo livre quando as pessoas sentem esperança.

Vamos para a lavanderia sem pensar nada mais a respeito.

Guarda Mullenders segue atrás de nós. Os olhos dela vigiam, astutos.

— Seu número foi escolhido! — Ela olha diretamente para Danka e depois sai. O rosto corado de Danka fica pálido. Ela se inclina na parede, cobrindo o rosto.

— Talvez apenas esteja ameaçando entregar seu número. — Tento confortar minha irmã caçula, mas estou com medo. Mullenders não é gentil conosco. Ela é cruel.

— O que vai acontecer? — Danka olha para mim em busca de um direcionamento. — Ó Deus, o que vai acontecer comigo?

Não respondo. Não sei.

Naquela noite entramos no bloco e nos sentamos atordoadas nos beliches, tentando forçar a comida por nossas gargantas apertadas. Há um pouco de comoção do outro lado do quarto, mas não damos atenção. Minha mente está a toda. O que posso fazer para salvar Danka?

Dina senta-se no beliche e diz sem meias-palavras:

— Danka não vai ser denunciada.

— Não vou?

— Não. Todos contribuíram com uma joia ou outra, alguém tinha até mesmo um relógio. Mullenders já está comprada.

— O que posso fazer? — pergunto.

Dina sacode a cabeça.

— Nada, Rena. Já foi feito. — As moças ao nosso redor sorriem, o rosto brilhando na escuridão com orgulho e autoestima.

Essa é a nossa proximidade. Essas moças e mulheres com quem trabalhei e vivi por quase um ano salvaram a vida de Danka.

— Rena, o que aconteceu com sua voz? — Danka olha para mim com preocupação.

— Não sei.

— Acho que precisamos fazer alguma coisa a respeito.

— Vai passar, você vai ver.

— Você disse isso dois meses atrás, e só ficou mais rouca. Agora está esfriando de novo. Acho que é algo sério.

— Não há nada que se possa fazer, Danka. — Ela está certa, contudo; não passou. Agora quase pareço um homem falando; em mais algumas semanas, posso simplesmente perder a voz. Felizmente, há pouco motivo para falar em voz alta, e ninguém inspeciona nossa garganta ou nossa voz, mas a rouquidão é motivo para ser selecionada se um SS notar.

— Ouvi o que você está dizendo — diz baixinho uma enfermeira que dorme em nosso bloco. — Vamos lhe trazer alguma coisa do hospital. Sábado, depois da contagem.

Sábado à noite, mastigamos nosso pão devagar, esperando que as enfermeiras

venham.

— Obrigada por ficar tão preocupada — digo a Danka.

— Não posso deixar você ser selecionada — ela me diz. — Temos um juramento.

Sorrio. De fato, temos um juramento, mas nunca me ocorreu antes que ela estivesse tão comprometida com minha sobrevivência quanto estou com a dela. Ela levanta do beliche e desce para esperar. Fico olhando para ela, maravilhada. Essa é minha irmãzinha. Quando foi que ela cresceu?

Entramos noite adentro quando quatro enfermeiras chegam à minha cama. O silêncio é imperativo; se qualquer uma de nós for pega, vamos todas ser fuziladas.

A enfermeira no comando tira uma agulha do bolso.

— Vou injetar estricnina em você — ela sussurra. — Me dê seu braço.<sup>73</sup>

— Vai ficar tudo bem, Rena. — Danka acaricia minha testa. — Você é corajosa. Você consegue.

Tento parecer confiante por minha irmã, mas não consigo reunir nenhum sentimento a não ser medo. Os olhos dela é que estão cheios de confiança e coragem, e me apoio em sua força enfrentando uma onda de pânico.

A agulha reluz. A mão firme da enfermeira é fria na minha pele quando ela prepara a injeção. A agulha penetra minha carne e imediatamente há um fogo que arde por meu corpo. Meus músculos têm um espasmo e dou um tranco para gritar. Mãos me seguram, pressionando firmemente minha boca. A dor é excruciante. Tento me lembrar de permanecer em silêncio, mas há gemidos escapando de meu corpo, sobre os quais não tenho controle. É como se alfinetes dançassem em minhas veias e perfurassem meus pulmões. Respiro de forma rápida e curta, mas não posso vomitar.

— Peguem compressas frias! Água! — Ouço a enfermeira ordenar às assistentes.

Há algo úmido em minha pele.

Minutos... horas... Não sei quanto tempo eu me contorço e esperneio em agonia, incapaz de controlar meus membros. As compressas parecem ajudar. Grito quando eles trocam. O rosto de Danka está manchado de lágrimas.

Em um estado fugidio, paio quase inconsciente. O corpo dorme irrequieto, acordando-me em espasmos esporádicos à medida que o veneno faz seu trabalho. Minha mente está muito longe.

A luz da manhã no bloco machuca meus olhos.

— Como você se sente? — A voz de Danka me desperta.

— Terrível. — Mal posso pronunciar as palavras. Ela segura o dedo na boca, indicando que eu fique quieta.

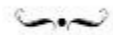
— Algo deu errado, não sei o quê, mas foi quase. A enfermeira disse que você

vai se sentir fraca hoje, mas amanhã vai se sentir melhor e, em alguns dias, sua voz deve começar a voltar ao normal. — Ela me passa uma caneca cheia de água. Bebo sedenta, às goladas.

— Obri... gada.

— Shh. — Danka sorri. — Agora descanse.

Leva algumas semanas, mas aos poucos minha voz retorna ao normal.



Há uma explosão lá fora. Todas nós paramos de trabalhar. Não parece uma bomba. Não há aviões sobrevoando, mas soa como se estivesse a alguns quilômetros de distância. Mullenders corre para a porta. Seguimos atrás dela devagar, entreolhamo-nos com cuidado. Há fumaça subindo da direção de Birkenau. Não sorrimos, mas nosso coração, sim. Esperamos, ouvindo por mais explosões e rezamos, embora não saibamos para que são as preces.

Na manhã seguinte, notícias chegam com nosso chá. Um dos crematórios foi explodido pelo *Sonderkommando*.<sup>74,75</sup> Finalmente conseguimos um golpe contra nossos captores. Temos uma fraca esperança de que seja o começo do fim, mas os SS pegam todos dentro do *Sonderkommando* e os matam. Quatro moças da fábrica de pólvora foram presas; elas ajudaram a contrabandear pólvora. Nós, que continuamos vivos, sentamos shivá<sup>76</sup> por nossos bravos compatriotas.



Danka está com uma dor excruciante por causa de um dente podre. No domingo, ela e outras dez moças finalmente obtêm permissão da comandante do campo para ir ao dentista do complexo, em Auschwitz. Fico na cerca, vendo minha irmã sair pelos portões de nosso campo sem mim para protegê-la, guardada pelos SS que não se importam que ela viva ou morra. Estou nervosa por ser separada da minha irmã, mesmo que eu saiba para onde ela está indo; coisas demais podem acontecer em um segundo e estou inquieta. Tento dizer a mim mesma que estou sendo ridícula e, em vez de ficar andando de um lado para o outro no bloco, vou à janela para olhar lá fora. É um dia claro e ensolarado. Há um avião. Pisco com força, fitando o céu. Não consigo ver, mas consigo ouvir. As sirenes de ataque aéreo começam a gemer.

Maria grita lá de cima:

— *Raus!* Desçam ao porão.

— Minha irmã está lá fora!

— Rena! Venha! — Dina grita para mim. Corro pelo dormitório em direção às escadas. As janelas atrás de nós estilhaçam; cacos de vidro chovem sobre nossa cabeça.

— Danka! — grito. Tudo é caos.

No porão, trememos de medo. Queria que Danka estivesse em meus braços como da última vez. Se eu estivesse com ela, pelo menos poderia fazer alguma coisa... qualquer coisa. Sinto como se estivesse enlouquecendo de preocupação. Nunca vou me perdoar se minha irmã morrer sem mim. Aperto as mãos até não conseguir mais cerrar os punhos. Meu Deus me abandonou, me deixou com frio; ainda rezo, mas, ao mesmo tempo, duvido de Seu poder.

— Por favor, não deixe minha irmã morrer — imploro. — Não posso viver sem ela... — Tento mascarar meu medo com bravata, mas o que vou dizer à Mama se algo acontecer a Danka?

Finalmente as sirenes param e somos liberadas de nossa cela escura e asfixiante. Corro escada acima. A fumaça sobe e oscila como nuvens de tempestade na direção de Auschwitz. Uma moça volta pelos portões. Está sozinha, exceto pelo guarda.

— O que aconteceu? — pego o colarinho dela. — Onde está minha irmã?

— Não sei. Foi um pandemônio. Algumas pessoas morreram.

— Preciso chegar até minha irmã! — Minha cabeça lateja enquanto o sangue bombeia; minha visão escurece. Cegamente, corro para o portão para encontrar minha irmã. Não me importo com nada além de encontrá-la.

— Pegue-a! — grita Dina. Sinto mãos firmes me agarrarem pelos braços, segurando-me no chão. Fora de mim devido ao sofrimento, tento me desvencilhar.

— Estou segurando! — grita Janka.

— Soltem-me! — grito para elas. São o inimigo. Estão contra mim. Esforço-me para afastá-las. Não sei quantas moças estão me segurando para me impedir de sair pelos portões e levar um tiro.

— Rena. Ouça-me. Você não pode fazer nada. Você tem que esperar aqui — diz Dina.

Enfim a voz de Janka assenta em minha insanidade.

— E se ela estiver bem e você for alvejada por tentar sair? O que Danka faria sem você?

— Fique parada. Ela vai voltar — Dina me assegura. — Você vai ver. Tudo vai ficar bem.

— Não posso viver sem minha irmã.

— Você não sabe se ela morreu. Espere antes que você acabe sendo morta. Controle-se.

Ofego, tentando recuperar o fôlego, tentando ouvir sua lógica fria e calma.

— Estou bem — enfim consigo dizer. — Vocês podem me soltar. Não vou sair correndo, prometo. — Elas se afastam devagar. Dina e Janka estão perto de mim enquanto eu ando de um lado para o outro em frente a nosso bloco, lembrando-me dos Camisas Pardas, lembrando-me de como em Auschwitz as pessoas morrem por nenhum motivo.

Há algumas silhuetas se aproximando do complexo. Fico olhando suas formas, tentando distinguir qual delas é Danka, através da trama de arame. Acho que a estou vendo, mas posso estar inventando; posso estar louca e enxergando coisas. Sinto a mão de Dina apertar meu ombro.

— É ela? — Tenho medo de ter enlouquecido.

— É ela — sussurra Dina.

— Graças a Deus. — Mas não tenho certeza se é obra de Deus ela estar viva. Pode ser apenas sorte, ou um erro. O acaso é a única ordem em nosso universo.

Elas vêm pelos portões e o guarda da SS as deixa. Abraço e beijo minha irmã de novo e de novo, sem dar tempo para ela explicar.

— O que foi? — pergunta. — O que você pensou?

— Pensei que você estivesse entre os mortos! Prometa-me que você nunca vai sair de perto de mim novamente. — Inclino-me, exausta, na parede do bloco.

— Prometo, Rena. — Ela pega minha mão, sorrindo para meus olhos preocupados.



Como o inverno chegou tão depressa de novo? É mesmo nosso terceiro? O próximo ano vai trazer um quarto inverno, a morte ou Madagascar?

— Em fila! — ordena a SS Mullenders. É o meio do dia. Congelamos no lugar, depois vamos rapidamente para a fila. — Marchem! — ordena. Marchamos para fora da fábrica de couro. Não é hora de pararmos o trabalho e também não voltamos para os novos blocos. — Quero que vocês cantem canções alemãs de marcha.

Abrimos a boca, mas nenhum som sai.

— Cantem, ou serão punidas! — Ela começa a cantar, oscilando o chicote ameaçadoramente. Nós nos juntamos a ela, nossas vozes trêmulas de medo. Ela faz uma curva inequívoca na estrada. Birkenau assoma diante de nós. Nosso coração está na boca, mas ela nos força a cantar.

Marchamos sob a placa odiosa. Não sabemos de imediato qual é o propósito de nosso retorno a Birkenau, mas tememos que seja pior do que a morte.

— Em fila! De frente! — ordena. — Fiquem de olhos abertos e de frente para o cadafalso.

Entramos em fila, com o coração pesado. Estamos, todas nós, tremendo incontrolavelmente. Todo o campo feminino está de frente para uma plataforma com quatro forcas. Olho e olho para as moças e mulheres aprisionadas no campo, um mar de espíritos conquistados. Então fecho minha mente para que eu não consiga ver mais nada.

Ella, Roza, Regina e Ester. Sabemos seus nomes por causa dos homens que nos trazem o chá. Os nomes estão gravados em nossos corações. Duas delas caminham corajosamente em direção à plataforma. Foram torturadas. Há rumores entre nós. Elas nunca chegaram a entregar um nome ou contato das muitas pessoas que estiveram envolvidas na sabotagem. Pergunto-me se eu teria tido coragem de fazer o que elas fizeram: contrabandear pólvora da fábrica para que o *Sonderkommando* pudesse explodir os crematórios. Fico espantada com sua força. Choro por dentro, onde ninguém pode ver.

— Estas traidoras do Terceiro Reich foram condenadas à morte, por ordem do Führer, por espionagem. Vocês assistirão a essas traidoras imundas serem enforcadas até a morte, assim vão se lembrar do que acontece com os inimigos do Reich! Todas as que forem pegas fechando os olhos serão fuziladas por não aprenderem essa lição! — grita o comandante Hossler.<sup>77</sup>

As moças sobem nas cadeiras. Os SS colocam as forcas sobre suas cabeças.

— Vida longa a Israel! — Elas começam em uníssono a recitar uma oração hebraica. Suas vozes são interrompidas abruptamente quando as cadeiras são puxadas de baixo delas. Não há Deus para salvá-las.

Tenho de assistir. É o mínimo que posso fazer; é como eu as honro. Ficamos em pé e esperamos até que o último corpo tenha parado a dança da morte no ar. Eles baixam os corpos, carregando-os em um carrinho, e os levam ao crematório.<sup>78</sup>

— Uma delas ainda está viva. — Os rumores percorrem as fileiras.

— Uma delas ainda está respirando.

Em um mundo civilizado, se o condenado sobrevive ao enforcamento, é perdoado, mas não em Auschwitz-Birkenau. Rezamos para que ela morra antes de ser jogada nas fomalhas.

Mullenders nos faz marchar de volta para nosso campo enquanto cantamos mais canções alemãs.

— Mais alto! — ordena. — Queixo erguido! — Cantamos em vozes secas e esganiçadas. Nosso moral tenta não desvanecer.

De manhã, acordamos devagar, deprimidas pela perda de nossas companheiras. A chaleira chega. Estamos de luto pelas moças que morreram e hoje não nos sentimos ansiosas para as notícias da guerra. Um dos homens da cozinha sussurra:

— Ela morreu a caminho do crematório. — Suspiramos de alívio. Ela não sofreu.

Pego meu chá. Um bilhete é deslizado para minha mão discretamente, sem um segundo de hesitação. É de Marek: *Eles vão nos fazer marchar para fora do campo. Os russos estão muito perto. Você deve decidir se vai querer fingir doença e ficar no campo ou marchar. Eu a ajudarei das duas formas e a encontrarei nos Estados Unidos. Quando você sair, vá para os Estados Unidos e encontre Charles Boyer. Diga a ele que eu enviei você; ele é um amigo meu da Bélgica. É um ator tão famoso que mesmo as crianças em Nova York sabem seu nome...*

Enfrento as lágrimas. Crianças podem saber quem é Charles Boyer, mas eu não. Os Estados Unidos parecem um lugar longe demais.

Recebemos mais e mais informações de que os russos estão chegando e de que vamos ser libertos. Então começamos a conversar sobre o que vamos fazer — devemos ficar ou tentar escapar?

— Eles vão deixar todos os doentes em Birkenau e o resto terá de marchar para a Alemanha — nos diz uma das moças em nosso bloco.

— Bem, então precisamos fingir que estamos doentes.

— Ouvi que estão planejando colocar fogo nos quatro cantos do campo, trancar os portões, deixar as cercas elétricas ligadas, para que todos morram dentro — nos diz uma das escrivãs.

— Então, se fingirmos estar doentes, podemos morrer queimadas?

— É o que ouvi.

— O que devemos fazer? — pergunta-me Danka.

— Não sei. O que você vai fazer, Aranka? Fingir-se de doente ou marchar?

— Vou arriscar e marchar. Talvez eu possa fugir durante a marcha.

— Talvez atirem em você.

— Mas parece que nossas chances serão maiores se fugirmos na marcha do que se ficarmos trancadas dentro de um campo em chamas.

— Tudo o que sei é que não tenho de morrer aqui. Deixe-me morrer em qualquer lugar, menos em Auschwitz. — O tom de voz é apaixonado. Todas olhamos para Janka. Seus olhos de dezessete anos viram muito em todos os seus anos no gueto e no campo. Ela diz o que sentimos no íntimo. Morreremos se tivermos de morrer, mas não aqui, não nas chamas. Continuamos a trabalhar na lavanderia todos os dias, mas Mullenders está agitada e mal-humorada. Seus discursos matinais costumeiros nos deixam aterrorizadas, mas agora a fulminamos com olhares de ódio. Não teríamos arriscado fazer isso há algumas semanas, mas as canções que ela nos forçou a cantar ainda estão grudadas em nossa língua, não importa com que força esfreguemos para livrar nossa boca desse gosto. Sabemos agora que ela não vai ter controle sobre nós para sempre e a odiamos com vingança.

Nossos dias de trabalho não são mais tão longos e discutimos coisas mais

abertamente do que jamais fizemos antes, preocupadas com o que fazer. Não que falemos diante de Mullenders; isso seria tolo. Mas, quando ela se afasta de nós, fofocamos. Ninguém sabe com certeza se é mais seguro ficar ou ir embora.

O chá da manhã chega. Seguro minha tigela, sentindo um bilhete deslizar em minha mão, vindo do homem que serve.

— *Jękuje*, obrigada pelo chá — digo a ele em polonês.

— De nada. — Ele tem olhos bondosos. O que acontece com esses homens da cozinha para arriscarem a vida para nos trazer bilhetes? Às vezes fico maravilhada com sua coragem. Eles não me conhecem; não são parentes, mas morreriam antes de entregar meu número.

Desapareço rapidamente para ler o bilhete de Marek. Diz: *Para quantas moças você quer suprimentos?* Mostro a nota a Danka.

— A quantas você acha que devemos tentar ajudar?

— Temos de ajudar Dina.

— *Yah*, com certeza. Mas quem mais?

— Janka... Mania e Lentzi. — Concorde com a cabeça. Não podemos ajudar a todas, mas podemos ajudar algumas, e essas são amigas que nos ajudaram.

*Roupas e comida para seis*, escrevo para Marek. *Obrigada*. Os homens com a chaleira estão se preparando para ir embora. Deslizo o bilhete para o que tem olhos bondosos e me afasto. <sup>79</sup>

O dia passa devagar. O tempo está ficando pior. Nuvens estão em toda parte, e parece que vamos ter uma nevasca amanhã. Penduramos os calções e as ceroulas da SS nos varais internos. De repente, parecem muito ridículos os dias que passamos vigiando a roupa lavada sob granizo, neve e chuva. Pelo menos é quente na fábrica de couro e as roupas secam depressa. A sopa vem ao meio-dia. Recebo outro bilhete: *Fique de olho no chá amanhã. Não esqueça, Estados Unidos*. Caminho até o banheiro casualmente e dou descarga. Dobramos as roupas de baixo que secaram, colocamos nos cestos e deixamos o que não secou pendurado para o dia seguinte — se houver um dia seguinte.



A manhã vem. Hoje não há trabalho. Pego meu chá e minhas instruções: *Há uma chaleira no porão. Pegue tudo de dentro dela e saia*. Faço um gesto afirmativo para Mania, que é a maior e mais forte de nós. Danka sabe que deve ir atrás, alguns minutos depois, com Dina; depois Janka e Lentzi esgueiram-se para baixo. Devemos esconder a comida e as roupas depressa, sem ninguém

notar. Há um filão de pão para cada uma de nós, quatro pacotes de açúcar, seis calças, sapatos, meias e suéteres. Divido-os. Mania me ajuda. Cobrimos as roupas com os colchões, escondendo-as para mais tarde.

— Você é a mais robusta, sendo secretária e fazendo trabalho interno. Pode carregar dois pacotes de açúcar? — peço a Mania.

— Claro. — Ela pega os pacotes debaixo dos braços. Há um pacotinho embrulhado num trapo, onde está escrito *Rena*. Abro-o com entusiasmo e encontro um relógio cromado. Marek sabe como sou meticulosa. Sorrio para mim mesma, prendendo a pulseira no pulso lembrando-me do último relógio que usei. Puxo a manga sobre meu punho e volto para cima.

Os SS estão com a cabeça cheia, tentando destruir registros, recolhendo coisas pelo campo. Há fogueiras de papel que me lembram daquela noite tenebrosa, seis anos atrás, quando os nazistas tocaram fogo em nossos livros sagrados dentro do tempo e barbaram Papa e cortaram os dois cachos de seu cabelo. As chamas não são mais novas; elas envelheceram e riem nefastas para aqueles de nós que vimos o mal amadurecer, sem rédeas. Como a máscara de beleza de Mengele; ninguém vai acreditar que esse mal foi cultivado atrás destas muralhas. Eles destroem as pistas para que não haja provas nem registros, apenas nossas memórias, se sobrevivermos, e vão tentar obliterá-las também. Olho pela janela do bloco: a paisagem está pontuada de nuvens de fumaça e fuligem negra pairando sobre os escritórios da SS. Pela primeira vez desde o começo de nosso horror, o ar cheira a papel queimado em vez de carne queimada.

Esperamos ao longo do dia, vestindo nossas roupas extras, trocando nossas botas para que fiquemos prontas. É quase tão ruim quanto estar na quarentena. Não temos pistas sobre o que vai acontecer conosco, mas pelo menos vai ser diferente. Vamos deixar Auschwitz-Birkenau. Há um sentimento de expectativa pelo desconhecido, mas um sentimento de pavor também paira sobre nós. Não sabemos quando, mas sabemos que logo vão chegar e dizer: “Marchem!”. Estamos tensas demais para dormir. Esperamos por todo o dia. Tentamos descansar. Limpo minhas unhas oito vezes.

— Que horas são, Rena? — Danka pergunta de nosso beliche.

— Duas da tarde.

— Cadê a sopa? Eles estão atrasados.

— Não vão nos alimentar hoje. — Uma voz vem da cama acima da nossa.

— Por que não?

— Estão guardando comida para si mesmos. — Não somos nada além de cobertura para os russos. Descartáveis. Eles não vão desperdiçar alguma coisa tão preciosa quanto comida conosco. Esperamos. Descansamos. Escurece lá fora. Ninguém traz nosso pão da noite. Danka cochila. Meus olhos ficam pesados, abrem-se de repente; tenho medo de perder alguma coisa. As luzes ainda estão

acesas em nosso bloco. Há passos do lado de fora.

— *Raus! Raus!*

Formamos fila fora do bloco, como sempre fizemos. Os SS nos contam e depois dão as ordens.

— *Marchem!*

Olho para meu relógio. É exatamente uma da manhã. É 18 de janeiro de 1945. Saímos pelos portões.

Há milhares de pessoas diante de nós. Fogueiras salpicam na paisagem. Andando com dificuldade sobre a neve bem compactada, marchamos em fileiras perfeitas de cinco, organizadas até o fim, deixando atrás de nós a maldição de ferro, ARBEIT MACHT FREI: as palavras estão gravadas em nossa alma. Está nevando. As nevascas chegaram.

*É para a vida ou para a morte?*

Somos as únicas mulheres na estrada, mas há corpos de homens espalhados por nosso caminho. Andando e andando com pernas pesadas, doloridas pela fadiga, mas mesmo assim se movendo como se fossem mecânicas. Pisando sobre corpos já cobertos de neve, marchamos por uma hora, talvez duas, antes de sermos conduzidos a um celeiro. Os russos estão próximos? A liberdade chegou? Desabamos na palha para um breve respiro. O sono é escuro, sem sonhos.

— *Raus! Raus!* — Levantamos rígidas. Algumas não acordam. São cutucadas, depois alvejadas. Afundamos nos bancos de neve até os joelhos, e o vento está ficando mais forte; ainda assim, não temos que abrir a trilha, como os homens antes de nós fizeram. O sol se levanta em um céu encoberto. É um dia cinzento. Nossa pele está cinzenta. Andamos, andamos; passamos por cima de três ou quatro corpos de uma vez. Tiros vêm da nossa frente e depois atrás de nós, em frente e atrás. Estamos tão atordoadas que parece que as balas estão dentro de nossa cabeça. Tenho bolhas nos pés, que doeriam mais se meus pés não estivessem tão frios. Quando paramos para períodos de descanso, não há alimento. Racionamos o alimento que trouxemos conosco; está desaparecendo depressa. O pão vai acabar amanhã e sobrou bem pouco do açúcar. Comemos neve.

— Por que não pegamos um dos pacotes de açúcar, Mania? Para que você não tenha tanto assim para carregar.

— Só tenho um pacote sobrando.

— Como tudo pode ter acabado?

— Comemos. — Ela me desafia a questioná-la. Não acredito, mas estou fraca demais para discutir. Se morrermos de fome por causa de seu egoísmo, ficará na consciência dela.

Andamos pesadamente pela neve branca e vermelha. Passamos por cima de corpos.

Paramos. Em um celeiro, nós seis dividimos o resto do nosso pão e do nosso açúcar. Estou muito cansada. Parece que amanhã será meu fim. Pergunto-me se não deveria apenas desistir. É quase como se eu estivesse ouvindo vozes em minha cabeça, enquanto me debruço na parede fina do celeiro. Paro minhas ponderações, apurando os ouvidos para um som familiar. Depois eu ouço: uma família falando polonês na casa ligada ao celeiro. Sua porta está entreaberta. As vozes me puxam, atraem-me para elas. Devo ir ver esse povo, que era meu povo antes dessa guerra. Os guardas da SS estão do lado de fora.

Deslizo para dentro da cozinha, os nós dos meus dedos batem na porta.

— Desculpe incomodar — digo em polonês —, mas tenho uma irmã e temos fome. Somos de Tylicz. Se puderem abrir mão de uma batata, dou metade a ela. Se me derem duas, fico com uma.

Ouçó o marido dizer:

— Não temos o suficiente para dar!

— Ela é de Tylicz! — exclama a esposa. A família discute brevemente o assunto. Não querendo colocá-los em perigo, espero do lado de fora, captando fragmentos da conversa. A porta se abre um pouquinho.

Um raio de luz cálida e dourada paira sobre meu rosto. Os olhos da esposa estão úmidos com preocupação e medo.

— Fique com esses. — Ela me dá dois ovos e duas batatas cozidos. Seguro-os em minhas mãos, deixando o calor penetrar em minha pele e o aroma entrar em minhas narinas.

— *J kuje. Bóg zapła*. Que Deus a recompense por este favor. — Afasto-me da porta. — Nunca vou esquecê-la. — Naquela noite, nós comemos.<sup>80</sup>

Não sei por quanto tempo andamos ou que distância percorremos. Não consigo me lembrar de quantas vezes o céu clareou ou escureceu, quantas vezes meu relógio fez voltas de 24 horas, ou em quantos celeiros desabamos. Podemos ter estado andando por um dia, ou dez. Não sei. Não me importo. Estou tão doente que quero morrer. Estou com uma diarreia tão forte que corro para a casinha sem pedir. Os SS devem estar cansados de atirar nas pessoas, pois ainda não me atingiram por deixar o celeiro sem permissão; tento dormir durante a noite, mas está frio demais e meu estômago está vazio.

— *Raus! Raus!* — Levantar. Ir à casinha. Ficar lá. Eles atiraram em moças que tentaram se esconder e fugir. É isso o que quero. Não me importo mais. Os SS alinham todo mundo. Minhas mãos sustentam minha cabeça, fraca demais para se sustentar sozinha.

Alguém está lá fora. Hora de levar tiros. Hora de morrer. Será um alívio.

— *Rena*. — A voz de *Danka* vem lá de fora.

Visto as calças e as amarras apertadas, mas caio de novo no assento, incapaz de ficar em pé.

— O que você está fazendo? — Ela abre a porta.

— Sigam sem mim. Vou ficar aqui.

— Não, não vai. Você vem comigo.

— Não consigo andar, Danka... Salve-se.

— Olhe esses corpos. Olhe todos esses que estão mortos, mas nós ainda estamos vivas. Você não vai morrer agora. Não vou deixar!

— Janka! — Posso ouvir o tremor na voz dela. Ela é muito corajosa. — Venha me ajudar. — Não posso olhar no rosto da minha irmã. Estou tão cansada de viver. As mãos de Danka e Janka me levantam entre elas. Cambaleamos até a formação.

Reunindo toda a força e a coragem do mundo, com Danka e Janka sustentando meus ombros, ando pesadamente pela neve outra vez. O sol nasce frio contra a paisagem estéril. As mãos delas estão firmes sob meus ombros. Caminhamos como se não houvesse nada de errado comigo. Demora para sempre. Depois, de repente, minha força retorna.

— Agora consigo ficar em pé — consigo sussurrar.

— Tem certeza?

Concordo com a cabeça. Janka solta primeiro. Não vacilo.

Lentamente, Danka me solta. Elas espantaram a doença de mim. É algum milagre.

Por quatro horas tropeçamos por corpos, caminhamos na neve. Tiros caem sobre aquelas de nós muito fracas para continuar, mas não sou uma dessas pobres almas. Tiros caíram sobre pessoas fortes o suficiente para fugir, mas também não estamos entre elas. Se gostaria que tivéssemos ficado em Auschwitz-Birkenau? Apesar do frio, da fome, não. Estou contente por não morrermos atrás daquela placa, atrás dos portões de Hades. Pela forma como o caminho está coalhado de corpos, poderíamos estar andando em círculos; todos parecem os mesmos: congelados, desesperados. Livres.

Chegamos a uma garagem de trem.

— Entrem nos vagões de carvão — ordenam. Mal conseguimos entrar sem ajuda, mas não há ajuda. Todas estão exaustas e fracas demais para subir nos vagões vazios. Ajudo Danka a entrar, que ajuda Dina e assim por diante; todas têm apenas força suficiente para ajudar uma outra pessoa. Ficamos apoiadas no canto, finalmente capazes de descansar. Depois começamos a tremer. O frio arreganha as presas e crava-as em nossa pele. Não quero ficar sentada por causa da fuligem, mas essa preocupação não dura muito. Tomada pela fadiga, desabo com outras no chão negro e sujo.<sup>81</sup>

Sirenes de ataque aéreo começam a soar e aviões começam a varrer o céu enquanto a SS e o povo alemão corre para dentro da estação de trem, deixando-nos do lado de fora. Nós nos amontoamos nos vagões, esperando que as bombas não nos matem — esperando que esse suplício acabe. Desmaiamos apesar dos

sons de guerra no céu.

Silêncio.

Reviro-me e rastejo para a lateral do vagão, para olhar para as pessoas que começam a retornar para a plataforma. Uma moça segurando um bebê está perto.

— Por favor, pode me passar um pouco de neve limpa do chão? — peço em alemão. — Estamos com tanta sede, e a neve aqui está suja demais para comermos.

Os olhos dela registram medo enquanto ela olha para os SS com suas armas. Ela olha para o bebê, negando com a cabeça. Eu entendo. A neve começa a cair de novo, e depois de um tempinho, consigo raspar uma fina camada limpa da beirada de um carro, antes que ela fique preta. Derretemos essa porção em nossa boca, tentando aplacar a sede.

O trem parte. O vento chicoteia nosso rosto com seu hálito duro e abaixo de zero. Não sei que horas são. Toda vez que olho no relógio esqueço o que os ponteiros dizem, e não quero erguer o punho de minha blusa e dar qualquer razão para o ar frio tocar diretamente minha pele. Não sei por quanto tempo o trem dispara pela noite. Entramos e ficamos dentro até que nos digam para sair; é algum lugar no meio do caminho entre escuro e claro.

— *Raus! Raus!* — Recebemos ordens de descer do trem. Nossas pernas ficam com câimbras de sentarmos tão imóveis, e nossas juntas não flexionam com tanta facilidade quando pulamos nos bancos de neve abaixo de nós. Um metro e vinte.

Marchamos novamente por um tempo muito longo através da escuridão. A temperatura está negativa. A neve está em nossos joelhos. Ninguém apareceu diante de nós para interromper a trilha. Não há pegadas que indicam que outros viajaram por este caminho; os corpos que se espalham pela paisagem ainda estão quentes. São todas moças e mulheres. Onde estão nos levando?

Tiros rasgam o ar, é como golpear moscas num dia quente de verão; ainda marchamos. Olho no meu relógio, mas os números não têm significado. Há luzes acima. Marchamos em direção às luzes, através da neve, em direção aos portões de outro campo, Ravensbrück. As palavras gargalham na aurora: ARBEIT MACHT FREI. Meu coração desaba. Não estamos livres.

Não há nada aqui; nem cobertores, nem beliches, apenas muitas moças e mulheres, e todas as camas estão ocupadas. Estamos tão cansadas que nos encolhemos no chão de terra frio. Tenho tanta fome que me esgueiro para fora, em busca de comida. Passamos por uma pilha de batatas no caminho pelo campo. Margeando os blocos, vasculho o complexo em busca da sombra que

acho que encherá nossa barriga. Não há batatas, apenas pilhas de corpos na escuridão.<sup>83</sup>



Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!*

Eles nos acordam com chá aguado e uma casca de pão. Não me lembro de quando comemos pela última vez; depois me lembro da comida da mulher polonesa.

*É para a vida ou para a morte?*

Alfred Wetzler e Rudolf Vrba fugiram de Auschwitz em abril de 1944 e escreveram o seguinte em seu relatório: “[Das] moças judias deportadas da Eslováquia em março e abril de 1942, [havia originalmente] mais de 7 mil. [...] Agora, restaram apenas quatrocentas delas e a maioria parece ter sido capaz de garantir algum tipo de trabalho de escritório no campo das mulheres. Cerca de cem moças realizam trabalhos no prédio da equipe [Stabsgebäude], em Auschwitz, onde fazem todo o trabalho de escritório ligado aos dois campos. Graças ao seu conhecimento de línguas, elas também são usadas como intérpretes. Outras são empregadas na cozinha ou na lavanderia principal” (WYMAN, 5, 32).

*Kugel*: Prato judaico assado à base de macarrão ou de batata, que pode ser doce ou salgado, e que normalmente se come depois do Sabá. (N. T.)

*Latkes*: Panqueca à base de batata, que também pode ser preparada doce ou salgada. (N. T.)

*Chutzpah*: “audácia”, “autoconfiança”, em iídiche. (N. T.)

“24 de junho [1944] [...] Mala Zimetbaum (número 19 880) [...] foge de Auschwitz II, com o preso político polonês Edward Galinski (número 531) [...] que foi trazido para o campo com o primeiro transporte de prisioneiros poloneses [...] em 14 de junho de 1940. [Também nesta data] seis prisioneiros (homens) [...] recebem números de 189 229 a 189 234. [E] duas presas [...] recebem os números 82 064 e 82 065” (CZECH, 650).

Mala e Edward foram capturados em 6 de julho de 1944 (CZECH, 710).

A *Sturmabteilung*, abreviada como SA, também conhecida como Tropas de Assalto ou Camisas Pardas, era a milícia paramilitar nazista. (N. T.)

Gestapo: a polícia secreta do Estado alemão, administrada pela SS. Investigava, perseguia, torturava e prendia opositores ao regime nazista. (N. T.)

Em 15 de setembro de 1944, as execuções de Mala Zimetbaum e Edward

Galinski estão programadas para acontecer simultaneamente, nos campos separados de homens e mulheres (CZECH, 710).

“Em certa época, a estricnina era utilizada como tônico e estimulante do sistema nervoso central, mas devido à elevada toxicidade (5 mg/kg é uma dose letal em ratos) e à disponibilidade de substâncias mais eficazes, ela não tem mais lugar na medicina humana” (BARTLETT, 534).

Entre os *kommandos*, ou grupos de trabalho com atividades específicas nos campos de concentração, havia o *Sonderkommando*, um destacamento formado geralmente por judeus recém-chegados, selecionados para trabalhar nas câmaras de gás e nos crematórios. Essas pessoas viviam isoladas no campo e eram mortas e substituídas periodicamente. (N. T.)

7 de outubro de 1944 [...] há uma revolta iniciada pelo *Sonderkommando* judaico, com explosivos contrabandeados por mulheres prisioneiras. O plano era destruir todos os crematórios, mas foi frustrado pelos alemães. No entanto, os homens do *Sonderkommando* destruíram com sucesso o Crematório IV, antes de a revolta ter sido reprimida (RITTNER e ROTH, 31).

“Sentar shivá” é um dos cinco estágios de luto no judaísmo e ocorre quando da morte de parentes próximos. É um período de sete dias depois do enterro (“shivá” é sete em hebraico), que compreende os dias de lamentação profunda e é quando o enlutado se prepara para receber o apoio e o consolo de amigos e parentes. É um período de resguardo em que o judeu é proibido de realizar algumas atividades, como fazer negócios ou experimentar prazeres. Fonte: *Beit Chabad*. Disponível em:

<[http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento\\_luto/luto/introducao.html](http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/luto/introducao.html)>.

Acesso em: 21/04/2015. (N. T.)

“6 de janeiro [1945]. [...] À noite, quatro prisioneiras judias, Ella Gartner, Roza Robota, Regina Safir e Estera Wajsbblum são enforcadas em duas execuções separadas. [...] A razão para a sentença é lida pelo Primeiro Comandante de Prisão Preventiva Hossler, em Auschwitz; ele grita que todos os traidores serão destruídos dessa forma” (CZECH, 775).

Em novembro e dezembro de 1944, esquadrões de demolição foram criados para desmantelar alguns dos crematórios e “não são mais realizadas seleções entre os presos. Os prisioneiros morrem uma ‘morte natural’ de fome, de trabalho pesado e da vida, higiene e condições sanitárias inconcebíveis”. No registro do campo, 322 mulheres, que morreram por meios violentos, foram listadas como tendo morrido por causa de “tratamento especial” (CZECH, 756).

Em 17 de janeiro de 1945, a última contagem é realizada, totalizando 31 894 prisioneiros; 16 577 são mulheres (RITTNER e ROTH, 14). “O número 202 499 [é] o último atribuído a um prisioneiro [homem] em Auschwitz.” Pelo que parece, a última mulher registrada em Auschwitz era a de número 89 325 (CZECH, 785, 756). Menos mulheres registradas no campo indicam quanto era

muito maior o número de mulheres selecionadas diretamente para a morte quando os transportes chegavam a Auschwitz.

Moradores de vilarejos poloneses ao longo das rotas de evacuação recolhem cadáveres de prisioneiros e enterram mais de mil homens e mulheres em 29 sepulturas coletivas (CZECH, 797).

21 de janeiro de 1945, colunas de prisioneiras começam a chegar em Wodzislaw, na Silésia, depois de marchar 50 km através de condições de nevasca. Não sabemos em qual coluna estavam Rena e Danka, mas sua marcha levou de quatro a cinco dias. A primeira coluna de mulheres chegou em 21 de janeiro, “prisioneiras meio mortas, inconscientes e febris”, e foram carregadas “em vagões de carga abertos” (CZECH, 796).

A viagem a Ravensbrück é de 677 quilômetros, mas parece ter levado dois dias. “Quase metade das prisioneiras morrem no caminho; morrem de fome, de exaustão por causa da longa marcha e de congelamento” (CZECH, 789). Em 23 de janeiro de 1945, a primeira coluna de mulheres chegou a Ravensbrück. Mais colunas chegaram até 27 de janeiro, e até mesmo depois, até 2 de fevereiro. Algumas prisioneiras tinham caminhado durante duas semanas e 300 quilômetros (CZECH, 800-801).

27 janeiro de 1945: Auschwitz é libertado pelo exército russo, por volta de nove horas da manhã. “As tropas encontraram cerca de 7 mil prisioneiros doentes e exaustos, dos quais, 4 mil eram mulheres” (RITTNER e ROTH, 14).

Estamos em Ravensbrück há alguns dias, ou seriam semanas? De alguma forma, encontramos Erna e Fela, mas não é uma reunião. Somos gratas por ver nossas amigas vivas e nos perguntamos quanto mais resta a qualquer uma de nós. Há tanta gente e tão pouca comida que a SS decide transferir algumas de nós. Os polegares escolhem Danka, Dina e eu; olho para as outras. Erna, Fela, Janka, Mania e Lentzi — elas não estão em nosso grupo. Não sei onde estão. Como foi rápido passarmos de “ter amigas” a “não as ter”.

Danka, Dina e eu somos empilhadas na caçamba de um caminhão, segurando-nos umas nas outras. Vão nos levar para o gás? Os caminhões cruzam os portões de Ravensbrück e viram para o oeste, levando-nos mais adentro da Alemanha. Ficamos escoradas nas laterais de madeira da caçamba, caindo umas sobre as outras. A estrada está cheia de buracos e calombos. Evitamos olhar para as moças e mulheres andando conosco. Estamos cansadas demais para nos importarmos com aonde vão nos levar ou por quê; apenas queremos descansar e comer.

Chegamos a Neüstadt Glewe, somos contadas e recebemos pedaços de pão.<sup>84</sup> Pelo menos aqui não temos que dormir no chão. De manhã, entramos em formação para a contagem e rapidamente notamos que não há crematório neste campo. Há uma pilha de corpos, no entanto, de quase dois metros de altura. O cheiro é de podridão, em vez de carne queimando.

Nos conduzem em marcha pelo meio da cidade, para o trabalho. Os moradores saem de suas lojas e casas para cuspir em nós, conforme passamos. O ódio em seus olhos é desanimador. Para eles, não somos seres humanos; somos menos do que cães. Na periferia da cidade, somos forçadas a cavar trincheiras, em um esforço de parar as forças aliadas. Alguém poderia pensar que os habitantes da cidade ficariam gratos pelo trabalho que fazemos para protegê-los, mas eles também cospem em nós ao fim daquele dia. Ganhamos outra migalha de pão e meia tigela de chá naquela noite; é todo o alimento que nos dão. As rações estão encolhendo a olhos vistos. Os alemães estão perdendo a guerra.

Durante um mês, despertam-nos do sono sem sonhos e somos conduzidas em marcha através da cidade, e todas as manhãs, todas as noites, cospem em nós

quando passamos. Acordamos. Somos contadas. Marchamos. Cavamos. Comemos. Passamos fome. Gostaríamos de saber se isso algum dia vai acabar.

Quatro da manhã.

— *Raus! Raus!* — Entramos em formação para a contagem e depois somos dispensadas.

— Não é domingo, é?

— Acho que não. — Parte do campo continua o trabalho em uma fábrica de aviões; o resto de nós não tem nada para fazer. Rumores circulam de que não vamos mais trabalhar.

— Os Aliados devem estar próximos — especulam nossos sussurros. — Talvez a guerra esteja quase no fim. — Esperamos que seja verdade, mas, depois da Marcha da Morte, sabemos que não adianta colocar nenhuma esperança nesse desejo. Poderiam nos transferir de novo para outra prisão, se quisessem. Poderiam nos mandar em marcha para Madagascar.

O marasmo de não trabalhar e passarmos o dia todo atrás das cercas é o suficiente para me deixar louca. Percebo que a pilha de corpos atrás do quartel do campo está ficando maior, e descubro por meio de outros prisioneiros que muitas dessas mulheres foram presas depois da Revolta de Varsóvia.<sup>85</sup> São judias e polonesas, deixadas para apodrecer ao relento, sem nem mesmo uma vala para enterrá-las.

Vou até a líder do campo e digo:

— Já que não temos nenhum outro trabalho para fazer no campo, gostaria de saber se a senhora poderia nos dar permissão para enterrar os corpos destas centenas de mulheres?

— *Jawohl* — diz ela. — Vou lhe dar um carrinho de mão. Escolha outras nove pessoas para ajudá-la. Vocês começam amanhã de manhã. Vou designar dois homens da SS para escoltá-las. — Faço uma observação: ela tem um triângulo verde no uniforme. É uma assassina.

Procuvo voluntárias para esse *Leichenkommando*.<sup>86</sup> Danka e Dina se voluntariam, bem como sete outras moças. Cobrindo nosso nariz, levamos o carrinho para o monte de corpos.

— Não temos luvas, por isso devemos ter cuidado — alerta-as. — Toquem apenas nos braços e pernas, e tomem muito cuidado com as feridas abertas. Não podemos lavar as mãos antes de comer, por isso temos de ter muito cuidado para não ficarmos doentes. — Pego os braços, enquanto outra moça leva as pernas, e balançamos um cadáver para dentro do carrinho. Ele suspira quando o último ar de seus pulmões é expelido.

Vacilamos.

— *Schnell!* — gritam os guardas. — Vamos lá! — Carregamos o carrinho o mais rápido possível, com cerca de quinze corpos. Em seguida, começamos

nossa marcha para o local do sepultamento. Do outro lado da estrada fica o campo masculino de prisioneiros políticos italianos.

— Não falta muito! Não falta muito! — gritam quando passamos por eles. Não temos rádio em campo; as notícias do mundo foram cortadas de nós. Olhamos para esses homens de olhos desvairados. Não parecem loucos, apenas desesperados pela liberdade. — Não falta muito! Não falta muito! — Quanto é muito?

Os SS nos levam até uma colina. O carrinho é pesado, e forçamos nossos músculos para mantê-lo em movimento. Faz sentido que escolhessem um local de difícil acesso.

— Enterrem-nos aqui. — Os guardas param, apontando para a área onde devemos cavar, depois eles se afastam para descansar sobre seus rifles.

Enfio a pá no solo. É duro como pedra. Tentamos cavar fundo, como devemos, mas é impossível. Entro no buraco para aprofundá-lo. O solo é tão implacável que levamos horas para cavar as sepulturas. Pensamentos passam pela minha cabeça enquanto estou no buraco tentando cavar um pouco mais; os SS poderiam simplesmente atirar em nós e tombaríamos depois de termos cavado nossa própria sepultura.

— Ajudem-me a sair — digo para as moças acima. Uma mão aparece do meu lado; minha irmã me puxa para fora da vala.

— Não gosto de ver você lá dentro — ela murmura.

— Não gosto de estar lá. — Também estou falando sério.

O trabalho é difícil. Estamos muito fracas, mas, quando terminamos de cavar todos os buracos e os corpos são colocados para descansar em sepulturas sem identificação, ficamos na colina, vendo o sol afundar lentamente no horizonte.

— Vamos fazer uma oração pelas mulheres que enterramos — sussurro.

A concordância é unânime. Sobre os montes de terra fresca dizemos o *Kaddish*. Os guardas não percebem nossa quietude, nossas vozes baixas. É muito importante para mim dar a essas mulheres que morreram um solo sagrado em reconhecimento de suas vidas. A oração nos faz sentir bem, e não é qualquer coisa capaz de fazer isso. Andamos exaustas, descendo a colina de volta para o campo. Trabalhamos duro hoje e enterramos apenas quinze mulheres. O monte de corpos ainda em campo parece não ter diminuído depois de todo nosso esforço. Lamento ter nos oferecido para esse trabalho.

— Vocês acham que eu poderia afanar algumas batatas da pilha e conseguir algo para comer? — pergunto a Dina em um domingo à tarde. As porções estão cada vez menores, e não podemos mais contar com recebermos sopa e pão.

— Ouvi dizer que a líder do campo matou uma moça por roubar uma batata quando saiu para pegar carvão; ela fez a moça esvaziar o balde e lá estava a batata. Ela chutou-a até cair no chão, jogou uma tábua em cima, e pulou até a moça morrer — alguém me diz.

— Ai, meu Deus.

— Não faça nada para deixar a líder deste campo zangada — outra mulher acrescenta. — Ela matou o marido e os sogros. Ela é louca.

Tremo, mas ainda estou apaixonada pelo pensamento de tentar conseguir duas batatas sem ser apanhada. Sou mais capaz do que a moça que agora está morta. Sei que posso conseguir.

O monte de corpos não fica menor muito rapidamente. Na primeira semana enterramos cerca de oitenta corpos, mas novos foram adicionados ao topo da pilha.

Os homens da SS que nos levam para o local do enterro são velhos, cansados e maus. No entanto, não os tememos tanto quanto temíamos os homens mais jovens e fortes da SS em Auschwitz-Birkenau.

— Acho que devemos elaborar um plano para passarmos por eles. Derrubá-los — sugere uma das moças em nosso *kommando*.

— Poderíamos atingi-los na cabeça com nossas pás e jogá-los em uma sepultura bem funda, para que não consigam sair. Depois poderíamos fugir!

— *Yah!* — Os olhos dela dançam com o pensamento de rebelião.

— Não posso matar ninguém — sussurro.

— Não matar... vamos apenas derrubá-los.

— Pense nisso. — Olho para seus rostos febris. — Antes de mais nada, pense em como seria difícil fazer um buraco assim tão fundo. Morreríamos tentando. Segundo, estamos na Alemanha. Não há um alemão nesta cidade que ajudaria um polonês, que dirá um judeu. Vocês acham que estaríamos em situação diferente em qualquer lugar deste país? Eles nos odeiam. Se estivéssemos na Polônia, seria diferente. Poderíamos contar com nosso próprio povo para nos ajudar a fugir. Mas não estamos. Nem sequer sabemos onde estamos. A que distância está a fronteira polonesa? Para que lado devemos andar? — Ninguém pode responder às minhas perguntas. — Seríamos pegos e mortos por pessoas do vilarejo ou pela SS. Além disso, meu palpite é que estamos longe de qualquer fronteira.

Seus rostos mostram decepção.

— Talvez os italianos estejam certos e agora não vai demorar muito — Danka acrescenta. — Talvez nós vamos ser libertas em breve.

— Talvez. — Ninguém realmente acredita nisso, apesar de tudo.

Começamos a colocar dois ou três corpos em cada túmulo.

Nossa força está se esvaindo depressa com a falta de alimentos e com as terríveis condições em campo. Empurrar o carrinho até a colina é uma tarefa que mal conseguimos realizar. A chance de derrotarmos os homens de mais idade está indo embora tão depressa quanto nosso peso e nossa esperança de que a libertação virá em breve. Quanto menor fica a pilha de corpos, pior fica para

nós, porque é primavera, e os corpos estão começando a se decompor. E agora também há corpos frescos no topo, por isso é difícil saber, até que os tenhamos tocado, há quanto tempo estão ali. Alguns temos de deixar, ou vão se despedaçar. Temos muito cuidado para não perturbar os corpos muito velhos e em decomposição.

Acordo, encolhida em nossa cama, sozinha. Foi outro pesadelo que me acordou? A chuva cai sobre o telhado acima de nós. O céu faz estrondos muito violentos, como se Deus estivesse em guerra, em vez da humanidade. Onde está Danka? Ela tem medo de tempestades de trovão.

Mama costumava acender velas e fazer uma oração durante tempestades elétricas em Tylicz. Aqui não há velas. Olho pela escuridão incapaz de dizer se Danka está no bloco ou não. Outros olhos brilham na escuridão. Finalmente a tempestade lá no céu se afasta. Gostaria de saber se a chuva caiu tanto sobre cabeças aliadas como sobre cabeças alemãs. A porta se abre com um rangido e minha irmã entra. Como uma miragem, ela cintila no escuro. Seu cabelo ruivo finalmente voltou a crescer depois de vários meses sem ser raspado e emoldura seu rosto.

— Onde você estava? — Não sei dizer se suas bochechas estão molhadas de lágrimas ou da chuva. Ela balança a cabeça, em silêncio. — Danka, o que você estava fazendo? — exijo saber.

— Rezando — ela sussurra com voz rouca. — Estava lá fora rezando para que o relâmpago me atingisse e me matasse, assim eu não teria mais fome.

Enterramos as mulheres durante todo o dia e chegamos depois da contagem, depois que o pão foi entregue. Não há mais nada. Nenhum alimento para aquelas de nós que trabalharam o dia todo. Não posso mais suportar a fome da minha irmã e me ofereço para pegar um balde de carvão para a líder do bloco, para colocarmos no fogão. Danka e Dina lançam-me um olhar de advertência.

Ignoro as duas. Na pilha de carvão, verifico a vizinhança, pego duas batatas e as enfio sob o carvão no balde. Cabeça erguida, os olhos baixos, caminho lentamente pelo complexo.

Das sombras perto dos blocos, ouço a voz da líder do campo:

— Deixe-me ver você esvaziar o balde no chão.

Congelo e giro lentamente.

— E então?

Despejo o conteúdo no chão. As batatas poderiam ter ficado cobertas por poeira preta o suficiente para serem mascaradas em meio a pedaços de carvão com formato estranho para que ela não veja...

Ela me bate no olho esquerdo antes que eu possa sequer pensar em me esquivar.

— Você roubou batatas! — Ela me joga no chão, me chuta e bate em mim

com as botas, tentando arrancar a carne dos meus ossos com as unhas. Não consigo ver nada, a não ser o ódio brilhando em seu rosto; é o rosto da própria morte. Ela me solta por um segundo. Saio me arrastando, fugindo pelo campo.

— Ladra! Ladra! *Scheiss-Jude!* Volte aqui, sua cadela imunda!

Sua voz de harpia segue meu rastro como um cão de caça em perseguição. Desapareço atrás dos blocos, esquivando-me dos holofotes e da voz estridente da louca. Sob o manto da escuridão, esgueiro-me para dentro de um dos outros blocos.

— Roubei uma batata e ela vai me matar com certeza — sussurro no escuro.

— Venha aqui — chama uma voz anônima. Rapidamente rastejo entre dois corpos e escondo-me debaixo de seu cobertor.

Fora, a guarda guincha:

— Saia, sua *Mist Biene* miserável! Venha aqui fora! Você não pode se esconder para sempre. Vou pegá-la! — Parece uma vida até que ela se acalma. Espero um pouco mais, só para ter certeza de que ela não está escondida em algum lugar e, em seguida, deslizo para fora do beliche onde eu estava escondida.

— Obrigada por salvar minha vida — sussurro para as moças cujos rostos eu não conheço, então rastejo de volta pelo campo, de modo que a guarda não saiba em qual bloco eu estava escondida. Cega do olho esquerdo, vou serpenteando pelas sombras e ao longo das paredes até chegar ao nosso bloco. Entro sorrateiramente ao lado de Danka. Seus braços me agarram. Apertam forte.

— Ah, Rena. O que vai acontecer?

— Não sei. — Ficamos abraçadas durante a noite toda, choramingando, ambas tremendo de terror. É isso. Estou perdida. É nisso que conseguimos pensar. Não há nada que possamos fazer além de nos apegar uma à outra pela última vez. Meus dentes batem de medo e de frio, o medo da própria morte. A libertação está tão próxima, e agora isso. Danka vai ficar sozinha no mundo depois que a líder do campo chegar até mim. Não dormimos nada. Nunca vou sobreviver à chamada.

— *Raus! Raus!*

Meu olho está fechado por causa do inchaço, preto, azul e roxo. Danka tenta colocar um pouco de terra em cima, mas dói ao toque. Nós nos alinhamos bem no fim das filas. A líder do campo anda pesado pelas filas da frente, gritando e nos amaldiçoando.

— Qualquer um que saiba quem roubou as batatas ontem deve entregar a prisioneira imediatamente. Se eu descobrir que estão encobrindo informações de mim, mato vocês no lugar dela. Alguém sabe quem roubou as batatas? — Ninguém se mexe. Ninguém faz som algum. A mulher da SS caminha de um lado para o outro pelas fileiras contando cada prisioneira, procurando por mim. Com certeza a líder do campo viu meu rosto e me reconheceu como uma dentre

o *Leichenkommando*. Quando ela me vir, vai me matar.

Tento não tremer, tento ser corajosa por minha irmã.

— É melhor você se entregar! É melhor sair!

Ninguém diz palavra alguma; ninguém a deixa saber onde estou. Uma mulher da SS vem para nossa fileira, contando-nos, inspecionando-nos, procurando por mim.

De repente, sinto-me muito calma e quente. Há um leve estremecimento na minha face, como se alguém tocasse meu rosto. *Mama?*

A mulher da SS está a apenas algumas prisioneiras de distância, mas sinto-me aquecida e confortada. *Lembre-se de como você fugiu de Mengele. Você disse para Danka que eram invisíveis e assim vocês ficaram.* O medo se esvai de mim pelos meus calcanhares para a terra, e fico parada, confiante de que sou imperceptível. *Mama está mesmo aqui, ao meu lado. A mão dela está sobre meu olho.*

A mulher da SS olha para mim, me conta e vai embora. Danka suspira.

*Proteja-me até o portão, Mama, rezo.* Ainda tenho que marchar com os corpos e a líder do campo está sempre ali, contando-nos, verificando nossos números. Finjo estar rearrumando os corpos no fundo do carrinho, garantindo que haja um braço para ocultar meu olho, para que ela não veja meu rosto e não me reconheça.

A cada manhã, sinto o toque cálido na minha bochecha quando os SS passam por mim e por meu olho inchado e roxo. A cada manhã, remexo nos corpos enquanto tiro-os pelo portão, e a cada manhã passo sem ser vista, debaixo do nariz da líder do campo.

Quanto tempo isso pode continuar? Por seis dias eu me escondo da assassina, e ela nunca vê meu rosto. Eles não me enxergam porque estão cegos pelo preconceito e porque todas parecemos iguais a seus olhos? Ou é um mistério maior, maior do que o ódio?



2 de maio de 1945.

Quatro da manhã. Cinco da manhã. Seis...

Saímos para a luz da aurora com nervosismo, perguntando-nos qual é o novo truque que nossos captores estão tramando. Isso não é a contagem. Não há ninguém além de nós no campo, apenas um guarda solitário ainda na torre de vigia. Nenhuma mulher da SS, nenhuma guarda, nenhuma das líderes do campo

em parte alguma. Ficamos na estrada do campo, olhando para o guarda na torre de vigia, perguntando-nos o que fazer. Ele é a única coisa entre nós e a liberdade, e sua arma está apontada diretamente em nossa direção. Olho para meu relógio. São dez horas. Quanto tempo devemos esperar aqui quando a liberdade está rindo logo do outro lado destes portões?

Uma mãe e uma filha decidem que estão com fome o bastante para serem corajosas e irem até a pilha de batatas. Elas correm pelo campo até a única comida restante. Um tiro atravessa o coração da garota. Ela desaba.

Sua mãe grita, rasgando as roupas e amaldiçoando Deus. Ninguém se atreve a ir confortá-la. Um segundo tiro atravessa sua garganta. *Lamentações.*

Seus corpos maculam aquela pilha fatal de batatas. O gosto doce da liberdade fica amargo em nossa boca.

O SS na torre de vigia finalmente desce e desaparece.

Às onze da manhã, os prisioneiros italianos do campo no fim da estrada gritam para nossas cercas:

— Estamos livres!

Eles têm luvas de borracha e cortadores de arame.

— Venham! Arrebentem os portões! — Eles cortam os fios, interrompendo a corrente elétrica e deixando um buraco grande o bastante para passarmos através da cerca. Estamos com as mãos sangrando das farpas do arame que empurramos do nosso caminho. Meu suéter engancha no arame. Não paro. Ele rasga. Não me importo.

De repente, estamos na estrada. Piscamos, incapazes de acreditar em nossos olhos. Soldados vestidos de verde-escuro e oliva, soldados russos e americanos estão vindo em nossa direção.

— Estamos livres! — Abraçamos umas às outras, chorando. — Estamos livres! — Meu coração é uma pedra num rio de lágrimas.

As moças do campo se dispersam pelas estradas. Há moças indo para um lado e para outro, em completa confusão, todas perdidas, tentando decidir para que lado fica o lar. Danka e um pequeno grupo de moças e mulheres me olham como se eu devesse saber o que fazer.

Caminhamos por um curto tempo, até que chegamos a uma encruzilhada. Danka, Dina e eu paramos e olhamos pelos dois caminhos. Um vai para o leste, para os russos e, em algum momento, para a Polônia; o outro vai para o oeste, para os americanos. Não sei para que lado virar. O sol é dourado e brilhante, queimando através das camadas de obscuridade em minha mente. Meu nevoeiro começa a levantar.

*Mama está a distância. Seu babushka caiu da cabeça; seus braços agora acenam para mim mais lentamente. Para que lado devemos ir, Mama...? Ela não está mais correndo pela neve; o longo inverno derreteu e se tornou primavera. Vá para o oeste, Rena. Ela coloca o babushka de novo no lugar, em volta da cabeça e*

*me sopra um beijo.*

*Não vá, Mama. Espere por mim. Trouxe seu bebê de volta...!*

*Adeus, Rena. Você é uma boa filha.*

*Fico no meio da encruzilhada, acenando para a visão que me mantém viva...  
Mama!*

*Ela fica ali por um breve instante, seus braços ainda no ar. Adeus. Sua imagem estilhaça em mil fagulhas de luz. Aperto os olhos com dor, como se um caco de vidro tivesse caído de meus olhos. O sonho se foi. Não há mais ninguém esperando por nós em casa.*

Neüstadt Glewe fica a aproximadamente 132 quilômetros a noroeste de Ravensbrück. Em seu depoimento ao Yad Vashem, Raizl Tabakman Kibel lembrou: “Até hoje, ainda não consigo entender com que tipo de força e como fui capaz de suportar a ‘Marcha da Morte’, me arrastar para o campo de Ravensbrück e, de lá, depois de descansar uma semana, ou duas, fui para Neüstadt” (GILBERT, 775). Há muito pouca documentação a respeito dos subcampos de Ravensbrück “Todas as informações sobre Neüstadt Glewe foram destruídas quando os nazistas em fuga tentaram suprimir evidências” (SAIDEL, 158).

A Revolta de Varsóvia foi um levante armado empreendido pelo exército clandestino de resistência polonesa, o Armia Krajowa, para libertar a cidade do controle nazista. Durou de agosto a outubro de 1944, até sua rendição às forças alemãs. Milhares de poloneses foram mortos ou ficaram gravemente feridos. Grande parte da cidade de Varsóvia foi destruída. (N. T.)

Grupo de trabalho com cadáveres. (N. T.)

Lágrimas escorrem pelo rosto de Rena. Pego sua mão. Aperto.

— Você terminou, Rena. Você terminou.

Ficamos em silêncio, olhando para o fogo, nossas mãos apertadas através das gerações. Sua voz falha quando ela finalmente sussurra:

— Ninguém nunca ouviu a história toda antes.

Ela parece tão inocente, tão esperançosa.

— Você acha que agora vai embora? Eu tinha esperanças de que eu contaria e de que nunca teria que me lembrar disso de novo.

— Não posso fazer isso ir embora — digo. — Queria poder.

Ela sacode a cabeça.

— Talvez compartilhá-la com os outros vai torná-la menos dolorosa?

Depois, no melhor estilo Rena, uma onda de boas lembranças se derrama de dentro dela. Ela não quer fazer ninguém passar pelo que ela passou sem nos dar algo positivo.

— Você não acha que as pessoas gostariam de saber sobre o major americano gentil que nos levou e nos deu uma mansão em nossa primeira noite de liberdade? — Os olhos dela estão cheios de lágrimas, mas ela ainda procura uma forma de nos fazer parar de chorar. Ligo o minigravador de fita cassete e me inclino para ouvir até a voz dela se tornar a minha, mais uma vez...



A Alemanha está dividida ao meio entre os russos e os americanos, e decidimos andar para o lado americano. Eles não nos iam deixar passar, mas então eu disse:

— Por favor, estávamos em Auschwitz e na Marcha da Morte. — O major ficou pálido e nos disse para passar pela barreira. Depois ele caminhou pela cidade, procurando a maior casa que pudesse encontrar. Era uma mansão; nunca vi uma casa tão grande, a não ser em filmes. Ele bateu na porta até os

empregados atenderem. Os donos da casa tinham fugido, claro, e o major ordenou que os empregados nos servissem por completo.

— Café! Chocolate! Qualquer coisa que elas quiserem. Quero que vocês lhes sirvam café da manhã na cama e levem roupões quentes e toalhas. — Havia um chão de mármore e tapetes orientais. E uma banheira com pés em formato de garra. Tomei meu primeiro banho em mais de três anos; sem desinfetante, sem SS, sem homens me depilando nua, apenas bolhas brancas e água quente, tão quente que quase escaldou minha pele. Mergulhei até o pescoço e afundei minha cabeça abaixo da superfície. Esfreguei, esfreguei e esfreguei os anos de sujeira, imundice e escravidão da minha pele. Danka não poderia me fazer parar. Fiquei louca com isso — ah, sair daquele banho de banheira limpa de todo o passado!

Naquela noite dormimos em uma cama de verdade com lençóis de verdade, brancos e limpos, como os que Erika e as *kapos* tinham, só que melhores, porque tínhamos travesseiros de penas e uma varanda com duas portas de vidro que davam para um jardim. Danka, Dina e eu dormimos na mesma cama. Havia outros quartos, mas não queríamos ficar separadas na liberdade.

E essa cama era tão grande, tão quente e maravilhosa e confortável. Era nosso primeiro sono de verdade. Foi profundo, mas escuro. Não sonhei ainda. Isso veio depois. Mas, às quatro da manhã, meu corpo acordou, cauteloso e alerta, esperando que os guardas comessem a gritar: “*Raus! Raus!*”.

Pulei da cama, sem ter ideia de onde estava. Andei de um lado para o outro no quarto, para lá e para cá. Deveríamos estar em pé. Deveríamos correr para usar o banheiro. Deveríamos entrar em fila para a contagem.

— *Raus! Raus!*

Meu corpo inteiro estremeceu. Fora das janelas da varanda, o mais pálido toque de luz enfim beijou o céu. Apenas depois parei de andar de um lado para o outro e de contorcer minhas mãos. O céu ainda estava cinzento, mas um pouco menos agora, não era mais o duro céu metálico para rasgar nossos corações em fatias.

Os braços de Danka deslizaram em volta de minha cintura e me apertaram firme. Isto era a liberdade: um quarto tranquilo ao alvorecer. De braços dados, observamos o mundo ficar rosado.



Fomos transferidas para um hospital por alguns dias e depois para um campo de refugiados, de onde quase fomos deportadas de volta para a Alemanha,

porque não tínhamos documentos. Reuni as moças com quem tínhamos estado em Neüstadt Glewe — Dina, Danka e mais algumas — e fomos para o gabinete do major. Ele disse que não tinham escolha a não ser nos deportar. Caímos de joelhos, implorando que ele nos deixasse ficar na Holanda.

— Ficamos três anos em Auschwitz. Por favor, não nos abandone. Sofremos tanto. — Agarramos os joelhos do major e choramos. — Por favor, não faça isso conosco. Vimos horrores tão grandes. Por favor, não nos mandem de volta.

— Está bem. Chega disso. — Ele tentou me pegar do chão. — Não vou deportá-las para a Alemanha. — Ele tentou nos acompanhar até a saída, mas estávamos comovidas. Receber tamanha gentileza depois de tantos anos sendo tratadas como insetos e pisoteadas, não havia como descrever nossos sentimentos — sermos consideradas humanas depois de tanto tempo ouvindo que não éramos. Caímos de joelhos novamente para agradecer-lo!

Foram os americanos que nos enviaram para a Cruz Vermelha e para a Equipe de Socorro Número Dez, da qual o comandante, um holandês chamado John Gelissen, nos colocou para trabalhar ajudando o povo holandês a voltar para casa. Eram pessoas como nós, finalmente libertas dos campos, mas não vimos ninguém de Auschwitz. Lembramos como as moças de Amsterdã morriam como moscas. Quantas de nós sobrevivemos?

Depois de algumas semanas, todos os holandeses encontraram seus lares. O comandante ficou sem saber o que fazer conosco — não tínhamos casa, não tínhamos família nem país. Então ele nos deu empregos. Danka e eu costuramos; as outras cozinham ou limpam. Enquanto trabalhássemos, poderíamos ficar na Holanda, por isso trabalhamos duro. Trabalhamos tão duro que, quando o comandante descobriu que estávamos escondendo pão debaixo de nossas camas, ele foi muito compreensivo. Foi muito constrangedor, mas não podíamos evitar. Nunca tínhamos visto tanto pão em três anos. E em caso de as coisas ficarem ruins novamente, tínhamos escondido filões sob nossos colchões até ficarem bolorentos e começarem a feder.

Ele fez todas sentarmos.

— Não precisam guardar mais o pão. Vocês nunca mais vão ficar sem pão novamente — ele prometeu. Assentimos, mas não estávamos convencidas. Eu não queria que ele ficasse zangado conosco, por isso todas as noites eu verificava se o pão que tínhamos escondido não tinha ficado embolorado de novo, e depois de um mês, mais ou menos, começamos a acreditar que haveria pão no dia seguinte, então paramos de guardar as migalhas extras de pão debaixo dos colchões.

O comandante era muito gentil e bonito também! Ele nos levou para dançar, mas dançou o dobro de vezes comigo do que com as outras, e assim eu comecei a me apaixonar. Danka adorava John, mas não achou que eu deveria me apaixonar por um gentio, no entanto, eu já tinha feito isso antes, logo, parecia

certo me apaixonar por um gentio novamente. Gentios não são tão diferentes dos judeus. Somos todos seres humanos. Rimamos. Choramos. Amamos. Em 29 de julho de 1947, dois anos depois da guerra, John Gelissen, comandante da Equipe de Socorro Número Dez, casou-se comigo.

Tentamos começar uma família imediatamente, mas perdi o bebê. Quando Sylvia nasceu, fiquei muito feliz. Nem consigo dizer o quanto. Quando me deram aquele bebezinho perfeito, meu próprio bebê, contei todos os seus dedos perfeitos das mãos e dos pés.

— Amo você — disse a ela. — E amo você, John, e amo a senhora, enfermeira, e amo o senhor, doutor. Amo o mundo inteiro, mesmo com os alemães nele. — E estava sendo sincera.

Seguimos Danka para os Estados Unidos em 1954 e tivemos quatro filhos ao todo: Sylvia, Joseph, Peter e Robert, e agora temos três netos: Shaun, Julia e Zachary John. Quando nos aposentamos, fomos morar nas montanhas Blue Ridge, na Carolina do Norte, que me lembravam dos Cárpatos, na Polônia.

Encontrei um bom marido e tenho uma vida boa, assim como a mulher de idade, parecida com Mama, desejava que eu tivesse. Todos os anos, em 2 de maio, John me dá cravos brancos e vermelhos, para celebrar o aniversário da nossa libertação. *Este dia é mais importante do que seu dia de nascimento*, ele me escreve, *porque sem ele não haveria aniversários para celebrar. Com amor, John.*

**Rena Kornreich Gelissen** faleceu em 8 de agosto de 2006. Ela estava cercada por sua família até o instante final. Durante quatro anos, John visitou o túmulo de Rena todos os dias e costumava brincar que ela finalmente tinha de ouvi-lo falar. Ele se juntou à sua amada Rena em 10 de julho de 2010. Estão enterrados juntos em Bethel, Connecticut. Todo dia 2 de maio — Dia da Lembrança —, mando cravos vermelhos e brancos para serem colocados no túmulo deles.

**Danka e Eli Brandel** se casaram em 1948, na Holanda. Depois de tudo pelo que Danka passou, tudo o que ela queria era ter a própria família, mas teve dificuldade em engravidar. Os médicos na Holanda não puderam ajudá-la. Em 1952, Danka e Eli se mudaram para os Estados Unidos, onde ela se consultou com um ginecologista e obstetra que fez um procedimento que Danka considerou um milagre. Ela concebeu, mas, como a irmã, também perdeu o bebê. Finalmente, Danka conseguiu levar uma gravidez a termo e deu à luz um filho, Norman, em 1955. O processo levou sete longos anos. Logo depois que Danka teve Norman, ela disse a Rena que tinha amor demais para dar e quis outro filho. Foi outra gravidez difícil, e Danka quase perdeu o bebê, mas, em junho de 1957, Sara nasceu. Recebeu o nome de Mama, a mãe de Danka e Rena.

*A família era a coisa mais importante para meus pais, especialmente depois de perderem a maior parte da sua. Eram pais devotados, protetores e amorosos. É desnecessário dizer que ficaram felicíssimos com os netos e passaram tanto tempo*

*com eles quanto possível. Nunca tendo tido a oportunidade de conhecer meus avós, por causa da guerra, não tinha me dado conta de quanto senti falta daquela relação especial, até que testemunhei meus próprios filhos desfrutando daquela ligação especial com os avós deles.*

— Sara Brandel Cohen, filha de Danka

Danka e Eli tiveram cinco netos: Andrew, Eric, Jamie, Jenna e Adam. Danka faleceu em 21 de novembro de 2012, aos noventa anos de idade.

**Gertrude** (a irmã mais velha de Rena), imigrou para os Estados Unidos em 1921. Casou-se com David Shane e teve um filho, Irvin. Todas as fotografias de família de antes da guerra vêm de Gertrude, que morreu em Nova York em 1994, aos 88 anos. Rena não faz ideia do destino que recaiu sobre **Zosia** e seus filhos, **Herschel** e **Ester Stuhr**. Apesar dos esforços para localizar as crianças, com esperanças de que tivessem sido escondidas em um orfanato cristão, Rena nunca conseguiu encontrar a sobrinha ou o sobrinho. Qualquer informação sobre o destino deles seria agradecida. Acredita-se que **Nathan Stuhr**, o marido de **Zosia**, se perdeu na Sibéria.

O destino de **Sara** e **Chain Kornreich** é desconhecido. Rena acredita que eles estavam entre os 1,5 milhão de judeus exterminados nas câmaras de gás em Auschwitz. De acordo com **Alex** (filho de **Joseph**, de Tylicz), os judeus forçados a deixar a cidade rumo a Florinka — Joseph, a família dele e os Kornreich — foram transferidos para o gueto de Grybow. Alex escapou de Grybow e fugiu para a Eslováquia, onde trabalhou na resistência. Enquanto trabalhava na clandestinidade, ouviu relatos de que os judeus em Grybow foram forçados a ir para o gueto de Nowy Sacz ou colocados em vãs e asfixiados. Alex sobreviveu à guerra; ele tem um filho e duas filhas e vive em Nova York.

**Dina** foi separada de Danka e Rena em um complexo militar na Holanda. Ela imigrou para a França e se casou com Emil Vajda, um membro altamente condecorado da resistência francesa. Assim como Danka, ela teve dificuldades para ter filhos, mas teve um filho, Daniel. **Erna** e **Fela Dranger** sobreviveram a Auschwitz e migraram para Israel, onde criaram dois filhos cada: Yaron e Akiva, e Rachel e Avishay. Das 25 famílias judaicas que viviam em Tylicz antes da guerra, nenhuma mais vive lá hoje em dia.



Apesar dos maiores esforços de Rena e Danka para alimentarem e ajudarem

seu amigo, **Tolek Krulont** morreu em Auschwitz em 24 de setembro de 1942.

Depois de salvar Rena e seu pai, o oficial **Hans Jolsch** (de acordo com o rumor em Tylicz na época) foi transferido para o front russo.

Por causa do casaco que encontrou no “Canadá”, Rena acredita que **Jacob e Regina Schützer** foram exterminados nas câmaras de gás em Auschwitz. Rena nunca soube o que aconteceu com a outra filha deles, **Cili Schützer**, e não há nenhuma menção ao resto da família Schützer no repositório digital agora disponível on-line pelo Museu de Auschwitz. A morte de **Gizzy** foi registrada; ela morreu em 23 de outubro de 1942. Os **Silber**, a família com quem Rena estava hospedada quando se entregou, conseguiram fugir da Eslováquia para a Suíça e, mais tarde, imigraram para os Estados Unidos.

Depois da Marcha da Morte, **Janika** foi separada de Rena e Danka em Ravensbrück. Ela sobreviveu à guerra, casou-se e estabeleceu-se na Alemanha. Rena não sabe o que aconteceu com **Mania e Lentzi**, que também foram separadas de Rena e Danka em Ravensbrück. Não se sabe o que aconteceu com **Aranika**.

Em 2012, no septuagésimo aniversário do primeiro transporte, descobrimos a história por trás de **Adela Gross** e como ela veio a estar no primeiro transporte. O primo de Adela, Lou Gross, era apenas uma criança quando Adela foi enviada para Auschwitz. As autoridades vieram buscar sua irmã, mas ela estava doente e, assim, eles levaram Adela no lugar. Quando voltaram, a família Gross escondeu a irmã mais velha de Adela e fugiu para se esconder. A irmã de Adela sobreviveu à guerra, e todos os anos, sua família na Eslováquia homenageia sua memória, indo para a estação de trem em Poprad, de onde partiu o primeiro transporte.

O que aconteceu com as *kapos* **Emma e Erika** não se sabe. Rena sempre quis pagar uma dívida de gratidão com Emma; sem Emma nunca poderia ter sobrevivido. Outras mulheres do primeiro transporte também relataram sobre uma *kapo* gentil chamada Emma. Seu sobrenome nunca foi conhecido.

**Andrzej Garbera** salvou muitas vidas, incluindo a de Rena; ele morreu como herói de guerra com a idade de 23 anos. Em 1990, Rena voltou à Polônia, pela primeira vez desde a guerra, e finalmente pôde colocar flores em seu túmulo.

Dos prisioneiros que ajudaram Rena e Danka, pouco se sabe de: **Heniek Bolek Stasiu** (Artista) e **Tadziu** (Wisniewski, o operador de bomba de água) eram cidadãos poloneses. Mesmo que Rena não soubesse se eles sobreviveram, sempre quis agradecê-los por ajudar a salvar sua vida e a de sua irmã.

**Marek Sterenberg** (número no campo: 161 910) chegou a Auschwitz em 8 de novembro de 1943 (CZECH, 521). Sobreviveu à Marcha da Morte, mas nunca

chegou aos Estados Unidos. Ele ficou na Polônia e tornou-se um guarda de prisioneiros nazistas, os mesmos homens que o haviam torturado e brutalizado. Em retaliação, ele se vingou de seus ex-captadores. Marek foi dominado e desarmado por um dos presos da SS e morto a tiros.



Dos SS com quem Rena teve contato, especialmente os SS de menor patente, pouco se sabe. As informações a seguir foram compiladas para informação do leitor, com base em várias fontes, incluindo relatos pessoais de sobreviventes.

“Estima-se que **[Carl Clauberg]** realizou experimentos de esterilização em cerca de setecentas mulheres. Em 1948, ele foi julgado na União Soviética e condenado a 25 anos de prisão. Libertado em uma anistia em 1955, ele voltou a Kiel, na República Federal Alemã, gabando-se de suas “conquistas científicas”. Somente depois que o Conselho Central dos Judeus o denunciou é que ele foi preso, em novembro de 1955; morreu em agosto de 1957, pouco antes de seu julgamento começar” (CZECH, 810).

**Josef Mengele** foi “acusado de seleções, injeções fatais (fenol), fuzilamentos, espancamentos e outras formas de matança deliberada” e levantou-se suspeita de que “ele jogou recém-nascidos diretamente nos crematórios e em lajeiras. [...] Por mais de vinte anos, Mengele conseguiu fugir de todas as tentativas de extradição; ele morreu em um acidente aquático no Brasil, em 1979” (CZECH, 819).

“**Heinrich Himmler** [...] usou o terror e a força contra os opositores do Terceiro Reich e transformou sua fanática ideologia de raça em organização e política concretas, como o sistema de campos de concentração. [...] No final da guerra, Himmler tentou escapar da captura disfarçado de soldado mercenário do exército; após ser descoberto e preso, cometeu suicídio em 23 de maio de 1945 [...]”

“**Rudolf Hoss** (Tenente-coronel da SS) [...] foi nomeado comandante de Auschwitz em 1940. Caracterizado como um executivo assíduo e pequeno-burguês, ele organizou assassinatos em massa com rigor técnico e administrativo. Preso em 1946, ele testemunhou no julgamento de Nuremberg e foi extraditado para a Polônia, em maio do mesmo ano. Em abril de 1947, foi condenado ao enforcamento e foi executado nos terrenos do campo [de Auschwitz]” (CZECH, 814).

“Entre os supervisores da SS, Mandel, Taube, Drexler e Hasse se destacaram em seu tratamento selvagem das mulheres presas” (STRZELECKA, 396). **Margot Drexler** “era particularmente temida pelas mulheres detidas, que ela espancava e deixava morrer de fome. Trabalhou por último em Neustadt Glewe, subcampo de Ravensbrück. Depois da guerra, tentou fugir, mas foi capturada em Pirma-Bautzen, na Tchecoslováquia, na zona russa, em maio de 1945, e enforcada em maio ou junho do mesmo ano, em Bautzen” (CLARK).

**Juana Bormann** era conhecida como “a mulher com os cães”. Não conseguimos descobrir quem ela era até depois de Rena ter falecido, mas Rena teria ficado aliviada ao saber que a SS Bormann foi condenada e enforcada por seus crimes contra a humanidade.

**Irma Grese** foi chamada de “a bela besta”. Foi julgada com Bormann no tribunal de crimes de guerra de Bergen-Belsen e condenada à morte por enforcamento, por torturar e agredir prisioneiros (GUTMAN, 1990).

**Maria Mandel** foi levada a julgamento por crimes de guerra e condenada à morte por um tribunal polonês. Foi executada em dezembro de 1947 (RITTNER e ROTH, 29). Desconhece-se se sua irmã, Elisabeth Hasse, alguma vez foi responsabilizada por suas ações, ou o que aconteceu com **Maria Mullenders**.

De acordo com Caroline Moorehead, autora de *Um trem no inverno*,<sup>87</sup> o SS *Unterscharführer*, Oficial de Relatórios, **Adolph Taube**, foi executado por seus crimes de guerra. No entanto, não conseguimos confirmar em qual tribunal ele foi condenado ou onde ele foi executado. Não há registro de seu companheiro de armas, **Friedrich Stiewitz**, algum dia ter sido responsabilizado por sua “calistenia” ou outras ações assassinas em Auschwitz-Birkenau.

*Um trem no inverno*, 2012, Ed. Paz e Terra. (N. T.)

Quando saiu a primeira edição, Rena mostrou, orgulhosa, o livro à foto de Mama e depois me ligou chorando. Ela estava tomada pela emoção e, no meio de nossa conversa, nós duas nos demos conta de que Deus finalmente tinha respondido às suas preces quando ela viu as crianças irem para a câmara de gás. Hoje guardo essa verdade em meu coração, sabendo que a história de Rena tocou mais de uma pessoa — tocou milhares — a amar em vez de odiar.

Esta edição nunca poderia ter sido possível sem o apoio de todos os que ajudaram a primeira edição a ser impressa, em 1995, por isso, gostaríamos de agradecer às seguintes pessoas por acreditarem em nós e por seu apoio: John, por sua reafirmação calma ao longo do projeto, certificando-se de que fizéssemos pausas para almoçar, proporcionando piadas holandesas e por ser o marido maravilhoso que foi; Danka, por sobreviver e por nos permitir compartilhar sua parte na história da irmã; Corrine Johnson, por me apresentar à Rena; Doutora Annette Allen, pelas horas que ela passou discutindo os rascunhos iniciais e por seus aportes e ajuda para refinar o manuscrito aceito; à leitora veloz extraordinária Joanne Pankow, por revisar o texto duas vezes 36 horas antes de ser enviado para nossa agente maravilhosa, Sarah Jane Freymann. Sarah Jane advogou por nós desde que leu o manuscrito pela primeira vez e é o principal motivo por termos a publicação desta edição revista hoje, mas foi seu coração no projeto e sua coragem em acreditar que uma autora iniciante e uma senhora idosa polonesa “que não fala inglês tão mal assim” que trouxeram a história de Rena para nossa editora igualmente corajosa, Beacon Press. Aqui devemos agradecer não apenas nossa primeira editora, Deb Chasman, mas também Helene Atwan, por querer publicar esta edição revista, e Rachael Marks, por ajudar a aprimorar as novas pesquisas e notas de rodapé nesta edição.

Há uma série de novas pessoas que também precisamos agradecer. Rabino Chefe Lorde Jonathan Sacks; Baronesa Crowley; Sir Martin Gilbert; Dr. Piotr Setkiewicz, chefe de pesquisa do Pastwowe Muzeum Auschwitz-Birkenau, por me mostrar *Stabsgebäude* e a *Trockenplatz*, e por falar abertamente sobre o lugar que as primeiras mulheres em Auschwitz têm na história; Dorota Nycz, especialista em documentos, também do Pastwowe Muzeum Auschwitz-

Birkenau, por me levar ao Bloco Dez, onde Rena, Erna, Fela, Dina e Danka foram alojadas pela primeira vez em 1942; Crispin Brooks, da fundação USC Shoah, por seu apoio em me ajudar a encontrar registros de mulheres no primeiro transporte na biblioteca de arquivos digitais, o que inspirou minha primeira viagem a Auschwitz, no septuagésimo aniversário do primeiro transporte; Gabriele e Andrew Braunsberg, por nos receberem em Viena, e Eliska Slavikova, em Bratislava; a Jem e sua mãe, por cantar “It’s Amazing” em uma estação de trem na Polônia; ao jovem que me deu um café gratuito no trem para Auschwitz; ao homem polonês chamado Marek, que nos viu pedindo carona na estrada fora de Birkenau porque não havia táxis e estávamos prestes a perder nosso avião; e a muitas outras pessoas ao redor do mundo que apoiaram o 70<sup>th</sup> Anniversary Promise Vigils para fomentar a conscientização sobre o primeiro transporte e as primeiras mulheres judias em Auschwitz. A todos vocês, um enorme e cáldo *dziękuję, Bóg zapłać*.

Também gostaria de agradecer a Peter Dimock, que me fez apontamentos editoriais nos primeiros rascunhos da primeira edição digital e entendeu, ainda melhor do que eu, o papel que desempenhei como “Mama” ao ouvir a história de Rena; Joanne Bloomfield, por seu trabalho em nosso website; e Fal, por seu trabalho na linha do tempo e nas lindas papoulas que pintou. Meu obrigada de coração para Gabriel Barrow, por digitar a lista de mulheres do primeiro transporte em um arquivo digital; e para Debbie Brandel (nora de Danka) e Kat Furey, por me ajudarem a vasculhar os arquivos digitais on-line para tentar encontrar as datas de morte de 998 moças e mulheres desaparecidas. Eu não conseguiria ter feito isso sozinha.

Sem Sylvia, filha de Rena, revisando a edição digital e ajudando a editá-la, e Sara, filha de Danka, nunca poderíamos ter conseguido esta nova edição impressa. Elas também são a força vital atrás de nossa página no Facebook, onde são as vozes ativas compartilhando memórias e momentos da vida de suas mães. Nossa agente me enviou um cartão em 1995 dizendo: “Não há nada, nada, nada que duas mulheres não consigam realizar antes do meio-dia”. Somos três! (E o espírito de Rena está com todas nós.) Sylvia perdeu seu querido marido, Jim Lanier, antes que esta nova edição fosse publicada, mas ela gostaria de lembrar Jim com amor e gratidão por todo o apoio que ele lhe deu, e a todas nós, para proporcionar também a edição digital. Jim foi nosso mago técnico. Sara também gostaria de agradecer seu marido, Michael Cohen. Finalmente, gostaria de agradecer meu parceiro, Simon Worrall, por sua árdua revisão, paciência e senso de humor. Por causa de todas essas pessoas, o mundo tem acesso a *Irmãs em Auschwitz* e esta é, de fato, uma promessa que fizemos a nossas mães Rena e Danka. Sentimos saudades de vocês do fundo de nossos corações.

Profile of Maya Angelou. *African American Lives 2*. PBS. Producer Henry Louis Gates Jr. Kunhardt Productions, 2008. Disponível em: <<http://www.pbs.org/wnet/aalives/profiles/angelou.html>>. Acesso em: 24/04/2015.

BARTLETT, Neil, et al. (Org.) *McGraw-Hill Encyclopedia of Science & Technology*. 7 ed., vol. 17. Nova York McGraw-Hill, 1992.

CLARK, Richard. *Capital Punishment UK Website*, 1995. Disponível em: <<http://www.capitalpunishmentuk.org>>. Acesso em: 24/04/2015.

COLLINGHAM, Lizzie. *The Taste of War: World War Two and the Battle for Food*. Londres: Allen Lane, 2010.

CZECH, Danuta. *Auschwitz Chronicle: 1939-1945*. Londres: I. B. Tauris, 1990.

GILBERT, Martin. *The Holocaust: A History of the Jews of Europe During the Second World War*. Londres: Collins, 1986.

GUTMAN, Yisrael (Org.) *Encyclopedia of the Holocaust*. 4 vol. Nova York Macmillan, 1990.

HELLMAN, Peter. *The Auschwitz Album*. Nova York Random House, 1981.

LANGER, Lawrence L. *Holocaust Testimonies: The Ruins of Memory*. New Haven, CT: Yale University Press, 1991.

MOOREHEAD, Caroline. *Um trem no inverno: uma história extraordinária de mulheres, amizade e sobrevivência na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. [Ed. Original: *A Train in Winter: An Extraordinary Story of Women, Friendship, and Resistance in Occupied France*. Londres: Harper Perennial, 2011.]

*The Partially Preserved Death Books (Sterbebücher) of Auschwitz Concentration*

*Camp Prisoners: July 29, 1941, and December 31, 1943.* Păstowoe Muzeum Auschwitz, Digital Archives. Disponível em: <[http://en.auschwitz.org/m/index.php?option=com\\_content&task=view&Itemid=31&id=529](http://en.auschwitz.org/m/index.php?option=com_content&task=view&Itemid=31&id=529)>. Acesso em: 24/04/2015.

POSNER, Gerald L., and John Ware. *Mengele: The Complete Story*. Nova York McGraw-Hill, 1986.

RITTNER, Carol. ROTH, John K. (Org.) “Prologue: Women and the Holocaust” e “Chronology”. In: *Different Voices: Women and the Holocaust*. Nova York Paragon, 1993.

SAIDEL, Rochelle G. *The Jewish Women of Ravensbrück Concentration Camp*. Madison: University of Wisconsin Press, 2004.

STRZELECKA, Irena. “Womenn”. In: *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*. GUTMAN, Yisrael. BERENBAUM, Michael (Org.) Blooming-ton: Indiana University Press, 1994.

WYMAN, David (Org.) *Bombing Auschwitz and the Auschwitz Escapees' Report*. Vol. 12, America and the Holocaust. Nova York Garland, 1990.

## Contents

1. Capa Página
2. Página de Título
3. Direitos Autorais Página
4. Índice
5. Prefácio
6. Prólogo
7. Rena
8. Tylicz
9. Eslováquia
10. Auschwitz
11. Birkenau (Auschwitz II)
12. Stabsgebäude: Alojamentos da equipe
13. Neustadt Glewe
14. Epílogo
15. Agradecimentos
16. Bibliografia

## List of Pages

1. 1
2. 2
3. 3
4. 5
5. 7
6. 9
7. 10
8. 11
9. 12
10. 13
11. 14
12. 15
13. 16
14. 17
15. 19
16. 20
17. 21
18. 22
19. 23
20. 24

21.	25
22.	26
23.	27
24.	28
25.	29
26.	30
27.	31
28.	32
29.	33
30.	34
31.	35
32.	36
33.	37
34.	38
35.	39
36.	40
37.	41
38.	42
39.	43
40.	44
41.	45
42.	46
43.	47
44.	48
45.	49
46.	50
47.	51
48.	52
49.	53
50.	54
51.	55
52.	56
53.	57
54.	58
55.	59
56.	60
57.	61
58.	62
59.	63
60.	64
61.	65

62.	66
63.	67
64.	68
65.	69
66.	70
67.	71
68.	72
69.	73
70.	74
71.	75
72.	76
73.	77
74.	78
75.	79
76.	80
77.	81
78.	82
79.	83
80.	84
81.	85
82.	86
83.	87
84.	88
85.	89
86.	90
87.	91
88.	92
89.	93
90.	94
91.	95
92.	97
93.	98
94.	99
95.	100
96.	101
97.	102
98.	103
99.	104
100.	105
101.	106
102.	107

103.	<a href="#">108</a>
104.	<a href="#">109</a>
105.	<a href="#">110</a>
106.	<a href="#">111</a>
107.	<a href="#">112</a>
108.	<a href="#">113</a>
109.	<a href="#">114</a>
110.	<a href="#">115</a>
111.	<a href="#">116</a>
112.	<a href="#">117</a>
113.	<a href="#">118</a>
114.	<a href="#">119</a>
115.	<a href="#">120</a>
116.	<a href="#">121</a>
117.	<a href="#">122</a>
118.	<a href="#">123</a>
119.	<a href="#">124</a>
120.	<a href="#">125</a>
121.	<a href="#">126</a>
122.	<a href="#">127</a>
123.	<a href="#">128</a>
124.	<a href="#">129</a>
125.	<a href="#">130</a>
126.	<a href="#">131</a>
127.	<a href="#">132</a>
128.	<a href="#">133</a>
129.	<a href="#">134</a>
130.	<a href="#">135</a>
131.	<a href="#">136</a>
132.	<a href="#">137</a>
133.	<a href="#">138</a>
134.	<a href="#">139</a>
135.	<a href="#">140</a>
136.	<a href="#">141</a>
137.	<a href="#">142</a>
138.	<a href="#">143</a>
139.	<a href="#">144</a>
140.	<a href="#">145</a>
141.	<a href="#">146</a>
142.	<a href="#">147</a>
143.	<a href="#">148</a>

144.	149
145.	150
146.	151
147.	152
148.	153
149.	154
150.	155
151.	156
152.	157
153.	158
154.	159
155.	160
156.	161
157.	162
158.	163
159.	164
160.	165
161.	166
162.	167
163.	168
164.	169
165.	170
166.	171
167.	172
168.	173
169.	174
170.	175
171.	176
172.	177
173.	178
174.	179
175.	180
176.	181
177.	182
178.	183
179.	184
180.	185
181.	186
182.	187
183.	188
184.	189

185.	190
186.	191
187.	192
188.	193
189.	194
190.	195
191.	196
192.	197
193.	198
194.	199
195.	200
196.	201
197.	202
198.	203
199.	204
200.	205
201.	206
202.	207
203.	208
204.	209
205.	210
206.	211
207.	212
208.	213
209.	214
210.	215
211.	216
212.	217
213.	218
214.	219
215.	220
216.	221
217.	222
218.	223
219.	224
220.	225
221.	226
222.	227
223.	228
224.	229
225.	230

226.	<a href="#">231</a>
227.	<a href="#">232</a>
228.	<a href="#">233</a>
229.	<a href="#">234</a>
230.	<a href="#">235</a>
231.	<a href="#">236</a>
232.	<a href="#">237</a>
233.	<a href="#">238</a>
234.	<a href="#">239</a>
235.	<a href="#">240</a>
236.	<a href="#">241</a>
237.	<a href="#">242</a>
238.	<a href="#">243</a>
239.	<a href="#">244</a>
240.	<a href="#">245</a>
241.	<a href="#">246</a>
242.	<a href="#">247</a>
243.	<a href="#">248</a>
244.	<a href="#">249</a>
245.	<a href="#">250</a>
246.	<a href="#">251</a>
247.	<a href="#">252</a>
248.	<a href="#">253</a>
249.	<a href="#">254</a>
250.	<a href="#">255</a>
251.	<a href="#">256</a>
252.	<a href="#">257</a>
253.	<a href="#">258</a>
254.	<a href="#">259</a>
255.	<a href="#">260</a>
256.	<a href="#">261</a>
257.	<a href="#">262</a>
258.	<a href="#">263</a>
259.	<a href="#">264</a>
260.	<a href="#">265</a>
261.	<a href="#">266</a>
262.	<a href="#">267</a>
263.	<a href="#">268</a>
264.	<a href="#">269</a>
265.	<a href="#">270</a>
266.	<a href="#">271</a>

267.	272
268.	273
269.	274
270.	275
271.	276
272.	277
273.	278
274.	279
275.	280
276.	281
277.	282
278.	283
279.	284
280.	285
281.	286
282.	287
283.	288
284.	289
285.	290
286.	291
287.	292
288.	293
289.	294
290.	295
291.	296
292.	297
293.	298
294.	299
295.	300
296.	301
297.	302
298.	303
299.	304
300.	305
301.	306
302.	307
303.	308
304.	309
305.	310
306.	311
307.	312

308.	<a href="#">313</a>
309.	<a href="#">314</a>
310.	<a href="#">315</a>
311.	<a href="#">316</a>
312.	<a href="#">317</a>
313.	<a href="#">318</a>
314.	<a href="#">319</a>
315.	<a href="#">320</a>
316.	<a href="#">321</a>
317.	<a href="#">322</a>
318.	<a href="#">323</a>
319.	<a href="#">324</a>
320.	<a href="#">325</a>
321.	<a href="#">326</a>
322.	<a href="#">327</a>
323.	<a href="#">328</a>
324.	<a href="#">329</a>
325.	<a href="#">330</a>
326.	<a href="#">331</a>
327.	<a href="#">332</a>
328.	<a href="#">333</a>
329.	<a href="#">334</a>
330.	<a href="#">335</a>
331.	<a href="#">336</a>
332.	<a href="#">337</a>
333.	<a href="#">338</a>
334.	<a href="#">339</a>
335.	<a href="#">340</a>
336.	<a href="#">341</a>
337.	<a href="#">342</a>
338.	<a href="#">343</a>
339.	<a href="#">344</a>
340.	<a href="#">345</a>
341.	<a href="#">346</a>
342.	<a href="#">347</a>
343.	<a href="#">348</a>
344.	<a href="#">349</a>
345.	<a href="#">350</a>
346.	<a href="#">351</a>
347.	<a href="#">352</a>
348.	<a href="#">353</a>

349. 354  
350. 355  
351. 356  
352. 357  
353. 358  
354. 359  
355. 360  
356. 361  
357. 362  
358. 363  
359. 364  
360. 365  
361. 366  
362. 367  
363. 368  
364. 369  
365. 371  
366. 372  
367. 373  
368. 374  
369. 375  
370. 376  
371. 377  
372. 378  
373. 379  
374. 380  
375. 381  
376. 382  
377. 383  
378. 384  
379. 385  
380. 387  
381. 388  
382. 389  
383. 390  
384. 391  
385. 392  
386. 393  
387. 394  
388. 395  
389. 396

390.	<a href="#">397</a>
391.	<a href="#">398</a>
392.	<a href="#">399</a>
393.	<a href="#">400</a>
394.	<a href="#">401</a>
395.	<a href="#">402</a>
396.	<a href="#">403</a>
397.	<a href="#">404</a>
398.	<a href="#">405</a>
399.	<a href="#">406</a>

## **Guide**

1. [Índice](#)
2. [Comece a ler](#)
3. [Direitos Autorais](#) [Página](#)